

**(Amores
Improváveis #3) O
Jogo**

Elle Kennedy

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



BEST-SELLER DO
NEW YORK TIMES,
USA TODAY E
WALL STREET JOURNAL
ELLE
KENNEDY

O JOGO

AMORES IMPROVÁVEIS

HANNAH E GARRET, GRACE E LOGAN — JÁ TEM UM CASAL PREFERIDO?
ESPERE ATÉ CONHECER ALLIE E DEAN MAIS DE PERTO...

ELLE KENNEDY

O JOGO

Tradução

JULIANA ROMEIRO

BRUNO

O JOGO

1

ALLIE

Vamos conversar?

Pfvr???

Q merda, Allie. Depois d td q a gnt passou, eu mereço mas q isso.

Vc não tava falando sério qdo disse q acabou, né?

Responde, porra!

Quer saber? Q se foda. Quer continuar me ignorando? Td bem. Vc q sabe.

Na sexta à noite, na saída da academia do campus, dou uma olhada no meu celular

e vejo seis mensagens esperando por mim. São todas de Sean, que desde ontem é meu

atual ex-namorado. E, embora eu não deixe de notar a progressão emocional de pidão

a furioso, me pego fazendo cara feia para o erro de ortografia.

Eu mereço mas q isso.

“Mas”, e não “mais”. E duvido que seja culpa do corretor ortográfico, porque Sean

não é exatamente nenhum prêmio Nobel.

Tá, isso não é totalmente verdade. Sean é muito esperto para algumas coisas.

Beisebol, por exemplo — sério, o cara sabe tudo de beisebol, consegue até listar

resultados dos anos 60. Mas inteligência formal não é o seu forte.
Namorado perfeito

também não está na sua lista de qualidades, pelo menos não recentemente.

Nunca quis ser daquelas que terminam e fazem as pazes com o mesmo cara

milhares de vezes. Achei que fosse mais forte que isso, mas, desde o primeiro ano na

Universidade Briar, Sean McCall me pegou de jeito. Ele me conquistou com aquela

cara de mauricinho e o sorriso de menino. Um sorriso lindo, todo torto, cheio de

covinhas e promessas.

Olho para a tela do celular de novo, e um receio toma conta de mim tal qual a hera

que se espalha pela fachada do prédio às minhas costas. Droga. Sobre o que ele quer

conversar? Já dissemos tudo o que tinha que ser dito ontem à noite. Quando decretei

que para mim tudo tinha acabado e fui embora da república dele, estava falando

sério.

Para mim, *chega*. É a quarta vez que a gente termina em três anos. Não posso

continuar fazendo isso comigo, esse looping doentio de alegria e dor de cotovelo,

principalmente quando a pessoa com quem eu deveria estar construindo um futuro

está empenhada em me sabotar.

Ainda assim, estou sofrendo. É difícil deixar para trás alguém que foi tão

importante na sua vida por tanto tempo. É ainda mais difícil quando essa pessoa se

recusa a deixar você.

Suspirando, desço apressada os degraus que levam ao caminho de paralelepípedos

que corta o campus. Em geral, tiro um tempo para admirar a paisagem — os

maravilhosos edifícios antigos, os bancos de ferro e as árvores enormes —, mas hoje

só quero correr de volta para o meu alojamento, me enfiar debaixo das cobertas e

esquecer o mundo. Por sorte, posso fazer exatamente isso, porque Hannah, a menina

que mora comigo, vai viajar no fim de semana, o que significa que não vai estar por

perto para me passar um sermão sobre os perigos emocionais de chafurdar na

tristeza.

Ontem, no entanto, Hannah não me deu sermão. Não, o que ela fez foi digno do

troféu de melhor amiga da história. No instante em que entrei pela porta do

alojamento depois de terminar com Sean, Hannah já estava me esperando na nossa

sala de estar com um pote de sorvete, uma caixa de lenços de papel e duas garrafas de

vinho tinto, e depois ficou metade da noite me passando lenços e me ouvindo

balbuciar coisas sem sentido.

Fim de namoro é *uma merda*. Me sinto um fracasso. Não, me sinto uma fraca. O

último conselho que minha mãe me deu antes de morrer foi nunca desistir do amor.

Na verdade, ela colocou essa ideia na minha cabeça muito antes de adoecer. Não sei

todos os detalhes, mas não era segredo lá em casa que o relacionamento dos meus

pais esteve por um fio mais de uma vez nos seus dezoito anos de casados. E eles

perseveraram. Eles se *empenharam* para resolver os problemas.

Toda vez que penso em como deixei Sean ontem, sinto um enjoo. Talvez eu devesse

ter lutado mais por nós. Quer dizer, sei que ele me ama...

Se ele te amasse, não teria dado um ultimato, me assegura uma voz rouca. Você fez a coisa

certa.

Minha garganta se fecha assim que reconheço a voz em minha cabeça. É o meu pai,

meu maior fã. Aos seus olhos, não erro nunca.

Uma pena que Sean não seja capaz de me enxergar por essa mesma perspectiva.

A cinco minutos da Bristol House, onde divido um alojamento de dois quartos com

Hannah, meu celular vibra.

Merda. Outra mensagem de Sean.

E merda de novo, porque a mensagem diz:

Foi mal pelo palavrão, amor. Ñ foi por mal. Só tô chateado. Vc é tudo p mim. Espero q saiba

disso.

E outra mensagem aparece: *Tô indo praí dps da aula. Aí a gente conversa.*

Paro de supetão, uma onda de pânico me invadindo. Não tenho medo de Sean, pelo

menos não no sentido físico. Sei que ele jamais encostaria um dedo em mim nem

teria um ataque de fúria. Mas tenho medo da sua capacidade de me persuadir. Ele é

tão bom nisso. Basta me chamar de *amor* e abrir aquele sorriso bonito, e sou um caso

perdido.

Releio as mensagens, enquanto a raiva, o pavor e a irritação batalham dentro de

mim. Sean está blefando. Ele não apareceria sem ser convidado, apareceria?

Putá merda.

Com os dedos trêmulos, abro o contato de Hannah no celular. Dois toques depois,

e a voz tranquilizadora da minha melhor amiga ecoa na linha. “E aí, tudo bem?”

Ouçó outras vozes ao fundo. Uma delas, feminina — Grace Ivers, namorada do

Logan. O que significa que Hannah e seu namorado, Garrett, já partiram para o fim

de semana em Boston. Ela me convidou para ir com eles, mas achei melhor recusar,

porque não queria ficar de vela. Dois casais loucamente apaixonados e eu? Não,

obrigada.

Agora, queria ter aceitado o convite, porque vou passar o fim de semana sozinha, e

Sean quer *conversar*.

“O Sean tá vindo pra cá hoje à noite”, deixo escapar.

Hannah leva um susto do outro lado da linha. “O quê? *Não!* Por que você deixou...”

“Não deixei nada! Ele nem me perguntou se podia. Só mandou uma mensagem

dizendo que tá vindo.”

“Mas que inferno!” Ela soa tão contrariada quanto eu me sinto neste momento.

“Eu sei, tá?” Deixo o pânico transparecer. “Não posso encontrar com ele, Han. O

término ainda tá muito recente. Se ele vier, posso acabar voltando atrás.”

“Allie...”

“Será que, se eu apagar as luzes e fechar a porta, ele vai achar que não estou em

casa e vai acabar indo embora?”

“Você não conhece o Sean? Ele vai passar a noite toda na frente da nossa porta.”

Hannah solta um palavrão. “Sabe de uma coisa? Eu não devia ter concordado em

assistir a esse jogo do Bruins. Devia estar em casa com você. Espera, vou falar para o

Garrett pegar o retorno..."

"De jeito nenhum", interrompo. "Você *não vai* cancelar a sua viagem por minha

causa. É a última chance que você tem de se divertir."

Hannah namora o capitão do time de hóquei da Briar, e isso significa que a agenda

dele vai estar lotada de treinos e jogos agora que começou a temporada. O que, por

sua vez, significa que Hannah não vai ter mais muito tempo livre com ele. E me

recuso a ser a pessoa a arruinar um raro fim de semana de liberdade para os dois.

"Só quero um conselho." Engulo em seco. "Então, por favor, o que eu faço? Ligo

para a Tracy e peço para dormir no quarto dela?"

"Não, com o Sean vagando pelos corredores, é melhor você sair da Bristol House.

Talvez a Megan... Não, espera, o namorado novo dela vai passar este fim de semana na

cidade. Eles provavelmente vão querer ficar sozinhos." Hannah parece pensativa. "E a

Stella?"

“Tem uma semana que ela e o Justin estão morando juntos. Eles não vão querer

uma hóspede de última hora.”

“Espera um segundo.” Mais uma longa pausa. Ouço a voz abafada de Garrett, mas

não consigo distinguir o que está dizendo. Então Hannah volta à linha. “Garrett disse

que você pode passar o fim de semana na casa dele. O Dean e o Tuck vão estar lá,

então se o Sean descobrir e aparecer, os dois colocam ele na rua.” As vozes ressurgem

ao fundo. “Você pode dormir no quarto do Garrett”, acrescenta ela.

Fico em dúvida. Quer dizer, isso é ridículo. Não acredito que estou considerando

fugir do meu próprio alojamento por causa de Sean. Mas, em minha mente, vejo-o

esmurrando a minha porta. Ou pior, colocando um rádio debaixo da janela para tocar

“Say Anything”. Ai, e se ele vier com a música do Peter Gabriel? *Odeio* aquela música.

“Certeza que não tem problema?”, pergunto.

“Claro. Problema nenhum. O Logan tá aqui mandando uma mensagem para o Dean

e o Tucker, para avisar. Pode ir a hora que quiser.”

Sinto uma onda de alívio e uma pontada de culpa. “Coloca no viva-voz? Quero falar

com o Garrett.”

“Tá. Só um segundo.”

Um instante depois, a voz profunda de Garrett Graham surge na linha. “Tem lençol

limpo no armário, e talvez você queira levar o próprio travesseiro. A Wellsy acha os

meus fofos demais.”

“Eles *são* fofos demais”, protesta Hannah. “É tipo dormir num marshmallow

encharcado.”

“É tipo dormir numa nuvem macia”, corrige Garrett. “Vai por mim, Allie, meus

travesseiros são o máximo. Mas mesmo assim é melhor você levar o seu.”

Eu rio. “Obrigada por avisar. Mas tem certeza que não tem problema? Não quero

atrapalhar.”

“Relaxa, Allie. Basta uma piscadela com esses seus olhos azuis, e o Tuck vai te dar

um belo de um jantar. Ah, e o Logan mandou o Dean não dar em cima de você, então

não precisa se preocupar com isso.”

Até parece. Dean Heyward-Di Laurentis é o cara mais abusado do planeta. Toda vez

que me vê, tenta me levar pra cama. E nem posso me sentir especial por isso, porque

ele tenta levar *todo mundo* pra cama.

Mas não ligo. Sei lidar com Dean, e Tucker vai ser um bom contrapeso entre mim e

o pervertido do colega de república dele.

“Obrigada mesmo”, digo a Garrett. “Sério. Te devo uma.”

“Que nada.”

Hannah volta a falar. “Me escreve quando chegar lá, tá? E depois desliga o celular,

assim o Sean não enche o saco.”

Já falei o quanto amo minha melhor amiga?

Desligo me sentindo muito melhor. Talvez seja uma boa ideia passar um fim de

semana longe do alojamento. Posso encarar isso como um retiro agradável, alguns

dias para limpar a cabeça e me reorganizar. E com Tucker e Dean por perto não vou

me sentir tentada a ligar para Sean. Precisamos de um tempo afastados desta vez. Sem

contato nenhum, pelo menos por algumas semanas. Ou meses. Ou anos.

Para ser sincera, não sei se vou sobreviver a esta separação. Amei esse cara por

anos. E Sean tem seus momentos gentis. Como todas as vezes em que apareceu na

minha porta trazendo sopa quando eu estava doente. E quando...

Cuidado, olha a recaída!

Um alarme dispara em minha cabeça, me alertando para a minha estupidez. Não.

Não vou ter uma recaída. Não importa que Sean seja capaz de ser gentil — porque ele

também é capaz de *não* ser gentil, como a última noite prova.

Aprumo os ombros e caminho mais depressa, determinada a seguir com o plano.

Sean e eu terminamos. Não posso vê-lo, escrever para ele nem fazer nada que me

coloque em seu caminho agora.

O primeiro dia da minha existência sem Sean está oficialmente iniciado.

DEAN

É sexta à noite e estou deitado no sofá da sala, tomando uma cerveja, enquanto duas

louras — muito gostosas e muito nuas, diga-se de passagem — dão um beijo de

língua na minha frente. Minha vida é demais.

“Melhor noite da história”, comento, com a voz arrastada. Meu olhar está fixo na

trajetória das mãos de Kelly em direção aos peitos empinados de Michelle. Kelly

aperta, e solto um gemido. “Ficaria melhor ainda se as senhoritas trouxessem a festa

pra cá.”

Sem fôlego, elas interrompem o beijo e olham para mim, rindo. “Diz um motivo

pra gente fazer isso”, provoca Kelly.

Arqueio uma sobrancelha e, em seguida, seguro o pau duro feito pedra. Faço um

carinho lento. “Isto aqui não é motivo suficiente?”

Michelle é a primeira a vir na minha direção, os peitos e a bunda balançando,

enquanto senta no meu colo e aperta a boca contra a minha. Um segundo depois,

Kelly está ao meu lado, os lábios quentes e macios grudados ao meu pescoço. Meu.

Deus. Estou tão duro que dói, mas as duas deusas estão determinadas a me fazer

implorar. Elas me torturam com beijos. Longos, inebriantes e molhados, com línguas

maldosas, lambidas estratégicas e mordidas suaves, projetadas para me enlouquecer.

Queria poder dizer que este pequeno momento de perversão a três é uma

experiência nova para mim, ou que o rótulo de pegador que meus colegas de time me

deram é um exagero. Mas a experiência não é novidade, e o rótulo é bem preciso.

Gosto de sexo. Transo muito. Me julgue.

Quando os dedos de Kelly me envolvem, solto um grunhido.

“Caramba, como fui

me dar tão bem assim?”

“Você ainda não se deu bem”, diz Michelle, jogando o longo cabelo por sobre o

ombro. “Só pode gozar depois da gente, lembra?”

Ela está certa — fiz uma promessa e pretendo cumpri-la. Ao contrário do que meus

amigos idiotas pensam a meu respeito, para mim, sexo é se dedicar à mulher. Ou,

neste caso, às *mulheres*. Duas mulheres lindas e sedentas, que não só têm tesão por

mim, como uma pela outra.

Ei, céu? Dean Di Laurentis aqui. Obrigado por me deixar entrar.

“Bem. Então é melhor começar”, anuncio, deitando-a sobre a almofada e levando a

boca aos seus seios.

Pego um dos mamilos e chupo com força, e seus quadris se erguem do sofá,

enquanto ela geme. Percebo um movimento pelo canto do olho. Kelly se debruça ao

meu lado e lambe o outro mamilo de Michelle. Minha nossa. Solto um gemido alto o

suficiente para acordar os mortos.

Kelly abre um sorriso para mim. "Achei que você precisava de ajuda." Em seguida,

ela deixa um caminho de beijos pela barriga lisa de Michelle em direção ao ponto em

que as coxas da amiga se encontram.

Céu coisa nenhuma! Isto aqui é o nirvana.

Sigo o mesmo caminho que Kelly, os lábios viajando sobre a pele bronzeada e as

curvas macias, até chegar ao lugar que me deixa com água na boca. Kelly já está

lambendo. Puta merda. Não sei se vou conseguir me controlar por tempo suficiente

para fazer as duas gozarem. Já estou perto demais.

Ignorando a pulsação que sinto lá embaixo, umedeço o lábio inferior, próximo a

boca, e... a porcaria da campainha toca.

Merda. Ergo a cabeça para a televisão. O relógio digital do aparelho de Blu-Ray

marca oito e meia. Tento me lembrar se disse para algum dos caras que eles podiam

passar aqui esta noite, mas não falei com ninguém além dos meus colegas de

república hoje, e todos eles saíram. Garrett e Logan foram para Boston com as

namoradas há uma hora, e Tucker ia levar uma garota ao cinema.

“Já volto.” Dou uma lambida provocante na coxa de Michelle, em seguida me

levanto do sofá e procuro minha cueca.

Com o pau escondido, me apresso pelo corredor para atender a porta. Quando vejo

quem está de pé na entrada, estreito os olhos.

“Chegou atrasada, gata”, aviso à melhor amiga de Hannah. “Sua amiga já foi. Volta

domingo.” Começo a fechar a porta. Isso mesmo, sou um babaca sem educação.

Infelizmente, a loura enfia uma bota preta de neve entre a porta e o batente. “Deixa

de ser grosso, Dean. Você sabe que vim passar o fim de semana.”

Minhas sobrancelhas se arqueiam. “Hmm, o quê?” Olho melhor para ela e só então

noto a mochila estufada pendurada num ombro. E a pequena mala cor-de-rosa de

rodinha aos seus pés.

Allie Hayes solta um longo suspiro. “Logan mandou uma mensagem avisando.

Agora me deixa entrar. Estou com frio.”

Deito a cabeça de lado. Então empurro seu pé para fora sem muita gentileza.

“Espera aqui. Já volto.”

“Tá me *zoando...*”

A porta se fecha no meio da sua exclamação indignada.

Lutando contra o aborrecimento, corro de volta para a sala, onde Michelle e Kelly

nem sequer notam minha reaparição — estão ocupadas demais se pegando. Levo

quase um minuto para encontrar meu celular e, quando finalmente o alcanço no

chão, descubro que a amiga de Hannah não estava brincando comigo.

Há cinco mensagens não lidas, que é o que acontece quando você é a carne num

sanduíche de gostosas. Sexo a três é bem mais interessante que conferir o celular.

Óbvio.

Logan: *E aí, mano, a Allie, amiga da Wellsy, vai ficar em casa este fds.*

Logan: *Mas guarda esse pinto dentro da calça. G. e eu nem ligamos se vc aprontar alguma*

coisa. Mas a Wellsy pode estar a fim d violência. Então: seu pau = dentro da calça = ã perturbe

nossa convidada.

Hannah: *Allie vai ficar com vcs até domingo. Ela tá meio vulnerável agora. ã se aproveite dela,*

senão vou ficar triste. E vc ã quer me ver triste, quer?

Solto uma risada. Hannah, diplomática como sempre. Repasso depressa as duas

últimas mensagens.

Garrett: *Allie vai ficar no meu quarto.*

Garrett: *Seu pau pode ficar no seu quarto.*

Nossa, que obsessão é essa que todo mundo tem com o meu pau?

E eles podiam ter escolhido hora pior para isso? Lanço um olhar pesaroso para o

sofá. Os dedos de Kelly estão exatamente onde queria que os meus estivessem agora.

Limpo a garganta, e as duas meninas me fitam. Michelle está com uma expressão

vaga por causa da atenção especial que a amiga está lhe oferecendo.

“Odeio ter que dizer isso, mas vocês precisam ir embora”, anuncio.

Dois pares de olhos se arregalam. “Hã?”, exclama Kelly.

“Tenho uma convidada inesperada esperando lá fora”, resmungo. “E isso significa

que esta casa acabou de se tornar território de censura livre.”

Michelle solta uma gargalhada. “Desde quando você se importa que alguém te veja

transando?”

Verdade. Normalmente não dou a mínima se tem alguém por perto. Na maioria

das vezes até prefiro. Mas não posso expor minha libertinagem para uma amiga de

Hannah. Aliás, nem para Hannah ou para Grace. Não estou nem aí para os caras. Eles

já me conhecem. Mas sei que Garrett e Logan não curtiriam que eu saísse por aí

corrompendo suas namoradas. Assim que começaram com essa história de

relacionamento sério, meus parceiros de noitada ficaram caretas. É bem triste.

“Essa hóspede é uma flor delicada”, digo, secamente. “Do tipo que cairia dura se

visse nós três juntos.”

“Cairia nada”, rebate Allie irritada, parada na porta.

Estou tão irritado quanto ela. A garota chega entrando como se fosse dona da casa?

Nada disso.

Olho feio para ela. “Falei que era pra esperar lá fora.”

“E eu falei que estava com frio”, devolve Allie. Ela não parece ter nenhum

problema com o fato de haver duas garotas nuas a três metros de distância.

Minhas convidadas avaliam Allie como se ela fosse uma cultura de bactérias em

seus microscópios. Em seguida, franzem o nariz e a ignoram como se ela fosse, bem,

uma cultura de bactérias em seus microscópios. Mulheres costumam ficar

competitivas quando estou por perto, mas está na cara que essas não veem Allie como

concorrência.

Não sei se chego a culpá-las. A menina está usando um casaco preto estofado, botas

e luvas, e o cabelo louro está escapando de um gorro vermelho de tricô. Estamos na

primeira semana de novembro — não tem um floco de neve no chão, o ar mal está

frio, e não tem nada que justifique se agasalhar tanto. A menos que você seja louco. O

que estou começando a desconfiar que Allie Hayes seja, porque ela caminha

descaradamente pela sala e se deixa cair na poltrona em frente ao sofá.

Ao abrir o casaco, lança um olhar na direção de minhas convidadas e em seguida se

volta para mim. "Por que você não transfere essa festinha para o segundo andar? Vou

ficar aqui e assistir a um filme ou qualquer coisa assim."

"Ou você pode ir para o quarto do Garrett e assistir a um filme lá em cima", digo,

enfaticamente. Só que, no fundo, não importa mais. Ela já acabou com o clima, e não

me sinto confortável de pegar duas meninas com a melhor amiga de Hannah em

casa.

Suspirando, me volto para as meninas. "Vamos deixar para a próxima?"

Nenhuma delas faz muita objeção. Aparentemente a srta. Allie não só acabou com o

clima, mas arrasou a merda da terra e cobriu com cal para evitar que o tesão jamais

brotasse novamente.

Allie mal presta atenção às meninas se vestindo. Está muito ocupada despindo

milhares de camadas de roupas de inverno e pendurando-as no braço da poltrona. Ao

terminar, parece substancialmente menor, em uma legging preta e uma camiseta

listrada grande demais, e não perde tempo em se acomodar na grande poltrona de

veludo.

Acompanho Kelly e Michelle até a porta, onde as duas praticamente engolem o

meu rosto antes de dizerem que vão me cobrar a promessa. Quando elas enfim saem,

meus lábios estão inchados e meu pau está duro de novo.

Volto para a sala de estar com uma carranca que se recusa a desaparecer.

“Satisfeita?”, pergunto.

“Satisfeita com o quê?”

“Em empatar a minha noite.”

Allie ri. “Tem algum motivo para você não ter levado as louras para o segundo

andar? Não precisava expulsar as meninas por minha causa.”

“Você acha mesmo que eu ia transar lá em cima sabendo que você tá sentada aqui

embaixo?”

Isso a faz dar outra risada. "Você transa em *público*. O tempo todo. Que diferença faz

se estou na casa?" Ela me encara, pensativa. "A menos que o problema seja o seu

quarto. A Hannah disse que você tá sempre atracado com alguém na sala. Me explica

essa história. Sua cama tem percevejo ou alguma coisa assim?"

Cerro os dentes. "Não."

"Então por que não faz suas festinhas lá em cima?"

"Porque..." Paro de falar, e a carranca volta para o meu rosto. "Não é da sua conta.

O que você tá fazendo aqui, afinal? A Bristol House pegou fogo?"

"Tô me escondendo", responde ela, como se eu tivesse que entender do que está

falando. Então olha ao redor. "Cadê o Tucker? Garrett falou que estaria em casa."

"Saiu."

Ela faz beicinho. "Ah, que pena. Tenho certeza que ele assistiria a um filme comigo.

Mas acho que você dá pro gasto."

"Você empata a minha foda e agora espera que eu fique aqui fazendo companhia?"

"Vai por mim, você é a última pessoa de quem quero companhia, mas estou no

meio de uma crise agora, e você é o único por aqui. Você *tem* que ficar perto de mim,

Dean. Senão vou fazer alguma merda e arruinar a minha vida inteira.”

Acho que me lembro de Hannah dizendo que Allie gosta de um drama. É. Acho

que é verdade.

“Por favor?”

Sua expressão de súplica não fraqueja. E sempre tive uma queda por olhos azuis

grandes. Principalmente quando eles pertencem a louras bonitas com uma comissão

de frente de respeito.

“Tá bom”, cedo. “Vou te fazer companhia, beleza?”

Ela se anima toda. “Que filme a gente vai ver?”

Um gemido se instala na minha garganta. Minha noite de sexta foi de sexo a três

para babá da melhor amiga da namorada do meu melhor amigo.

Ah, e ainda estou duro feito pedra graças aos beijos de despedida de Kelly e

Michelle.

Que maravilha.

ALLIE

Meu autocontrole está nas mãos de Dean Heyward-Di Laurentis, um homem

conhecido por ter *zero* autocontrole. Ou seja, estou ferrada. Muito ferrada.

Mas não vou fazer isso. Não vou ligar para Sean. Não importa que, vinte minutos

atrás, ele tenha me mandado uma foto da nossa viagem para o México, no ano

passado. Ele usou um daqueles aplicativos de moldura para desenhar um coração

vermelho em volta dos nossos rostos.

Foi uma viagem tão boa...

Afasto a memória e pego o controle remoto da mesinha de centro. "Você tem

Netflix?" Olho para Dean, que ainda parece irritado com a minha presença.

E, ou estou vendo coisas, ou ele está com uma ereção. Mas sou gentil o suficiente

para não o provocar com o assunto, porque, em sua defesa, ele estava a cinco

segundos de transar com duas mulheres antes de eu chegar.

Meu olhar viaja por seu peito nu. Não tenho como mentir — o peitoral é

absolutamente espetacular. O cara é *sarado*. Alto e esguio, com músculos divinamente

esculpidos. E está com a barba por fazer — pelos grossos e louros que sombreiam

com sensualidade a mandíbula esculpida à perfeição. É mesmo um desperdício.

Deveria ser proibido um cara tão babaca ser tão bonito.

“Tenho. Pode ligar e escolher alguma coisa”, responde ele. “Vou só dar um pulo lá

em cima para bater uma e já venho.”

“Tá, acho que tô a fim de ver um... Espera aí, o quê?”

Mas Dean já sumiu, me deixando de boca aberta para o corredor vazio. Ele vai só

dar um pulo lá em cima para fazer *o quê?* Era brincadeira, né?

Contrariando meu bom senso, imagino a cena. Dean no seu quarto. Uma das mãos

em volta do pau, a outra... segurando o saco? Torcendo o lençol? Ou talvez esteja de

pé, agarrando a lateral da escrivaninha, as feições marcadas, enquanto morde o lábio

inferior...

E *por que* estou tentando resolver o mistério de como o cara se masturba?

Afastando a imagem, vou clicando no controle remoto até encontrar a Netflix; em

seguida, começo a repassar a lista dos últimos lançamentos.

Menos de cinco minutos depois, Dean aparece de novo na sala. Felizmente, vestiu

uma calça de moletom. Só que a usa tão baixo na cintura que sei que só pode estar

sem cueca, pois quase posso ver... lugares que não tenho interesse nenhum em ver.

Ainda está de peito nu e exhibe um leve rubor nas bochechas.

“Você acabou mesmo de bater uma?”, pergunto.

Dean faz que sim com a cabeça, como se não fosse nada demais. “Por quê, você

acha que eu ia conseguir passar um filme inteiro com as bolas doendo?”

Eu o encaro, embasbacada. “Então você não pode transar com ninguém enquanto

estou em casa, mas pode subir e fazer *isso*?”

Seus lábios se torcem num sorriso malicioso. “Eu podia ter feito aqui embaixo, mas

ai você ia ficar tentada a tomar as rédeas. Estava tentando ser legal.”

É difícil não revirar os olhos. Então, nem tento me conter. “Vai por mim, eu teria

ficado na minha.”

“Com meu pau aqui pra fora? De jeito nenhum. Você não ia aguentar.” Ele arqueia

uma das sobrancelhas para mim. “Tenho um pau e tanto.”

“Aham. Tenho certeza que sim.”

“Duvida? Posso mostrar uma foto.” Ele pega o celular na mesa de centro. Em

seguida, para e segura o cós da calça. “Na verdade, posso te mostrar ao vivo e a cores,

se quiser.”

“Não quero. Nem um pouco.” Faço um gesto para a televisão.

“Escolhi esse. Já viu?”

Dean faz uma careta para o pôster do filme na tela. “Pelo amor de Deus, foi *isso* que

você escolheu? Deve ter uns três filmes de terror novos que a gente pode ver. Ou toda

a filmografia do Jason Statham.”

“Filme de terror não!”, digo com firmeza. “Não gosto de sentir medo.”

“Tudo bem. Então um filme de ação.”

“Não gosto de violência.”

Ele chupa as bochechas de tanta frustração. “Gata, não vou ver um filme sobre...”,

então aperta os olhos para a tela, “uma mulher que embarca numa jornada de

redescoberta depois de ser diagnosticada com uma doença terminal’. De jeito

nenhum.”

“Mas parece que é muito bom”, reclamo. “Ganhou um Oscar!”

“Sabe o que mais ganhou um Oscar? *O silêncio dos inocentes. Tubarão. O exorcista*”,

cita, presunçoso. “Tudo filme de terror.”

“A gente pode passar a noite inteira discutindo, mas não vou ver nada com sangue,

tubarão nem explosão. Pode ir se acostumando com a ideia.”

Dean cerra os dentes visivelmente. Em seguida, relaxa a mandíbula e solta um

suspiro pesado.

“Certo. Mas, se tenho que aguentar essa porcaria de filme, vou fumar um baseado

antes.”

“Como quiser, lindinho.”

Ele caminha em direção à porta, resmungando algo em voz baixa.

“Espera”, chamo, tirando depressa o celular do bolso do casaco.

“Pode levar isso

com você? Se ficar sozinha com meu celular, posso acabar caindo na tentação de

mandar uma mensagem.”

Ele me lança um olhar desconfiado. “Pra quem você tá tentando não mandar

mensagem?”

“Meu ex. Terminamos ontem, e ele não para de me escrever.”

Faz-se um silêncio. “Sabe de uma coisa? Você vem comigo.”

Mal tenho tempo de piscar, e Dean já atravessou a sala e está me tirando da cadeira.

Quando meus pés encontram o piso de madeira, perco o equilíbrio e tropeço direto

em seu peito gigante, o nariz achatado contra um peitoral definido.

Recobro o equilíbrio depressa e me armo com um olhar mordaz. “Eu já tinha me

acomodado toda, seu estúpido.”

Dean me ignora e meio que me conduz, quase me arrastando até a cozinha. Como

nem me deixou pegar o casaco, começo a tremer no instante em que passo pela porta

dos fundos.

Seu peito nu brilha sob a luz do quintal. Não parece incomodado com o frio, mas

seus mamilos franzem um pouco com o ar gelado da noite.

“Que merda. Até seus mamilos são perfeitos”, reclamo.

Seus lábios se contorcem. “Quer tocar?”

“Eca. Nunca. Só estou comentando como eles são perfeitos. Totalmente

proporcionais para o seu peito.”

Ele examina os próprios peitorais e pensa por um instante. “Pois é. Sou *mesmo*

perfeito. Preciso me lembrar disso com mais frequência.”

Deixo escapar um riso de desdém. “Claro. Porque você já não é vaidoso o

suficiente.”

“Sou autoconfiante”, corrige ele.

“Convencido.”

“*Autoconfiante.*” Ele abre a caixinha de lata que pegou na cozinha, e faço uma cara

feia ao vê-lo extrair um baseado perfeitamente enrolado e um isqueiro Zippo.

“Por que estou aqui?”, resmungo. “Não quero fumar.”

“Claro que quer.” Ele acende, dá uma tragada profunda e fala por entre a nuvem de

fumaça. “Você tá toda nervosa e estranha. Vai por mim, precisa disso.”

“Isso é pressão, sabia?”

Ele estende o baseado, uma das sobrancelhas arqueadas, e me persuade, de

brincadeira. “Anda logo, gata. Só um trago. Todo mundo fuma.”

Não posso deixar de rir. “Vai à merda.”

“Você quem sabe.” Ele exala de novo, e o cheiro de maconha me rodeia.

Não me lembro da última vez em que curti uma brisa. Não faço isso com

frequência, mas, cá entre nós, se eu fosse escolher uma ocasião que pediria um pouco

da serenidade que um baseado proporciona, seria esta noite.

“Tá bom. Passa pra cá.” Estendo a mão antes que possa mudar de ideia.

Dean obedece, radiante. “Assim que eu gosto. Mas não conta pra Wellsy. Ela vai

acabar com a minha raça se achar que estou corrompendo sua melhor amiga.”

Levo o baseado aos lábios e trago a fumaça até os pulmões, tentando não rir da

apreensão genuína no rosto de Dean. Ele provavelmente tem razão de ter medo de

Hannah. Minha amiga é dona de uma língua afiada e não tem medo de usá-la. Por

isso que eu a adoro.

Por dois minutos, passamos o baseado de um para o outro em silêncio, feito dois

hooligans se escondendo nos fundos de um posto de gasolina. É a primeira vez que

fico sozinha com ele, e a sensação de estar no quintal com um Dean Di Laurentis de

peito nu é estranha. Falando sério, nunca soube o que achar dele. Sei que é arrogante,

atrevido...

Fútil.

Eu me sinto uma idiota por pensar isso, mas não posso negar que é o que me vem

à mente sempre que vejo Dean. Hannah me disse que ele é podre de rico, e dá pra

perceber. Não que saia por aí esbanjando dinheiro, mas pela forma como desfila pelo

campus como se tivesse o mundo aos seus pés. Acho que nunca passou por uma

dificuldade na vida. Só de olhar, você *sabe* que o cara consegue o que quer, quando

quer.

Hmm. Aparentemente maconha me deixa filosófica e crítica.

“Então quer dizer que você levou um fora?”, pergunta ele, por fim, me observando

dar outro trago.

Sopro a fumaça na cara dele. “Não. Fui eu que terminei.”

“O mesmo cara de sempre? Da fraternidade? Stan?”

“Sean. E, sim, estamos indo e vindo desde o primeiro ano de faculdade.”

“Minha nossa. É tempo demais para ficar com a mesma pessoa. O sexo era sem

graça?”

“Por que pra você tudo tem sempre que girar em torno de sexo?”
Passo o baseado

de volta. “E, para a sua informação, o sexo era bom.”

“Bom?” Ele dá uma risada de escárnio. “Uau, isso é que é elogio.”

Já estou sentindo os efeitos da maconha, a cabeça leve e o corpo relaxado, e esse

deve ser o único motivo que me faz continuar falando. Em condições normais, jamais

me abriria com esse cara.

“Acho que, no final, já não era mais o melhor do mundo”, admito.
“Mas deve ser

porque a gente estava brigando muito desde o verão.”

“Mas não é a primeira vez que vocês terminam, né? Por que você sempre volta para ele?”

“Porque amo aquele cara.” Então me corrijo: “*Amava*”. Ai, nem sei mais. “Nas duas

primeiras vezes em que terminamos, não foi porque um de nós tinha feito besteira.

Só achei que a coisa estava ficando muito séria, muito rápido. Era o primeiro ano, e

eu tinha impressão de que a gente devia estar curtindo a vida, fazendo loucuras de

solteiro e por aí vai.”

“Loucura de solteiro é bom”, concorda ele, solene. “Uma vez saí com uma gostosa,

e ela fez uma refeição inteira em cima do meu pau.”

“Eca.” Reviro os olhos. “E o pior é que a vida de solteira foi bem chata. Saí com uns

caras, todos eles uns canalhas completos. E isso me fez perceber como era bom o que

eu tinha com o Sean.”

Dean sopra outra nuvem de fumaça. “Certo. Mas aí vocês terminaram de novo.”

“Terminamos.” A memória evoca uma onda de irritação. “Dessa vez foi porque ele

ficou controlador demais. Um dos colegas de fraternidade dele deu em cima de mim

numa festa, e o Sean decidiu que ninguém mais podia olhar pra mim. Ele começou a

me dizer como me vestir e a me mandar mensagens o tempo todo, perguntando onde

eu estava e com quem. Era sufocante.”

Dessa vez é Dean quem revira os olhos. “Diz a garota que voltou para ele de novo.”

“Ele me prometeu que seria diferente. E foi. Desgrudou do meu pé e foi *tão* bom

para mim depois disso.”

Dean não parece convencido, mas não me importo. Não me arrependo de ter

voltado para Sean. Depois de dois anos e meio com o cara, sabia que precisávamos

lutar pelo nosso relacionamento.

“O que nos traz ao rompimento número quatro.” Dean inclina a cabeça, curioso. “O

que aconteceu?”

Sinto o desconforto apertar meu peito. “Já falei. A gente tava brigando muito.”

“Por quê?”

As palavras me saem antes que eu possa evitar. Droga. Ele injetou soro da verdade

nesse baseado ou algo assim? "Em geral, por causa da formatura e do que a gente vai

fazer depois da faculdade. Meus planos sempre foram mudar para Los Angeles e me

concentrar na carreira de atriz."

Ou Nova York... Mas não comento isso com Dean. Ainda não me decidi, e ele é a

última pessoa com quem quero discutir decisões profissionais profundas. O sujeito

tem a profundidade de uma poça de chuva.

"Quando começamos a namorar, Sean não tinha nenhum problema com isso, mas

neste verão, de repente, decidiu que não quer que eu vire atriz. Na verdade, não quer

que eu tenha um emprego e ponto." Franzo a testa. "Ele meteu na cabeça que vai

trabalhar na empresa de seguros do pai, em Vermont, e que vou ser a dona de casa

feliz que prepara o jantar para o marido antes de ele chegar em casa."

Dean dá de ombros. "Nada de errado em ser dona de casa."

"Claro que não, mas não quero ser dona de casa", retruco, frustrada. "Passei quase

quatro anos dando duro para me formar nessa faculdade de teatro.
E *quero* usar o meu

diploma. Quero ser atriz, e não posso continuar com um cara que
não me apoia.

Ele...”, me interrompo, mordendo o lábio.

“Ele o quê?”

“Nada. Esquece.” Tomo o baseado da sua mão e inspiro fundo.
Fundo demais,

porque começo a tossir feito louca ao expirar. Meus olhos se
enchem d’água por um

momento, e, quando minha visão se normaliza, me deparo com
olhos verdes sérios

me observando com atenção.

“O que ele fez?”, Dean exige saber, em voz baixa. “E qual o
tamanho da surra que

ele merece? Eu e Garrett damos conta de uma briga sozinhos, mas
se você quiser

quebrar uns ossos, a gente pode soltar o Logan em cima dele.”

“Ninguém vai quebrar os ossos de ninguém, seu idiota. Sean não
fez nada demais, e

não preciso que você dê uma surra nele. A única coisa que quero
que você faça é

esconder essa merda desse celular.” Enfio o celular nas mãos de
Dean. “Mantenha

bem longe de mim este fim de semana, tá legal? Só me devolva se meu pai me ligar.

Ou a Hannah e a Stella. E a Meg e... quer saber? Eu confiro quem ligou algumas vezes

por dia, sob sua supervisão. Assim, você pode me dar um tapa se eu tentar escrever

para o Sean."

Dean parece intrigado. "Então, eu sou... o quê, seu vigia de relacionamento? O

responsável por te manter na linha?"

"Isso mesmo. Parabéns, finalmente você vai poder fazer alguma coisa de útil com o

seu tempo", respondo, sarcástica.

Ele inclina um pouco a cabeça. "E o que eu ganho em troca?"

"A satisfação de saber que tá ajudando alguém além de si próprio?"

"É pouco. Que tal um boquete? Eu topo por um boquete."

Mostro o dedo do meio. "Vai sonhando."

"Tudo bem, um carinho no meu pau então."

"Deixa de ser babaca. Por favor. Não tenho nenhum autocontrole quando se trata de

Sean."

Como se tivesse recebido uma deixa, o smartphone vibra na mão de Dean, e meu

primeiro instinto é tentar tomá-lo de volta. Ele dá um passo depressa para trás e olha

para a tela. “É Sean.” Sua boca treme, prendendo o riso. “Está com saudade do sabor

dos seus lábios.”

Meu coração se comprime, dolorido. “Outra regra: você não pode me dizer o que

ele escreveu.”

“Você tá me dando responsabilidades demais, gata. Não gosto de responsabilidade.”

Que surpresa. “Você é capaz, *gato*. Tenho fé em você.”

Dean dá uma última tragada no baseado, em seguida o esmaga no cinzeiro e se

dirige para a porta de vidro de correr. Nossa, até seu jeito de andar é arrogante. E ele

é uma delícia andando assim. Meu olhar repousa inadvertidamente em sua bunda

firme e na forma como o moletom se ajusta a ela. Isso mesmo, estou conferindo a

bunda de Dean. Quer dizer, é uma bunda espetacular, e sou uma *mulher* — o que

posso fazer?

“Você tá lidando com isso da maneira errada, sabia? O melhor jeito de esquecer

alguém é ficando com outra pessoa. E logo.”

As palavras me despertam da apreciação da sua bunda. “Ainda não estou pronta

para ficar com outra pessoa.”

“Claro que está. Sério, arruma logo alguém pra te ajudar a esquecer.” Dean ergue o

braço. “Eu me voluntario.”

Uma risada me escapa. “Sonhar não custa nada.”

Mas, lá no fundo, até considero a sugestão. Na verdade, sexo casual para esquecer

não é uma ideia de todo má. É tipo cair do cavalo — as pessoas sempre aconselham a

subir de volta na mesma hora, não é? Talvez eu devesse fazer exatamente isso, subir

de novo na sela. No mínimo vai ser uma boa distração para a minha dor de cotovelo.

Mas definitivamente não vai ser com Dean. Não, prefiro encontrar uma sela que

não tenha sido cavalgada por todas as alunas da Briar.

“Vamos dar logo um basta nisso”, decide ele.

“Se por um basta você tá querendo dizer esquecer essa ideia idiota, então, sim,

vamos dar logo um basta nisso.”

Dean para junto à porta e se vira para mim, os olhos verdes me avaliando de forma

sedutora da cabeça aos pés. "Na verdade, quanto mais penso nisso, mais gosto da ideia

de te ajudar a esquecer." Seu olhar se demora em meus peitos. "Gosto *bastante*."

Abafo um gemido. "O Garrett me prometeu que você não ia dar em cima de mim

este fim de semana."

"G. não tem nada que fazer promessas em meu nome", responde Dean com um

sorriso. Então me chama com um gesto. "E aí, a gente vai ou não vai ver esse filme?"

Sigo-o para dentro de casa. Minha mente está nublada pela maconha, mas de um

jeito bom, e quando Dean para no corredor para ajeitar a calça que está prestes a cair,

por algum motivo começo a rir como se fosse a coisa mais engraçada do mundo.

Minha alegria desaparece assim que nos acomodamos no sofá, porque Dean senta

do meu lado, passa um braço musculoso em volta dos meus ombros e me puxa para

junto de si. Como se fosse totalmente normal.

Franzo a testa para ele. "O que seu braço tá fazendo em volta de mim?"

Sua expressão é a mais inocente. "É assim que assisto a filmes."

"Sério? Então você passa o braço em volta do Garrett quando vê um filme com

ele?"

"Claro. E, se ele for legal comigo, às vezes enfio a mão na calça dele." Sua outra

mão desliza até o cós da minha calça leggings. "Basta ser legal comigo, e prometo que

vou ser ainda mais legal em troca."

"Rá. Nem morta." Afasto sua mão, mas não antes de sentir uma centelha de calor

entre as pernas. Seu peito nu é glorioso, e Dean está me provocando, implorando por

meus dedos em seus músculos rijos. E ele cheira tão bem. Um cheirinho de mar.

Não, de coco. Estou aérea demais para identificar o aroma, mas não o suficiente para

não notar como estou formigando lá embaixo.

Ah, pelo amor de Deus. Minha vida sexual deve ter ido mesmo pelo ralo, se basta a

presença de Dean Di Laurentis para eu ficar toda animada.

"O que mais a gente tem pra fazer?", argumenta ele.

Aponto para a TV. "Ver um filme."

"Preferiria ver você." Ele levanta as sobrancelhas, numa provocação.
"Gritando meu

nome enquanto faço você gozar."

Desta vez, não sinto arrepios. Só um riso que me escapa aos montes em ondas

incontroláveis.

"Nossa. Você acaba com o ego de qualquer um." Ele parece insultado.

Inspiro fundo por entre as gargalhadas. Pois é, estou chapada, relaxada e perdi todos

os filtros, o que significa que posso provocar Dean o quanto quiser e depois culpar o

baseado.

"Desculpa, mas você às vezes é demais." Não consigo parar de rir.
"As meninas

realmente caem nessas cantadas?"

Ele solta um suspiro de reprovação. "Coloca logo essa porcaria de filme."

"É pra já." Aperto o controle remoto e sento na outra ponta do sofá, deixando um

metro de distância entre nós.

Em sua defesa, Dean permanece em silêncio por quase trinta minutos. Ele mantém

os olhos fixos na tela, mas, de canto de olho, não deixo de notar sua inquietação. Ele

batuca os dedos compridos nas coxas. Passa uma das mãos pelo cabelo. Suspira,

enquanto a personagem principal prepara um omelete em tempo real.

Quando ela senta à bancada e começa a comer o omelete — em *tempo real* —, Dean

explode feito um vulcão adormecido.

“Este filme é horrível!” Então geme. Alto. “Pronto. Falei. Que merda de filme

horrível.”

“Eu estou gostando.” Mentira. Assistir a este filme é o mesmo que ver tinta secar.

Nem a maconha que acabamos de fumar é capaz de tornar a experiência

minimamente agradável, mas não quero admitir que fiz a escolha errada. Não se pode

dar o braço a torcer para um cara como Dean. Nunca. Ele vai esfregar isso na minha

cara até o fim dos tempos.

“Você não pode estar gostando deste filme”, desafia ele.

“Estou”, insisto.

Ele me encara fixamente por uns bons segundos, mas minhas habilidades teatrais

vêm bem a calhar, e consigo transmitir a mais pura inocência.

“Pois eu não. Este filme passou de todos os limites.”

Ofereço uma sugestão útil. “Por que você não vai lá em cima bater outra?”

Merda. Coisa errada para se dizer. Na mesma hora, seus olhos verdes assumem um

brilho sedutor.

Com um sorriso preguiçoso, ele se aproxima e pergunta, arrastando a voz: “Que tal

você fazer isso por mim?”.

O sujeito é incorrigível. “Esse assunto de novo? Você não aceita ‘não’ como

resposta?”

“Não estou familiarizado com a palavra. Ninguém nunca me falou isso antes.” Ele

se aproxima de novo, descansando a mão sobre a almofada entre nós e fazendo um

carinho lento no tecido. “Vamos lá, que tal tornar esta festinha mais interessante?”

Estamos sozinhos em casa... somos os dois bonitos...”

Deixo escapar um riso de desdém.

“Vai ser divertido. Sexo é sempre divertido.”

“Passo.”

“Tudo bem, nada de sexo. Que tal só oral?”

Finjo pensar na questão. “E eu vou dar ou receber?”

“Receber. E depois dar. Porque é assim que as coisas funcionam.”
Ele abre um

sorriso imenso. “Sabe como é, o ciclo da vida e tudo mais.”

Não posso deixar de rir. Podem falar o que quiserem desse cara,
mas pelo menos

ele é divertido. “Passo”, digo de novo.

“Quer dar uns amassos?”, pergunta, esperançoso.

“Não.”

“Eu beijo bem...” Ele deixa a frase no ar, como que para me seduzir.

“Rá. Depois dessa, tenho certeza que não. Toda vez que um cara
diz que beija bem,

ele é péssimo.”

“Ah, é? Você tem alguma evidência empírica para sustentar isso?”

“Claro.” Na verdade, não. E Dean sabe o que é *empírico*? Uau,
talvez haja mais do

que ar dentro dessa cabecinha bonita.

Ele parece pronto para argumentar, mas somos interrompidos por
uma música alta

vinda de seu celular. Faço uma careta ao reconhecer a melodia.

Homens. Incapazes de tirar um segundo do seu dia para baixar o assento do vaso,

mas têm tempo de programar a música da ESPN como toque de celular?

Dean abre um sorriso ao ver quem está ligando e atende na mesma hora. "Maxwell!

Qual é a boa?" Ele escuta, então me lança um olhar esperançoso. "Quer ir a uma

festa?"

Faço que não com a cabeça.

A pessoa do outro lado da linha é forçada a suportar o suspiro excessivamente

dramático de Dean. "Foi mal, cara. Não posso. Eu tô de babá..."

Dou um tapa em seu braço.

"... e ela não quer ir", termina ele, me lançando um olhar afiado. Então faz mais

uma pausa. "Não, já é bem grandinha."

O quê?

"Tô de babá de uma adulta, cara. Amiga da namorada do G." Dean continua como

se eu nem estivesse na sala. "A gente tá vendo um filme aqui sobre uma mulher com

câncer que é uma merda... é verdade, câncer em geral é uma merda. Quer dizer, todo

o meu respeito por quem tem câncer, mas o filme é horrível. É... não, o jogo é na

terça... verdade... beleza, claro. A gente se vê no Malone's. Até mais, cara."

Ele desliga e me olha de cara feia. "Eu podia estar numa festa agora."

"Ninguém tá forçando você a ficar comigo", ressalto.

"Tô *tentando* ser legal com você, por causa dessa história de coração partido e tudo

mais. Demonstrar um pouquinho de gratidão que é bom? Não. Você não me dá nem

um beijinho."

Dou um tapinha em seu ombro. "Ah, gatinho. Tenho certeza que qualquer garota

na agenda do seu telefone ficaria feliz em vir e enfiar a língua na sua boca. Eu, por

outro lado, tenho critérios."

"Ah, então eu não sou bom o bastante para você?" Ele arregala os olhos. "Pois fique

sabendo que a sua amiga Wellsy adorou me beijar."

Perco o ar de tanto rir. "Ah, você tá falando do beijinho que ela te deu para o

Garrett não saber o quanto ela tinha gostado do beijo *dele*? Pois é, lindinho, conheço a

história. Ela te beijou por desespero.” Ainda me dá um nó na cabeça pensar que

Hannah tenha beijado esse cara. Dean está *tão* longe de ser o tipo dela.

Verdade seja dita, também nunca imaginei que o astro do hóquei Garrett Graham

fosse seu tipo, e olha só para os dois agora. Almas gêmeas.

“Não foi por desespero”, reclama Dean.

“Aham. Continue pensando assim.”

Ele olha para a televisão. A personagem principal está fazendo comida de novo.

Agora é o jantar, e a câmera faz muitos closes desnecessários nas batatas sendo

descascadas. Ela come muito nesse filme.

“Alguém me mata, por favor.” Ele se recosta no sofá e passa ambas as mãos pela

cabeça até estar todo descabelado. “Não vou aguentar mais nem um segundo disso.”

Nem eu, mas amarrei meu burro nesse poste e não posso abandoná-lo.

“Quer saber?”, anuncia ele. “Que maconha, o quê! Só tem uma coisa capaz de tornar

essa porcaria tolerável.”

“E o que é?”

Em vez de responder, ele pula do sofá e desaparece na cozinha.
Temerosa, escuto

armários se abrindo e se fechando e copos tilintando. Logo em seguida ele está de

volta, segurando uma garrafa numa das mãos e dois copinhos de shot na outra.

Dean abre um sorriso e anuncia: “Tequila”.

3

ALLIE

Tem alguém batucando na minha cabeça. E com um martelo tipo aqueles

comicamente grandes que os personagens de desenho animado usam para bater uns

nos outros. É horrível. É ensurdecedor.

Ai, Deus. Que ressaca.

Mesmo o mais suave dos gemidos que escapa dos meus lábios é o bastante para

produzir uma agonia intensa nas minhas têmporas. E me ajeitar na cama suscita uma

onda de náusea que aperta a garganta e faz meus olhos lacrimejarem. Controlo a

respiração. Inspira. Expira. Só preciso segurar o mal-estar por tempo o suficiente para

chegar ao banheiro e não vomitar nos lençóis limpos de Garrett Graham...

Não estou na cama de Garrett.

Essa percepção me acerta em cheio no exato instante em que registro o som de

alguém respirando. E não são os suspiros de "eu-bebi-tequila-demais" que saem da

minha boca, mas o barulho suave e regular do cara ressonando ao meu lado.

Dessa vez, quando gemo, o som vem do fundo da minha alma.

As memórias surgem num Technicolor muito vívido. O filme ruim. Os shots de

tequila. O... resto.

Dormi com Dean na noite passada.

Duas vezes.

Meu coração dispara enquanto olho para o teto. Estou no quarto de Dean. Tem um

pacote aberto de camisinha na cabeceira da cama. E... sim, estou nua.

Talvez tenha sido só um pesadelo, me assegura uma voz em minha cabeça.

Inspiro fundo de novo e reúno coragem para virar a cabeça. O que vejo me faz

perder o fôlego mais uma vez.

Um Dean bastante nu, deitado de bruços. Sua bunda parece zombar de mim, e não

só pela perfeição, mas por causa dos arranhões vermelhos nas nádegas musculosas.

Foram as minhas unhas que deixaram aqueles arranhões. Sem forças, levanto uma

das mãos e vejo que a unha do indicador está quebrada. *Quebrei uma unha* agarrando a

bunda do Dean. Deve ter sido lá embaixo — lembro dele por cima de mim no sofá,

na primeira vez. O chupão roxo em seu ombro esquerdo aconteceu aqui no quarto,

na segunda rodada, quando eu estava por cima.

“Quero ver esse seu quarto misterioso. Quero ser a primeira a batizá-lo.”

Minhas próprias palavras zumbem em meu cérebro já confuso. Aparentemente, não

sou a primeira garota que ele trouxe aqui para cima. Ele mesmo me disse isso. E suas

revelações não pararam por aí. Pois é, estou agora em posse da informação que

Hannah tem tentado descobrir há mais de um ano: por que Dean gosta de transar em

qualquer lugar que não o seu quarto.

Infelizmente, o conhecimento não termina aí. Sei como Dean é quando está pelado.

Sei como é tê-lo dentro de mim. Sei os sons que faz quando está gozando.

Sei coisas demais.

Minha cabeça lateja mais forte.

Droga.

Droga, droga, droga, *droga*.

Como isso foi acontecer? Nunca fiz sexo casual antes. Meu histórico contém um

total de três caras — dois na escola, depois um na faculdade, e todos eles foram

namorados sérios.

Meu olhar se afasta do corpo alto e musculoso de Dean. Por que fiz isso? Sei muito

bem lidar com o álcool. Não bebi até cair na noite passada. Não estava enrolando as

palavras, tropeçando ou agindo feito boba. Sabia exatamente o que estava fazendo

quando tomei a iniciativa e beijei Dean.

Eu tomei a iniciativa.

Qual é o problema comigo?

Tudo bem. Tudo bem. Não é o fim do mundo. Massageio as
têmporas prestes a

explodir com a ponta dos dedos e me forço a ignorar o homem
dormindo ao meu

lado. Não tem problema nenhum. Foi só uma noitada. Ninguém
morreu. Talvez eu

me arrependa — terrivelmente —, mas arrependimento é coisa de
gente fraca, como

meu pai gosta de dizer. Hora de aprender com os erros e seguir em
frente.

E é justamente isso que preciso fazer. Seguir em frente. Ou melhor,
sair daqui.

Sumir dessa cama, tomar um bom banho e fingir que a noite
passada nunca

aconteceu.

Armada com um plano, deslizo cautelosamente para fora do lençol
jogado em cima

da parte inferior do meu corpo. A cama range, e, imóvel, lanço um
olhar de pânico

na direção de Dean.

Ainda está morto para o mundo.

Certo. Tomo outro fôlego e passo as pernas para fora da cama.
Quando meus pés

tocam o chão, Dean se mexe. Ele solta um meio gemido, meio suspiro. Então gira e,

ai, meu Deus, vejo seu pênis.

Um calor inunda meu rosto diante da visão. Mesmo sem estar duro,
é

impressionante. Ele tinha razão — é um pau e tanto.

E, a menos que minha memória esteja falhando, acredito que o
elogiei em alto e

bom som, muitas e muitas vezes, na noite passada.

O calor no meu rosto aumenta à medida que me lembro de tudo o
que falei para

ele. Tudo o que fiz com ele.

Um gemido silencioso se forma em minha garganta. Tá bom, já
chega de relembrar

o que aconteceu. Preciso sair daqui. Não, primeiro preciso encontrar
meu celular.

Dou uma olhada ao redor e vejo o moletom de Dean. Ele o vestiu
depois da nossa

farra no sofá, e tenho certeza de que meu celular está no bolso.

Já as minhas roupas, não tenho ideia de onde estão — na última
vez que as vi,

estavam numa pilha no chão da sala. O que só me deixa ainda mais em pânico,

porque isso significa que Tucker deve ter visto quando chegou em casa, ontem à

noite. Merda. E deve ter ouvido a gente, porque Deus sabe que eu não me contive

quando Dean passou a língua na...

Não, não pense nisso.

Vasculho os bolsos em busca do meu telefone. Achei. Graças a Deus.

Digito a senha. A culpa me atinge de todas as direções assim que vejo as mensagens

não lidas de Sean.

Deus. Se ele soubesse o que eu estava fazendo enquanto ele me mandava todas essas

mensagens apaixonadas... Não que eu deva alguma explicação. Estamos terminados. E

vamos continuar terminados. Mas ainda me sinto péssima de saber que dormi com

outro enquanto Sean estava em casa, tentando desesperadamente me reconquistar.

E não foi com qualquer um. Foi com *Dean*. O cara prestes a fazer um ménage antes

de eu aparecer. O cara que transa com qualquer uma. O cara que...

“Passa pra cá, gata.”

O susto me faz soltar um gritinho. Olho para a cama e vejo Dean se sentando,

enquanto corre uma das mãos pelo cabelo de quem acabou de acordar. Ele não parece

nem um pouco grogue. Os olhos verdes estão alertas, e o corpo nu está... se

transformando.

Sinto o rosto corar diante da visão de seu membro cada vez mais duro, então fito

meus próprios pés descalços. “Quer fazer o favor de se cobrir?”

“Não foi isso que você disse ontem à noite...”

O tom zombeteiro me irrita. “Não quero falar da noite passada. Nunca.”

Ele parece ainda mais divertido. “Ei, relaxa. Foi só sexo.” E não faz um movimento

sequer para se cobrir. Em vez disso, estica os dois braços acima da cabeça, chamando

minha atenção para os músculos flexionados. E os pulsos. Ele está com marcas

vermelhas em torno dos pulsos...

Porque eu o amarrei à cama ontem.

Mãe do céu.

Quando percebe para onde estou olhando, seus lábios se torcem num sorriso.

“Confesso que a noite foi bem mais devassa do que imaginei que seria”, continua ele

com uma piscadela. “Mas não tô reclamando.”

Alguém me mata. Por favor.

Com outra onda de humilhação me inundando, pego a peça de roupa mais próxima

que consigo encontrar — uma camiseta preta de gola V — e passo por cima da

cabeça. Um cheiro familiar satura os meus sentidos. Algo forte e masculino. O

mesmo cheiro que senti ontem quando meus lábios estavam brincando sobre o peito

nu de Dean. E quando meu rosto estava enterrado em seu pescoço, enquanto eu

chupava sua pele como se fosse um doce. E, sim, ele está com outro chupão no

pescoço. Eu realmente fiz a festa com esse cara.

“Não quero falar disso”, digo, com os dentes cerrados. “Aconteceu, foi bom, e

ninguém nunca mais vai tocar no assunto de novo.”

“Foi *bom*?” Com um risinho convencido, Dean desliza uma das mãos por sobre o

peito, os dedos compridos descansando bem em cima da cabeça de sua ereção. "Foi

mais que bom, e você sabe disso."

"Por favor, você pode se vestir?", imploro.

"Não. Você tá com a minha camiseta." Ele arqueia uma das sobrancelhas. "Por que

não tira e joga pra cá?"

Até parece. Esse cara nunca mais vai ver meu corpo nu de novo.

Como me recuso a tirar a camiseta, opto pela segunda melhor opção e dou as

costas para ele, enquanto verifico meu celular. Ignoro as mensagens de Sean e leio as

dos meus amigos. Uma de Hannah, perguntando como passei a noite, e outra de

Megan, me chamando para tomar café da manhã.

Respondo para Meg depressa com um sonoro SIM e peço para ela me pegar na casa

de Garrett. Assim que vejo na tela o balão cinza que indica que ela está digitando uma

resposta, o aparelho é arrancado da minha mão.

"Ei!" Levo um susto ao ver Dean atrás de mim. Nossa. O cara é ninja.

"Isso aqui é minha responsabilidade, lembra?" Está zombando de mim de novo,

mantendo o celular fora do meu alcance. "Como seu vigia, devo aconselhá-la a

ignorar..", ele olha para o celular, "as nove mensagens do seu ex. Ler isso não vai te

fazer nenhum bem."

Ele está certo. Mas, depois do que aconteceu entre nós na noite passada, não tem

nenhuma chance de Dean continuar como meu vigia de relacionamento.

"Não tem problema", murmuro. "Não preciso da sua ajuda."

Ele repete a provocação de antes. "Não foi isso que você disse ontem à noite. O

celular fica comigo este fim de semana, Allie-Cat. Sem discussão."

Allie-Cat? Senhor, dai-me forças. Ele me deu um apelido.

"Vou encontrar uma amiga", digo, com firmeza. "Então preciso do meu celular, tá

legal? Além do mais, suas obrigações como vigia estão oficialmente encerradas. Vou

voltar pro alojamento depois do café."

Ele franze a testa. "Não, você vai passar o fim de semana aqui."

"Não mais."

Tento pegar o celular de volta. Ele se esquivava de novo. "Só porque a gente transou

ontem?”

Minhas bochechas estão queimando. “Que parte de *não quero mais falar disso* você não

entendeu?”

“Palhaçada. Você não pode ir embora só porque a gente encheu a cara e transou

umas duas vezes. Você tá exagerando.”

Respiro fundo. “A gente pode não falar disso?”

“Gata, você acha que gosto de falar dessas coisas? Prefiro rolar em cacos de vidro a

lidar com toda essa porcaria de dia seguinte. Se você fosse qualquer outra garota, eu

diria pra esquecer, mas você é a melhor amiga da Wellsy, o que significa que a gente

tem que discutir a situação.” Ele solta um palavrão de repente. “Ai, merda. A Wellsy

vai me matar.”

Ai, merda mesmo. Tenho certeza de que vou receber um sermão de Hannah se ela

descobrir que dormi com Dean. Talvez em alguns dias, uma semana — ou uma

década —, eu seja capaz de contar para ela o que aconteceu ontem, mas, neste

instante, quero esquecer. O que significa manter segredo da minha melhor amiga

pelo máximo que puder.

“Ela não vai te matar, porque não vamos contar pra ela”, digo com firmeza. “Sério,

isso tem que ficar entre nós.”

“Fechado.”

“E você não pode nunca mais tocar no assunto. No que diz respeito a mim, isso

nunca aconteceu.”

Ele me oferece um sorriso arrogante. “Não se engane, gata. Depois de ter

experimentado isto aqui, você nunca mais vai conseguir parar de pensar em mim.”

Para reforçar isso, ele segura o pau semiduro e faz um carinho.

Uma onda de calor desce por meu torso.

Argh. Maldito Dean e seu maldito pau.

“Já esqueci”, minto. Mas, na minha cabeça, mais memórias surgem, me fazendo

querer gritar de frustração.

“Gosto de você assim...”

“Rá. Então você admite que gosta de mim”, murmura ele.

Sorrio para os seus pulsos imobilizados. "Eu disse que gosto de você assim." Minha boca se

aproxima lentamente de seu pênis ereto. "Completamente entregue a mim..."

Minha nossa. Minhas bochechas estão pegando fogo de novo. Sean nem sempre

ficava à vontade com a minha natureza aventureira quando o assunto era sexo. Era eu

quem tinha que persuadir a tentar as novas ideias pervertidas que despertavam meu

interesse.

Dean nem titubeou diante das nossas façanhas sexuais.

"Você precisa que eu te lembre como foi bom?" Ele inclina a cabeça com ironia, a

mão ainda segurando o pau.

"Não, eu preciso que você aja feito um adulto", explodo. Estou perdendo a paciência

com ele e brava demais comigo mesma para controlar meu temperamento. "Eu tô de

ressaca e morrendo de vergonha, e você tá tornando as coisas ainda piores, jogando a

noite passada na minha cara desse jeito, tá legal?"

Sua expressão vacila. "Merda." Ele limpa a garganta e solta o pau, em seguida pega a

calça de moletom às pressas. “Desculpa. Não queria te deixar desconfortável.” Então

veste a calça. “E você não tem motivo nenhum pra ficar com vergonha. Somos dois

adultos. Nos divertimos e fizemos um ao outro gozar um monte de vezes. Nada

demais, tá legal? Mas, se você realmente não quiser tocar no assunto, eu fico na

minha.”

Solto uma respiração trêmula. “Obrigada.”

Dean estuda o meu rosto. “Tudo bem entre a gente?”

Consigo apenas assentir de leve. Minha cabeça ainda está latejando, mas não é a

ressaca que está fazendo com que eu me sinta fraca e vacilante neste momento. É o

fato de que fiz algo tão pouco parecido comigo. A consciência terrível de que dormi

com outra pessoa meras vinte e quatro horas depois de terminar com Sean. Isso não

sou *eu*, droga.

“Tem certeza?”, insiste ele.

Eu me forço a falar. “Tá tudo bem, Dean.” Meu celular vibra e vejo uma mensagem

de Meg dizendo que está a cinco minutos de distância. "Preciso me vestir. Megan vai

chegar daqui a pouco." E morde o lábio inferior assim que algo me ocorre. "Droga.

Minhas roupas estão lá embaixo. Tucker..."

Deixo a frase morrer, enquanto Dean caminha até a janela e espreita por entre as

cortinas. "Ele não tá aqui... A picape do Logan não tá lá embaixo. Acho que Tucker

não voltou para casa ontem."

O alívio me invade, mas também uma explosão de irritação. Onde estava Tucker

ontem, quando eu precisava dele? Se estivesse em casa, eu provavelmente não teria

acabado na cama com Dean. Ou talvez tivesse acabado na cama com Tucker, que,

diga-se de passagem, é o ruivo mais gostoso que já conheci. É também muito mais

quieto do que os colegas de república e não fala muito de si próprio, mas, pelo que

pude perceber, é inteligente, articulado e definitivamente um colírio para os olhos.

Analisando bem, Tuck teria sido um *ótimo* candidato para curar minha dor de

cotovelo.

“Vou lá embaixo correndo pegar minhas roupas”, murmuro, sem jeito.

Ele me chama. “O que você vai falar pra Wellsy sobre voltar para o alojamento no

meio do fim de semana? Você sabe que ela vai fazer perguntas.”

Droga. Ele tem razão. “Vou dizer que decidi dar uma de gente grande e lidar com o

término em casa.”

Estou a meio caminho da porta quando sua voz me faz parar mais uma vez. “Allie.”

“O que foi?” Eu me viro.

Seus olhos verdes piscam, infelizes. “Tem certeza que você tá bem?”

Não, não tenho certeza de nada. “Tenho”, minto, e então sumo do seu quarto.

Para uma caminhada da vergonha, esta até que não é tão ruim, porque pelo menos

não tem ninguém por perto para testemunhar.

4

DEAN

Sempre fui popular. Não importa o quanto eu volte em minha memória, sempre

me vejo cercado de amigos. E de meninas. Muitas e muitas meninas. As tímidas da

escola primária, que me passavam bilhetinhos perguntando *Você gosta de mim???*

quando a professora estava de frente para o quadro. As do ensino médio, que

brigavam pela minha atenção e faziam fila para me beijar no campo de lacrosse

depois da aula.

E na faculdade? Nem sei por onde começar. Achava que sabia o significado do que

é ser ímã de mulher antes de vir para a Briar, mas os últimos três anos ultrapassaram

todas as expectativas sobre a minha atratividade. Quanto mais velho fico, mais as

mulheres me desejam.

Então, não, não estou surpreso que Allie tenha se jogado em mim na noite passada.

Isso era inevitável desde o instante em que ela anunciou que tenho "mamilos

perfeitos".

Mas o puro desgosto em seu rosto hoje de manhã, quando acordamos juntos na

mesma cama, é novidade para mim.

"O maldito do Corsen não consegue parar nem um disco vindo a três quilômetros

por hora em linha reta na direção dele.”

A queixa do meu colega de time me desperta dos meus pensamentos e me obriga a

sufocar um gemido. Parece que o jovem Hunter não sabe nada de etiqueta de bar.

Não é o melhor lugar para reclamar de uma partida de hóquei. É um lugar para se

dar bem. Ponto-final.

Mas o garoto tem só dezoito anos. Um dia vai aprender.

“Cara, o jogo foi há dois dias”, digo ao calouro. “Esquece isso.”

Procuro por Tucker, mas meu colega de república não apareceu ainda. O bar hoje é

território praticamente só da galera do hóquei. Vários dos meus colegas de time, um

monte de torcedores e uma penca de marias-patins seminuas. Vários olhares

femininos apreciativos disparam em nossa direção, mas Hunter não parece notar

nenhum deles.

Está com as feições marcadas e mal tocou na bebida. “Isso é culpa sua, sabia?”,

dispara, com um tom de acusação. “Eu nem queria jogar este ano, mas você *tinha* que

me convencer a entrar pro time. Eu podia ter terminado a carreira como a estrela do

ataque da escola em primeiro lugar no ranking do país. E agora sou um ala esquerda

que não vale nada, num time que está indo ladeira abaixo.”

Saboreio minha cerveja. “Alguém já te falou que você não sabe perder?”

“Ah, nem vem. Até parece que *você* gosta de perder.”

“Claro que não gosto. Mas também sei que ganhar não é tudo. Ah, e por falar nisso,

telhado de vidro, atirar pedras etc., etc.”

“O que você quer dizer com isso?”

“Que, em vez de culpar Corsen por entregar três gols, você devia estar se

concentrando no fato de que não marcou nenhum. Isso aqui não é a escola, sr. Estrela

do Time. Não é fácil driblar a defesa de times universitários.”

É duro, mas é verdade. E Hunter Davenport precisa ouvir. O treinador tem pegado

leve com ele no treino, porque, tirando Garrett, Hunter é o único jogador do time

capaz de crescer. Mas, ao contrário de Garrett, ele tem uma grande fraqueza: excesso

de confiança. O garoto pensa que é o próximo Sidney Crosby.

“Você tá dizendo que não sou bom o suficiente para jogar nesse nível?” Mas, em

vez de raiva, a expressão em seu rosto transmite angústia, o que só ressalta a sua

grande *qualidade*: Hunter está sempre se esforçando para melhorar.

“Tô dizendo que você precisa de trabalho. Você cometeu alguns erros amadores

anteontem. Como quando Fitzy estava em desvantagem numérica por causa da

punição e você foi lá ajudar. Esse não é seu trabalho, cara. Você não pode entrar na

ala do seu colega. Tem que confiar que os jogadores de centro vão ajudar o cara.”

Hunter dá um gole apressado na cerveja.

“E às vezes você é péssimo em antecipar as jogadas. Lembra quando o cara da

defesa do Eastwood fez aquele passe que criou um contra-ataque? Você deveria ter

previsto para quem ele ia passar, mas interpretou tudo errado.”

“Eu estava olhando pro disco o tempo todo”, protesta ele.

“Esquece o disco. Olha pro *jogador*, cara. Presta atenção em quem ele tá olhando,

pra onde os seus colegas de time estão indo. Entenda pra quem ele vai dar o passe e,

em seguida, roube o disco.”

Hunter fica em silêncio. Quando fala de novo, soa impressionado, ainda que a

contragosto. “Você sabe um bocado do que tá falando, né?”

Dou de ombros. Sei que tenho uma reputação de não levar o hóquei tão a sério

quanto meus colegas de time, e talvez haja alguma verdade nisso, mas não significa

que não entendo a mecânica e as nuances do jogo.

O hóquei faz parte da minha vida desde sempre. Cresci jogando. Lacrosse também,

mas funcionava mais como um jeito de passar a primavera até a temporada de hóquei

começar de novo. Tanto meu pai como meu irmão mais velho jogaram hóquei em

Harvard. Eu também poderia ter ido para lá, mas escolhi a Briar. Sempre seguia os

passos deles, mas acho que só quis ser diferente ou algo assim.

Não me levem a mal, não jogo hóquei só porque eles jogavam. Amo o jogo. Só não

sinto a mesma emoção que Garrett e Logan parecem experimentar toda vez que pisam

no gelo.

Na verdade, me divirto mais nos treinos. Gosto das séries e dos treinos coletivos, de

ter a oportunidade de melhorar e de ajudar meus colegas a melhorar. Não estou

interessado em virar profissional depois da formatura, o que em muito agrada à

minha família, porque os Heyward-Di Laurentis não viram atletas profissionais.

Viram advogados. No outono que vem, vou para a faculdade de direito de Harvard,

como todos os membros da família. Por mim, tudo bem, não tenho dúvidas de que

vou ser bom. O carisma Di Laurentis que herdei do meu pai praticamente garante

que vou sair convencendo juízes a torto e a direito.

“O que mais tô fazendo de errado?” Hunter soa mais curioso do que irritado.

Sorrio para ele. “Quer saber, que tal umas sessões só nós dois esta semana? Vou ver

se o treinador libera um tempo extra de gelo.”

“Sério? Poxa, valeu mesmo. Obrigado...”

Eu o interrompo. “Mas só se você parar de falar de hóquei por hoje.” E gesticulo

para o bar lotado. “Olhe à sua volta. Isto aqui é um banquete de mulher gostosa. É só

escolher e se esbaldar, seu idiota.”

Hunter ri, mas seus olhos escuros se acendem à medida que ele começa a assimilar

a vista. Várias garotas respondem com sorrisos de “me coma”, mas, em vez de chamá-

las, ele olha para mim — ou melhor, para o meu pescoço — e solta uma risada. “Na

verdade, talvez você devesse me apresentar à fera que te pegou na noite passada. A

srta. Chupão parece divertida.”

Fico paralisado. De jeito nenhum vou deixar esse cara chegar perto de Allie. Ele

pode ser novo, mas está bem encaminhado para se tornar um pegador ainda maior do

que eu.

Mas, até aí, talvez eu devesse me preocupar mesmo é com o Hunter, já que, depois

do desempenho da última noite, Allie Hayes provou que é plenamente capaz de

deixar marcas num homem. Nossa. A menina transa *muito*.

Droga, e agora meu pau está ficando duro. Isso aconteceu o dia todo hoje, toda vez

que penso em Allie. Foi a melhor transa que tive em muito tempo. Que merda, meus

pulsos ainda estão doloridos de ter sido amarrados à cama, mas é o tipo de dor que

só me faz querer mais.

Repetir uma transa em geral não faz meu estilo, mas, neste momento, meu pau está

sedento para entrar naquela safada da Allie de novo.

“Desculpa, sr. Estrela. Mas não vai rolar”, digo a ele. “Encontre sua própria fera.”

“Tudo bem.” Sorrindo, ele dá mais uma olhada à sua volta. “Pronto. Acho que sei

com quem vou pra casa hoje.”

Sigo seu olhar até o bar comprido de madeira, onde uma morena alta de costas

para nós se debruça para pedir uma bebida. Está de saia preta curta e salto alto, os

longos cabelos castanhos caindo pelas costas em ondas. O barman está praticamente

babando, os olhos famintos encarando seu decote, o que me diz que ela deve ter uns

peitos lindos. Daqui só vejo a bunda, e é uma visão e tanto.

Em geral, ficaria louco pela morena, mas hoje não estou no clima. Minha mente

fica voltando para Allie. A boceta de Allie. Os peitos dela. Cara, que peitos. Um

encaixe perfeito na mão, com mamilos rosa-claro que ficaram mais duros que gelo

quando os chupei.

Suspiro e ajeito a calça na região da virilha. Nossa, tenho que parar de pensar na

noite de ontem. Allie já deixou claro que está fazendo de tudo para esquecer.

“O que você acha?”, Hunter me pergunta.

Desvio os olhos da morena. “Pode ser um pouco demais para você.”

“Sou um jogador de hóquei. Ninguém é demais pra mim.”

“Verdade.” Rio. Foi a primeira coisa que ensinei a Hunter quando o abriguei

debaixo da minha asa, no início da temporada. Ainda assim, a morena tem o corpo

mais sensual que já vi. Uma mulher assim pode pegar qualquer um neste bar, e não

sei se o calouro Hunter está entre suas principais opções, mesmo que esteja usando a

jaqueta do time de hóquei da Briar.

Do outro lado da sala, a garota que estamos admirando se vira de repente. De uma

hora para a outra, minha admiração se transforma em desgosto.

“Ai, merda, não. Fica

longe dessa mulher. Ela é tóxica.”

“Não parece tóxica pra mim”, comenta Hunter.

Que otário. Já eu sou mais experiente. Sabrina James é inegavelmente linda, mas

prefiro jogar cera quente no saco antes de ficar com ela. Quer dizer, antes de ficar

com ela *de novo*.

Pois é. Conhecimento de causa.

Alguém esbarra nas minhas costas, e, quando me viro, vejo Tucker chegando, a

jaqueta preta e prata tão encharcada quanto o cabelo.

“Mano, tá caindo o mundo lá fora.” Ele agita o corpo inteiro feito um cachorro que

acabou de sair de um lago.

“Ei, Totó, vai se secar em outro lugar”, reclamo, ao levar um banho de água gelada

no rosto e nos olhos.

Hunter nem percebe que Tucker está molhando nossos sapatos. Está ocupado

demais admirando Sabrina.

Tuck acompanha o olhar do calouro. “Delícia”, comenta, então sorri para mim. “E

aí? Já decidiu que a presa é sua e ninguém tasca?”

Fico branco. "Tô fora. Essa aí é a Sabrina, cara. Já me enche o saco todo dia na aula.

Não preciso dela me aporrinhando fora da faculdade."

Sabrina e eu somos alunos de ciência política, o curso preparatório para a faculdade

de direito, então somos colegas de sala em matérias demais para o meu gosto. Nós

dois nos inscrevemos para a faculdade de direito de Harvard, o que não me deixa

particularmente feliz. A ideia de passar mais dois anos fazendo as mesmas aulas que

ela torna a opção do suicídio muito atraente.

"Espera aí, essa é a Sabrina?", pergunta Tucker, surpreso. "Vejo essa menina no

campus o tempo todo, mas não sabia que era dela que você sempre reclamava."

"A própria."

Seu sotaque arrastado do sul ganha força. "Que pena. Sem dúvida é uma gostosa."

"Qual é o problema de vocês?", se intromete Hunter. "Ela é sua ex?"

Estremeço de novo. "Nossa, não."

"Então não tem problema nenhum se eu quiser tentar a minha sorte?"

“Você quer tentar a sorte? Disponha. Mas tô avisando, essa maluca vai te comer

vivo.”

Sabrina vira a cabeça bruscamente na nossa direção. Deve ter algum tipo de radar

interno que dispara toda vez que alguém a chama de maluca. Aposto que dispara o

tempo todo.

Quando nossos olhares se encontram, ela abre um risinho para mim e me mostra o

dedo médio antes de voltar a conversar com a amiga.

Hunter solta um gemido. “Já era. Ela não vai nem querer saber de mim agora que

viu a gente junto. O que você fez pra ela, afinal?”

“Absolutamente nada”, respondo, sombrio.

“Mentira. Mulher nenhuma fuzila o cara com os olhos daquele jeito a menos que

ele tenha feito uma merda bem grande. Você pegou?”

Tucker deixa o riso escapar. “O que você acha? Quer dizer, *olha* pra ela.”

“As aparências enganam”, murmuro.

Meu colega de república inclina a cabeça, desafiador. “Então você não transou com

ela?”

Solto um suspiro. “Ah, transei. Mas faz muito tempo. E acho que essas coisas têm

data de validade. Tipo, depois de três anos não conta mais.”

Eles riem. “Deixa eu adivinhar”, começa Tucker. “Você não ligou pra ela depois.”

“Não”, admito. “Mas, em minha defesa, é difícil ligar para uma garota quando, um,

ela não te dá o número do telefone, e dois, quando você não lembra que pegou ela.”

Hunter fica boquiaberto. “Como você pode não lembrar *dela?*” Está praticamente

salivando ao secar Sabrina de novo.

“Estávamos os dois chapados. Vai por mim, ela também não lembrava muita coisa.”

“Então é por isso que ela te odeia?”, insiste Hunter.

Dispenso a pergunta com um gesto da mão. “Na real... O problema foi por outra

coisa. E agora vou mudar de assunto, porque, cacete, é sábado à noite e a gente devia

estar se divertindo.”

Tucker ri. “Vou pegar uma cerveja. Alguém quer mais uma?”

“Tô de boa”, diz Hunter.

Enquanto Tuck caminha em direção ao bar, pego o celular e vejo as horas. Nove e

meia. Dou uma olhada na minha lista de contatos, e Hunter volta a falar de hóquei.

Acho que ainda tenho o celular de Allie, de quando ela estava organizando o

aniversário da Hannah, na primavera. Ela me mandou um monte de mensagens de

grupo, detalhando todos os pormenores da festa.

Sim, ainda tenho seu contato. Está em *Amiga loura da Wellsy*. Talvez eu devesse

mudar para *Garota sadomasô*.

Digito uma mensagem rápida.

Eu: *Chegou no alojamento direitinho?*

É uma pergunta idiota, porque Allie saiu da minha casa hoje de manhã, então é

claro que chegou direitinho. Ainda assim, fico surpreso que ela me responda

imediatamente.

Ela: *Cheguei. Tô aqui agr.*

Eu: *Merda d tempo hj. Mandou bem d ficar em casa.*

Ela não responde. Fico olhando frustrado para a tela, então me pergunto por que

estou tão incomodado. Sou o rei das noitadas casuais. Raramente quero um repeteco

depois que durmo com uma menina, e se tem uma menina com quem não deveria

fazer um repeteco é Allie.

Poucas coisas neste mundo me fazem me borrar de medo, mas a namorada de

Garrett definitivamente está entre os três primeiros itens da lista. Wellsy não vai ficar

feliz se descobrir que dormi com sua melhor amiga, e se Wellsy não está feliz, Garrett

não está feliz, o que significa que vou ter que lidar com um G. reclamão e

completamente decepcionado comigo. Logan vai imitar o amigo, e aí Grace vai

engrossar o movimento "Dean é um babaca", e, quando menos se espera, vou estar

levando porrada de todos os lados. O que é motivo suficiente para ficar na minha,

mas meu corpo sedento está teimando em dar uma de idiota.

Quero essa mulher de novo.

Uma vez só não vai fazer mal a ninguém, né? Merda, quem sabe duas vezes? Não

sei de quantas vezes vou precisar para tirá-la da minha cabeça. Tudo o que sei é que

sempre que penso nela, meu pau fica incrivelmente duro.

Ao meu lado, Hunter transferiu sua atenção para um grupo de meninas numa mesa

próxima, e não consigo conter o orgulho quando, com um mísero aceno de cabeça,

ele consegue que o trio venha até nós. O garoto é bom.

“Qual de vocês vai comprar uma rodada pra gente?”, provoca uma delas. É alta e

loura e está com um vestidinho que bate no meio da coxa.

Assim que Hunter abre a boca para responder, todas as luzes do bar piscam

ameaçadoramente.

Franzo a testa e me viro para Tucker, que acabou de se juntar ao grupo. “É o

apocalipse lá fora ou algo assim?”

“Tá chovendo feio”, admite ele.

O pisca-pisca para. E tomo isso como uma deixa para ir embora, porque, se

estamos lidando com uma possível queda de energia, prefiro estar em casa quando

isso acontecer, e não na estrada. Além do mais, apesar de toda a minha conversa fiada

sobre aproveitar a noite, realmente não estou no clima hoje.

“Bom, vou cair fora.” Dou um tapa no ombro do meu colega de república. “Vejo

ocê em casa.” Não deixo de notar os beicinhos decepcionados das meninas, mas

tenho certeza de que elas vão me esquecer assim que Hunter e Tuck exibirem seus

encantos.

Um minuto depois, saio do bar e vejo que Tuck não estava de brincadeira. Nos dez

segundos que levo para chegar ao carro, fico encharcado até os ossos, molhando todo

o couro do revestimento interno da BMW. Os raios cruzando o céu são tão brilhantes

que tornam meus faróis quase dispensáveis. Acho que dava para simplesmente deixar

os flashes de luz branca iluminarem o caminho de casa.

Pego o celular de novo.

Eu: O tempo tá pior do q pensava. Fica c/ uma lanterna por perto, pro caso d faltar luz.

Ah, pelo amor de Deus. É como se eu estivesse escrevendo um guia de

sobrevivência ruim. E por que estou mandando mensagens pra ela?

Allie responde com um Vlw pela dica, e depois: Sério, para d se preocupar cmg. Tô lendo

no sofá. Debaixo do cobertor. Feito pinto no ninho.

Eu: *No lixo.*

Ela: ??

Eu: *Pinto no lixo. É assim q se fala.*

Passam-se cinco segundos inteiros de silêncio, até que o celular toca na minha

mão. Atendo a chamada com um sorriso na cara.

“O que o pinto tá fazendo no lixo?”, pergunta ela.

Dou risada. “Sei lá, só sei que a expressão é assim.”

“Bom, prefiro a minha versão. No ninho pelo menos ele tá aconchegado.”

Sou distraído momentaneamente pelo martelar da chuva no para-brisa. Está mais

forte agora, e, um segundo depois, as luzes do estacionamento se apagam.

Xingo baixinho quando a escuridão envolve meu carro. “Merda. Acabou de cair a

luz do Malone’s”, digo a Allie. “Melhor ficar em casa, viu? Nada de sair vagando pelos

corredores da Bristol House se faltar luz.”

“Por quê? Você acha que vai aparecer um *serial killer* no alojamento e vir atrás de

mim?" Ela fica quieta por um instante. "E mesmo que isso acontecesse, eu

provavelmente daria conta."

Solto um riso de desdém. "Aham. Claro."

"Ei, sou *valente*, tá!", insiste ela. "Meu pai e eu fizemos um intensivão de defesa

peessoal para pais e filhas quando eu tinha catorze anos."

"Defesa pessoal para pais e filhas? Isso existe?"

"Não, mas a gente inventou. Ele viajava muito quando eu era criança, então, sempre

que estava em casa, inventava um monte de atividades comigo. Mas como ele é o

próprio sr. Machão, a gente só podia fazer coisa de menino. Tipo pescar, andar de

bicicleta na lama ou aprender a descer a porrada um no outro. Bom, tenho que ir

agora. Quero terminar de ler esta peça." Ela faz uma pausa. "Dirija com cuidado."

"Espera", exclamo, antes que ela desligue.

"O que foi?"

Fico olhando para a chuva escorrendo pelo para-brisa e perguntando qual é o meu

problema.

Então umedeço os lábios que ficaram secos de uma hora para a outra e digo:

“Quero transar com você de novo”.

Do outro lado da linha, ouço Allie suspirar.

Meu corpo se enrijece de ansiedade. Penso na curva linda da sua bunda enchendo

as minhas mãos. A forma como os mamilos se contraíram quando passei a língua

neles. Sua boceta apertando meu pau.

Um gemido silencioso estremece meu peito. Meu Deus. Estou louco por essa

garota. E agora estou prendendo o fôlego, esperando sua resposta.

Após uma longa pausa, com a voz irritada, Allie me diz: “Tchau, Dean”.

A chamada se encerra, e eu rosno de frustração.

5

ALLIE

É com o coração aos pulos que desligo a chamada. Não esperava que ele dissesse

isso. Nem um pouco.

“Quero transar com você de novo.”

Bem, é claro que ele quer. Sou incrível na cama.

Mas de jeito nenhum vou dormir com esse cara de novo, não depois de ter passado

o dia me sentindo a própria Hester Prynne. Só que a autocrítica com que estou me

atacando é bem mais contundente do que qualquer coisa que a pobre sofreu na mão

dos puritanos.

Nossa, não fui feita para sexo casual. Me sinto... profanada. O que é ridículo, porque

se alguém foi profanado ontem foi Dean. Não só o seduzi, como o amarrei e montei

em cima dele como se fosse meu próprio parque de diversões.

Sou uma piranha.

Você não é uma piranha.

Tá, talvez eu não seja. Talvez seja só uma mulher de vinte e dois anos que se

divertiu sem compromisso uma vez na vida.

O único problema é que gosto de compromisso. Sexo e relacionamento andam de

mãos dadas para mim. Adoro ficar abraçadinha, ter piadas internas e ficar até tarde

conversando. Sou membro de carteirinha do Clube do Namoro e, depois de ontem,

posso dizer com sinceridade que o Clube do Sexo Casual é uma merda. A noite foi

incrível, mas a vergonha não vale os orgasmos.

Suspirando, jogo o telefone na almofada do sofá e pego o roteiro que estava lendo

antes de Dean me interromper. A peça escrita por outro aluno vai ser meu trabalho

de conclusão de curso na Briar. Sou uma das duas protagonistas femininas e, embora

o material seja um pouco melodramático para o meu gosto, estou ansiosa para os

ensaios. Desde a minha estreia no teatro em Boston, neste verão, fiquei com

comichão para atuar na frente de uma plateia ao vivo de novo.

O que é só mais um fator para contribuir com o meu estresse neste momento.

Minha carreira está numa encruzilhada, e não tenho ideia de qual caminho seguir.

Quando entrei na faculdade, pedi ao meu agente para se concentrar em só

encontrar projetos de verão para mim. Seria muita tentação largar a graduação caso

aparecesse um papel atraente, e eu queria o meu diploma. Agora que estou perto de

me formar, tudo pode acontecer. A temporada de projetos-piloto começa em janeiro,

e Ira já me mandou um monte de roteiros de seriados e novelinhas ao estilo *Glee*,

além de várias comédias românticas que em geral me fariam salivar.

Sempre achei que estava destinada a papéis cômicos. Comecei a atuar ainda no

ensino médio, e todos os papéis que fiz foram leves e divertidos, destacando minha

persona de garota comum e engraçada. Sonhava em ser uma queridinha das comédias

românticas. A próxima Sandra Bullock ou Kate Hudson ou Emma Stone.

Até que, no último verão, saiu uma convocação para uma peça superséria,

supertriste, dirigida por Brett Cavanaugh, vencedor do Oscar e lenda viva. Não sei

como, mas meu agente conseguiu que eu fizesse um teste para Cavanaugh, e, para

meu espanto completo, ganhei o papel — a irmã mais nova e viciada em heroína da

atriz principal. O espetáculo durou só dois meses, mas foi um sucesso estrondoso.

Desde então, recebi uma tonelada de ofertas para testes em papéis mais dramáticos,

tanto para o teatro como para a TV.

E alguém me falou que Cavanaugh está num projeto novo para os palcos, dessa vez,

num teatro pequeno de Nova York...

Merda. Por que estou tão tentada a desviar o curso que estabeleci para mim

mesma? Cogitar papéis dramáticos é uma coisa, mas *teatro*?

Hollywood dá muito mais dinheiro. Mais reconhecimento. Oscar, Globo de Ouro,

farras de compras na Rodeo Drive.

Encaro a pilha de roteiros na mesinha de centro. E se for chamada para um desses

pilotos que o Ira mandou e o seriado deslanchar? Ou se conseguir um papel num

desses filmes? Eu poderia estourar. Então por que estou fantasiando sobre teatro?

Ainda estou perdida em pensamentos quando o telefone toca. Dou uma olhada na

tela e, por um segundo, acho que é Dean, até ler com mais cuidado e perceber que é

um S, e não um D. Ai. Meu ex-namorado e meu caso de uma noite só estão

literalmente a uma letra de distância. Será que isso significa alguma coisa?

Sean está te ligando, sua idiota.

É, talvez lidar com isso seja mais importante agora.

Meu peito se enche de ansiedade. Não deveria atender. Não mesmo.

Atendo.

“Você tá bem?” são as primeiras palavras que ouço.

Sean parece tão nervoso que decido tranquilizá-lo depressa. “Tô. Por que não

estaria?”

“Passei no alojamento depois da aula ontem e você não estava. E mandei mensagens

a noite toda.”

“Eu sei.” Engulo em seco. “Dormi na casa de uma amiga. Eu...” Engulo de novo.

“Eu disse que não queria ver você.”

“Querida que você mudasse de ideia.” Não tem como não notar o tormento em sua

voz. “Cacete, amor. Sinto sua falta. Sei que só faz dois dias, mas estou morrendo de

saudade.”

Meu coração se parte em dois.

“Eu errei, tá legal? Já entendi tudo agora. Não devia ter dado um ultimato e

definitivamente não devia ter dito que a sua carreira de atriz não vai dar em nada.

Estava chateado e descontei em você, e você não merecia isso. Quando fui na sua

estreia, em Boston, fiquei bobo. É sério. Você é muito talentosa, amor. Sou um

imbecil de dizer aquelas merdas todas para você. Não quis dizer nada daquilo.”

Ele está praticamente implorando, e outro pedaço do meu coração se quebra.

“Sean...”

“Você é a pessoa mais importante da minha vida”, interrompe ele, a voz embargada

pela emoção. “Você significa o mundo para mim, e quero me enforcar por ter

afastado você de mim. Por favor, linda, me dá mais uma chance.”

“Sean...”

“Sei que posso consertar tudo. Só uma chance, e...”

“Sean!”

Ele para. “Amor?”, pergunta, incerto.

Minha garganta está incrivelmente apertada, quase como se estivesse tentando me

impedir de dizer as próximas palavras. Mas a culpa está me ruindo por dentro. Não

posso simplesmente sentar aqui e ficar ouvindo Sean implorar, não quando estou me

sentindo desse jeito. Engulo de novo e forço minhas cordas vocais a funcionarem.

“Dormi com outra pessoa ontem à noite.”

A resposta é um silêncio ensurdecedor que parece se arrastar por toda a eternidade.

A cada segundo que passa, meu estômago se revira mais.

“Você ouviu o que eu falei?”, sussurro.

Ouço um ruído abafado. “Ouvi.”

Nós dois ficamos quietos. A dor e a culpa continuam a apunhalar minhas

entranhas. Involuntariamente, retorno ao dia em que conheci Sean. Foi durante a

apresentação dos calouros, e lembro de ter pensado que ele era o garoto mais fofo que

eu já tinha visto, com o cabelo castanho bagunçado, que hoje ele usa bem curto,

olhos brilhantes cor de avelã e a bunda mais bonita do planeta. Sendo a linguaruda

esquisita que sempre fui, comentei sobre a fofura da dita bunda, e as bochechas dele

ficaram mais vermelhas que a camisa do Red Sox.

Naquela noite, jantamos juntos num dos refeitórios.

Uma semana depois, éramos um casal.

Mas agora, três anos depois, estamos separados, e acabo de confessar que dormi

com outro. Onde foi que a gente errou?

“Com quem?”

O questionamento me assusta. “O quê?”

“Quero saber com quem foi”, repete Sean, categórico.

O desconforto aperta o meu peito. “Não importa. Não vai acontecer de novo. Foi...”

Respiro fundo. “Foi um erro estúpido. Mas achei que você deveria saber.”

Ele não responde.

“Sean?”

A respiração irregular ecoa através da linha. “Obrigado por me contar”, resmunga.

Em seguida, desliga.

Levo um tempo para afastar o telefone do rosto. Corro os dedos pelo cabelo, e

minha mão treme incontrolavelmente.

Nossa. Isso foi... brutal. Uma parte de mim se pergunta por que eu fui falar. Não

pulei a cerca nem nada disso. Eu não tinha obrigação nenhuma de contar para ele. Na

verdade, se tivesse ficado de boca fechada, podia ter poupado a dor que ele deve estar

sentindo agora. Mas sempre fui honesta com Sean, e uma parte burra e culpada de

mim insistiu que ele merecia saber.

Um gemido angustiado escapa da minha boca. Meu coração está doendo de novo. A

culpa agora é ainda pior, um nó bem apertado esmagando meu estômago.

Em vez de voltar para o roteiro, pego o iPod e coloco os fones de ouvido. Então

puxo o cobertor até o pescoço e ponho "Wrecking Ball", da Miley Cyrus, no repeat,

porque a música resume muito bem como estou me sentindo agora.

Destruída.

DEAN

"Ah, olha só pra ele, G., é tão bonitinho dormindo."

"Como um anjo."

"Um anjo bem pervertido."

"Espera aí, anjo faz sexo? E se faz, orgasmos celestiais são um milhão de vezes

melhores do que orgasmos terrestres? Aposto que são."

“Dã. De onde você acha que vem o arco-íris? Sempre que você vê um arco-íris,

significa que um anjo acabou de gozar.”

“Ah. Faz sentido. Tipo quando toca um sino, que significa que um anjo ganhou

asas.”

“Isso aí.”

Abro um olho de leve e me volto para a porta. “Tô ouvindo, sabia?”

Minha voz irritada põe fim à conversa mais bizarra que já ouvi. “Ah, que bom, você

tá acordado”, comenta Logan.

“Claro que tô”, resmungo, esfregando os olhos. “Como é que vou dormir com vocês

dois idiotas tagarelando no meu ouvido sobre anjo gozando?”

Garrett dá uma risada. “Como se eu fosse o primeiro a pensar no assunto.”

“Vai por mim, você é. Quando vocês chegaram?”

Logan recosta o ombro imenso no batente da minha porta. “Faz uma hora. Gracie

precisava voltar mais cedo porque tem que fazer um programa hoje.”

Faço que sim com a cabeça. A namorada de Logan trabalha como produtora na

rádio universitária. O que me lembra... “Você vai ligar e professar o seu amor de

novo?”, pergunto, ironicamente.

Ele suspira. “Você nunca vai me deixar esquecer isso, né?”

“Não.” Embora preferisse que alguém tivesse gravado o programa, para eu poder

usar uns trechos como instrumento de tortura. Depois de estragar tudo e quase

perder Grace no fim de semana passado, Logan a ganhou de volta ligando para o

programa de conselhos amorosos que ela produz e dizendo as merdas mais piegas

que se pode imaginar. Às vezes, me preocupo com ele.

Afasto as cobertas e pulo da cama como vim ao mundo. Meus colegas de república

continuam a me espreitar da porta.

Pego uma cueca limpa e visto. “Juro por Deus, se vocês disserem que estão me

olhando dormir há uma hora, vou chamar a polícia.”

“O treinador ligou”, anuncia Garrett. “Disse que passou a manhã ligando pro seu

celular, mas que você não atendeu. Quer que você apareça na arena daqui a uma

hora.”

“Por quê?”, pergunto, cauteloso.

Garrett dá de ombros. “E eu que sei? Talvez tenha descoberto que você encheu a

cara esse fim de semana — imagino que foi isso que você fez, né? — e quer dar um

esporro.”

“E como é que ele sabe? Que eu saiba ele não tem espiões.”

“Cara, o treinador é tipo o espião mestre do *Game of Thrones*. Suas fontes são

infinitas.”

Merda. Espero que o treinador Jensen não esteja preparando um daqueles sermões

infinitos sobre manter a linha. Estamos proibidos de beber ou usar drogas durante a

temporada, o que não impede nenhum de nós de encher a cara ou de fumar um

baseado de vez em quando. Mas nunca falhei num teste de urina nem manchei a fama

do time com meus excessos, então não sei por que o treinador está constantemente

no meu pé com isso.

“Hannah ainda tá aqui?”, pergunto a Garrett enquanto procuro pelas minhas calças.

“Não... foi pra casa. Vai ter um dia de mulherzinha com Allie.”

Ainda bem que estou de costas, porque, no momento em que ele diz o nome de

Allie, meu pau vai a meio mastro. Maravilha. Fico com tesão só com o *som* do nome

dela agora?

“Você não fez nada de idiota quando ela estava aqui, fez?” O tom de Garrett é

permeado pela suspeita.

Transei com ela duas vezes. Então... fiz?

Mordo a língua e visto uma camiseta e um moletom azul-marinho da Briar. “Fui

um perfeito cavalheiro.”

Logan ri com desdém. “Tem uma primeira vez pra tudo.”

“Vai se foder, tá legal? Acontece que sou especialista na arte da *cavalheirice*.”

“Isso não é uma arte. Não é nem uma palavra.” Logan revira os olhos e some do

quarto, mas Garrett fica para trás.

Ele estuda meu rosto por tanto tempo que me deixa desconfortável. “O quê?”,

murmuro.

“Nada”, responde, mas ainda está com uma expressão desconfiada ao deixar meu

quarto.

Quando entro no banheiro para escovar os dentes, percebo que o chupão no meu

pescoço ainda está muito, muito visível. Será que Garrett notou?

E daí se tiver notado? Qualquer uma poderia ter chupado o meu pescoço este fim

de semana. Não tem nenhuma razão para ele suspeitar de Allie.

Maldita Allie. Conteí que queria transar de novo, e ela desligou *na minha cara*. Isso

não acontece comigo — nunca. Eu sou Dean Di Laurentis, caramba. Basta estalar os

dedos, e uma dúzia de garotas aparece, implorando para subir no meu colo. Na

última vez que fui à cafeteria do campus a barista gostosa me deu um café de graça e

ainda ofereceu um boquete no estoque.

Então qual é o problema de Allie? Passei tempo demais na noite passada

perguntando se ela está fazendo jogo duro. Quer dizer, não que ela não tenha gostado

do sexo. Nunca ninguém elogiou tanto o meu pau.

“Ai, meu Deus, quero casar com o seu pau!”

“Melhor. Pau. Da. História.”

"Dean, você tá me fazendo gozar..."

Minha mente repassa os gritos guturais num looping que só aumenta o meu tesão,

e me agarro ao porta-toalhas com uma das mãos, enquanto um gemido me escapa. A

escova de dentes cai da minha boca. A ereção na minha calça cutuca a louça da pia,

desesperada para fazer contato com alguma coisa, qualquer coisa.

Será que o treinador vai ficar muito bravo se eu me atrasar porque estava me

masturbando?

Provavelmente.

Trinta minutos depois, passo minha carteirinha de estudante no leitor da arena de

hóquei, bebendo o café que peguei no caminho. O corredor largo está deserto, e a sola

do meu tênis faz um barulhinho contra o piso lustroso à medida que caminho até os

fundos do edifício. Passo pelas salas de aula e de projeção, a cozinha e o salão de

musculação, por fim atravesso o imenso salão de equipamentos.

A arena é de última geração. Chad Jensen podia ter escolhido entre meia dúzia de

escritórios grandes e confortáveis, mas por algum motivo ele preferiu uma sala

modesta e escondida perto da lavanderia.

Bato à porta e só abro depois de ouvir o treinador gritar: “Entra”. O último jogador

que entrou sem bater levou uma bronca que deu para ouvir lá dos chuveiros. Gosto

de pensar que o treinador usa seu escritório para bater punheta e que é por isso que

insiste tanto em privacidade. Logan tem uma teoria de que ele abriga uma família

secreta na sala que só pode sair nas altas horas da madrugada.

Logan é um idiota.

“Oi, treinador. Você queria me ver...” Paro assim que percebo que não estamos

sozinhos.

Não costumo me surpreender com facilidade. Sou o tipo de cara que nada com a

maré, o que significa que é preciso muito *mesmo* para me assustar.

Neste momento, a única maré com a qual estou nadando é a onda de ansiedade se

espalhando pelo meu sangue e infiltrando meus ossos.

Frank O’Shea se levanta da cadeira de visitas e lança seu olhar gélido sobre mim.

Desde o último ano do ensino médio que não o vejo, mas ele não mudou nada. O

cabelo raspado e escuro, o corpo atarracado, a boca severa.

“Di Laurentis”, diz, com um breve aceno de cabeça.

Aceno de volta. “Treinador O’Shea.”

Jensen olha de mim para ele e vai direto ao que interessa. “Dean, Frank está

entrando na equipe como nosso novo coordenador defensivo. Ele me repassou o

histórico de vocês na Escola Preparatória Greenwich.” O treinador faz uma pausa.

“Achei melhor vocês resolverem seus problemas antes do treino de amanhã.”

Nem imagino o que O’Shea tenha dito sobre o nosso “histórico”. O que quer que

tenha sido, sei que, além de ser mentira, foi desfavorável para mim, porque a versão

de O’Shea da história é tão distorcida que faz as matérias do *National Enquirer*

parecerem trabalhos acadêmicos muito bem pesquisados.

O treinador Jensen caminha até a porta. “Fiquem à vontade.”

Droga, ele está deixando a gente sozinho? Seria bom ter uma testemunha caso

O'Shea tente alguma coisa. Afinal, o cara deu um murro num dos próprios jogadores

no estacionamento vazio de uma escola secundária. Eu tinha dezoito anos na época.

Não denunciei, porque entendi os motivos dele, mas isso não significa que esqueci.

Ou que perdoei.

O'Shea não fala nada até a porta se fechar atrás do treinador.

"Então. Tem algum

problema aqui?"

Ergo o queixo. "Me diz você." E me forço para acrescentar: "Senhor".

Os olhos escuros brilham. "Estou vendo que ainda é o mesmo espertinho insolente

de quando treinava comigo."

"Com todo o respeito, senhor, faz cinco segundos que entrei aqui. Não acho que o

senhor possa fazer esse julgamento." Meu tom é educado, mas, por dentro, estou

fervendo. Odeio esse homem, o que é uma ironia e tanto, porque teve uma época em

que eu o adorava.

"Problema nenhum do meu lado", diz ele, como se eu não tivesse falado. "O que

passou, passou. Estou disposto a começar do zero, se isso puder contribuir para um

ambiente de treino mais propício.”

Quanta generosidade.

“Tudo o que peço é que você me trate com respeito e me escute quando estivermos

no gelo. Não vou tolerar insubordinação.” Ele franze a boca numa careta. “E não vou

tolerar palhaçada. Jensen disse que você tem fama de festeiro. O que não me

surpreende...”, ele emite um barulho feio, “... mas, se quiser continuar no time, trate

de se comportar. Nada de álcool, nada de drogas, nada de brigas. Entendido?”

Faço que sim com a cabeça.

“Quanto à nossa história, isso não está em discussão.” O’Shea me lança outro olhar

gélido. “Nem entre nós, nem entre você e seus colegas de time. O que passou,

passou”, repete ele.

Enfio as mãos nos bolsos. “Posso ir agora?”

“Ainda não.” Ele caminha até a mesa e pega uma pasta fina. Estou imaginando

coisas ou os olhos dele exibem um brilho de soberba? “Mais duas coisas. E saiba que

o treinador Jensen já concordou com isso.”

Uma inquietação pinica meu estômago.

“Primeiro, você vai passar para a segunda linha, com Brodowski...”

“O quê?”, protesto.

O’Shea levanta a mão. “Me deixa terminar.”

Fecho a boca, lutando para controlar a raiva crescente. Não estou mais fervendo.

Estou enfurecido.

“Problema nenhum do lado dele” uma ova. Sempre joguei na primeira linha com

Logan. Somos os dois melhores defensores do time. Uma dupla dinâmica, porra.

Brodowski é um aluno do terceiro ano, e precisa de tanto treino que nem sei como

ainda está no time.

“Jensen confia em mim para trabalhar a defesa e tomar as decisões que achar

melhor”, meu velho treinador late para mim. “A segunda linha está fraca. Kelvin e

Brodowski não estão se entendendo, e os dois vão se beneficiar de fazer parte de uma

dupla com jogadores do seu calibre e do John Logan.”

“O treinador falou que já tentou isso nos amistosos?”, não consigo me conter, e

meu sarcasmo é o suficiente para fazê-lo franzir a testa. “Fiz dupla com Kelvin no

jogo contra o St. Anthony. Foi um desastre.”

“Bem, dessa vez você não vai estar com o Kelvin, não é?”, argumenta ele no mesmo

tom. “Estou botando você com Brodowski. E minha decisão está tomada. É pelo bem

do time.”

Mentira. Ele está fazendo isso para me punir, e nós dois sabemos disso.

“E qual é a segunda coisa?”

Ele pisca. “O quê?”

“Você disse que tinha duas coisas.” Preciso de todas as minhas forças para manter a

voz calma. “Você tá mudando as linhas — é a primeira coisa. Qual é a segunda?”

Ele inclina a cabeça como se tentasse se decidir se estou sendo insolente de novo. O

sujeito não tem ideia do quanto quero esmurrar a cara dele agora. Preciso de toda a

força de vontade possível para me segurar.

O'Shea abre a pasta e tira uma folha de papel. O brilho de satisfação retorna aos

seus olhos assim que a entrega para mim.

Dou uma lida por alto. É uma cópia do que parece ser uma rotina de treino e jogos,

mas não é do nosso time. "O que é isso?", murmuro.

"A partir desta semana, você vai ser voluntário no Hastings Hurricanes..."

"Onde?"

"Hastings Hurricanes. O time de hóquei da escola primária de Hastings. Liga

juvenil, sétimo e oitavo anos. A Briar tem um programa de apoio à comunidade em

que alunos atletas se voluntariam como treinadores ou assistentes técnicos de times

locais. A aluna do último ano que trabalha com o Hurricanes — ala esquerda do time

feminino da Briar — está com mononucleose, então a gente precisa substituí-la.

Jensen e eu achamos que você seria o candidato perfeito."

Tento esconder meu horror. Mas acho que não sou muito bem-sucedido, porque

O'Shea está sorrindo abertamente para mim agora.

“São dois treinos à tarde por semana, e os jogos são nas sextas-feiras, às seis. Já dei

uma olhada na sua grade de horários, e ela não interfere com a agenda do Hurricanes.

Então está tudo certo.” Ele inclina a cabeça. “A menos que você tenha uma objeção...”

Claro que tenho. Não quero passar três dias por semana treinando um monte de

garotos. É meu último ano de faculdade, cacete. Minha carga de estudo é enorme. E já

passo seis dias por semana treinando com meu próprio time e jogando meus próprios

jogos, o que não deixa muito tempo livre.

Mas, se eu me opuser, sem dúvida O’Shea vai tornar a minha vida um inferno.

Igualzinho nos tempos de colégio.

“Não, parece divertido”, me obrigo a dizer, contendo a tentação de lhe mostrar o

dedo médio.

Ele assente. “Olha só pra isso. Talvez você tenha *mesmo* mudado. O Dean Di

Laurentis que eu conheci só se preocupava com uma pessoa — ele próprio.”

O golpe dói mais do que deveria. Claro que sou um idiota de um egoísta às vezes,

mas não fiz nada de errado naquela época. Miranda e eu estávamos na mesma vibe...

até que, de repente, não estávamos mais.

Mas acho que não importa quem estava errado, né? Porque está mais do que claro

que Frank O'Shea nunca vai me perdoar pelo que aconteceu entre mim e a filha dele.

6

DEAN

A primeira coisa que faço assim que saio da arena é ligar para o meu irmão mais

velho. É domingo, então tento o celular dele primeiro, embora haja uma boa chance

de Nick estar no escritório. Ele trabalha muito, inclusive na maioria dos fins de

semana. Acho que está tentando impressionar nosso pai com sua dedicação ao direito,

e, cá entre nós, acho que tem dado certo.

No entanto, a voz animada que ouço do outro lado da linha não pertence a Nick.

“Dicky! Eba! Faz anos que não falo com você!”

Quando a gente era criança, o apelido não me incomodava, mas agora que viramos

adultos é mortificante. Por mim, desde que a minha irmãzinha aprendeu a

pronunciar *Dean*, nossos pais deveriam tê-la feito parar de me chamar de Dicky. Mas,

verdade seja dita, dar uma ordem a Summer é o mesmo que garantir que ela faça

exatamente o oposto. Minha irmã é uma teimosa mimada.

“Por que você tá atendendo o celular do Nick?”, pergunto, desconfiado.

“Porque vi seu nome e queria falar com você primeiro. Você não me liga mais.”

Posso até ver seu beicinho, o que me traz um sorriso aos lábios. “Você também não

me liga mais”, argumento.

Summer fica em silêncio por um segundo. Então solta um suspiro colossal. “Tem

razão. Não tenho ligado. Sou uma irmã terrível.”

“Relaxa, você provavelmente só tá tão ocupada quanto eu.” Sigo pelo caminho de

paralelepípedos em direção ao estacionamento.

“É, tenho andado ocupada”, concorda ela.

Ouço uma gargalhada alta do outro lado. “O que foi isso?”, pergunto.

“Nada. Só o Nicky sendo um idiota. Passou o fim de semana todo me

enlouquecendo. Ele sempre foi assim tão careta ou só depois que virou *advogado*?”

Ela fala “advogado” como se fosse um palavrão. E, para Summer, provavelmente é.

Desde os doze anos que minha irmã declarou que direito é “um porre” e, oito anos

depois, sua opinião continua a mesma. Ela só concordou em entrar para uma

universidade da Ivy League para acalmar nossos pais, mas, na última vez que nos

falamos, disse que cursaria design de interiores depois da formatura.

“Comparado a você, todo mundo é careta”, digo para minha irmã. “O que não quer

dizer que aprovo todas as loucuras que você faz.” Summer é dois anos mais nova que

eu, mas me deixa no chinelo quando se trata de curtir a vida, aproveitar o dia e por aí

vai. Estou surpreso que nossos pais não a tenham deserdado ainda. E então algo me

vem à cabeça. “O que você tá fazendo em Manhattan? Não deveria estar na

faculdade?”

“Fiquei com saudade do meu irmão mais velho.”

Seu tom é inocente demais para o meu gosto. “Mentira.”

“Verdade”, protesta Summer. “Queria ver Nicky. E quero ver você também, então

não se surpreenda se eu aparecer na sua porta em breve.” Ela faz uma pausa. “Na

verdade, estou pensando em pedir transferência para a Briar.”

Um alarme dispara dentro de mim. “Por quê? Pensei que você estivesse satisfeita na

Brown.”

“Eu tô. Mas... é... bem.” Summer suspira de novo. “Estou de sobreaviso.”

Paro no meio da passada. “O que você fez?”, exijo saber.

“Por que você acha que fiz alguma coisa?” Ela funga do outro lado da linha.

“Guarda essa ceninha de inocente para os nossos pais.” Deixo escapar um riso de

escárnio. “Não que ainda funcione. Agora conta o que aconteceu.”

“Vamos dizer apenas que houve um incidente na casa da irmandade. Envolvendo

togas.”

Engulo uma risada. “Você pode ser mais específica?”

“Não.”

Solto um gemido, exasperado. "Summer..."

"Quando a gente se encontrar eu conto", cantarola ela. "Nicky quer falar com você

agora."

"Summer..."

Mas ela já foi. Um segundo depois, ouço a voz grave do meu irmão. "Alô", diz ele.

"O que ela fez?", pergunto.

Nick dá uma gargalhada. "Não vou estragar a surpresa. Só o que posso dizer é que

foi a cara da Summer, sem tirar nem pôr."

Merda. Nem sei mais se ainda quero saber. "Nossos pais sabem?"

"Sabem. Não estão muito felizes, mas ela não foi expulsa nem nada disso. São só

dois meses de sobreaviso e vinte horas de serviço comunitário."

A última parte me distrai dos problemas de Summer. "Falando em serviço

comunitário..." E explico depressa a posição nova de O'Shea na Briar.

"Que droga", diz Nick assim que termino. "Ele falou da Miranda?"

"Não, mas é óbvio que ainda me culpa pelo que aconteceu." Uma amargura fecha

minha garganta. "Parte de mim tá tentada a descobrir por onde ela anda. Aí tento ver

se ela abre a cabeça e resolve conversar com o pai."

"Ela não deu a mínima para isso na época", observa Nick. "Por que faria isso

agora?"

Bom ponto. "Eu sei, mas..." Chego ao meu carro e aperto com força o botão na

chave para destravar a porta. Ainda estou irritado com a reaparição inesperada de

O'Shea na minha vida e só quero sumir da arena. "De qualquer forma", digo,

sombrio, "acho que tô delirando de imaginar que Miranda me ajudaria em qualquer

coisa. Sou o monstro que partiu o coração dela, né?"

"Quer um conselho? Mantenha a cabeça baixa. Vá aos treinos, faça o que O'Shea

mandar e não se envolva em problemas. Logo a primavera tá aí, você vai se formar e

nunca mais vai ter que ver aquele filho da mãe de novo."

"Tem razão", admito. "Não vale a pena se estressar com isso. Já estou quase saindo

daqui, né?"

“É. Mas, se ele te criar mais algum problema, me avise, hein? Vou dar um jeito de

colocar um processo judicial nas costas dele.”

Rio. “Você não é da área cível.”

“Por você, irmãozinho, abro uma exceção.”

Estou me sentindo muito melhor depois que desligamos. Meus amigos gostam de

zombar de mim por ser o garoto rico de Connecticut. Tenho certeza que acham que

meus pais são esnobes e que meus irmãos são mimados, mas, verdade seja dita,

minha família é o máximo.

Tanto meu pai como minha mãe são advogados importantes, mas são as pessoas

mais pé no chão que já conheci. Não me levem a mal, meus irmãos e eu

definitivamente tivemos uma infância lotada de vantagens. Tínhamos babá e

governanta. Estudamos em escolas particulares e ganhávamos uma mesada generosa.

Mas também ajudávamos nas tarefas domésticas e tínhamos que fazer o dever de casa

todo para ver um centavo que fosse dessa mesada. Se nossas notas caíssem, ficávamos

de castigo na mesma hora. E se fizéssemos um showzinho do tipo “Me dá o que eu tô

pedindo porque a gente tá nadando em dinheiro”, éramos devidamente punidos. Na

única vez que exigi dinheiro do meu pai, ele doou toda a minha poupança de

faculdade para uma instituição de caridade. E depois me colocou para trabalhar na

recepção da empresa dele o verão inteiro para ganhar o dinheiro de volta.

“O que o treinador queria?”, pergunta Garrett quando apareço na sala de casa,

quinze minutos depois.

“Me apresentar ao novo coordenador defensivo.” Eu me deixo cair na poltrona e

olho para a televisão. G. e Logan estão disputando uma partida de *Ice Pro*, e, pelo

placar na tela, Logan está levando uma surra.

“A gente tem um novo coordenador defensivo?” Na mesma hora Logan pausa o

jogo. “E por que você precisa de uma apresentação particular?”

Escolho minhas palavras com cuidado. “O nome dele é Frank O’Shea. E foi meu

treinador no ensino médio, então Jensen achou que talvez a gente quisesse botar o

papo em dia, antes de O'Shea ser apresentado oficialmente pro time."

Logan franze a testa. "Certo. Mas por que ele só chegou agora? A temporada já

começou. Parece estranho trazer um coordenador depois que já jogamos a primeira

partida."

"E que já perdemos a primeira partida", murmura Garrett.

"Foi só o primeiro jogo", insiste Logan. "A gente não tá tão mal a ponto de precisar

de um treinador novo para resolver as coisas. Parece desespero." Franzindo a testa, ele

se volta para mim de novo. "Como ele é? Gente fina?"

O próprio diabo. "É decente", minto. Em seguida, mudo de assunto: "Cadê o Tuck?"

"Não sei. Acho que não voltou pra casa ontem." Logan continua o jogo e volta sua

atenção para a tela.

Franzo a testa. Tucker também não passou a noite de sexta em casa. Será que está

saindo com alguém novo? Porque em geral ele não dorme fora duas noites seguidas.

Como meus colegas de república estão distraídos com o video game, subo até meu

quarto e me forço a retomar as leituras do curso que andam atrasadas. Passo o

restante do dia me alternando entre ler e cochilar, só desço para roubar algumas

fatias da pizza que Garrett e Logan pedem à noite. Não sei por que estou me sentindo

tão antissocial. Talvez ainda esteja irritado com a aparição de O'Shea na Briar. Ou

talvez seja porque todas as vezes que fechei os olhos hoje, imaginei a boca sexy de

Allie envolvendo meu pau. As curvas macias e bronzeadas me apertando. Os seios

enchendo minhas mãos.

Por que não consigo tirar essa menina da cabeça? Tá, o sexo foi fenomenal. Tá, ela é

atraente. Mas sexo fenomenal e garotas atraentes não são exatamente uma raridade na

minha vida.

Esquece isso, ordeno a meu pau, quando mais uma vez ele endurece só de pensar em

Allie.

Ele se contrai em resposta. Está me provocando.

"Droga", rosno. Pego meu celular na cama e busco o último registro de chamada de

ontem à noite.

Allie atende depois do quarto toque, a voz cheia de suspeita soando em meu

ouvido. "Oi. Tudo bem?"

Deixo escapar uma respiração irregular. "Quero transar com você de novo."

"Isso vai virar rotina agora? Você vai me ligar todas as noites pra dizer isso?"

"Talvez." Merda. Estou irritado, com tesão e tão confuso quanto ela. "Diz que sim,

gata. Só diz que sim para acabar com o meu sofrimento."

"Já falei, foi uma coisa de uma noite só. Não sou de fazer sexo casual. Foi divertido,

claro, mas... Merda, tenho que ir. Liga pra uma das suas marias-patins, tenho certeza

que elas vão cuidar de você, tá legal?"

Pela segunda vez em dois dias, Allie desliga na minha cara.

ALLIE

"Quem era?"

Pulo quase meio metro ao som da voz de Hannah. Desliguei a chamada assim que

ouvi os passos dela no corredor, mas não achei que minha amiga fosse aparecer na

porta do meu quarto tão depressa.

“Hmm, ninguém.” Brilhante resposta.

Ela arqueia uma das sobrancelhas escuras. “Ninguém?”

“Telemarketing”, corrijo. “Que é o mesmo que ninguém.”

Ela resmunga de irritação ao se aproximar da minha cama. “Como é que eles

arrumam o número dos nossos celulares? Quando assinei o contrato com a minha

operadora, o documento tinha uma seção inteira sobre como eles nunca, jamais

repassam o seu telefone para outras empresas. Bem, para mim isso é balela, porque

na real todo dia recebo ligação de companhias aéreas, lojas de roupa e um monte de

empresas me contando das vendas impressionantes deles e dizendo que ganhei algum

prêmio falso. Ai, meu Deus, e sabe qual foi a pior? Uma promoção idiota de um

cruzeiro que começava com um apito ensurdecedor de navio!
Horível!”

Hannah reclama por vários minutos, e fico grata por isso, porque significa que está

irritada demais para perceber que acabei de mentir. E está tão envolvida em sua

ladainha que nem percebe quando verifico discretamente a mensagem de texto que

aparece no meu celular.

Dean: *Vc precisa parar d desligar na minha cara.*

Eu: *Vc precisa parar c/ essas propostas indecentes. Sei q sou boa d cama, mas tá na hr d partir*

pra outra.

Ele: *Não consigo. Vai por mim, já tentei.*

Eu: *Tenta d novo.*

Ele: *Qual é, gata. Só mais 1 vez. Pensa em como vai ser bom...*

Claro que vai ser bom. Ele é um deus do sexo. Mas isso não muda o fato de que

não me sinto à vontade com sexo casual.

Eu: *Me esquece. Tô botando o papo em dia c/ Hannah.*

Ele: *Me escreve qd terminarem e eu passo no seu alojamento. Wellsy nem vai saber q tô aí.*

Fico surpresa ao sentir uma pontada entre as pernas. A ideia de Dean vindo aqui

para transar enquanto Hannah dorme no quarto ao lado sem saber de nada me

provoca um tesão inesperado.

Ignoro a reação não desejada e digito: *Boa noite, Dean.*

Então ergo o olhar para Hannah e pergunto: “Já terminamos de falar mal dos

operadores de telemarketing? Porque este roteiro não vai se ler sozinho, amiga”.

“Desculpa. É mais forte que eu — ouço a palavra ‘telemarketing’ e viro bicho.” Ela

senta de pernas cruzadas no meio da minha cama e pega o roteiro que lanço em sua

direção.

Continuo de pé. A cena de abertura requer que minha personagem caminhe, e

quero sentir como falar e andar de um lado para o outro vai afetar minha respiração.

Hannah folheia as páginas de abertura. “Certo. Quem sou eu? Jeannette ou

Caroline?”

“Caroline. Suas características principais são egoísmo e insensibilidade.”

Minha melhor amiga abre um sorriso imenso. “Então sou a megera? Legal.”

Para ser sincera, *eu* queria ser a megera. Minha personagem é uma jovem viúva que

perdeu o marido no Afeganistão, ou seja, o papel mais desgastante emocionalmente.

E, depois do término com Sean, meu reservatório emocional está muito perto do fim,

então tenho medo de não ser capaz de dar conta e fazer justiça ao roteiro.

Meu medo não é infundado. Cinco páginas depois, já estou exausta e peço uma

pausa rápida.

“Uau”, exclama Hannah, folheando as cenas seguintes. “Que peça intensa. A plateia

vai desidratar de tanto chorar.”

Desmorono ao seu lado e deito de costas. “*Eu* vou desidratar de tanto chorar.”

Literalmente, porque minha personagem chora cena sim, cena não.

Hannah se recosta nos cotovelos, e um silêncio confortável cai sobre nós. Gosto

disso, porque não é uma coisa que tenho com muitas pessoas. Mesmo com Megan e

Stella, que considero amigas próximas, uma de nós está sempre tentando preencher o

silêncio. Acho que é preciso um certo nível de confiança para ficar junto de alguém e

não sentir o desejo premente de tagarelar.

Meu pai me disse uma vez que a forma como uma pessoa responde ao silêncio

revela muito sobre ela. Sempre achei que ele estivesse viajando, porque meu pai tem

o hábito de inventar frases bonitas e insistir que elas carregam muita sabedoria,

quando metade do tempo sei que está só de palhaçada.

Mas, agora, acho que consigo ver a verdade das suas palavras. Quando penso nos

silêncios que compartilhei com meus outros amigos, percebo que são mesmo

incrivelmente reveladores.

Meg quebra o silêncio com piadas, fazendo o possível para preenchê-lo com risos.

Desde que a conheço, sempre recorreu ao humor quando o assunto ficava sério

demais para ela.

Stella enche você de perguntas sobre a sua vida. Desde que a conheço, ela foge de

falar da própria vida sempre que pode evitar. Acho que foi por isso que fiquei

surpresa quando ela começou a namorar Justin Kohl, o jogador de futebol por quem

Hannah tinha uma queda antes de se apaixonar por Garrett. Stella já admitiu

abertamente, mais de uma vez, que tem medo de intimidade.

A lembrança de Justin me leva de volta a Hannah. "Ei, Garrett já se desculpou com

você por ter se enganado a respeito de Justin?"

Ela franze a testa. "De onde veio isso?"

Sorrio. "Desculpa. Pensei em Stella, aí lembrei de como Garrett estava convencido

de que Justin tinha segundas intenções. Ele não insistiu que Justin era meio falso?"

"Pois é." Ela senta na cama, rindo. "A gente conversou sobre isso um tempo atrás.

Eu falei que era ciúme inconsciente."

"Rá. Aposto que ele *adorou* isso."

"Mas é a única coisa que explica. Justin é um dos caras mais legais que já conheci.

Mas Garrett insiste que só interpretou o cara mal."

"Bem, de qualquer forma, fico feliz que Justin tenha se revelado um cara gente boa.

Stella merece ser feliz." Ouço o tom de melancolia na minha voz e torço para que

Hannah não tenha notado.

Ela notou. "Você também merece ser feliz. Sabe disso, né?"

"Sei." Engulo o nó que surge em minha garganta.

Seus olhos verdes assumem um brilho hesitante. "Allie... Você se arrepende de ter

terminado com Sean?"

O carço aumenta, dificultando a respiração, principalmente quando me lembro da

agonia na voz de Sean quando me perguntou com quem dormi.

"Não", digo, por fim. "Sei que foi a decisão certa. Queríamos coisas completamente

diferentes pro nosso futuro e ninguém se dispôs a ceder, não sem um ficar ressentido

com o outro."

Hannah parece pensativa. "Você acha que tá pronta pra começar a namorar de

novo?"

Estremeço com um suspiro. "Não, nem perto." Mas na verdade eu adoraria uma

distração. Estou cansada de ficar triste. Cansada de me perguntar como Sean está e

lutando contra a vontade de ligar pra ele. Posso não querer voltar para ele, mas odeio

saber que machuquei alguém de quem gosto. Tenho esse hábito terrível de querer

deixar todo mundo feliz, mesmo que isso signifique sacrificar minha própria

felicidade. Meu pai insiste que é uma qualidade admirável, mas às vezes queria ser

mais egoísta.

E acho que fui egoísta na noite de sexta. Meu sexo casual com Dean foi puramente

uma questão de satisfazer meus próprios impulsos básicos, e, por mais culpada e

envergonhada que tenha me sentido depois, não posso negar que foi mais que

satisfatório.

Merda. Talvez Dean tenha razão. Talvez a gente *devesse* ficar de novo.

“Talvez eu esteja precisando de um casinho”, digo em voz alta, só para testar a ideia.

A resposta de Hannah é rápida e direta. “Você já tentou isso, lembra? Depois das

primeiras vezes que terminou com Sean. Você odiou.”

É verdade. Odiei. “Mas não cheguei nem a dormir com ninguém”, pondero. “Tudo

o que fiz foi ir a uns encontros medíocres e ficar com uns babacas. Talvez esse tenha

sido o meu erro... marcar *encontros*. Quem sabe desta vez eu não deva pegar um cara

bem gostoso e transar com ele por umas semanas até não aguentar mais. Só sexo, sem

expectativas.”

Ela solta um riso irônico. “Boa sorte com isso. Nós duas sabemos que você é

incapaz de beijar alguém sem pensar em namoro.”

Totalmente verdade.

E por que continuo a alimentar a ideia? Se é assim que Hannah reage à perspectiva

de eu ter um casinho, não consigo nem imaginar o que diria se eu admitisse que esse

cara pode ser *Dean*. Ele é um jogador típico. Além de não fazer o tipo namorado,

duvido que se comprometeria com alguma coisa, mesmo que fosse casual. Não

consigo imaginá-lo sendo fiel a mim, o que é absolutamente inegociável, porque de

jeito nenhum dormiria com alguém que também estivesse dormindo com outras.

Pois é... Preciso cortar essa ideia de Dean pela raiz. Não sei por que ele está tão

ansioso para ir para a cama comigo de novo, mas estou confiante de que vai acabar

superando isso. Ele tem o poder de concentração de uma ameoba e a efusividade de

um filhotinho, e dedica sua devoção sexual a qualquer uma que estiver com ele no

momento. E “uma”, na verdade, quer dizer “vagina”.

Recobro os sentidos e mudo de assunto. “Ei, o que você vai fazer no feriado de

Ação de Graças?”

“Garrett e eu vamos para a casa dos meus tios, na Filadélfia. Meus pais vão nos

encontrar lá.”

“Legal. Parece divertido.”

“Você vai para o Brooklyn, né?”

Faço que sim com a cabeça. Passo todos os feriados no Brooklyn, com meu pai.

Sempre fico ansiosa para encontrá-lo, mas este ano estou um pouco preocupada,

porque na última vez que nos falamos ele insistiu que queria fazer o jantar de Ação

de Graças.

Em geral, eu ficaria exultante com o anúncio, porque meu pai é o melhor

cozinheiro do planeta. Mas, desde que ele foi diagnosticado com esclerose múltipla,

há cinco anos, tenho feito o possível para me certificar de que ele não está se

esforçando demais. O único motivo que me fez recusar uma bolsa integral no

programa de teatro da UCLA foi porque ficaria longe demais dele.
Ele é um homem

teimoso e insiste que não precisa de ajuda, que pode se virar sozinho, mas não me

senti bem com a ideia de me mudar para a outra ponta do país logo quando seus

intervalos de remissão se tornaram mais raros e distantes entre si.

Agora estou ainda mais aliviada de ter ficado na Costa Leste, porque a condição do

meu pai piorou progressivamente no ano passado.

Como a maioria das pessoas que sofrem da doença, primeiro ele foi diagnosticado

com esclerose múltipla recidivante remitente, mas agora passou para o tipo

secundário-progressivo, o que significa que as recidivas são mais frequentes e mais

graves do que costumavam ser. Quando o visitei no verão, fiquei chocada com a

mudança. Do nada, estava com dificuldade para caminhar, e antes tinha só uma perda

ocasional de equilíbrio e uma dormência leve nos membros. Teve dois ataques de

vertigem enquanto eu estava lá e, quando o pressionei, admitiu que a dor estava

piorando e que às vezes tinha problema de visão.

Como me sinto diante de tudo isso? Apavorada. Já perdi minha mãe para o câncer

quando tinha treze anos. Meu pai é tudo o que me resta. Me recuso a perdê-lo

também, mesmo que isso signifique amarrá-lo à cadeira do apartamento no Brooklyn

e forçá-lo a ver futebol enquanto preparo o jantar.

“Certo, chega de descanso.” Mais uma vez, preciso de algo que me distraia dos meus

pensamentos sombrios. Gemendo, sento e abro o roteiro na parte em que paramos.

“Caroline está prestes a gritar com Jeannette mais uma vez.”

Hannah passa uma mecha do cabelo escuro por trás da orelha.

“Que fique bem

claro: se algum dia você perder o marido, nunca a chamaria de bebê chorona e falaria

para ‘virar a página.’” Sua expressão se torna mais grave. “Em outras palavras, pode

ficar borocoxô por causa do Sean o tempo que precisar. Prometo que não vou julgar

você por isso.”

A emoção empoça em minha garganta, mas consigo espremer uma palavrinha para

fora dela. “Obrigada.”

DEAN

Apesar de toda aquela baboseira de “o que passou, passou”, está na cara que meu

ex-treinador está determinado a tornar a minha vida um inferno. O primeiro treino

com o novo coordenador defensivo atrasou uma hora — mas só para os defensores.

Enquanto todos os outros iam para o vestiário para tomar banho, trocar de roupa e

voltar para casa, O’Shea obrigou a defesa inteira a ficar para mais umas séries, isso

depois de anunciar que somos os piores jogadores de hóquei que ele já viu.

Quando enfim nos dispensou, eu e meus colegas de time patinamos para fora do

gelo, xingando e reclamando o tempo todo. No vestiário agora vazio, tiramos o

equipamento, todos pingando de suor, a cabeça pegando fogo e o humor deplorável.

“Decente, é?”, pergunta Logan, cheio de sarcasmo, repetindo a descrição que fiz

ontem.

“Ele só estava mostrando que tem o pau maior que o nosso”, murmuro. “Deve ser

o jeito dele de impor respeito.”

Não, é o jeito dele de me punir por magoar sua filha, mas mantenho a informação

para mim mesmo. Não porque O’Shea me mandou não discutir a questão com meus

colegas de time, mas porque prefiro não ter que pensar na merda toda que aconteceu

com Miranda.

Ironicamente, minha relação com Miranda O’Shea não só afetou minha vida escolar

como também minha vida universitária. Ela é a razão pela qual hoje deixo bem claras

todas as minhas intenções — ou a ausência delas — antes de qualquer envolvimento.

Tudo bem que, na época, também achei que tinha deixado tudo às claras, mas é óbvio

que não fui tão explícito quanto deveria ter sido. Hoje em dia, faço questão de que as

mulheres saibam exatamente em que pé estamos antes que suas cabecinhas se

encham de fantasias sobre finais felizes.

“Vai fazer alguma coisa no jantar?”, pergunta Logan quando chegamos ao vestiário.

“Grace vai pegar comida chinesa na cidade e me encontrar lá em casa. Acho que vai

levar comida pra todo mundo.”

“Ah, valeu pelo convite, mas vou sair com Maxwell. Não sei que horas chego em

casa.”

A conversa termina assim que entramos em nossos respectivos boxes. Mal termino

de ensaboar o saco, e Logan já desliga o seu chuveiro. Nossa. O cara tomou banho

como se alguém tivesse apostado um milhão de dólares se ele era capaz de passar

sabão e se enxaguar em menos de trinta segundos.

“Até mais”, diz, passando uma toalha pela cintura.

Sei que está ansioso para ver Grace, e, por algum motivo, isso provoca uma

sensação estranha em meu peito. Não é bem ciúme. Nem ressentimento. Decepção,

talvez?

Eu sei. Meus melhores amigos estão apaixonados. Preferem ficar abraçadinhos e dar

beijinhos em suas mulheres do que sair com os meninos, e não fico chateado com

eles por isso, nem um pouco. A questão é que parece o começo do fim para nós.

Depois que meu irmão mais velho se formou em Harvard, perdeu contato com os

amigos de faculdade em poucos meses. Agora mal fala com os colegas de time que

achou que levaria para a vida toda. E, com os amigos da faculdade de direito, troca e-

mails no máximo uma vez por mês.

Entendo que amigos se afastam depois da faculdade. As pessoas se casam. Se

mudam. Fazem novos amigos e desenvolvem outros interesses. Mas odeio a ideia de

não ter Garrett ou Logan ou Tuck na minha vida. Também odeio a parte cínica do

meu cérebro que aponta para a inevitabilidade disso.

Ano que vem, vou para a faculdade de direito. Não vou ter tempo nem de dormir,

quanto mais de rever os amigos. Garrett provavelmente vai mudar de cidade e jogar

para algum time da Liga Nacional de Hóquei. Logan também, se der certo com o

Providence Bruins, a equipe de base que já declarou interesse em contratá-lo depois

da formatura. É só uma questão de tempo até ele ser chamado para um time

profissional e se afastar também. E quem sabe o que Tucker pretende fazer depois da

formatura? Até onde sei, pode voltar para o Texas.

Merda. Por que estou tão filósofo hoje? Talvez porque tem três dias que não faço

sexo. Infelizmente, isso é muito tempo para mim, e meu saco não gosta. Culpa da

Allie, claro.

“Dean!”

Uma voz familiar me chama assim que deixo a arena. Vejo Kelly se pavoneando na

minha direção, parecendo saída das páginas de um catálogo de roupas da Nova

Inglaterra. Um cachecol vermelho e grosso envolve seu pescoço, e ela está de botas de

couro marrom e um sobretudo cinza comprido. O cabelo louro está preso num coque

bagunçado, com longas mechas emoldurando o rosto.

Está gostosa pra cacete, mas, sinceramente, não penso nela nem em Michelle desde

que dormi com Allie. Ainda assim, não me sinto culpado de não ter ligado nem

mandado uma mensagem, e Kelly não me censura por isso ao me cumprimentar com

um abraço caloroso. Como disse, hoje em dia as mulheres sabem em que pé estou. E,

ironicamente, quando Kelly e Michelle se aproximaram de mim no Malone's, vieram

com o discurso do "sem compromisso" antes mesmo que eu abrisse a boca. Me

disseram na lata que só queriam o meu pau, e fiquei muito feliz em satisfazê-las.

"Como foi o fim de semana?", pergunta.

Dou de ombros. "Poderia ter sido melhor." Se um certo alguém não tivesse ficado

me dispensando.

"Ah, isso não é bom." Ela sorri. "Mas tenho algo pra te animar. Minha irmã tá na

cidade. contei pra ela de você, e ela ficou doida pra te conhecer. Vai ficar lá em casa,

comigo e com a Michelle..."

Nem tem como não pescar a indireta. "Ah. Bem..." Não sei como responder.

"Falei que somos gêmeas?"

Putá merda.

"Ah, e a Michelle tá lá em casa também..." Kelly pisca para mim. "As pessoas

sempre dizem que três é o número mágico, mas acho que quatro é melhor ainda.”

Espero meu pau reagir. Merda, *mando* ele reagir. Uma meia-bomba, uma coceirinha,

uma contração que seja. *Qualquer coisa*, droga. Mas nada acontece ao sul do Equador. É

como se meu equipamento tivesse parado de funcionar.

Vamos lá, Míni Dean, me ajuda, imploro, em silêncio. *Estamos falando de sexo a quatro*

aqui.

Continua mole. Ao que parece, Míni Dean não vai cooperar a menos que eu lhe dê

o que ele quer. E, infelizmente, o que ele quer não é Kelly, nem Michelle, nem a irmã

gêmea de Kelly.

É Allie Hayes.

“A ideia parece... genial. Sério. Mas tenho que passar. Combinei de sair com um

amigo hoje”, digo, triste.

“Alguém que eu conheço?”

“Hmm, talvez. Beau Maxwell. Ele é...”

“O quarterback do time de futebol americano”, completa ela. Um brilho sedutor

ilumina seus olhos. "Chama ele também. Cinco pode ser tão divertido quanto

quatro..."

Ai, caralho.

Quero ficar com tesão. Rezo para que aconteça. Mas Míni Dean não está nem aí.

Com a frustração formando um nó no meu intestino, murmuro uma desculpa,

peço para deixar para a próxima e disparo em direção ao meu carro, xingando meu

pau o tempo todo.

Chego ao Malone's vinte minutos depois. "Desculpa a demora", digo a Beau. "O

treino atrasou uma hora."

O quarterback titular da Briar encolhe os ombros imensos. "Relaxa. Acabei de

chegar." Para meu alívio, o copo de chope escuro na frente dele está quase intacto.

Tiro a jaqueta do time e jogo ao meu lado no banco, e uma garçonete morena

bonita se aproxima para anotar meu pedido.

"Então, o que você tem feito?", pergunta Beau, assim que ela se afasta. "Não vejo

você desde o final das provas."

“Eu sei, cara. Nossa rotina de treino tá brutal. Perdemos todos os amistosos da pré-

temporada, e o treinador Jensen tá tocando o terror.”

“Porra, sei como é. Deluca também tá tocando o terror”, admite ele, referindo-se ao

seu treinador. “A gente não tem a menor chance de chegar às finais. Que merda, não

sei nem se a gente chega a passar para a segunda fase do campeonato.” Nunca o vi tão

abatido, mas eu sequer posso contradizê-lo.

O time de futebol americano já está com três derrotas nas costas. Uma ou duas, e

talvez eles dessem a volta por cima. Mas três derrotas praticamente eliminam as

chances de classificação nesta temporada.

Os olhos azuis de Beau se escurecem à medida que ele dá um longo gole no chope

e vira quase metade do copo. Entendo sua frustração. Sei o que é ser um jogador

acima da média num time abaixo da média. Tudo bem que a temporada de hóquei

acabou de começar e que os jogos da pré-temporada não contam para classificação,

mas o nosso esquema ineficaz e os treinos desajeitados não prometem tempos bons.

Por outro lado, somos tricampeões nacionais, então, se a gente não chegar às finais

este ano, não vou perder meu tempo chorando na cama o dia inteiro. Talvez a gente

esteja destinado a uma temporada ruim. Pode ser o jeito de os deuses do hóquei nos

manterem humildes.

Mas a situação de Beau é diferente. A Briar o recrutou depois do colégio, e o cara

deixou todo mundo de boca aberta no primeiro ano. Os treinadores chegaram até a

colocar o quarterback do último ano no banco e escalaram Beau como titular. Ele

conseguiu uma campanha invicta para o time e os levou até a final. Eles perderam,

claro, mas chegar à final depois de um jejum de mais de uma década foi uma grande

conquista.

No ano seguinte, deu tudo errado. Quase todos os jogadores principais se formaram

ou foram convocados mais cedo para o *draft*, e Beau ficou com uma linha ofensiva

fraca e uma equipe de receptores ainda mais fraca. Desde então, o time só vem

acumulando derrotas, o que é muito desanimador, mais ainda porque Beau é um

baita de um quarterback. Infelizmente para ele, não tem as armas necessárias para

vencer ao seu dispor.

“Você podia ter pedido transferência no segundo ano”, lembro a ele. “A

Universidade do Estado da Louisiana praticamente chupou sua pica pra te convencer.”

Ele faz uma cara feia. “Tá, e abandonar meu time? Que tipo de babaca faz isso?”

Minha vontade é responder *O tipo de babaca que quer jogar para a Liga Nacional de*

Futebol Americano, mas dispenso o comentário. Graças ao desempenho recente do time

de futebol, as chances de Beau de pegar uma posição boa no *draft* — ou de sequer

entrar para ele — são bem pequenas. Mas acho que sua lealdade à Briar é admirável.

O que definitivamente diz muito sobre seu caráter.

“Vamos mudar de assunto”, exige Beau. “Agora, antes que eu comece a chorar na

minha breja.”

Como se tivesse recebido uma deixa, a garçonete volta, trazendo a minha cerveja,

uma Coors Light. Pedi uma long neck em vez de chope, e ela faz uma cena para abrir

a tampinha e me passar a garrafa, curvando-se o bastante para eu ter uma visão

perfeita do seu decote.

“Me avisem se precisarem de mais alguma coisa”, murmura ela.

“Estou a um grito

de distância.”

Ela se vira, e nós dois secamos sua bunda. Nem fico constrangido, porque,

rebolando desse jeito, ela está praticamente convidando nossos olhares elogiosos. A

saia preta curta me faz lembrar de outra bunda gostosa que vi este fim de semana.

Uma que Beau, apesar das minhas mais veementes advertências, conhece muito bem.

“Vi Sabrina aqui na sexta-feira”, digo a ele.

Ele afasta o olhar da garçonete. “Ah, é?”

Faço que sim. “Ainda está saindo com ela?” E por “saindo” quero dizer fazendo

sexo sem compromisso, porque Beau e eu somos almas gêmeas. Ele também não topa

relacionamentos.

“Nada. Morreu”, confessa ele. “É ocupada demais.”

“Ocupada com o quê?” Até onde sei, Sabrina nem trabalha.

“Não tenho ideia. Mora em Boston, então acho que a viagem de casa para a

faculdade atrapalha. Mas chegamos a um ponto em que ela só vinha me ver uma,

duas vezes por mês. E aí desaparecia nos fins de semana. Simplesmente... *puf*, sumia

totalmente.” Ele dá de ombros. “No começo achei que era jogo duro, mas agora não

duvido nada que leve uma vida dupla.” Ele faz uma pausa. “Você acha que ela

trabalha para a CIA?”

Avalio a hipótese. “Sem consciência, sem coração... é, faz sentido.”

Ele solta uma risada. “Ah, vai à merda. A garota é difícil de interpretar, mas é

legal.”

“Se por legal você quer dizer ‘megera reclamona’, então tudo bem.” É a minha vez

de mudar de assunto. “Ei, falei com o Justin na semana passada, e ele disse que tem

um calouro no ataque que pode dar em alguma coisa.”

Beau concorda. “Johnson. É rápido, mas ainda tem problema no domínio de bola.”

Voltamos a conversar sobre nossos respectivos times por mais dez minutos. Posso

ser do hóquei, enquanto Beau é o sr. Futebol Americano, mas somos fãs do esporte

um do outro, então o papo flui sem problemas. Depois de uma segunda rodada de

cerveja, o assunto retorna para as mulheres, quando comento com Beau, abatido,

sobre o convite que Kelly me fez na arena.

“Que porra é essa, cara? Você recusou uma *orgia*? Uma orgia para a qual fui

convidado?” Ele balança a cabeça para mim. “Tá doente ou alguma coisa assim?”

Corro os dedos pelo gargalo da garrafa. “Nada. Só não estava no clima.”

“Você não estava no clima de uma orgia... com gêmeas.” A descrença permeia seu

tom. “Quem é você e o que você fez com o Dean?”

Solto um gemido. “Não sei. Tô na merda, cara. Peguei uma mulher na outra noite

que agora não consigo tirar da cabeça.”

“Tá de brincadeira?”

“Não. A mais pura verdade.”

Beau continua a me encarar boquiaberto.

“Você acha que *gosto* disso?”, pergunto, na defensiva. “Vai por mim, não preciso

dessa dor de cabeça na vida.” Dou um gole na cerveja. “Ei. Sabe *Crepúsculo*?”

Ele pisca. “Como é que é?”

“*Crepúsculo*. O livro de vampiros.”

Ele avalia meu rosto com olhos desconfiados. “O que é que tem?”

“Tá, então você sabe que o sangue da Bella é especial, né? Deixa o Edward cheio de

tesão quando tá perto dela?”

“Você tá de sacanagem com a minha cara?”

Ignoro. “Você acha que isso acontece na vida real? Feromônios e tal. Acha que é só

uma teoria que algum depravado inventou para justificar a atração pela mãe ou

alguma coisa assim? Ou será que tem mesmo uma razão biológica para sermos

atraídos por certas pessoas? Tipo no *Crepúsculo*. Edward quer a mina num nível

biológico, né?”

“Você tá analisando *Crepúsculo*?”

Porra, estou. Foi a isso que Allie me reduziu. Um fracassado triste e patético que

vai para o bar e obriga o amigo a participar de um clube do livro sobre *Crepúsculo*.

“Não sei se devo te zoar ou te mandar pra um psiquiatra”, pondera Beau, solene.

“Não conheço nenhum homem que tenha lido esse livro.”

“Não li. Minha irmã ficou obcecada pela série quando saiu. Ficava me seguindo

pela casa e contando uns trechos contra a minha vontade.”

“Aham. Claro. A culpa é da sua irmã.” Beau ri e fica sério novamente. “O.k., então

você tá com tesão por essa garota. Por que não pega ela de novo?”

“Porque ela não quer”, respondo, com os dentes cerrados.

“Impossível. Todo mundo quer ficar com você.”

“Pois é!” Levo a garrafa aos lábios. “Então, o que eu faço?”

Beau encolhe os ombros. “Esquece. Parte pra outra.”

Só percebi a referência a *Quanto mais idiota melhor* porque Tucker e eu vimos o filme

literalmente na semana passada, quando passou na TV. “Boa.” Sorrio para ele e

acrescento: “Não tenho nem *uma* arma, quanto mais as muitas armas que ia precisar

para encher uma estante inteira”.

E nós dois recitamos a próxima fala: "O que eu vou fazer... com uma estante de armas?".

Como somos dois idiotas, desatamos a rir e a comemorar a piada, até que Beau

aborda o tema em questão. "Mas falando sério." Ele gesticula para o bar à nossa volta.

"Este lugar tá cheio de mulher que daria tudo pra ir pra casa com você. É só escolher

uma e transar até tirar essa outra da cabeça."

"Meu pau não deixa", murmuro.

Beau solta um risinho. "Como é que é?"

"Ele não tá contribuindo", explico, irritado. "Tentei me masturbar com um pornô

ontem, e, juro por Deus, o troço não levantou. Aí foi só pensar na All... nessa

menina", me corrijo, porque prometi a Allie não contar a ninguém sobre nossa noite

juntos, "... e *bum*", estalo os dedos, "duro como pedra."

Beau me encara, pensativo. "Sabe o que eu acho? Isso não é um lance de sangue

mágico da Bella, não."

"Não?"

“Não. Acho que você sofreu uma `chave de boceta’.”

Ouço uma tosse contida atrás de mim e viro bem a tempo de ver a garçonete

passando pela nossa mesa. Suas bochechas estão vermelhas, os lábios se contraindo

como se estivesse contendo uma gargalhada.

Volto a olhar para Beau. “Como assim?”

“É o seguinte: você tá passando por um dilema igual ao Jacob. Você sofreu uma

chave de boceta dessa mulher, e agora só pensa nela. Você existe única e

exclusivamente por *essa* boceta. Que nem o Jacob e aquela bebê mutante esquisita.”

“Seu babaca. Certeza que você leu esses livros.”

“Cala a boca”, protesta Beau. E me lança um sorriso tímido. “Vi os filmes.”

Decido guardar a provocação para depois, porque tenho assuntos mais urgentes

com que me preocupar. “Então, qual é a cura, dr. Maxwell? Sair transando a torto e a

direito e torcer para a chave de boceta perder o efeito? Ou continuar jogando charme

e torcer para ela mudar de ideia?”

Meu amigo bufa alto. "Como é que vou saber?" Ele levanta o copo de cerveja. "Tô

bêbado, cara. Ninguém deveria me ouvir quando tô bêbado." Ele vira o copo e pede

outro chope para a garçonete. "Pra falar a verdade, ninguém deveria me ouvir quando

tô *sóbrio*."

8

DEAN

O segundo jogo da temporada é um desastre absoluto. Não. Melhor dizendo, é um

banho de sangue.

Seguimos em fila até o vestiário no mais absoluto silêncio, a humilhação da derrota

nos seguindo feito uma nuvem negra. Foi o mesmo que baixar as calças, mostrar a

bunda e pedir uma surra. Demos o jogo de bandeja para o outro time. Não, demos

uma *goleada* de bandeja.

Tiro a camisa, repetindo mentalmente cada segundo do jogo. Os erros que

cometemos esta noite estão todos gravados na minha mente. Perder é uma merda.

Perder em casa é pior ainda.

Droga, vai ter muito torcedor chateado no Malone's hoje. Não estou ansioso para

ver ninguém, e sei que meus colegas de time estão no mesmo clima. Nenhum deles

mais do que Hunter, que arranca o uniforme às pressas, como se estivesse coberto de

formigas assassinas.

"Você fez bons disparos ao gol hoje", digo a ele, e é verdade. Perdemos de zero, mas

não foi por falta de tentativa. Jogamos duro. Só que o outro time jogou mais forte.

"Teria sido melhor se um deles tivesse entrado", resmunga ele.

Abafo um suspiro. "O goleiro estava uma muralha hoje. Nem o G. conseguiu

dobrar o cara."

Nesse momento, Garrett se aproxima do armário e é rápido em tranquilizar o

calouro de cara amarrada. "Não esquenta. Ainda falta muito hóquei para jogar nesta

temporada. Vamos recuperar."

"É. Claro." Hunter não está convencido. Mas o nosso momento motivacional não

dura muito, porque o treinador Jensen entra no vestiário a passos largos, seguido por

Frank O'Shea.

O treinador não perde tempo em oferecer um dos seus breves discursos pós-jogo.

Como de costume, é como se tivesse uma lista de itens a cumprir.

“Perdemos. É uma merda. Não deixem isso afetar vocês. Só significa que temos que

trabalhar mais nos treinos e jogar com mais garra na próxima partida.” Ele acena para

todos e vai embora.

Eu poderia até imaginar que está com raiva da gente, não fosse pelo fato de que

seus discursos depois de uma vitória seguem praticamente a mesma linha: *Ganhamos.*

É muito bom. Não deixem isso afetar vocês. Vamos continuar trabalhando pesado nos treinos e

ganhar mais partidas. Se algum dos calouros estava esperando que ele fizesse discursos

motivacionais épicos no estilo Kurt Russell em *Desafio no gelo*, vai ficar muito

decepcionado.

O'Shea permanece no vestiário. Meus ombros se tensionam instintivamente quando

o homem se arrasta na minha direção, mas ele me surpreende ao dizer: “Boa

cobertura na zona defensiva hoje. Você foi uma parede no segundo período”.

“Obrigado.” Ainda estou desconfiado com o elogio inesperado, mas ele já seguiu em

frente e foi elogiar Logan por ter controlado bem a desvantagem numérica do terceiro

período.

Jogo meu equipamento numa das enormes caixas de lavanderia, então sigo para os

chuveiros para expurgar o fedor de derrota do corpo. Odeio perder, mas não me

permito chafurdar na questão por mais que dez minutos. Meu pai me ensinou o

truque quando eu tinha oito anos, depois de uma derrota particularmente

desmoralizante numa partida de lacrosse.

“Você tem dez minutos”, avisou ele. “Dez minutos para pensar no que fez de errado

e em como está se sentindo agora. Pronto?”

Com um relógio na mão, ele apertou um botão e me cronometrou, e, por dez

minutos, meditei e fiquei emburrado, remoendo a humilhação. Lembrei dos erros

que cometi em campo e os corriji na minha cabeça. Me imaginei socando cada um

dos jogadores adversários na boca. E aí meu pai me disse que meu tempo tinha

acabado.

“Pronto. Acabou”, anunciou ele. “Agora você vai olhar para a frente e descobrir

como pode melhorar.”

Cara, amo meu pai.

Ao sair do chuveiro, a amargura da derrota já havia sumido, escondida num

arquivo interno, numa pasta chamada “Coisas ruins”.

Acho que Garrett usa a mesma técnica, porque está praticamente saltitante quando

nos encontramos com Hannah no estacionamento. Ele a puxa para os seus braços e

lhe dá um beijo na boca. “Oi, gata.”

“Oi.” Ela se aconchega junto a ele. “Tá ficando tão frio! Aposto que pode começar a

nevar a qualquer momento.”

Ela não falou nenhuma mentira. Está um gelo aqui fora, e cada respiração nossa sai

numa nuvem branca.

“Vamos pro bar ou pra casa?”, pergunta Logan, se aproximando dos nossos carros.

“Bar”, anuncia Garrett. “Não tô no clima de convidar ninguém lá pra casa hoje. O

que vocês acham?”

Depois de um jogo, a gente vai ou para o Malone’s ou chama os outros jogadores e

os amigos lá para casa, mas é óbvio que ninguém está na vibe de uma festa hoje.

“Bar”, repete Logan, e concordo com a cabeça.

“Vamos esperar o Tucker?” Dou uma olhada ao redor, mas não vejo nosso colega

de república em lugar nenhum. “E a Grace?”

“Tuck já saiu com Fitzy”, responde Logan. “E a Grace não vem hoje. Tá trabalhando

na rádio.”

Fingindo indiferença, olho para Hannah. “E a sua cara-metade?”

“Tô bem aqui”, responde Garrett, presunçoso.

“Quero dizer a outra cara-metade.” Sorrio para Hannah. “A loirinha dramática que

tá sempre com você.”

“Não quis sair hoje. Tá ocupada demais sofrendo.”

“Sofrendo com o quê?” Mas já sei a resposta. O ex-namorado, claro.

Hannah confirma meus pensamentos. “Sean. Ele ligou pra ela hoje de manhã, e não

sei o que disse, mas ela ficou muito quieta depois e tá toda chorosa desde então. Eu

teria ficado em casa hoje, mas não quis perder o jogo.”

Garrett se inclina para beijar sua bochecha avermelhada pelo frio. “Que bom que

você veio. Agradecemos a torcida, amor.”

“Tô tão chateada que vocês perderam”, comenta ela, mas estou mais preocupado

com a ideia de Allie sozinha no alojamento, deprimida. No mínimo está entupindo os

ovários com sorvete e ouvindo Mumford & Sons.

“Tem certeza que você não deveria ir pra casa fazer tranças no cabelo dela ou algo

assim?”, pergunto a Hannah. “É isso que as garotas fazem pra dar apoio moral, não

é?”

“É, Dean. É exatamente isso. Penteamos o cabelo uma da outra, e depois fazemos

uma guerra de travesseiro peladas e terminamos com treino de beijo.”

“Posso participar?”, Logan e eu deixamos escapar em uníssono.

“Vai sonhando. E não, não vou pra casa agora. Mandeí uma mensagem pra Allie no

terceiro período, e ela insistiu que tá tudo bem. Fez umas margaritas e tá vendo uma

série horrível. Sério, horrível *mesmo*. Não voltaria pra lá agora nem por um decreto.”

“Que série?”, pergunta Garrett, curioso.

“A pior coisa que já aconteceu na história da televisão”, é tudo o que ela diz, e

todos riem.

Logan dá um tapa no capô da minha BMW. “Vamos?”

Hesito. “Na verdade, você se incomoda de ir com o G. e a Wellsy? Preciso fazer

umas coisas primeiro. Encontro vocês lá.”

“Claro”, responde ele, sem titubear. Então se afasta do meu carro e segue na direção

do Jeep de Garrett.

Me ajeito atrás do volante e ligo o motor, mas espero até o Jeep desaparecer do

estacionamento antes de tirar o carro da vaga. Só tenho uma coisa a fazer, e não quero

que nenhum dos meus amigos saibam do que se trata.

ALLIE

Quando ouço a batida na porta, meu primeiro pensamento é que é o Sean. Então

torço para que não seja, porque depois da conversa bizarra e perturbadora que

tivemos hoje de manhã não estou pronta para vê-lo.

“Eu te perdoo.”

Ele jogou as três palavras para cima de mim no instante em que atendi o telefone.

E eu tive que me conter para não cuspir algo desagradável em resposta, porque o

perdão implica que cometi um erro ao dormir com outra pessoa, o que não foi o

caso. Não o traí. Não menti para ele. Claro que não me orgulho de ter transado com

Dean logo depois de terminar com Sean, mas não sou a primeira garota a tentar

esquecer um relacionamento dormindo com outro, e sem dúvida não vou ser a

última.

Ainda assim, apesar do ressentimento que o “perdão” provocou em mim, lá no

fundo me deixou aliviada. Estou me sentindo superculpada pela noite com Dean,

então talvez a absolvição seja exatamente o que eu procurava quando confessei meu

pecado a Sean no outro dia.

O que não significa que eu esteja pronta para vê-lo cara a cara. Ele perguntou se a

gente podia se encontrar para um café, alegando que tinha mais a dizer, mas que não

queria fazer isso pelo telefone. Falei que ia pensar no assunto. Agora, depois da

segunda batida na porta, espero mesmo que ele não tenha decidido forçar a barra.

Eu me preparo para um confronto e abro a porta. Mas não é Sean. É Dean.

“E aí, gata?” Ele me oferece um sorriso e abre caminho para dentro da sala. “A

Wellsy disse que você estava de mau humor, então resolvi dar uma passada aqui e

colocar um sorriso nesse rostinho.”

“Não tô de mau humor”, resmungo.

“Melhor ainda. Me poupa o trabalho.” Ele abre a jaqueta e joga no braço do sofá.

Então tira a camiseta, o que o deixa com nada além da calça jeans desbotada.

Olho para ele, incrédula. “Você tem mesmo que tirar a camiseta?”

“Tenho. Não gosto de camisetas.”

Ele não gosta de camisetas.

Esse cara... droga, não sei o que pensar.

Ele se vira para o sofá, e o movimento da bunda musculosa na calça justa me faz

lembrar de como era forte quando a apertei. Em seguida, ele se acomoda nas

almofadas, o que faz com que o jeans estique na parte da frente, e agora estou

lembrando do jeito como minha boca salivou quando o pau de Dean estava dentro

dela.

"Isso, gata. Chupa com vontade."

A ordem rouca ecoou na minha mente. Meus lábios começam a formigar, porque,

nossa, eu chupei *mesmo*. Como se fosse um pirulito, um sorvete de casquinha e todas

as outras gostosuras imagináveis, todas num só pau duro.

Merda, acho que posso estar corando, o que confirmo no instante em que Dean

pisca para mim. Será que sabe que estou pensando em fazer um boquete nele?

Onde estou com a cabeça? Claro que ele sabe. Um cara como Dean provavelmente

acha que todo mundo está o tempo inteiro pensando em fazer um boquete nele.

Ele estende um braço ao longo do encosto do sofá e me chama com o outro. "E aí,

não vai sentar?”

“Estou bem em pé, obrigada.”

“Ah, sério? Eu não mordo.”

“Morde sim.”

Seus olhos verdes se iluminam. “Tem razão. Mordo sim.”

Ele parece confortável demais no meu sofá. Um Adônis louro com o peito

bronzado, os músculos esculpidos e o rosto perfeitamente desenhado. Se esse

negócio de hóquei não der certo, ele deveria considerar a carreira de modelo. Dean Di

Laurentis exala sexualidade. Esse rosto numa marca de laxante faria todas as

mulheres do mundo rezarem por uma constipação só para terem uma desculpa para

comprar o remédio.

“Sério, Allie-Cat, senta logo. Assim parece que eu não sou bem-vindo.”

“Você *não é* bem-vindo”, exclamo. “Eu estava tendo uma noite perfeitamente

agradável até você aparecer.”

Ele parece magoado, mas não sei se é genuíno ou se está fazendo cena. Suspeito que

seja o segundo caso. "Você não gosta mesmo de mim, né?"

Sinto uma pontada de culpa. Droga. Talvez *seja* genuíno. "Não é isso. Gosto de você.

Mas não estava brincando quando disse que não gosto de sexo casual, tá legal? Toda

vez que penso no que a gente fez no fim de semana, me sinto..."

"Com tesão?", sugere ele.

É. "Uma piranha."

Não esperava a irritação que vejo em seus olhos. "Quer um conselho, gata? Apaga

essa palavra do seu vocabulário."

De repente, me sinto culpada de novo, mas não sei por quê. Com muita relutância,

sento ao seu lado no sofá, mantendo uma distância entre nós.

"Falando sério", continua ele. "Para com essa história de ficar se culpando por

causa do sexo. E foda-se a palavra 'piranha'. As pessoas têm o direito de transar

quando bem entenderem, com quem elas quiserem e com quantas pessoas tiverem

vontade. Ninguém tem que carregar na testa essa merda de rótulo de piranha."

Ele tem razão, mas... "O rótulo tá aí, quer a gente queira, quer não", argumento.

“Sim, e foi criado por uma gente careta, que gosta de falar mal dos outros e fica se

remoendo de inveja por dentro porque não transa com ninguém.”
Dean balança a

cabeça. “Você precisa parar de achar que tem alguma coisa de errado no que a gente

fez. A gente se divertiu. Fizemos sexo seguro. Ninguém se machucou. O que você ou

qualquer pessoa faz dentro de quatro paredes não é da conta de ninguém, entendeu?”

Curiosamente, suas palavras suavizam um pouco da vergonha entalada dentro de

mim desde sexta-feira. Mas não por completo. “Contei para o Sean”, confesso.

Dean faz uma careta.

“Não de você”, acrescento, às pressas. “Só falei que dormi com outra pessoa.”

“Por que você fez isso?”

“Não sei.” Solto um gemido. “Achei que devia a ele dizer a verdade, o que é uma

maluquice, né? Quer dizer, a gente não tá mais junto.” Outro gemido desliza para fora

da minha boca, desta vez, mais angustiado do que o primeiro. “Mas passamos tanto

tempo juntos. Tô tão acostumada a contar tudo pra ele.”

Dean acaricia distraidamente a almofada atrás da minha cabeça. O movimento me

chama a atenção para o seu bíceps, o flexionar delicioso de músculos tonalizados por

anos de atividade física. "Fala a verdade", diz, por fim. "Você quer voltar com ele?"

Nego com a cabeça em um gesto lento.

"Tem certeza disso?"

"Tenho." Penso nas brigas infinitas que tivemos desde o verão e me sinto ainda

mais segura da decisão de acabar com tudo. Todos os comentários maldosos que ele

jogou na minha cara... a forma como zombou dos meus sonhos... os ultimatoss sobre

o futuro...

Sean pode ter me perdoado pelo que fiz depois da nossa separação, mas, para falar a

verdade, não tenho certeza se o perdoei pelo que ele fez *antes* dela.

"A gente não era mais bom um para o outro." Engulo a dor na garganta. "Se fosse

possível ficar na faculdade para sempre, então sim, Sean e eu provavelmente

estariamos juntos. Mas tá na hora de crescer, e queremos coisas completamente

diferentes para o futuro. Ou pelo menos é o que acho. Essa separação tá dando um nó

na minha cabeça. Nem sei mais o que pensar.”

“Esse é o seu problema. Você pensa demais.”

Não consigo conter o riso. “Puxa, esse é o seu conselho? Parar de pensar?”

“Parar de se obcecar.” Dean dá de ombros. “Você terminou com o cara por um

motivo — um motivo muito bom, se quer saber a minha opinião —, e agora tem que

seguir em frente com essa decisão. Parar de falar com o sujeito e de duvidar de si

mesma.”

“Tem razão”, digo, a contragosto.

“Claro que tenho. Eu sempre tenho razão.” Com um sorriso arrogante, ele se

aproxima e descansa a mão no meu joelho. “Certo, o plano pra hoje é o seguinte:

primeiro, a gente dá umazinha, para diminuir a tensão. Depois, pede uma pizza e

recupera as energias, e aí começamos a segunda rodada. O que você acha?”

A exasperação cresce dentro de mim. Toda vez que acho que Dean é mais do que

um pervertido obcecado por sexo, ele vai e prova que estou errada.
Ou melhor, prova

que estou *certa*.

“Já pensou em falar com um psiquiatra sobre esses delírios?”,
pergunto, com

educação. “Porque, cá entre nós, gatinho, não tem a menor chance
de a gente transar

hoje.”

“Certo. E que tal se a gente só fizesse um pouco de oral?”

“Que tal se você fosse embora?”

“Contraproposta: eu fico, e a gente dá uns amassos.”

Nossa, o cara é incorrigível. “Contraproposta: você fica, mas não
tem permissão pra

falar.”

Ele rebate com: “Eu fico, você me deixa falar, mas não dou em cima
de você”.

Penso por um instante. “Você fica, não dá em cima de mim e ainda
tem que assistir

à minha série sem reclamar.”

Um largo sorriso se abre, ocupando todo o seu rosto. “Aceito os
seus termos,

senhora.”

ALLIE

“Então, que série é essa?” O sr. Não-Gosto-de-Camiseta olha para a televisão. A

imagem está pausada nos créditos de abertura do episódio que eu estava prestes a

assistir antes de Dean aparecer.

“*Solange*”, respondo.

Ele franze o nariz. “O que é *Solange*?”

“É uma série francesa que tô vendo para aprender a língua.”

Dean solta uma risada. “Você sabe que a faculdade tem um departamento de

francês, né? Com aulas a que você pode assistir?”

“É, onde tudo o que eles ensinam é conjugar verbos, pedir informações e perguntar

onde fica o banheiro. Meu lance é a imersão. Ouvir as pessoas falando francês vai me

fazer aprender muito mais rápido.”

Ele levanta as sobrancelhas. “E tá dando certo?”

“Não muito...” Ele ri de novo. “Mas ainda tô na primeira temporada”, protesto.

“Tenho certeza de que, com o tempo, vou ser fluente.”

Dean olha para a tela e, em seguida, volta-se para mim. Sei que está se perguntando

se cometeu um erro terrível ao aparecer aqui hoje. Mas ele me surpreende, dizendo:

“Beleza. Sobre o que é a história? Me atualiza aí sobre o que já aconteceu”.

“Jura que você tá falando sério?”

“Pela minha mãe mortinha.”

“Não brinca.”

Sorrio para ele, porque é a primeira vez que alguém se oferece para assistir a essa

série comigo. Minhas amigas se recusam. Verdade seja dita, Hannah aguentou o

piloto até o final. Depois me disse que preferia ter os olhos bicados por corvos a

assistir ao episódio seguinte. Pra falar a verdade, não a culpo. A série é bem ruim. Eu

sei. Mas o que começou como um exercício de idioma terminou me deixando

viciada. É tipo crack para mim agora.

“Certo, essa é a Solange.” Aperto play, e uma ruiva deslumbrante de peitos imensos

e cintura fina aparece na tela.

“Ah”, comenta ele. “A protagonista. Belos peitos.”

Suspiro. “Enfim, Solange namora Sebastian...”

“Sebastian? É meu nome do meio.” Ele faz uma pausa. “Quer dizer, um deles”, se

corrige.

Franzo a testa. “Quantos nomes do meio você tem?”

“Dois. Meu nome completo é Dean Sebastian Kendrick Heyward-Di Laurentis.”

Balanço a cabeça, estupefata. “Qual o problema dos seus pais? Pra que tanto nome?”

Eles *queriam* que você fosse zoadado na escola?”

Isso o faz rir. “Vai por mim, comparado com alguns dos outros alunos, isso não é

nada. Um cara que jogava lacrosse comigo tinha seis nomes do meio.”

“Então é coisa de gente rica? Acumular o máximo de sílabas desnecessárias na

certidão de nascimento do filho?”

“Não, em geral é pra homenagear os avós ou algum outro parente rico.” Ele dá de

ombros. “Sebastian é o meu avô por parte de pai, Kendrick é por parte de mãe.”

Acho que faz sentido. Mas, nossa, o nome completo dele é praticamente um

testamento.

Algo chama a minha atenção, e aponto depressa para a tela. "Tá vendo aquele cara

ali, no canto? De bigode? Aquele é o Antoine. Está seguindo a Solange."

Dean inspira o ar de forma exagerada. "A trama vai se formando!"

Mostro o dedo do meio para ele. "*Mas*, no último episódio, descobrimos por que

ele tá fazendo isso, e não é para um rala e rola."

“Rala e rola?”

“É, transar com ela.”

“Claro.” Seus lábios se contorcem, como se estivesse tentando conter o riso. “Então

por que ele tá dando uma de psicopata?”

“Porque a mãe dela tá *pagando* para ele fazer isso.” Abaixo o tom de voz, como se

Solange pudesse me ouvir, e logo me sinto uma idiota. “Ah, e escuta só. No último

episódio teve uma grande reviravolta. A colega da Solange na agência de modelos

— essa aí.” Na tela, uma loura maravilhosa entra no restaurante e caminha até a mesa

de Solange. “É a mãe dela”, informo a Dean. “A mãe da Solange tá fingindo ser colega

de trabalho dela!”

Ele franze a testa. “Como pode? Elas têm a mesma idade.”

“Não”, digo, radiante. “É aí que entra a empresa de cosméticos.”

Dean parece completamente perdido. “Que empresa de cosméticos?”

“Beauté Éternelle. Eu pesquisei, significa ‘beleza eterna’. É uma empresa da família

da Solange. Ah, e o pai e o tio dela são cirurgiões plásticos renomados. Enfim,

Solange acha que a mãe fugiu quando ela era criança. Bem, ela *até* fugiu. Mas, depois

que o pai morreu, Marie-Thérèse voltou para a Riviera Francesa e chantageou o tio a

fazer uma plástica nela, então agora ela tá completamente diferente. Solange não tem

nem ideia de que passou os últimos seis meses trabalhando com a mãe.”

“Allie.” Dean aproxima o rosto do meu e me fita com um olhar estranhamente

sombrio. “Essa série é ridícula.”

“Eu sei”, digo, timidamente. “Mas é viciante. Vai por mim, um episódio dessa

porcaria e você vai ficar viciado.”

“Desculpa, gata, mas posso assegurar com toda a certeza que isso não vai

acontecer.”

DEAN

Aconteceu.

Alguém me ajuda. Fiquei viciado naquele negócio.

Vim aqui hoje com o único propósito de conquistar Allie e convencê-la a dormir

comigo de novo. Em vez disso, estou tomando margarita, já assisti a duas horas da

série francesa e agora estou escrevendo para Logan para avisar que não vou ao

Malone's. Porque... socorro... Quero saber o que vai acontecer.

Marie-Thérèse e Antoine se pegaram no último episódio, que terminou com uma

Marie-Thérèse enlouquecida, ameaçando Antoine com um abridor de cartas junto do

pescoço dele — quando não havia nenhuma indicação anterior de que houvesse

alguma divergência entre os dois. Ou, vai saber, talvez houvesse, e a gente

simplesmente não pescou, porque *não fala uma palavra de francês*.

“Ainda não entendi o problema dela com a Solange”, admito, enquanto Allie se

debruça sobre a mesa de centro para completar nossas margaritas. O decote largo de

sua camiseta se desloca para um dos lados, me proporcionando o vislumbre de um

ombro nu e a curva de seu seio esquerdo.

Estou prestes a comentar como a visão sensual é bem-vinda, mas acabo achando

melhor me conter. Jurei não dar em cima dela hoje, e, se quebrar a promessa, ela

pode me expulsar antes de eu descobrir por que Marie-Thérèse tentou matar Antoine.

Allie desaba no sofá ao meu lado, e comemoro em silêncio, porque, desta vez, não

se preocupa em deixar meio metro entre nós. Estamos a poucos centímetros de

distância, o que me diz que ela está começando a ficar à vontade comigo.

“Também não. Não entendi a história de fundo direito ainda. Acho que tem a ver

com o pai da Solange gostar mais da filha do que da esposa”, divaga Allie. “Tiveram

alguns flashbacks nos episódios anteriores que deixaram fortemente implícito que ele

queria um rala e rola com a filha.”

“Perverso.”

Ela ri.

Ficamos em silêncio e assistimos ao episódio seguinte retomar exatamente de onde

o anterior parou. Antoine consegue se soltar de Marie-Thérèse, e os dois passam a

brigar por dez minutos. Não me pergunte sobre o quê, porque é tudo em francês, mas

noto que uma mesma palavra — *héritier* — se repete a todo instante.

“A gente precisa pesquisar o que é isso”, digo, incomodado. “Acho que é

importante.” Allie pega o celular e destrava a tela. Olho por sobre o seu ombro,

enquanto ela abre um aplicativo de tradução. “Como você acha que se escreve?”,

pergunta.

Erramos a ortografia três vezes até encontrar uma tradução que faça sentido:

herdeiro.

“Ah!”, exclama ela. “Eles estão falando do testamento do pai.”

“Merda, só pode ser. Ela tá brava porque a Solange herdou todas as ações da Beauté

Éternelle.”

Trocamos um *high-five* por termos descoberto e, no instante em que nossas palmas

se tocam, sou tomado por um relance de clareza e percebo com toda a nitidez o que a

minha vida se tornou.

Com um grunhido, pego o controle remoto e aperto o pause.

“Ei, ainda não acabou”, reclama ela.

“Allie.” Inspiro fundo. “A gente tem que parar agora. Antes que minhas bolas

desapareçam completamente e minha carteirinha de homem seja revogada.”

Ela arqueia uma das sobrancelhas louras. “Revogada por quem?”

“Sei lá. O Conselho dos Homens. Os trabalhadores braçais. Jason Statham. Pode

escolher quem você quiser.”

“Então você é macho demais para ver série francesa?”

“Sou.” Viro a margarita, mas o gostinho salgado é outro lembrete de quão baixo

cheguei. “Gente, e tô bebendo *margaritas*. Você é péssima pra minha reputação, gata.”

Por fim, atiro um olhar de advertência na direção dela. “Ninguém pode saber sobre

isso.”

“Rá. Vou postar na internet inteira. ‘Gente, adivinha só: Dean Sebastian Kendrick

Heyward-Di Laurentis tá na minha casa agora assistindo série e bebendo drinque de

mulherzinha.” Ela mostra a língua para mim. “Você nunca mais vai pegar ninguém.”

Allie tem razão. “Você pode pelo menos acrescentar que a noite terminou com um

boquete?”, resmungo. “Porque aí todo mundo ia pensar, *ah, ele só aguentou aquilo tudo*

pra ganhar uma ensebada no mastro."

"Uma ensebada no mastro? Que descrição mais *nojenta*." Mas seus olhos estão

brilhando, e ela ri ao fazer o comentário.

Nossa, como é linda. E sexy... sexy pra cacete. Por que nunca percebi isso antes?

Talvez porque todas as vezes que a vi antes de sexta à noite estava grudada ao

namorado.

No momento em que penso no ex de Allie, o telefone vibra. Falando no diabo...

"O que ele quer agora?" Mal consigo esconder a irritação, mas ela está distraída

demais com a mensagem para notar.

Allie vira a tela para mim, e minha irritação só aumenta. *E aí? A gnt pode tomar um*

café? Preciso mto falar c/ vc.

"Responde que não", aconselho.

Seus dentes estão cravados no lábio inferior. "É... difícil."

"Você não tem problema nenhum em dizer não pra *mim*."

"Não namorei você três anos", ressalta ela.

Tiro o telefone gentilmente da sua mão e pouso sobre a mesa.

"Certo. Pronta pra

uma conversa séria?”

Ela assente, trêmula.

“Sean não vai parar de escrever pra você. Ele vai mandar e-mails, ligar e fazer tudo

que estiver a seu alcance para conquistar você de volta. Quer saber por quê? Porque

você é inteligente, engraçada e bonita pra cacete, e ele sabe que é um idiota por ter

perdido isso.”

A surpresa transparece em seus olhos.

“Ele vai continuar insistindo. O que significa que você precisa aprender a ignorar.”

Estudo seu rosto. “Quer dizer, se você estiver decidida mesmo a partir pra outra.”

Ela assente de novo, resoluta desta vez. “Estou.”

“Então parta pra outra, gata. Você não pode correr pra casa do namorado da sua

amiga ou ficar se escondendo no alojamento toda noite. Fala pro cara que você não

quer conversar e arruma alguma coisa pra te distrair. Posso te ajudar com isso, se

quiser.”

“Deixa eu adivinhar”, diz ela, secamente. “Você se voluntaria como escravo sexual?”

“Não. Pela primeira vez, não tô falando de sexo.”

“O que você sugere, então?”

Sorrio. “Acho que você precisa viver a Vida de Dean.”

“Hmm. Certo. Então preciso colocar um uniforme de hóquei, ser esmagada por um

bando de gigantes contra o vidro do ringue todas as noites e me recompensar com

uma sequência interminável de transas casuais. Entendi.”

Eu me inclino e puxo uma mecha de seu cabelo. “Deixa de ser besta.”

“Perdão.” Ela sorri. “Por favor, me conte mais sobre a Vida de Dean.”

Minha mão desce por sua bochecha macia para segurar seu queixo. “Olha pra mim,

Allie-Cat. Eu tenho cara de quem tem muitos problemas? Você acha que um dia vai

me ver deprimido no quarto ou esquentando a cabeça por causa de alguma bobeira?”

“Não”, responde ela, lentamente.

“Em geral, sou uma pessoa feliz, não sou?”

Seu olhar suspeito sustenta o meu. “É. Mas como pode? Ninguém é feliz o tempo

todo.”

“É absolutamente possível.” Deslizo o polegar sobre seu lábio inferior. Sua boca é

tão macia. Estou louco para beijá-la de novo. “Quer saber o meu segredo?”

“Quero.” Ela parece distraída. Acaricio seus lábios de novo e fico satisfeito de ver

sua respiração falhar.

“Eu faço o que quero, quando quero. E não dou a mínima pro que as outras

peessoas pensam de mim.”

Isso parece chamar a sua atenção. “Parece bom ser capaz de fazer o que se quer o

tempo todo. Mas infelizmente não é assim que a vida funciona.”

“Você faz a vida funcionar para *você* , gata.” Meus dedos deslizam por seu pescoço

esguio e consigo sentir sua pulsação. “O que você quer, Allie? Me fala uma coisa que

você morre de vontade de fazer, mas que nunca teve tempo.”

Ela pensa no assunto, a testa franzida. “Bem. Tô querendo começar uma nova

desintoxicação, mas fico sempre adiando.”

“Não tenho ideia do que significa isso.”

“Um as duas vezes por ano, faço uma desintoxicação com sucos”, explica ela. “É

uma merda, porque você fica presa a uma dieta líquida por duas semanas inteiras,

mas no final você se sente *tão* melhor.”

“Você é doida. Escolhe outra coisa. Algo *normal*.”

Ela fica em silêncio, imersa em pensamentos de novo, então seu rosto se ilumina.

“Sempre quis aprender a dançar salsa.”

Que coisa mais mulherzinha de se dizer. “Então aprende”, digo a ela.

Ela morde o lábio de novo. “Não sei... Falei disso com Sean uma vez, mas ele não

quis fazer aula comigo, e eu tinha vergonha de ir sozinha. Pesquisei um curso uma

vez e descobri que, se você aparecer sozinho, eles te colocam com um parceiro

aleatório.”

“E daí? É uma oportunidade de fazer novos amigos.” Dou de ombros. “Acho que

você deve se matricular.”

“Tá se oferecendo para fazer aula de salsa comigo?” Sua expressão é esperançosa.

Bufo de rir. “De jeito nenhum. Só faço o que *eu* quero, lembra? E não quero dançar

salsa. Mas acho que *você* deve.”

“Talvez eu me matricule”, diz ela, pensativa.

“Esse é o espírito.” Dou um beliscão de leve no seu queixo. “Ouça o que eu digo, e

a sua vida vai mudar para melhor. Essa é a garantia Di Laurentis.”

Allie solta um suspiro.

“O que foi?”, pergunto.

“Não sei se você tá sendo sincero ou se tá tentando se dar bem comigo de novo.”

Levanto as sobrancelhas. “Quem falou que não pode ser as duas coisas?” Quando

isso provoca outro suspiro, minha voz fica rouca. “Tô sendo sincero.”

“Uau. Acho que você tá mesmo falando sério.”

Por alguma razão, diante do seu exame minucioso, me ajeito desconfortavelmente

no sofá. E, de repente, estou plenamente ciente do fato de que não estou de camiseta.

Ela também, porque aqueles grandes olhos azuis baixam, concentrando-se em meu

abdome antes de afastar o rosto. O ar entre nós parece crepitar. Allie está com as

pupilas dilatadas, e não tem como não notar a vibração acelerada nas artérias do seu

pescoço.

Sei identificar excitação quando vejo. Míni Dean também, e ele aumenta

prontamente sob meu zíper.

“Allie...” Minha voz sai rouca.

Num piscar de olhos, ela está fora do sofá. “E... tá na hora de você ir embora.”

Allie soa animada demais, e sei que está lutando para controlar as mesmas ondas

de desejo que estão praticamente me engolindo por inteiro.

Fico sentado, e ela franze a testa profundamente. “Se veste e vaza, Dean.”

“Allie.” Levanto lentamente. Minha boca está rachando de seca, quando digo:

“Quero...”

Ela ergue a mão espalmada. “Nem se atreva a terminar essa frase. Tô falando que é

hora de sair daqui.”

Quero perguntar por quanto tempo ela vai continuar lutando contra isso, mas,

como sei que só vou irritá-la ainda mais, fico de boca fechada e faço o que a moça

mandou — vou embora.

Na volta para casa, me resigno com mais uma noite de intimidade com a minha

mão direita.

10

DEAN

No dia seguinte, tenho a infelicidade de sair da aula de relações internacionais

junto com Sabrina. Enrijeço as costas, esperando a provocação inevitável.

“Você parecia meio perdido na aula, Richie. O professor Burke estava falando

rápido demais?”

Exatamente como previsto.

Reviro os olhos. “É, porque sou burro, né? Boa.” Nem perco tempo pedindo para

não me chamar de *Richie*. Obrigá-la a me chamar pelo nome é tão impossível quanto

fazer Summer abandonar meu apelido de infância. Sabrina decidiu que eu era um

riquinho mimado e burro no instante em que nos conhecemos.

Claro que isso não a impediu de ir para a cama comigo, não foi?

“Então, que pobre caloura vai escrever seu trabalho de fim de curso?”, pergunta ela,

docemente. “Você tem um monte delas na agenda do celular, né? Imagino que uma

delas tenha feito também a sua prova de admissão para a faculdade de direito.”

Paro no degrau mais alto da entrada do prédio. Tolero seus insultos porque acho

que não vale a pena ficar me defendendo, mas, de vez em quando, tenho que botar

um limite. “Você tá se mordendo porque fiquei dois pontos na sua frente, né?” Vejo

suas narinas se expandindo, e sei que acertei em cheio.

Ela se recupera depressa. “De novo, você pode ter pagado alguém pra fazer a prova

por você.”

“Pode continuar pensando assim, meu bem. Se te ajuda a dormir melhor à noite,

né?”

Sabrina joga o cabelo escuro por cima do ombro. “Durmo muito bem, obrigada.

Saber que *mereço* minhas notas me dá uma tranquilidade imensa. Você devia tentar

um pouco também.”

Desta vez *ela* acerta em cheio. Fecho a cara, mas não mordo a isca, porque é

exatamente isso que ela quer que eu faça. Ela bate na mesma tecla desde o segundo

ano, e já estou de saco cheio.

“Um bom dia pra você, Sabrina.” Dando de ombros com indiferença, desço os

degraus e me pergunto se ela planeja continuar com essa rixa no ano que vem, na

faculdade de direito. Cara, espero que não. Essa hostilidade está ficando velha, para

não dizer irritante.

Falando em irritante, tenho que estar na escola primária de Hastings em vinte

minutos para o primeiro treino com o time infantil. Dá-lhe Hurricanes.

No trajeto de dez minutos de carro até a cidade, xingo O’Shea por me obrigar a

trabalhar como voluntário e começo a questionar a legitimidade de bonecos de vodu.

Acabo concluindo que não importa se eles funcionam ou não. Ia ser divertido enfiar

agulhas numa versão em miniatura de Frank O’Shea. Quando o boneco começasse a

se despedaçar, eu poderia usar a cabeça como bola antiestresse.

Parado no sinal vermelho, digito uma mensagem rápida para Fitzzy, meu colega de

time: *Ei, sabe fazer boneco de vodu?*

Sua resposta só aparece quando já estou chegando à pequena arena do outro lado da

rua em relação à escola.

Ele: *Acho q vc tá me zoando, mas a pergunta é tão idiota q parece verdadeira. Não faço ideia d*

como fazer um boneco de vodu. Acho q vc pode usa qq boneco velho, sei lá. O foda vai ser

encontrar uma bruxa de vodu pra ligar o boneco ao alvo.

Eu: *Faz sentido.*

Ele: *Faz???*

Eu: *Vodu precisa d magia, feitiço etc. Acho q não dá p usar qq boneco. Senão toda boneca seria*

um boneco de vodu, né?

Ele: *É.*

Eu: *Mas vlw. Achei q vc soubesse.*

Ele: *E por que *eu* saberia?*

Eu: *Vc curte esses negócios d RPG. Entende d mágica.*

Ele: *Não sou o Harry Potter, cacete.*

Eu: *HP é um nerd. Vc é um nerd. Então vc é bruxo.*

Ele me manda um emoji de dedo médio e depois avisa: *Cerveja d niver hj no Malone's.*

Tá dentro?

Eu: *Tô.*

Ele: *Flw*

Enfio o telefone no bolso do casaco e salto do carro. Pelo menos tenho alguma

coisa para me motivar. Uma cerveja para comemorar o aniversário de vinte e um

anos de Fitzzy vai ser a minha recompensa por passar a tarde treinando crianças

contra a vontade.

Entro pelas portas duplas e vejo que o rinkue está vazio. O ar frio me recebe como

um velho amigo e inspiro fundo, passando a mochila para o outro ombro e

caminhando na direção do banco do time da casa, onde um homem alto de moletom

vermelho e patins de hóquei pretos gastos analisa uma prancheta. O apito em seu

pescoço me diz que é o treinador do Hurricanes.

“Di Laurentis?” Faço que sim, e ele estende a mão. “Doug Ellis. Prazer em conhecê-

lo, filho. Assisti à final do Frozen Four pela TV, em abril. Você jogou bem.”

“Obrigado.” Aponto para o gelo vazio. Cheguei dez minutos mais cedo, exatamente

como O'Shea mandou. "Cadê as crianças?"

"No vestiário. Daqui a pouco estão aí." Ele pousa a prancheta na prateleira que se

estende ao longo do banco. "Chad explicou o que se espera de você?"

"Não." Apesar do que O'Shea falou, não acho que o treinador Jensen tenha a menor

ideia de que fui recrutado para trabalhar com o Hurricanes.

"Bem, não é tão complicado. Começamos todos os treinos com trinta minutos de

exercícios, depois fazemos um jogo de trinta minutos dividido em três períodos de

dez. Os meninos são o sangue. São bons, todos eles. Talentosos, inteligentes, ansiosos

para melhorar."

"Bom saber."

"Adoravam a Kayla..." Diante da minha expressão neutra, ele explica: "Sua

predecessora." Ah, a garota que pegou mononucleose. "De qualquer forma, ela se

concentrava principalmente no ataque. Fez um ótimo trabalho, mas, cá entre nós,

estou feliz de ter um cara de defesa conosco. Alguns dos meninos têm problemas em

fechar a defesa. Queria que você trabalhasse isso.”

Conversamos por alguns minutos sobre minhas obrigações, e então ele me avisa

sobre não falar palavrão perto dos meninos nem ser muito bruto fisicamente com

eles.

“Beleza... Nada de boca suja e não tocar nos alunos. Mais alguma coisa?”, pergunto.

“Acho que não. Você vai pegando com o tempo.”

De forma geral, Ellis parece um bom sujeito, e, quando as crianças surgem

correndo do vestiário e o saúdam como se fosse o próprio Cristo encarnado, minha

opinião sobre ele se eleva ainda mais. Ele me falou que é o professor de ginástica da

escola, mas que, mesmo que perdesse o emprego, nunca abandonaria esse time. Nem

o time de vôlei feminino do oitavo ano, do qual aparentemente também é treinador.

Sento no banco e tiro depressa as botas Timberland, trocando-as pelos patins Bauer

que coloquei na mochila. Então pulo a grade e patino na direção de Ellis e das

crianças. Metade está de uniforme de treino vermelho, e a outra metade está de preto.

Ellis me apresenta aos meninos, que soltam muitos suspiros admirados quando ele

fala das minhas múltiplas vitórias no Frozen Four. Assim que delineamos a primeira

série do treino, todas as crianças no rink estão implorando pela minha atenção

individual.

Não vou mentir — me divirto desde o primeiro segundo. A paixão dos meninos

pelo jogo me lembra de quando eu era criança, a empolgação de calçar um par de

patins e rasgar o gelo. O entusiasmo deles é absolutamente contagiante.

Quando Ellis apita para sinalizar que está na hora do jogo, acho até que estou

lamentando o fim do treino. Na última sequência de disparos, estava dando umas

dicas para um aluno do sétimo ano chamado Robbie, e ele encobriu o goleiro

lindamente. Queria ver o garoto repetir, mas está na hora de os meninos colocarem

as habilidades que acabaram de aprender em prática.

Ellis e eu servimos tanto como juízes quanto como treinadores, marcando

penalidades e oferecendo conselhos quando necessário. O jogo de trinta minutos

termina rápido demais para o meu gosto. Por mim, poderia ficar aqui para sempre,

mas Ellis sinaliza o fim da partida e chama os alunos para junto de si.

Sinto um aperto estranho no peito à medida que ele fala com os meninos, um de

cada vez, e ressalta uma coisa que eles acertaram no treino hoje. Rosto após rosto vai

se iluminando com seus elogios, e, quando Ellis termina, penso que posso estar

apaixonado pelo cara.

Nossa, que treinador.

Por fim, seguimos as crianças até o vestiário e as ajudamos a arrumar os

equipamentos nos lugares adequados. É uma turma barulhenta e bagunceira, que ri,

brinca e grita uns com os outros enquanto troca de roupa. O corredor lá fora está

repleto de máquinas automáticas de comida e pais que esperam os filhos. Robbie, no

entanto, fica para trás. Já tirou o uniforme de treino, mas fico preocupado ao vê-lo

calçando os patins de novo e colocando a calça jeans para dentro deles.

“O que tá fazendo, cara?”

Robbie parece surpreso ao me encontrar ali de pé. “Ah.” Ele cora. “Tenho mais

trinta minutos para patinar”, explica, meio na defensiva. “O treinador sabe.”

Como sei bem que não dá para confiar em tudo que um menino de treze anos diz,

vou atrás de Ellis, que está na sala de equipamentos guardando tacos de hóquei na

prateleira junto à parede.

“Que história é essa de o Robbie ter mais tempo para patinar?”

Ellis se volta na direção da porta. “Ah. É isso mesmo. Já vou lá ficar de olho nele.

Diz que é para não pisar no gelo até eu chegar.”

Não consigo disfarçar a testa franzida. “Por que ele tem tempo extra de gelo?”

“Nas terças e quintas, a mãe dele só sai do trabalho às quatro e meia, e a família

mora em Munsen, então o ônibus escolar não é uma opção.” Ellis emite um som de

irritação. “Alguma palhaçada sobre a fronteira da cidade e os ônibus de Hastings não

poderem 'servir' outros municípios. A mãe do Robbie conseguiu inscrever o filho

aqui porque ele é um trunfo para o nosso programa de hóquei, mas aparentemente a

administração escolar não acha importante fornecer transporte seguro para crianças

que moram fora do distrito."

"Então o Robbie fica na arena até a mãe chegar?"

Ellis faz que sim. "Combinei isso com a Julia no início da temporada. Eu fico por

aqui depois do treino e dou uma olhada nele e na irmã até ela chegar."

Já falei o quanto amo esse homem?

"Vou ficar também", ofereço. "Estava ensinando Robbie a arte dos disparos por

cobertura antes do fim do treino. Não me incomodo de continuar."

Sua expressão é um misto de surpresa e respeito. "Aposto que ele iria adorar.

Obrigado, filho."

Quando volto para o rink, Robbie está patinando círculos preguiçosos junto do

vidro de proteção. O cabelo louro escuro balança ao vento atrás dele, e decido que ele

também pode estar precisando de uma aula sobre cabelos — algo na linha de “corta

essa merda antes que vire um *mullet*, ou esqueça suas chances com as garotas”.

Estou caminhando pelo corredor de concreto quando uma voz estridente me faz

parar de susto.

“Quem é você?”

Viro e vejo uma criaturinha élfica sentada na fileira do meio da arquibancada. Quer

dizer, é uma menina, mas podia muito bem ser uma personagem de um filme da

Pixar. Olhos azuis enormes ocupam todo o seu rosto, o cabelo é tão claro que é quase

branco, e a boca é um pequeno botão de flor cor-de-rosa.

“Quem é *você?*”, pergunto de volta, uma das sobrancelhas arqueadas.

“Perguntei primeiro.”

Lutando contra um sorriso, subo os degraus até chegar à fileira dela. Um olhar para

a pista revela que Robbie está se divertindo ao patinar a esmo. Ellis está no banco, de

olho nele, então sento na arquibancada ao lado da fadinha de desenho animado e

digo: "Sou Dean. O novo assistente técnico do Hurricanes".

Seus olhos grandes avaliam meu rosto, como se ela estivesse tentando decidir se

estou mentindo. "Sou Dakota", diz, enfim. E aponta um dedo magro para o gelo.

"Aquele é meu irmão."

"Ah. Então você é a irmã mais nova de Robbie."

"Quem disse que sou mais nova?", desafia ela. "Posso ser mais velha."

"Mocinha, eu ficaria surpreso se você não usasse mais fralda."

"Não uso fralda!" Suas bochechas ficam coradas. "Já tenho *dez* anos", diz, com

altivez.

Arquejo. "Por... poxa. Você é praticamente uma velha senhora então."

Isso a faz dar um risinho. "Sou nada. Quantos anos *você* tem?"

"Vinte e dois."

Dakota fica boquiaberta. "*Isso é ser velho.*"

"Eu que o diga! Acho melhor começar a planejar meu funeral. Pra quem você acha

que eu devo deixar a minha fortuna no meu testamento, a garota dos *Jogos vorazes* ou

a do *Divergente*?"

“Elas não existem”, comenta ela, francamente.

Finjo inocência. “Tem certeza? Juro que vi a Katniss andando na rua outro dia.”

“Mentira.”

“É, você me pegou.” Aponto para o caderno de espiral cor-de-rosa em seu colo. “O

que tá fazendo?”

Ela faz um beicinho. “Dever de casa. A sra. Klein mandou a gente escrever uma

página inteira sobre coisas pelas quais devo agradecer neste Dia de Ação de Graças.”

“A sra. Klein parece um monstro.”

Dakota ri. “Não, ela é legal. Teve uma vez que pediu pizza para a turma *toda*. Foi

depois que a gente tirou as notas mais altas na prova de didático.”

“Ditado”, corrijo.

Ela me dispensa com um gesto da mão. “Tanto faz.”

Um amplo sorriso toma conta do meu rosto. “Tá legal, então chega de perder

tempo.” Abro seu caderno numa página em branco. “Hora de pensar no que você tem

pra agradecer.”

Seu rosto se ilumina de felicidade. "Você vai me ajudar com meu dever de casa?"

"Claro, por que não? Faltam vinte minutos até a sua mãe chegar. Que mais a gente

tem pra fazer?"

ALLIE

Estou no banco do carona, no carro de Megan, quando Dean me escreve. Não fico

surpresa em ver seu nome na tela do telefone. Passei o dia esperando por outro

"Quero transar com você", então era só uma questão de tempo até acontecer de novo.

Mas, dessa vez, ele me pega de surpresa.

Ele: Tô c/ uma galera no Malone's, niver do Fitzy. Se quiser, apareça.

Megan me olha do banco do motorista. "Quem tá mandando mensagem? E, por

favor, diga que não é o Sean."

"Não, não é o Sean. É um dos amigos do Garrett", respondo, vagamente. "Tem uma

galera do hóquei no Malone's, comemorando o aniversário de alguém. Ele tá

chamando a gente."

"A Hannah vai?"

Faço que não com a cabeça. "Tem ensaio hoje." Assim como eu, Hannah também

está ocupada com os projetos de conclusão de curso. Ela é aluna de música, então tem

que apresentar uma canção original para o festival de inverno do departamento.

Imagino que Megan não ache estranho que eu esteja sendo convidada para sair com

a galera do hóquei sem Hannah, porque ela não comenta sobre o assunto. Em vez

disso, diz apenas: "Por mim, fechou".

"Sério?" Depois de mais de trinta minutos debatendo uma dúzia de opções para a

nossa noite juntas, tínhamos finalmente decidido comer alguma coisa na lanchonete

de Hastings. O Malone's é o único bar da cidade, então é óbvio que a ideia surgiu

logo no início da conversa, mas foi a própria Meg quem a rejeitou. "Achei que você

não quisesse balada hoje."

Ela afasta a franja ruiva dos olhos. "Mudei de ideia. Acho que tô com vontade de

ficar rodeada de meninos bonitos."

"Jura?", pergunto, surpresa. "E o namorado novo? Já acabou o encanto?" Megan tem

sido muito cautelosa sobre o cara que está namorando, mas presumi que eles

estivessem indo bem. Em geral, ela é uma tagarela quando se trata da vida amorosa,

mas não dessa vez. Tudo o que sei é que ele mora em Boston e que os dois só se

veem nos fins de semana.

“Não, a gente tá bem.” Ela faz uma pausa. “Bem, na verdade, não.” Outra pausa. “É

complicado.”

“Sabe, se você me dissesse alguma coisa sobre ele, em vez de ficar pagando de

discreta, talvez eu pudesse ajudar...”

Seus olhos verdes mantêm o foco na estrada. Mesmo que não estivesse dirigindo,

sei que estaria evitando meu olhar.

“Fala logo. Qual o problema dele?”

“Problema nenhum.”

“Mentira. Tem que ter, senão você não estaria escondendo o cara de todo mundo.

Então, o que é? Ele gosta de tacar fogo em celeiro pra se divertir? Mata esquilinhos

pra fazer chapéu de pele? Ele tem um sinal esquisito que ocupa a cara inteira? Tem...”

“Trinta e sete”, interrompe ela. “Ele tem trinta e sete anos.”

Arregalo os olhos. “Ah. Uau. Isso é...”

Velho, tenho vontade de dizer, mas sempre fui da filosofia de que *idade não passa de*

um número. Ou pelo menos *quero* ser esse tipo de pessoa mente aberta. Quer dizer,

acho bem nojento um homem de sessenta anos namorando uma menina de dezoito.

Mas trinta e sete não chega a ser senil. São só quinze anos a mais que a nossa idade.

“Tá vendo? Foi por isso que não contei pra vocês.” Seu tom beira a acusação. “Sabia

que ia ficar todo mundo julgando.”

Ergo as mãos em sinal de rendição. “Não tô julgando. Só levei um susto.”

Suas feições bonitas relaxam.

“Conta mais sobre o Trintão”, peço. “Prometo não julgar.”

Ela me fornece mais alguns detalhes a contragosto. “O nome dele é Trevor. É

cirurgião pediátrico no hospital de Boston.”

Tudo bem, estou impressionada.

“É divorciado e tem uma filha de cinco anos.”

Hmm. Nem tão impressionada assim. “E você lida bem com isso?”, pergunto, com

delicadeza. “Você só tem vinte e dois, amiga. Tá pronta pra ser madrasta de alguém?”

“Aí é que tá o problema”, geme ela. “Eu nem tinha pensado nisso ainda. A gente se

conheceu pela internet. Passamos setembro inteirinho trocando mensagens, mas só

nos encontramos pessoalmente há um mês. Ele é gentil. Inteligente, lindo, bom de

papo. Mas o namoro tá muito no começo ainda, sabe? Mais casual do que sério.” Ela

tamborila as unhas feitas contra o volante. “No fim de semana passado, ele me falou

que queria me apresentar para a filha.”

Nossa.

“Nossa”, digo em voz alta.

“Pois é! Então agora tô analisando o relacionamento todo. Conhecer a filha dele é

um passo gigante. E se ela me odiar? Ou pior, e se ela me *amar*, e depois eu e o pai

dela terminarmos, e a pobre menina acabar traumatizada?”

“Ela não vai se apaixonar por você no primeiro encontro”, asseguro. “Mas concordo

que seja um passo enorme.”

Meg para o pequeno Toyota vermelho no cruzamento a um quarteirão do centro de

Hastings.

“Não sei... Eu falei pra ele que, na sexta, quando a gente se encontrasse, eu

responderia, mas tô muito confusa. Não tenho ideia do que fazer.” Ela fica em

silêncio por um segundo e, em seguida, solta uma longa expiração. “Se a gente for

para o Malone’s, você pode dirigir na volta? Acho que preciso de algo mais forte que

refrigerante.”

“Claro.” Não estava mesmo pensando em beber hoje. Tenho ensaio às sete da

manhã, e uma ressaca vai dificultar muito chorar em cena. Só na abertura da peça

minha personagem berra feito um recém-nascido três vezes. “Mas será que você não

prefere ir pra outro bar?”, pergunto, esperançosa. “Talvez o de Munsen?”

“Por quê?”

Dou de ombros. “A galera do hóquei às vezes é meio barulhenta.”

“Acho que tô precisando de um pouco de barulho”, admite ela.
“Trevor é ótimo,

mas não tá mais em clima de festa. Vai dormir às dez, todo dia. Até nos fins de

semana.” Ela faz um biquinho. “Talvez esse seja mais um motivo para eu terminar

tudo, né?”

“Olha, jamais diria o que você deve fazer”, afirmo, com carinho. “E não vou falar

que você tem que terminar com o cara só porque ele deixou as noitadas para trás.

Mas você tá no último ano da faculdade, amiga. Não deveria estar indo dormir às dez

da noite se não quisesse. Deveria estar curtindo este último ano de liberdade, nesse

momento estranho em que se é adulto sem ser adulto, entende? Deixa esse negócio

de dormir cedo pro ano que vem, quando você tiver entrado no mundo real.”

Uma expressão pensativa marca seu rosto. Sei que está absorvendo meu conselho, e

espero que chegue a uma decisão que a faça feliz. Eu também tenho lidado com

decisões difíceis ultimamente. Terminar com Sean. Descobrir o que quero para a

minha carreira de atriz.

Ir a um bar para encontrar, por vontade própria, o cara com quem fiz sexo casual...

Merda, *por que* estou indo a esse bar? Ver Dean de novo não vai ser nada bom. No

pior cenário possível, ele vai deixar escapar alguma coisa sem querer, e todo mundo

vai saber que a gente dormiu junto. Na melhor das hipóteses, vai flertar

descaradamente comigo e ser irritante como sempre.

Como o Malone's é o único lugar da cidade que vende álcool, é o ponto de

encontro obrigatório dos moradores locais e dos alunos da Briar em qualquer dia da

semana. Se você aparecer depois das nove, não vai mais encontrar lugar para sentar.

Meg e eu chegamos às dez e meia, e é como entrar numa sauna cheia de corpos

suados. O salão principal está lotado. Mal posso ver o balcão do bar, de tanta gente

que tem na frente dele, e todas as mesas dos setores laterais estão ocupadas.

“Vou pegar uma bebida!”, grita Megan, por cima da música.

Os alto-falantes estão berrando um rock que não consigo reconhecer. Se Garrett

Graham estivesse aqui, provavelmente me diria o nome da música, quem está

cantando e em que ano ela foi lançada. O namorado de Hannah é louco por rock

clássico. Não ficaria surpresa se descobrisse que ele pede para Hannah se fantasiar na

cama de alguma coisa inspirada em Lynyrd Skynyrd.

Estamos prestes a nos dirigir para o bar quando uma voz familiar se eleva acima da

música. "Allie-Cat! Aqui!"

Viro a cabeça e vejo Dean acenando para mim de uma mesa grande à minha direita.

Não sei como ele me achou nessa multidão. Nem escrevi avisando que vinha, então

ou ele tem um Sentido Aranha excepcional ou estava vigiando a porta feito um

maníaco.

Megan e eu damos os braços para evitar sermos separadas e abrimos caminho em

meio ao mar de corpos. Inspiro uma rajada de perfume de uma loura platinada de

saia curta. Resisto ao ataque do cheiro forte apenas para tomar fôlego em meio a uma

nuvem de algo ainda mais potente, vindo do cara ao lado dela. Meus olhos começam

a lacrimejar, e quase me viro para avisá-lo para pegar leve no Axe, antes que ele mate

alguém.

“Olha, Fitzzy, *mulheres!*”, anuncia Dean quando Megan e eu os alcançamos. No

mesmo instante, ele se dirige aos outros. “Rápido, abram espaço pra elas, antes que

sumam.”

O grupo ri, e noto que a maioria dos jogadores está sorrindo para um cara em

particular, que já vi antes em algumas das festas da galera do hóquei para as quais

Hannah me arrastou. Acho que seu nome é Colin, mas sempre ouço ser chamado de

Fitz ou Fitzzy. É um cara grande, de cabelo castanho despenteado, uma barba rala

escura e o que parece ser uma tatuagem se insinuando sob a gola da camisa. Acho

que é uma tatuagem no peito, porque já o vi de camiseta e lembro que seus braços

são inteirinhos cobertos.

Os meninos se ajeitam na mesa para nos acomodar. Megan senta do lado de um

cara de cabeça raspada. Ele se apresenta como Hollis. Eu me espremo entre Tucker,

que está concentrado no telefone, e Pierre, um dos franco-canadenses do time. Ele me

cumprimenta com um sorriso e um par de covinhas lindas. Fechando o grupo, há

mais dois jogadores que eu não conhecia. Em seu sotaque pesado, Pierre os apresenta

como Wilkes e Ekberg.

Dean, na minha frente, do outro lado de Hollis, pisca para mim quando nossos

olhos se encontram. "Você veio. Não achei que viria."

"Estávamos aqui perto", digo, casualmente.

"Ainda bem, porque isso aqui estava virando uma festa da salsicha. Sério, o

aniversariante não chamou nenhuma mulher."

"Ele é alérgico", explica Hollis, solícito.

O aniversariante — que, diga-se de passagem, não tem nada de garoto — revira os

olhos. "Não sabia que querer comemorar o aniversário com os amigos era um

crime."

"E em algum momento você pensou nas consequências?", devolve Dean. "E o

tradicional boquete de aniversário, hein? Tá esperando que *a gente* faça as honras?"

“Tenho certeza de que o Pierre topa”, sugere Hollis. Quando o franco-canadense

responde mostrando o dedo médio, ele sorri, fingindo inocência. “Ué, achei que era o

que vocês faziam em Quebec, não? Chupar os amigos sussurrando palavras de amor

em francês?”

Pierre bufa uma risada. “Você é de San Francisco. Capital mundial dos chupadores

de pica.”

O papo continua animado até ser interrompido por uma garçonete sobrecarregada

que aparece para anotar nossos pedidos. Meg pede uma vodca com *cranberry*. Já eu, só

um copo d’água.

“Água?”, Dean zomba de mim, assim que a moça se afasta apressada. “Tem certeza

de que não quer nada mais interessante, gata? Quem sabe... hmm... um shot de

tequila? Sempre achei que você tinha cara de quem gosta de tequila.”

Estreito os olhos para ele. Por sorte, ninguém dá muita bola para o comentário. Por

que daria? Ninguém ali sabia que foi por causa da tequila que acabei na cama com

Dean. A única pessoa que sabe disso é o próprio Dean, que se comprometeu a manter

a boca fechada sobre o assunto.

Mas... o sorriso maroto em seu rosto está me deixando inquieta.

Por que tenho a sensação de que ele está prestes a dar com a língua nos dentes?

11

ALLIE

Ainda estou encarando Dean quando meu telefone vibra na bolsa. Pegoo

distraidamente e perco o fôlego ao ler a mensagem.

Ele: Lembra qdo tomei aquele shot d tequila nos seus peitos?

Ergo o olhar e me deparo com Dean piscando inocentemente para mim. Mas vejo

seu braço movendo sob a mesa. Como era de se esperar, recebo outra mensagem.

Qdo virei o copo todo nos seus mamilos e lambi cada gota? Hmm. Ficando duro só d pensar.

Argh. Não acredito que ele está me mandando mensagens de sexo no bar. No meio

do aniversário do amigo.

Cerro os dentes e respondo.

Eu: *Guarde a lembrança c/ carinho, meu bem. Pq nunca mais vai acontecer.*

Ele: *Tá dizendo q não gostou qdo chupei seus mamilos?*

Os tais mamilos se enrijecem. Sei que o bojo do sutiã esconde a reação traíçoeira,

mas o jeito como o olhar convencido de Dean recai sobre meus seios me diz que ele

sabe.

Inspiro e escrevo: *Mais ou menos. Foi razoável.*

Ele escancara mais o sorriso. "Que nada", diz em resposta a algo que Wilkes acabou

de perguntar. "Não tô preocupado. O goleiro de Yale não aguenta a tacada do G."

Acho que estão falando da partida contra o Yale, no próximo sábado, mas estou

ocupada assistindo ao sutil movimento de braço de Dean. Está digitando outra coisa.

Ele: *Hmm. Sei. E qdo te lambi inteira? Foi só razoável também?*

Ignoro a pontada que sinto entre as pernas e faço uma cara feia para ele.

"Allie", exclama Megan, exasperada.

"Desculpa. O quê?"

"Estava perguntando sobre a sua peça. Os ensaios começaram essa semana, não foi?"

Como tá indo?”

“Muito bem”, respondo, distraída. Não consigo ver se Dean ainda está digitando.

Espero que não. “O cara que faz meu marido morto é um bom colega de trabalho. E a

sua, como vai?”

“Uma merda.”

“Ah, que pena, amiga.” Sei que Meg não está feliz com o autor com quem está

trabalhando, e não a culpo, porque ele é o cara mais metido do departamento de

teatro. Só escreve coisas pretensiosas e exageradamente atormentadas. O sujeito acha

que é o próprio Arthur Miller reencarnado.

“‘Slade’ gosta de reescrever cenas inteiras no meio do ensaio.” Ela desenha aspas no

ar ao falar seu nome, o que faz Fitzzy rir.

“Acho que você não sabe usar aspas”, ele informa a ela.

“Sei sim. ‘Slade’ não é o nome dele de verdade. É Joshua Sandeski.” Meg ri com

desdém. “O cara se acha tanto que não sei como não caga pequenas réplicas marrons

dele mesmo.”

Os rapazes gargalham diante da imagem repugnante que ela acabou de descrever.

“No primeiro dia de aula, a gente sentou em círculo e se apresentou pros atores

colegas.” Ela olha para mim. “Lembra disso?”

“Ah, se lembro”, digo, secamente.

“Enfim”, continua ela para Fitzzy, “o babaca se levantou e disse: ‘Me chamo Joshua

Sandeski, mas meu nome artístico é Slade. Não respondo a nenhum outro nome.’ E

ele não estava brincando. Toda vez que a professora esquecia e o chamava de

Sandeski, ele simplesmente ignorava.”

“Essa é a coisa mais babaca que já ouvi”, comenta Dean.

Merda, seu braço está se movendo de novo.

“Acho corajoso”, discorda Hollis. “Quer saber? Que se dane. Vou dar uma de Slade

e escolher um nome artístico pra mim também. A partir de agora, vocês só podem

me chamar de ‘Thunder’.”

Espio discretamente a última mensagem, e minha respiração chega a falhar.

Ele: *Meu pau tá tão duro agr. Tô louco pra entrar em vc.*

Desta vez, não faço sua vontade. Se eu não responder, ele vai acabar parando, não

vai?

Não.

As mensagens não param de aparecer, cada uma mais depravada que a anterior.

Da próxima vez, vou devagar. Saborear cada segundo.

Bem devagar, gata. Só entrar e sair...

Até você implorar por mais.

Pego meu copo e engulo um pouco d'água. Posso ouvir a risadinha baixa de Dean

mesmo com a música ambiente a todo volume.

Mas não vou dar o q vc quer. Vou continuar enfiando, centímetro por centímetro.

E depois tirar d novo.

Toda vez q vc pedir pra eu meter com força, vou entrar mais devagar.

Vou t atormentar a noite inteira, gata.

A. Noite. Inteira.

Fico em pé de supetão, como se alguém tivesse tacado fogo no banco em que estou

sentada. "Preciso ir ao banheiro", exclamo.

Ignorando o sorriso imenso se expandindo na boca irritantemente sensual de Dean,

me afasto da mesa tão depressa quanto minhas botas de salto me permitem.

Putá merda. Estou com tanto tesão que minhas coxas estão praticamente grudadas,

e meu medo agora é que minha calça jeans esteja molhada na bunda. Para piorar a

situação, Megan nem tocou na bebida, o que significa que não vai embora daqui tão

cedo. E isso quer dizer que preciso me recompor e apagar todas as centelhas de desejo

que estão queimando feito combustível de avião em meu sangue.

Espero muito que Dean pare com as mensagens quando eu voltar.

Se não, acho que posso acabar gozando na mesa.

Ele continua com as mensagens.

Eu continuo ignorando.

Nossa guerrinha de vontades segue por mais de uma hora, e não posso dizer que

não estou impressionada com sua persistência. Para não falar na quantidade absurda

de palavras sujas em seu vocabulário.

Quando vejo Dean se contorcendo visivelmente do outro lado da mesa, abro um

sorriso insolente na direção dele e, por fim, escrevo uma resposta.

Eu: Vc tá só se torturando, gatinho. Melhor parar antes q exploda.

Acrescento um emoji que ilustra bem a situação — um vulcão em erupção.

Dean suspira e se levanta, mas não sem antes fazer uma reorganização estratégica lá

embaixo. Acho que sou a única a reparar, e meu sorriso aumenta ainda mais.

“Vou trocar a música”, anuncia ao grupo. “Não aguento mais esse Aerosmith mela

cueca.”

Enquanto ele se afasta, meus olhos me traem, pousando em sua bunda rígida. A

calça preta a envolve como uma luva, o que me faz pensar: calças cargo em geral são

assim tão apertadas? Não achei que fossem. Talvez Dean tenha um alfaiate que faça

calças cargo especiais para exibir a bunda. Ele é tão vaidoso, com certeza seria capaz

de uma coisa dessas.

De qualquer maneira, é uma bunda gostosa. Droga, *tudo* nele é gostoso. Não

consigo não admirar a forma como seus ombros largos preenchem a camiseta Under

Armour de manga comprida, ou como o cabelo louro está desarrumado com

perfeição. Então o perco no meio da multidão e sinto uma pontada de alívio, porque,

com ele fora de vista, tenho um tempo para acalmar meus hormônios em fúria. O

alívio, no entanto, é apenas momentâneo. Dean volta à mesa lindo como sempre, e eu

continuo me resumindo a uma pilha de nervos excitados.

Ele se reacomoda no exato instante em que a última música da seleção anterior

acaba e a primeira escolhida por ele começa a retumbar nos altofalantes.

“I Want You To Want Me”, de Cheap Trick.

Não consigo conter o ataque de risos, o que me rende um olhar desconfiado de

Fitzy. “Perdi a piada?”, pergunta.

“Não. Às vezes dou risada sem motivo”, digo, animada. “Sou meio estranha.”

Megan intervém: “É verdade. Ela é.”

Engulo outra gargalhada e evito os olhos de Dean durante a música inteira. Não

fico surpresa ao sentir meu telefone vibrar.

Ele: *Podia ter tentado uma coisa mais sutil. Mas pq me enganar? Tô louco por vc, Allie.*

Merda, ele me chamou de Allie. Está falando sério.

Ergo a cabeça, e a intensidade do seu olhar faz meu coração fraquejar e, em seguida,

bater desenfreado. Dean já é um cara bonito pra caramba. Mas com tesão? É

absolutamente espetacular.

Com os olhos verdes semifechados e baços, os lábios ligeiramente entreabertos, a

garganta engolindo em seco, quase posso acreditar que ele *está* mesmo louco por

mim. Literalmente enlouquecido de tanto desejo. Mas, pelo amor de Deus, estou

falando de Dean. O cara é o tipo pra quem basta uma brisa qualquer na virilha para

ficar duro. Sério, basta esbarrar nele, e aquele pau levanta. O cara é obcecado por

sexo, e metade das meninas da faculdade está de prova, porque metade das meninas

da faculdade já dormiu com ele.

Claro que é uma honra ser o objeto de toda essa energia sexual inebriante. Que

mulher não gosta de se sentir desejável? Mas eu seria uma idiota de acreditar, mesmo

por um segundo, que sou a *única* mulher para quem Dean Di Laurentis lança esse

olhar lascivo. Não, não, sou só mais um furinho no cinto absurdamente comprido de

Dean.

A lembrança me faz ficar em pé. “Não tô no clima de Cheap Trick hoje”, digo,

fazendo charme. “Acho que vou trocar de novo.”

Caminho, decidida, até a jukebox do outro lado da sala. Não é uma daquelas

máquinas antigas, mas uma moderna, com touchscreen e entrada tanto para dinheiro

quanto para cartão. Boto uma nota de um dólar e estudo minhas opções. Nossa. Este

troço tem quase todas as músicas que já foram compostas na história.

Sorrio quando o nome de uma cantora em particular salta aos meus olhos. Repasso

sua discografia, seleciono a música que estava procurando e coloco na fila. A barra

lateral na tela me diz que tem outra faixa na frente da minha, um sucesso da Kesha

que arrasta um bando de alunos universitários para a pista. O que na verdade

significa que eles começam a dançar no mesmo lugar em que já estão, porque a área

na frente do palco de karaokê, que normalmente serve de pista, está tomada por um

grupo de hipsters muito ocupados com os próprios celulares.

“Boa escolha”, comenta Tucker. Ele também não larga do telefone hoje, então me

surpreende que de repente esteja puxando assunto.

“Não fui eu que botei essa”, comento.

“O que você escolheu, então?”, pergunta Dean, desconfiado.

“Daqui a pouco você descobre, lindinho.”

Três minutos depois, a introdução da minha música começa, e um coro de

gritinhos femininos ecoa pelo bar.

Dean arregala os olhos para mim.

O que escolhi? “U & UR Hand”, da P!nk.

“Boa!” Megan baixa o copo na mesa com força e fica de pé num pulo, estendendo a

mão para mim. “Vamos dançar.”

Não tenho tempo de dizer não, porque ela já está me arrastando para a multidão.

Tudo bem, então. Acho que vamos dançar.

Com o baixo ressoando sob nossos calcanhares, jogamos os braços para o ar,

rebolamos o quadril e nos esbaldamos. O cabelo ruivo de Meg acerta meu rosto

quando ela rodopia. Também dou uma voltinha, porque assim posso espiar Dean. Ele

está com uma expressão resignada, mas identifico também um ar de divertimento.

Quando chegamos à parte da música em que P!nk — que, por sinal, é uma DEUSA!

— diz “bye-bye” para o babaca para quem está cantando, abro um sorriso meloso

para Dean e dou um tchauzinho na sua direção.

Ele umedece o lábio inferior com a pontinha da língua, um sorriso lento curvando

forçadamente a boca. Então responde com um aceno. *Mandou bem*, praticamente posso

ouvi-lo dizer.

Meg e eu continuamos a dançar, e nossa dupla atrai cada vez mais atenção, e cada

vez mais participantes. De repente, estamos cercadas por meninas curtindo a música

tanto quanto nós. É praticamente um hino para toda mulher que já teve que lidar

com um babaca nojento dando em cima dela num bar, ou batizando suas bebidas na

esperança de conseguir transar, ou simplesmente sendo irritante quando ela está

tentando se divertir com as amigas.

Uma menina asiática baixinha cheia de piercings no rosto e cabelo cor-de-rosa

espetado bate com a bunda na minha, e logo estamos dançando de costas uma para a

outra, batendo os quadris e compartilhando um momento de camaradagem feminina.

Estou rindo e sem fôlego de tão animada, e, desta vez, quando procuro por Dean, ele

não parece mais estar se divertindo.

Ai, droga.

Está excitado de novo.

Seus olhos sensuais acompanham cada movimento meu. Quando a música acaba,

estou ardendo em chamas. Não do suor ou do exercício, mas do olhar de Dean me

devorando feito fogo num campo de feno.

Quando Meg e eu voltamos para a mesa, viro o restante da minha água e levanto o

cabelo para abanar o pescoço com uma das mãos. Meu telefone está em cima da

mesa, e fico instintivamente rígida quando vejo a tela se acender. Um rápido olhar

para Dean, e percebo que ele está com a mão embaixo da mesa de novo.

Mordo o lábio inferior e olho para o telefone.

Não leia, ordeno a mim mesma.

Eu leio.

Ele: Da próxima vez q resolver dar um showzinho desses pra mim, melhor estar pelada.

12

ALLIE

Megan e eu voltamos para o campus um pouco depois da meia-noite. Entro

devagarinho no meu alojamento de dois quartos, e o lugar está envolto em sombras.

Não há uma luz sequer vindo da porta de Hannah, o que me diz que ela já foi dormir.

Tentando não fazer barulho, pego meu nécessaire e vou até o banheiro que

dividimos com as outras meninas do andar. Dez minutos depois, volto ao meu quarto

na ponta dos pés e visto o pijama, em seguida, apago a luz e me enfito debaixo das

cobertas.

Nunca tive dificuldade em pegar no sono — em geral apago no instante em que

minha cabeça bate no travesseiro.

Esta noite, no entanto, o sono me escapa. As mensagens de Dean me deixaram toda

excitada e agitada, e passo uma hora virando na cama, tentando encontrar uma

posição confortável. Mas *não estou* confortável. Meus peitos doem e posso sentir

minha pulsação latejando lá embaixo. Toda vez que viro, meus mamilos esfregam o

colchão, e o atrito os faz doer ainda mais.

Culpa de Dean. Por que tinha que escrever aquelas coisas sacanas?

Um gemido me escapa. Viro de novo, tentando me acomodar de lado.

Normalmente, gosto de dormir abraçando o cobertor com as coxas. Neste momento,

ter algo enfiado lá embaixo é uma provocação insuportável, e meus quadris começam

a se mexer involuntariamente contra o edredom.

“Que *droga!*” Minha voz torturada ecoa na escuridão. Viro de costas e levanto um

joelho, porque, obviamente, não vou sentir sono até dar um jeito nisso.

“U & UR Hand” foi uma escolha para lá de profética.

Cerro os dentes e enfio a mão dentro da calça xadrez do pijama. Infelizmente, não

sou daquelas que esfregam o clitóris algumas vezes e... pronto! Orgasmo! Não, preciso

de uma história, uma fantasia maravilhosa que me leve ao limite. Ultimamente, elas

têm envolvido uma celebridade por quem tenho uma paixãoite: o perfeito do Ryan

Gosling. E é Ryan que me salva nesses terríveis momentos de necessidade.

Cada história começa de um jeito. Estou num bar, e a gente dá em cima um do

outro. Estou num quarto de hotel, e há uma confusão que nos obriga a dividir uma

cama. Estou caminhando na praia em Malibu, e olha só com quem eu esbarro!

Mas elas sempre terminam do mesmo jeito — com Ry me comendo até cansar.

Opto pelo quarto de hotel, uma vez que me possibilita uma infinidade de cenários

sexuais possíveis. Hoje à noite, estou dormindo sem roupas, porque o ar-

condicionado pifou. Imagino que não precisaria de uma desculpa para dormir nua,

mas gosto que minhas fantasias sejam minimamente coerentes com minha vida real,

e, como não costumo dormir pelada na vida real, o ar-condicionado está quebrado.

Certo, onde eu estava? Esfrego o indicador no clitóris, me imaginando numa cama

king-size. Estou pegando no sono, quando ouço um "bip". Alguém passou um cartão

na fechadura da porta. Fico indignada! Será que a recepção decidiu mandar a

camareira no meio da noite? Quem poderia estar entrando no meu... olha, vejam só.

É Ryan Gosling. Ele adentra o quarto, de peito nu, por algum motivo. O cós da calça

jeans é tão baixo que é possível admirar as linhas de seu abdome descendo em

direção à virilha.

Ele fica surpreso ao me ver na cama, e concordamos na mesma hora que houve

algum erro, e o hotel fez uma reserva dupla. Então engatamos numa conversa de

cinco minutos sobre nossas vidas, na qual Ryan revela que Eva Mendes terminou

com ele.

Isso aí, minhas fantasias sexuais têm diálogo e conversa fiada.

Por fim, acabo saindo da cama e... ah, não! O lençol que cobria meu corpo nu

escorrega até o tapete. Ryan arregala os olhos azuis, apreciando a vista. Seu pênis

endurece visivelmente sob o zíper da calça.

Ele lambe os lábios e se aproxima.

Provocante, deslizo os dedos por entre os seios. Seus olhos ardem feito safiras

líquidas.

Não, esmeraldas. Porque agora seus olhos ficaram verdes. Verdes? Mas por quê?

Na escuridão do quarto, solto baixinho um palavrão. Mas que *merda*.

Por que Dean está invadindo minha fantasia?

Meu dedo fica imóvel em meu clitóris. Que falta de educação. Ryan e eu estávamos

prestes a começar. Dean não pode estragar isso.

Fecho os olhos bem apertados e me transporto de volta para a fantasia. Mas já não

estou no hotel, e Ryan não está mais comigo. Estou numa arena de hóquei com Dean,

e estamos nos beijando no gelo.

Sufocando outro gemido, afasto a cena da cabeça e, mais uma vez, obrigo minha

mão a parar de se mexer. Para onde essa porcaria de fantasia vai? Gelo é *frio*. Quem

iria querer morrer de frio no meio do sexo? E por que Dean está beijando meu corpo

nu? O treino dele vai começar a qualquer minuto. O time inteiro vai entrar aqui e

pegar a gente...

"Gosto da ideia de ser pego no flagra."

O gemido me escapa antes que eu consiga me conter. A confissão rouca de Dean

não faz parte da fantasia — é cem por cento verdadeira.

Na noite em que perguntei por que ele não transa no quarto, suas pálpebras

ficaram pesadas, e sua voz exalava sexo puro ao dizer lentamente: "Gosto da ideia de

ser pego no flagra".

É isso aí, Dean Di Laurentis fica com tesão de imaginar que alguém pode pegá-lo

fazendo sexo.

E a confissão terminou por aí? Claro que não, porque isso significaria que ele *não*

teria feito de sua missão na vida me atormentar sexualmente. Não, ele completou a

revelação com: "E quando me pegam, gosto que me assistam".

Estou a fim de um exibicionista. Merda, talvez eu seja uma exibicionista também,

porque, em vez de parar a fantasia, sigo adiante.

"Melhor gozar logo, gata." Sinto a respiração de Dean fazendo cócegas em minhas

coxas. "Senão os caras vão sair daquele vestiário e me ver com a cara enfiada em

você."

Minha respiração acelera. Aperto um dos seios, brincando de leve com o mamilo.

Com a outra mão acaricio o clitóris em pequenos círculos. Ai, Deus. Estou tão

molhada. E meu clitóris está inchado de desejo. Praticamente posso sentir a língua de

Dean sobre ele.

"Ah, você gosta da ideia, né?" A ponta do seu dedo roça minha abertura. "Olha

como tá molhada."

Ele enfia o dedo em mim.

Não, eu enfio o dedo em mim. Meus seios foram abandonados, e agora estou com

ambas as mãos entre as pernas. Esfregando meu clitóris com uma e enfiando o dedo

com a outra, me derreto no colchão e imagino Dean me chupando.

“Vou te foder bem aqui no gelo, Allie.”

Meus dedos dos pés se retorcem. A pressão dentro de mim é insuportável.

Na fantasia, Dean fica de joelhos. Seu peito reluz sob as luzes brilhantes da arena.

Seu pênis é longo e imponente. Ele envolve o punho em torno da base e se inclina

para a frente, trazendo-o mais e mais perto de onde o quero.

E então ouço passos. Vozes. Risos. Os jogadores estão saindo do túnel do vestiário.

Dean sorri maliciosamente. Então enfia o pau duro dentro de mim...

Gozo tão forte que esqueço de respirar. Fico esparramada na cama, ofegante,

tremendo. Com o orgasmo se espalhando pelo meu corpo em ondas quentes e

pulsantes, vejo estrelas piscando dentro de minhas pálpebras fechadas.

Ai, meu *Deus*.

Isso foi... foi... Nem tenho palavras para descrever.

E a parte triste? O clímax que me despedaçou não foi nem de perto tão poderoso

quanto os que Dean me proporcionou pessoalmente.

Ainda estou tremendo com os efeitos do orgasmo ao procurar, no escuro, pela caixa

de lenços de papel na mesinha de cabeceira. Pego dois lenços e me limpo entre as

pernas. Não me lembro da última vez em que fiquei tão molhada durante uma sessão

solo.

Pense em como ficaria ainda mais molhada se transasse comigo de novo...

Argh. Praticamente posso ouvir Dean me provocando. Me seduzindo...

Inspiro fundo. Certo. Sou uma pessoa pragmática. E gabaritei a disciplina de lógica

argumentativa que fiz no primeiro ano. Então talvez só precise racionalizar essa

situação.

Premissa I: Dean Di Laurentis é ótimo de cama.

Premissa II: Ele quer transar comigo de novo.

Premissa III: A ideia de transar com ele me excita.

Conclusão: Eu deveria transar com Dean.

Tá, essa foi fácil. Agora, vem a parte complicada.

Premissa I: Sexo casual me deixa desconfortável.

Premissa II: Acabei de terminar um namoro longo e não estou pronta para começar outro

relacionamento.

Premissa III: Mesmo que estivesse, não iria querer namorar um pegador como Dean.

Conclusão: Hmm...?

Tento outro raciocínio:

Premissa I: Não quero começar um relacionamento com Dean.

Premissa II: Ele não quer começar um relacionamento comigo.

Conclusão: Devemos fazer sexo casual.

Outra obviedade, só que ainda não resolvi o problema do sexo casual. Mas,

pensando bem, a única pessoa aqui fazendo julgamentos sou eu mesma. Ter um caso

com Dean vai fazer de mim uma vagabunda? Ele sem dúvida não acha isso. Nem

meus amigos, embora eu certamente não esteja planejando contar a eles, caso decida

ficar com Dean. O que me leva à pergunta: por que quero manter isso em segredo?

Mastigo a bochecha por dentro, refletindo sobre a questão. A resposta continua a

me surpreender, mas a ideia de que todo mundo saiba que estou transando com Dean

ainda me causa desconforto. Tudo bem. Vou ter que continuar mantendo isso em

segredo. Talvez amanhã eu reflita um pouco mais sobre *por que* me sinto assim.

Ai... merda. Será que acabei de tomar uma decisão?

Já estou pegando o telefone, então... é, acho que sim.

Abro o contato de Dean e digito uma única palavra na caixa de mensagens: *O.k.*

É preciso dar crédito ao sujeito — ele sabe exatamente do que estou falando, pois

digita de volta: *Qdo?*

Eu: Amanhã d noite? Hannah vai dormir na sua casa. Vc pode vir aqui. 20h?

Ele: O jogo das crianças começa às 18. Só vou poder às 21.

Eu: Jogo das crianças?

Ele: Não esquenta. Amanhã eu explico.

Ele: Pq vc mudou d ideia?

Por que mudei de ideia... Maluquice, talvez? Uma obsessão doentia por sexo? O pau

maravilhoso dele?

Eu: *Decidi q tava na hora d viver a vida d Dean.*

Ele: *Demorou. Então 21h tá bom?*

Hesito.

Eu: *Tá.*

Deus, o que estou fazendo? Talvez *tenha* enlouquecido.

Há uma longa demora até sua próxima mensagem chegar. E, assim que a leio, uma

gargalhada histérica salta de minha boca.

Ele: *Eu levo a corda.*

13

ALLIE

Conheci meu agente, Ira Goldstein, através de um amigo do meu pai. Ele me

representa desde que eu tinha doze anos, e o primeiro trabalho que arrumou para

mim foi um comercial de cereal. Eu tinha uma única fala, que lembro até hoje:

*"Como uma coisa TÃO GOSTOSA pode fazer TÃO BEM para você?
HMM !"*

Posso apostar que meu pai ainda tem um DVD do comercial guardado em algum

lugar em casa. Espero que esteja no cofre em que ele guarda as armas, porque,

caramba, não quero nunca que esse vídeo vaze para o mundo.

Ira se divide entre os escritórios da agência em Manhattan e em Los Angeles, então

a maioria das nossas interações ocorre por telefone. Hoje ele está me ligando de Los

Angeles.

“Bom dia!”, me saúda, na voz retumbante e jovial que aprendi a amar.

“Boa tarde”, corrijo. O ensaio terminou neste instante, e estou equilibrando o

telefone no ombro enquanto visto o casaco na saída do auditório. “São duas horas na

Costa Leste.”

“Ah, certo. Merda de fuso horário. Está me deixando senil. Nunca sei onde estou ou

que horas são.”

Dou risada.

“Já conseguiu ler o piloto da Fox que mandei pra você?” Ira é o tipo de profissional

que adoro, focado no trabalho e sem tempo para besteiras. É um tubarão, mas agentes

têm que ser tubarões, e gosto dele mesmo quando está tentando me vender projetos

que sei que só escolheu pelo dinheiro.

“Olhei por alto. Parece ter potencial.”

“Bem, olha de novo, e com atenção dessa vez. Falei com um dos produtores ontem

à noite. Eles querem muito que você venha aqui fazer um teste para o papel.”

“Para qual personagem mesmo? Era Bonnie? Ou Sarah?”

“Espera aí. Deixa eu ver.” Ouço o barulho de papéis do outro lado da linha. Poucos

segundos depois, ele está de volta. “Bonnie.”

Engulo a decepção. Droga. Queria que fosse Sarah. O piloto é uma comédia de

trinta minutos sobre três meninas que se odiavam na escola, mas que são forçadas a

dividir um quarto na faculdade. O seriado passa então a acompanhar o primeiro ano

das três, à medida que elas vão aprendendo sobre o amor, a vida e a amizade e se

envolvendo em todo tipo de confusão. O papel foi descrito para Ira e para mim como

parte do elenco principal, mas uma atriz de televisão famosa já se comprometeu a

fazer Zoey, então está na cara que eles estão planejando mantê-la como estrela.

As outras duas posições estão em aberto, mas eu teria preferido fazer um teste para

o papel de Sarah, a puritana que precisa aprender a se soltar. Acho que poderia me

divertir com isso.

Bonnie, por outro lado, é a cabeça-oca do trio. Tem algumas falas engraçadas, mas é

mais burra que um jumento. A personalidade excêntrica e o QI de um dígito são

suficientes para fazerem as mulheres regredirem uns mil anos na história.

Mas talvez eu esteja me preocupando à toa. Talvez os escritores tenham planejado

uma trajetória substancial para Bonnie. Não faz sentido ter três personagens

femininas principais, mas só desenvolver duas delas, faz?

“O papel é perfeito para você, querida.” Ira se empolga. “Você é capaz de fazer o tipo

aéreo e bonitinho com o pé nas costas.”

Pois é. Sou. Mas não sei se quero. Todos os papéis que fiz foram o tipo aéreo e

bonitinho. Seria bom ampliar meus horizontes, exercitar um pouco minhas

capacidades como atriz.

Só que... estamos falando de um *seriado de TV*! Tenho uma chance de coestrelar um

piloto que, a julgar pelo bafafá que já está gerando, sem dúvida vai render pelo menos

uma temporada inteira.

“Vou ler de novo hoje à noite”, prometo. Então tento invocar um mínimo de

entusiasmo sobre a possibilidade de fazer o papel de Bonnie, mas não estou me

sentindo nem um pouquinho animada.

Aliás, já faz um tempo desde que li uma coisa que me empolgou. O último projeto

que me deixou assim foi a peça que fiz para Brett Cavanaugh, no verão.

“A seleção começa em fevereiro”, me avisa Ira.

Franzo a testa. “Isso é daqui a quase três meses. Por que eles fecharam o papel de

Zoey tão cedo?”

“Queriam garantir Kate Ashby antes que outra emissora a fisesse. Os produtores

estão encerrando a última temporada do outro seriado deles e depois vão começar a

tocar este projeto. Querem que você pegue um voo no dia seis de fevereiro.”

Sinto um peso no estômago. “Não posso. *Viúva* estreia no dia oito. Nessa semana

vamos fazer os ensaios gerais.”

“*Viúva?*”

“A peça que estou fazendo na faculdade.”

Ira suspira. “Alguma chance de eles liberarem você dos ensaios gerais?”

“De jeito nenhum.”

“Merda.”

Segue-se um silêncio. Ira faz isso com frequência, pensar profundamente por

longos minutos. Acho que se esquece de que estamos no telefone, e não na mesma

sala.

“Ira?”, pergunto.

“Desculpa, querida. Pensando...” Depois de outra pausa, sua voz energética retorna.

“Tudo bem, deixa eu ligar para Virgil, meu assistente. Vou ver o que a gente pode

fazer.”

Ele desliga sem se despedir, outro mau hábito seu. Insiste que não tem tempo para

“essa porcaria”.

Dez minutos depois, estou caminhando pela calçada da Bristol House e passando

minha carteirinha na roleta da entrada. Provavelmente não vou ter uma resposta de

Ira hoje, e parte de mim está torcendo para que os produtores digam: *Sinto muito. Se ela*

não puder fazer o teste no dia que a gente quer, vamos dar o papel para outra pessoa.

O que é uma maluquice, porque, mais uma vez... Seriado. De. TV.

Qual é o meu problema?

Muitos, aparentemente, porque não só estou considerando faltar em um teste que

poderia alavancar minha carreira, como também estou pensando em transar com

Dean Di Laurentis hoje à noite.

Pois é, nosso encontro continua tão de pé quanto a Torre Eiffel. Não mudei de

ideia. Na verdade, estou — Deus tenha piedade da minha alma — ansiosa. Até deixei

de ir à academia para me preparar.

Depois de engolir um sanduíche de queijo quente no almoço, chamo um táxi e sigo

para o salão de beleza de Hastings.

Tanya, minha guru da manicure/ pedicure/ depilação, já está esperando por mim

quando chego. Há muito tempo concluí que ela é uma sádica, porque seu entusiasmo

por torturar minhas regiões baixas é assustador. Primeiro fazemos a depilação, porque

não gosto de ficar me preocupando com uma iminente sessão de tortura com cera

quente enquanto faço as unhas.

Uma vez que estou lisinha feito um bebê, Tanya passa um óleo calmante sobre a

área sensível e sai da sala, enquanto visto a calcinha e a legging de novo. Em geral,

minha pele leva algumas horas para perder a vermelhidão, mas Dean só vai chegar às

nove, então tenho tempo o suficiente para me recuperar lá embaixo e estar pronta

para a festa.

Deixo a sala de depilação e me junto a Tanya no salão das manicures. Uma hora

depois, vou embora exibindo um esmalte vermelho vivo nas unhas dos pés e das

mãos, porque acho que Dean vai gostar de ver minhas unhas vermelhas reluzentes

alisando seu tanquinho. Pedi a Tanya para lixá-las um pouco mais curtas e redondas

desta vez, para não deixá-lo todo arranhado de novo.

No táxi de volta para o alojamento, tento descobrir se estou animada ou

decepcionada comigo mesma. Ainda não acredito que cedi à masculinidade potente

de Dean, mas não posso negar que estou ansiosa por rever aquele pênis mágico.

A menos que... e se ele tiver perdido o charme? Quer dizer, quantas vezes dá para

esfregar uma lâmpada mágica até que o gênio esgote seus poderes? Ou será que a

lâmpada tem um número infinito de desejos?

Allison Jane Hayes e seus pensamentos de altíssimo nível.

Hmm. Talvez esse devesse ser o meu programa de televisão.

Quando enfim o relógio bate nove horas, estou pronta para mandar ver, como

dizem.

Me embelezei dos pés à cabeça. Fiz depilação, as unhas, tomei banho e me

perfumei, passei até uma prancha no cabelo depois de usar o secador, em vez de

deixá-lo em seu estado natural semiondulado.

Parece um desperdício se dar todo esse trabalho em termos de beleza e depois não

colocar um vestidinho preto ou uma lingerie sexy, mas acho que o safado do Dean

vai rasgar minhas roupas no instante em que chegar aqui, por isso vesti uma calça de

ginástica e uma camiseta. Sem sutiã (afinal de contas, pra quê?), mas estou de

calcinha, porque não gosto de não usar nada lá embaixo, a menos que esteja me

sentindo especialmente devassa. Às vezes, fazia isso quando Sean e eu íamos a um

restaurante chique. Ele ficava louco de saber que estava sem nada...

Você não tem permissão para pensar em Sean quando está a minutos de dormir com outro

homem!

Tarde demais. Sean está na minha cabeça agora. Ainda não concordei em encontrá-

lo pessoalmente, mas sei que deveria dar logo uma resposta, antes que ele tente

resolver o problema com sua sutileza de elefante. Sean faz muito isso.

Por exemplo: quando veio ao meu alojamento sem ser convidado.

O que me fez fugir para a segurança da casa de Garrett.

O que me levou para a cama de Dean.

Tá aí uma lição de moral que ele deveria aprender: *Pressione a sua ex-namorada*

demais, e ela vai acabar dormindo com um pegador.

Ou talvez fosse melhor se ele ignorasse essa lição em particular. Além do mais,

estou sendo injusta, porque não dormi com Dean por culpa de Sean. A decisão foi

minha.

E estou prestes a tomar a mesma decisão de novo.

Dean está cinco minutos atrasado. Eu me ajeito impaciente no sofá, esperando por

ele, incapaz de me concentrar no episódio de *Solange* que está passando na TV. Desde a

noite em que Dean esteve aqui não vi outro episódio, e fico assustada ao perceber

que, sem ele, a série não tem a mesma graça. Meio que gostei dos seus comentários e

de como pausava o seriado de cinco em cinco minutos para dizer: "Allie-Cat, não tô

entendendo porra nenhuma do que tá acontecendo!”.

Foi... fofo.

Minha nossa. Acabei mesmo de usar a palavra *fofo* para descrever Dean? Faço uma

nota mental para nunca dizer isso em voz alta. Ele provavelmente vai me acusar de

ter uma queda por ele.

Ouçõ passos pesados no corredor, o que faz a ansiedade subir em meu peito. Meu

coraçõ dá uma pirueta boba e indesejada diante das duas batidas fortes contra a

minha porta. É um “*bum*” viril, e, quando abro a porta, Dean está de pé na minha

frente. Está de calça jeans desbotada com um rasgo no joelho, um suéter verde-escuro

de tricõ por baixo da jaqueta da Briar e um gorro de lã preto.

“Oi.” De repente, me sinto desconfortável com toda esta situação.

“Oi.” Ele tira o gorro ao passar pela porta. Noto que está com o cabelo molhado,

como se tivesse acabado de sair do chuveiro. Seu olhar recai sobre a televisão. “Ai,

merda, o que eu perdi? Marie-Thérèse encontrou uma cópia do testamento do

Claude?”

“Não sei. Comecei o episódio uns três minutos antes de você aparecer.”

“Ah, tá. Bem, se você assistir de novo sem mim, me escreve para me avisar o que

aconteceu.” Ele joga o gorro e a jaqueta no sofá.

Pego os dois depressa. “Não, isso vem com a gente. As botas também”, acrescento,

apontando para as Timberlands pretas que ele está descalçando.

“Para onde estamos indo?”

“Para o meu quarto. Não quero nenhuma evidência da sua presença nesta sala, caso

you esqueça alguma coisa. Esta é uma operação secreta.”

“Você é quem manda, senhora Bond.”

No meu quarto, largando as coisas dele na cadeira. Então o clima fica estranho de

novo, porque Dean está logo ali. A um metro e meio de distância. Sorrindo para

mim.

“O que foi?”, murmuro, na defensiva.

Ele dá de ombros. “Nada.” Mas continua não fazendo um único movimento na

minha direção.

“Você vai ficar aí parado? Vem aqui e faz alguma coisa, droga.”

Seus lábios se curvam num sorriso. "Fazer o quê?"

Fico ainda mais desconfortável. "Sei lá. Me dá um beijo. Tira a minha camisa.

Qualquer coisa."

Dean cruza os braços sobre o peito largo. "Nada disso. Se você me quer, vem

pegar."

Sinto a irritação subindo pela coluna. "Então vamos fazer joguinhos agora?"

"Joguinho coisa nenhuma." Ele ergue uma sobrancelha loura-escura. "É só que

ainda não tô convencido de que você não tá me sacaneando ou algo assim."

"O quê? Acha que te chamei aqui pra zoar com você?" Abro um sorriso atrevido.

"Gato, te chamei aqui para *você* me foder. Ponto."

Ele dá uma risada, e o som profundo e rouco me atinge em cheio. Ah, que se dane.

Se ele quer que eu tome a iniciativa, eu tomo a iniciativa. Nós dois queremos a

mesma coisa.

Sem dizer palavra, percorro a distância entre nós e deslizo a palma da mão sobre

sua bochecha.

Dean inspira de leve. Está com a barba feita, e me vejo com saudade dos pelos

grossos por fazer. Gostei da sensação deles contra a minha pele na outra noite.

Mas, ao contrário da outra noite, estou completamente sóbria. Não posso usar o

álcool como desculpa para o que estou fazendo agora.

Escorrego a mão até a parte de trás de sua cabeça e corro os dedos pelo cabelo

úmido. Quando nossos olhos se encontram, puxo sua cabeça para baixo, e nossos

lábios se tocam num beijo recatado. Sem língua. Sem urgência. É um estudo

exploratório, como se nossas bocas estivessem matando a saudade. Por fim, me afasto

e olho para ele.

Caramba. Seu olhar transmite um calor tão visceral e palpável que me faz ofegar.

Quando me dou conta, a boca de Dean está sobre a minha de novo, e não tem nada de

exploratório *neste* beijo.

É pura fome.

Sua língua invade os meus lábios num carinho profundo, punitivo. Ouço meu

gemido, mas Dean engole o som desesperado com outro beijo ávido, as mãos quentes

apertando meus quadris enquanto me beija até eu ficar sem fôlego.

Meu coração está aos pulos. Nossa, estou incrivelmente excitada. Ele também

— sinto a prova disso quando ele agarra a minha bunda e me puxa contra ele,

esfregando nossos corpos um contra o outro.

“Você me deixa tão duro”, rosna ele.

Ele gira os quadris, curvando-se de leve para encaixar o membro no encontro das

minhas coxas. Então se move para a frente, e sua ereção esfrega o meu clitóris,

provocando uma onda de prazer que percorre toda a minha espinha.

“Tira a roupa”, digo, ofegante. “Agora.”

Com outra risada, ele ignora o pedido frenético e me beija de novo. Seus lábios se

mostram tão gananciosos quanto antes, profundamente dominantes, e bem quando

concluo que este beijo frenético e apaixonado não pode ficar mais quente, Dean

diminui o ritmo de repente. Sua língua faz cócegas em meu lábio inferior. Os dentes

perfeitos dão uma mordidinha de leve. E ele enterra o rosto no meu pescoço e me

enche de beijos suaves, com a boca aberta, que deixam arrepios em seu rastro.

Como ele não parece ter a menor pressa para tirar as roupas, decido fazer isso por

ele. Seguro a bainha de seu suéter e ergo o tecido pesado. Quando alcanço sua

clavícula, ele afasta a cabeça para me ajudar. No momento em que seu suéter se vai,

corro, ansiosa, as palmas das mãos por sua pele quente e nua.

Ele faz um barulhinho rouco e enfia os dedos no meu cabelo, me observando com

olhos famintos enquanto acaricio seu peito.

O cara é *sarado*. Estou praticamente ronronando de felicidade ao explorar as

superfícies rígidas de seu peito. Percorro os peitorais esculpados com o dedo

indicador; em seguida, alcanço um dos mamilos e o aperto para baixo. Ele se contrai,

a respiração ficando mais acelerada. Levo o mesmo dedo ao longo da linha de pelos

louro-escuros que desce por sua cintura, então achato a palma da mão e acaricio o

abdome definido.

Os lábios de Dean encontram meu pescoço novamente. Com dedos hábeis, ele puxa

minha camisa para cima e a tira por minha cabeça.

Então inspira fundo. "Sem sutiã?"

"Parecia redundante."

Dean envolve meus seios com as mãos, e sinto um prazer inflamar dentro de mim.

Ele passa os polegares sobre os mamilos, e gemo baixinho. "Você não sabe o quanto

quis brincar com esses peitos de novo."

Minha cabeça deita de lado, e ele aproveita e lambe um caminho do meu pescoço

até a minha orelha. Chupa de leve o lóbulo, e desabo contra o seu peito quente, me

entregando à sensação. Dean continua a provocar meus mamilos, mas só com a ponta

dos dedos. Mal está fazendo contato, e eles se enrijecem, doloridos, toda vez que seus

dedos passam por eles.

"Encaixam certinho na minha mão." Ele aperta ambos os seios, os polegares alisam

a base de cada um. "E esses mamilos, gata. Porra."

Ele abaixa a cabeça, e grito ao sentir sua língua sobre o meu mamilo direito.

Depois da tortura daquela atenção superficial, a lambida firme e determinada é como

um choque elétrico varando o meu corpo.

“Isso aí”, geme ele. “Acho que posso passar a noite toda chupando esses peitos.”

E ele segue adiante. Chupando, digo. Envolve o mamilo rígido com os lábios e suga

com a boca quente, molhada.

“Ai, merda.” Solto um suspiro.

“Você gosta?” Sua respiração faz cócegas em meus seios à medida que ele beija um

caminho até o outro mamilo.

“Aham.”

“Está ficando molhada?”

Murmuro algo ininteligível, porque ele está lambendo círculos provocantes ao

redor do mamilo, e não lembro mais como formar palavras com a boca.

“O quê?”, provoca ele.

Solto mais disparates. “Mmrrmblerg.”

Dean ri. “Tá bom. Acho que vou ter que descobrir sozinho.” Ele enfia as duas mãos

sob o elástico na minha cintura e baixa minha calça e a calcinha.
Depois que as chuto

para longe, ele não perde tempo em levar a mão entre minhas pernas.

Não estava esperando os dois dedos que ele enfia dentro de mim.
"Ai, meu Deus",

gemo. A onda de prazer quase me derruba.

"Cacete. Você tá molhada. Pingando, gata." Um grunhido escapa de sua boca. Seus

olhos estão selvagens, cintilantes. "Se não lamber essa boceta agora, vou ficar louco."

Achei que fosse me empurrar para cima da cama. Mas ele me surpreende me

apoiando contra a porta. Ele fica de joelhos e abre minhas pernas, e tremo só de vê-lo

olhando para mim, a luxúria escurecendo seu olhar. Ele lambe os lábios, e quase gozo

ali mesmo.

Dean sorri com malícia ao ver minha expressão. "Quer minha boca em você?"

Minha língua?"

Faço que sim, trêmula.

Quando sua boca se aproxima de meu corpo, solto um som estrangulado.

Quando sua língua toca o meu clitóris, outra pessoa emite um som.

Não fui eu, nem Dean, e com a voz alegre de Hannah ecoando no corredor, nós

dois ficamos imóveis. Eu, de pé, Dean, de joelhos, como se estivéssemos encenando

uma pintura viva para uma plateia.

“Oi!”, grita Hannah. “Vim só pegar minha partitura. Esqueci de levar comigo para a

casa do Garrett.”

Dean levanta ligeiramente a cabeça, mas seus lábios ainda estão a centímetros de

mim. Quando os passos de Hannah se aproximam ameaçadoramente da porta do meu

quarto, sou tomada pelo pânico.

“Allie?”

Aperto os lábios. Se não disser nada, talvez ela pense que saí.

Mas não. Não tem como ela não ver a luz debaixo da minha porta. E ela deve ter

notado meu casaco, os sapatos e a bolsa na nossa área comum.

“Allie?” Ela bate à porta.

Completamente impotente, fito Dean. O brilho maligno em seus olhos me faz

estreitar os meus. Não sei o que ele está planejando, mas eu... ai, Deus. Ele arrasta a

ponta da língua sobre o meu clitóris, e agora meus olhos estão arregalados de horror,

porque tenho certeza de que acabei de gemer.

“Estou ouvindo você aí”, acusa Hannah.

Sim, porque eu gemi.

Limpo a garganta. “Ah, é, tô aqui. Desculpe, eu estava...”

Dean vai beijando para cima e para baixo em minha abertura. Esqueço mais uma

vez como falar. “Eu... ai, Deus”, arfo. “Não te ouvi antes.”

Há uma pausa. Uma pausa longa e preocupante.

“Allie...”, começa Hannah, então tosse e, por fim, continua: “Tô interrompendo

você, hmm... numa viagem solitária para a capital do orgasmo?”

Os ombros de Dean começam a tremer incontrolavelmente. Seu riso abafado vibra

contra o meu clitóris, e o efeito resultante rivaliza com as boas vibrações de todos os

brinquedos sexuais na minha mesinha de cabeceira.

Um “*Isso!*” rouco salta de minha garganta. Foi dirigido a Dean, mas é claro que

Hannah não sabe.

“Merda”, ela deixa escapar. “Foi mal! Saindo agora! Juro!”

Seus passos apressados se afastam pelo corredor. Ouço-a na sala de estar. Em

seguida, a porta da frente se fecha.

Meu coração ainda está aos pulos quando baixo os olhos para Dean.

“Achei que ela não ia embora nunca”, murmura ele.

14

DEAN

Allie goza mais rápido do que eu esperava. Minha língua mal toca seu clitóris, e ela

já está tremendo, gemendo e se esfregando contra a minha boca. Acho que a ideia de

quase ser pega no flagra é tão excitante para ela quanto para mim.

Droga, queria ter conseguido levá-la ao clímax com Hannah ainda atrás da porta.

Teria sido um tesão. Um segredinho sujo só nosso. Mas assim também é bom, Allie

montada na minha cara como se fosse um jóquei, e eu, o seu cavalo de corrida.

Pensando bem, é melhor do que bom. Meu pau parece uma barra de ferro tentando

arrebentar minha calça, e cada vez que seus músculos internos apertam mais os dois

dedos que enfiei dentro dela, sinto uma contração no saco. Quando seu corpo enfim

relaxa, dou uma última lambida provocante em seu clitóris e fico de pé.

“Tudo bem com você?” Sorrio ao ver sua expressão nebulosa.

“Tudo ótimo.” Allie parece sonolenta e saciada, mas fica alerta de novo quando levo

as mãos ao meu zíper.

Deixo a calça cair no chão. Estou sem cueca, porque — o que foi que ela falou?

Seria redundante. Quando meu pau surge, livre, seguro-o com a mão direita e faço

um carinho muito necessário. Nossa, estou tão duro que dói.

Eu me delicio com a visão do seu corpo nu. Allie é mais baixa do que as meninas

com quem costumo sair, mas, por mim, tudo bem. E de alguma forma é magra e

curvilínea ao mesmo tempo. Absorvo cada detalhe delicioso, dos peitos empinados à

pele lisa e pálida, passando pelo paraíso cor-de-rosa entre as pernas.

Estava quase achando que, de alguma forma, iria me decepcionar, e que uma

semana inteira desejando esta menina teria exagerado seu poder de atração. Não foi o

que aconteceu. Ainda bem que ela mudou de ideia, porque quero essa mulher tanto

quanto antes.

Meu olhar pousa no rosto dela, descansando por um momento em sua boca

sensual, em seguida retorna para o seu corpo completamente nu.

Gemo de frustração.

“O que foi?”, pergunta ela, a voz rouca.

“Tô tentando decidir o que quero mais — esses lábios bonitos no meu pau, ou a

sua boceta apertada espremendo ele.” Acaricio de leve minha ereção enquanto analiso

as duas igualmente tentadoras opções. “Me dá a sua boca.”

Seus olhos azuis se estreitam. “E se eu não quiser?”

Aperto a cabeça inchada antes de deslizar o punho até a base, sacudindo meu

membro inteiro para ela. “Para de agir como se não tivesse gostado de me chupar na

outra noite.”

Como ela não me responde, dou um passo à frente e aperto meu corpo nu contra o

dela. Allie estremece. Pego sua mão e a envolvo em meu membro, e ela treme ainda

mais.

Baixo a cabeça e sussurro em seu ouvido. "Por favor, gata, eu me comportei tão

bem... Esperei uma semana inteira por isso. Não mereço uma recompensa pela

paciência?" Acaricio a lateral do seu pescoço com os lábios. "Me comportei...", beijo

seu queixo, "... tão...", beijo todo o caminho até a sua boca, "... bem."

Allie emite um ruído ofegante e move a mão ao longo do meu pau. Em seguida,

fica de joelhos sem dizer uma palavra. Meu pau se contorce de emoção. Ela abre os

lábios. Umedece-os com a língua. Lambe-os de novo. Não consigo tirar os olhos da

sua boca. Quero ela em mim, mas a dor no meu saco me adverte que, no instante em

que houver a mínima sucção ali, não vou demorar a explodir.

Uma lambida. É tudo que Allie consegue fazer antes de eu a colocar de pé de novo.

"Não, nada disso", aviso, os dentes cerrados. "Vou gozar rápido demais."

Vejo o ultraje em seus olhos. "Você vai me deixar na vontade?"

"Não importa. Quero sua boceta. Na cama."

Fico meio que esperando ela reclamar, porque Allie parece gostar de brigar comigo,

mas ela é surpreendentemente obediente. Num piscar de olhos, está deitada e abrindo

as pernas sedutoramente.

Merda. Está muito molhada. Ainda sinto seu gosto na língua, e agora estou

tentando me decidir se quero fazer com a boca de novo, porque, nossa, quero sentir

seu gosto mais uma vez. Míni Dean adora e odeia a ideia ao mesmo tempo, me

alertando que se a minha boca sequer tocá-la novamente, vou gozar sem estímulo por

todo o lençol. E qual a graça disso?

Inspirando fundo, fico de joelhos na frente dela e me abaixo, me acomodando na

suavidade de suas coxas. Allie agarra meu pau, e quase chego ao clímax. Não tinha

notado as unhas vermelhas antes. São praticamente um pecado me arranhando a pele.

Então ela esfrega a pontinha que já está molhada, e estremeço, empurrando a ponta

do pau na direção de sua abertura.

“Camisinha”, ela me lembra.

Merda. Não acredito que quase esqueci de me vestir para a ocasião.
Em geral, já

faço isso no automático, igual a colocar o equipamento de proteção
antes de entrar no

ringue.

Passo o braço pela lateral da cama e apalpo o chão até encontrar
minhas calças, por

fim pesco o preservativo do bolso.

Um momento depois, estou entre suas pernas de novo. Observo seu
rosto enquanto

seguro meu pau e o aproximo dela. A ponta a toca, pedindo para
entrar. Ela treme

visivelmente. Com as faces coradas e o cabelo louro esparramado
atrás de si, é a

imagem mais sensual que já vi.

Entro em sua vagina apertada, e nós dois soltamos um suspiro feliz.
Porra, adoro

sexo. Não estou nem aí se quem criou os homens e as mulheres foi
Deus, seleção

natural ou marcianos verdes. Só sou eternamente grato a quem nos
deu pênis e

vaginas e um jeito divertido de usá-los.

Me abaixo para roçar os lábios de Allie com os meus, o que muda o
ângulo de leve,

me fazendo entrar mais fundo dentro dela. Sinto um arrepio de prazer pelo corpo. Me

concentro nele. Afasto os quadris, em seguida, entro de novo. Bem devagar.

Deliberadamente.

A respiração de Allie fica entrecortada. "Para de me provocar."

"Você acha que isso é provocação?" Espalmo a mão em sua barriga lisa, o polegar

tocando de leve seu clitóris.

Quando ela arqueia os quadris, afasto a mão, e ela geme de decepção. Rio. "Isso

seria provocação."

"Meu Deus. Eu te odeio. Me toca", ordena ela. "Me toca e me come e me faz gozar

de novo."

Estreito os olhos. "Você não estava tão mandona da outra vez. Ou eu estava bêbado

demais para lembrar?"

Allie se levanta numa demonstração impressionante de flexibilidade e passa os

braços ao redor do meu pescoço. Está no meu colo agora, se esfregando em cima do

meu pau. "Estava mais mandona. Mas só porque você precisava de muito mais

instruções.”

“Mentira. Você gozou logo que eu te toquei.”

“Como sabe que eu não estava fingindo?”, provoca ela, e então
balança os quadris, e

nós dois gememos.

Continuo segurando-a com força pela cintura. “E você estava?” De
repente, me

lembro da confissão de Logan de que Grace fingiu um orgasmo na
primeira vez que

eles ficaram. Nunca mais dei sossego para ele depois daquilo.
Agora estou

horrorizado de que Allie poderia ter feito o mesmo. É uma atriz,
afinal de contas...

Ela responde, “Não, não estava”, e fico aliviado. Meio a contragosto,
ela acrescenta:

“Você é bom de cama”.

“Sou *excelente* de cama”, corrijo, erguendo o quadril e arrancando
dela um suspiro

de prazer.

“Faz de novo”, implora.

“Faz pra mim.” Deito, de forma que ela fica montada em mim, e
aperto um de seus

mamilos. “Me cavalga até eu gozar.”

Seus lábios se curvam num sorriso malicioso. Ah, ela gosta dessa ideia. Apoiando

as mãos em minha barriga, ela se ergue e afunda depressa em mim. Tem uma loura

gostosa montada no meu pau, e estou no paraíso. Os peitos empinados balançam à

medida que ela se mexe, e, quando seu cabelo cai sobre a testa, ela afasta as mechas

douradas e mantém o olhar fixo no meu. Rebolando. Me esfregando. Me deixando

louco.

“Me toca.” A expressão de “não me contrarie” me faz levar a mão até onde estamos

unidos e esfregar, obediente, seu clitóris com o polegar. O prazer inunda seus olhos,

mas as ordens não param por aí. “Mais devagar.” Sua respiração se acelera. “Em

pequenos círculos. Não, sem apertar. De levinho... ai, meu Deus, assim, assim.”

Não vou mentir — gosto de como Allie não faz rodeios ao me explicar exatamente

do que precisa. Afinal, ela conhece o próprio corpo muito melhor do que eu. Mas

aprendo depressa. Em pouco tempo, suas palavras se tornam gemidos, e ela começa a

comer meu pau para valer.

Está deitada em cima de mim agora, os lábios tão próximos do meu ouvido que

cada ruído sensual que faz vai direto para o meu saco. Meus quadris se erguem de

novo e de novo, e nossos corpos se chocam, enquanto nossas bocas se encontram

num beijo molhado.

Ainda estamos nos beijando quando ela começa a gozar. Ela morde meu lábio

inferior e solta um grito rouco, e a sensação alucinante de sua boceta me apertando

desencadeia meu próprio clímax. Venho feito um foguete, o prazer borrandando minha

visão e nublando meu cérebro. Fico surpreso de que a camisinha não estoure com o

tanto que eu gozo dentro dela.

“O quê...?” Ao dar conta de mim de novo, sinto um gosto mineral na boca. Toco o

lábio. Meus dedos voltam sujos de sangue. Nossa. Allie me mordeu até tirar sangue.

Contenho uma risada.

Diante do som abafado, ela levanta a cabeça. Seu cabelo está todo emaranhado, as

pálpebras tão pesadas que estão quase fechadas. "O quê...?" Seu rosto fica tenso. "Ai!

Você tá sangrando!"

Rio mais ainda. Estou tão feliz de não ter desistido dela. Uma menina que crava as

unhas e morde e fode com total despreendimento. Nunca me diverti tanto na vida.

"Não foi nada", asseguro.

Allie claramente não concorda. Ela sai de cima de mim, estende a mão para a

mesinha de cabeceira e volta com um lenço, que aperta contra o meu lábio.

"Desculpa. Tá doendo?"

"Nem um pouco", respondo, feliz. Pego o lenço de sua mão e o atiro para fora da

cama. Então me ajeito no colchão para deitar a cabeça no travesseiro e a puxo para

junto de mim.

Allie aninha o corpo nu delicioso ao meu lado e repousa a cabeça no meu ombro.

"Fonte infinita de desejos", murmura.

"Hein?"

"Seu pau." E suspira. "Uma força da natureza."

“Pode apostar. Falei que tinha um pau e tanto.”

Sorrio para o teto e acaricio a lateral do seu seio. Ficamos ali em silêncio por um

instante, ambos recuperando o fôlego. Por fim, ela murmura: “Então, que jogo das

crianças é esse que você falou?”.

Levo um segundo para entender do que ela está falando. “Ah. O Hurricanes. Meu

novo coordenador defensivo tá me forçando a trabalhar de voluntário na escola

primária, então tô ajudando como assistente técnico do time de hóquei.”

“Parece divertido.”

“Não acredito que vou dizer isso, mas... é bem divertido.”

E o jogo de hoje foi muito mais emocionante do que eu tinha imaginado. O

Hurricanes enfrentou o primeiro lugar da divisão deles, e todos os meninos no

rinque jogaram num nível que me impressionou. Ah, e o gol da vitória foi um

lançamento por cobertura de Robbie Olsen. Estaria mentindo se dissesse que meu

peito não transbordou de orgulho.

“Todas as férias de verão, no colégio, trabalhava como voluntária num

acampamento de teatro”, Allie me diz. “Era o máximo, fiquei arrasada quando o

acampamento fechou. Era num teatro velho do Brooklyn, mas a área mudou de

administração, e o município demoliu o prédio. Hoje o lugar é uma loja de

computador.” Ela se senta abruptamente. “Ai, droga. Esqueci de uma coisa.”

Ela estica o corpo sobre o meu peito e se inclina em direção à cabeceira. Não

consigo evitar e prendo um dos mamilos com a boca, chupando de leve. A sensação

na língua é uma delícia. Puxo com mais força, e Allie estremece, antes de afastar

minha cabeça. “Me dá um segundo. Não quero esquecer isso de novo.”

Ela pega o telefone, e a vejo abrir um aplicativo de lembretes. Digita uma coisa. De

onde estou, parece ser “passagem de trem”.

“Passagem de trem?”

“Isso mesmo, seu enxerido.” Então coloca o telefone na mesa. “Tô fazendo um

lembrete pra marcar minha passagem pra Nova York. Tenho que comprar com

antecedência este ano, porque é difícil conseguir passagens pro feriado. Ano passado

precisei pegar um trem mais tarde e só cheguei lá às quatro horas da manhã.”

“Vai passar a Ação de Graças com os pais?”

Ela deita ao meu lado de novo. “Só o meu pai.” Então faz uma pausa. “Minha mãe

morreu.”

“Ah, sinto muito por ouvir isso.” Acaricio seu braço nu com a palma da mão.

Então noto como é estranho ficar deitado na cama com ela, só conversando. Mas

ainda estou fraco do esforço. Nem uma retroescavadeira poderia me levantar desta

cama agora. “Você é próxima do seu pai?”, pergunto.

Ela move a cabeça contra o meu ombro, assentindo. “Bastante. Ele é o melhor

homem do mundo.”

“O que ele faz?” Não sei por que todas essas perguntas. Não tenho o hábito de

tentar conhecer melhor as meninas que levo para a cama. Mas Allie é diferente. Para

começo de conversa, é a melhor amiga da Wellsy. Não parece certo dispensá-la com

um "obrigado, até mais ver".

"Era olheiro do Bruins", revela ela.

"Não brinca!" Estou muito impressionado. "Deve saber de hóquei então. Ele

jogava?"

"Jogou, na faculdade. Foi convocado no *draft* pelo Kings, só que estourou o

ligamento do joelho no treino, então a carreira meio que terminou antes de começar.

Mas acho que ele ficou aliviado. Sempre disse que era melhor em encontrar talentos

do que em ser o talento."

"Ainda assim, é um trabalho puxado", argumento. "Devia viajar o tempo todo."

"Viajava. Essa parte era uma merda, a quantidade de tempo que ele tinha que passar

fora de casa. Mas eu e minha mãe dávamos conta. Depois que ela morreu, meu pai

passou a me levar com ele quando podia, mas a maioria das vezes eu ficava com a

minha tia, no Queens."

"Ele tá aposentado agora?"

Ela se enrijece de leve. "Tá." Outra pausa. "E você, vai fazer o que no Dia de Ação de

Graças? De onde você é mesmo? Connecticut?"

"É. Greenwich. E Manhattan. Minha família se dividia entre as duas cidades, mas fiz

o ensino médio em Connecticut."

"Escola preparatória", corrige ela.

Ajeito seu cabelo. "Ainda era considerada ensino médio."

"Claro, mas aposto que você teve muito mais regalias lá do que eu, numa escola

pública do Brooklyn. Riquinho mimado." Sei por sua voz que está brincando. "E você

não falou o que vai fazer no feriado."

"Não sei ainda", admito. "As datas pra mim vão ser uma merda. Vamos jogar contra

Harvard dois dias depois do feriado."

"E daí? Greenwich não é longe. Nem Manhattan. Você pode pegar um trem ou um

avião e voltar a tempo pro jogo."

"Minha família não vai estar nem em Greenwich, nem em Manhattan. Vão para a

casa de St. Bart."

Allie senta de novo, boquiaberta. Então começa a rir. "Ora, vejam só." No instante

seguinte, está falando num sotaque britânico impecável. "É evidente, meu caro, que

minha família tem uma casa em St. Bart. Papai veleja muito bem, e mamãe *adora*

tomar martínis em nossa praia privativa."

Dou um beliscão em sua cintura. "Isso é inveja."

"Claro que é inveja. Você tem uma casa em St. Bart. Isso é foda." Sua expressão

torna-se pensativa. "Seus pais são advogados, né?"

Faço que sim com a cabeça.

"Não sabia que advogados ganhavam tanto dinheiro a ponto de comprar casas de

praia em ilhas tropicais."

"Depende do advogado. Meu pai é um dos mais importantes criminalistas do país,

então acho que tá indo muito bem", digo, com ironia. "E minha mãe é especializada

em direito imobiliário, que também é bastante lucrativo. Mas ambos vieram de

famílias ricas também."

"Deixa eu adivinhar. Vovôs Sebastian e Kendrick eram barões do petróleo?"

Por alguma razão, fico estupidamente satisfeito de que ela tenha se lembrado dos

meus nomes do meio. “Não, não tem petróleo na nossa família. Vovô Seb tinha uma

companhia de navegação. Bem, ainda tem, mas ela é gerida por um conselho

administrativo agora. E vovô Kendrick era investidor imobiliário.”

“Tipo o Donald Trump?”

“Por aí. Você ia a Manhattan quando morava no Brooklyn?” Então franzo a testa,

pois algo me ocorre. “Ei, como você não tem sotaque do Brooklyn?”

“Meus pais não são de Nova York. Talvez seja por isso... Meu pai é de Ohio. E

minha mãe cresceu na Califórnia. Acho que falo igual a eles. De qualquer forma,

claro que já fui a Manhattan — você acha que eu ficava me escondendo embaixo da

ponte do Brooklyn, feito um monstro?”

Rio. “Andava pelo Upper East Side?”

“Claro. Tinha um amigo que morava no...” Ela arregala os olhos. “Minha nossa! No

Heyward Plaza. Só agora que eu liguei o nome à pessoa.”

O assombro em seu rosto me faz sorrir.

“Você é dono do hotel Heyward Plaza?”, exclama Allie.

“Eu, pessoalmente, não. Mas acho que posso herdar um dia. Os Heywards, meus

parentes por parte de mãe, são donos de imóveis no mundo todo. Em geral, hotéis,

mas também temos um condomínio legal em Abu Dhabi que é todo de vidro. Fica...”

“Certo, você precisa parar de falar agora, porque tô ficando com vontade de socar

você. Não tinha ideia de que você era esse tipo de rico. Agora não sei mais se é um

tesão ou um banho de água fria.”

“Tesão”, digo, depressa. “Tudo a meu respeito te deixa com tesão, lembra?”

Ela solta uma gargalhada. “Aham. Se você diz.”

Abro um sorriso convencido e começo a apontar para as várias partes do meu

corpo. “Meu rosto? Um tesão. Meu peito? Um tesão. Eu podia virar e mostrar a

bunda, mas nós dois sabemos que a resposta vai ser ‘um tesão’, então vou pular essa

parte. O pau? *Um te-são*. E não estamos nem falando das qualidades não físicas de

Dean Di Laurentis.”

“Falar na terceira pessoa? Não é um tesão.”

Ignoro a provocação. “Sou simpático de cara. Meu senso de humor é de outro

mundo — óbvio.”

“Óbvio”, repete ela, secamente.

“Sou extremamente hábil na arte da conversa.”

Ela concorda. “Quando o assunto é você, claro.”

“Claro.” Finjo pensar um pouco mais no assunto. “Ah, e tenho o dom de ler

mentes. Sério. Sempre sei o que a outra pessoa tá pensando.”

“Ah, é? Então o que tô pensando agora?”, desafia Allie.

“Que você quer que eu cale a boca e te coma de novo.”

Ela balança a cabeça, espantada. “Caramba, acertou em cheio.”

Sorrio para ela e aponto a testa com o indicador. “Eu te disse. É um dom.”

“Parabéns.” Então suspira. “Quantas camisinhas você trouxe?”

“Uma.”

“Que falta de ambição, hein! Olha naquela gaveta ali. Deve ter algumas.”

Abro a gaveta da mesinha de cabeceira, que — olha só o que eu encontrei aqui

— contém mais do que preservativos. Volto com um vibrador de silicone de mais de

quinze centímetros num tom cômico de cor-de-rosa.

“Ah, quem é o seu amiguinho?” Balanço o vibrador para cima e para baixo, e ele é

flexível o suficiente para sacudir igual a um pênis de verdade.

Allie o toma da minha mão. “*Amiguinho?* Olha direito ou você vai deixar Winston

encabulado.”

“*Winston?* Está brincando comigo?”

“Vai dizer que ele não tem cara de Winston?”

Olho para o brinquedo cor-de-rosa. É ridiculamente feminino para algo num

formato de pênis. E Winston é o nome mais feminino que já ouvi.

“É. Acho que tem

sim.”

Ela faz que sim com a cabeça, muito séria. “Tenho talento para escolher nome de

pau.”

Na mesma hora, faço uma cara feia para ela. “Nem inventa de dar um apelido para

o meu, ouviu?”

“Por quê? Tá com medo de eu arrumar um nome melhor que o que você já

escolheu?” Seu tom é o mais doce do mundo.

“Quem disse que dei um nome?”

Allie inclina a cabeça, num desafio. “Jura que não deu?”

Me limito a dar de ombros.

“Rá! Sabia! Qual é o nome dele?”

Fico ainda mais sério.

“Anda, conta”, implora ela. “Prometo não zoar você.”

Depois de cinco segundos de um intenso debate interno, acabo cedendo. “Míni

Dean.”

Isso arranca um uivo dela. “Meu Deus. Só podia ser. Você é *tão* convencido.”

Dou em beliscão em sua coxa em retaliação, mas ela só gargalha mais, então a giro

de costas e calo sua boca com a minha. Allie abre os lábios para a minha língua, e

logo estamos nos agarrando e nos esfregando feito dois gatos no cio.

Afasto os lábios dos seus e pergunto: “Quer me amarrar de novo?”

“Não. Estava pensando em outra coisa.”

“Ah, mas eu queria tanto.”

“Não reclama, gato. Confia em mim, você vai gostar.”

É a sua vez de me girar, e solto um gemido quando ela começa a deixar um

caminho de beijos em meu corpo. Um instante depois, sua boca quente envolve o

meu pau, e... é verdade... Míni Dean não está reclamando nem um pouco.

15

DEAN

A partida de sábado à noite contra o Yale começa promissora.

Depois de um gol de Garrett logo no começo do jogo, conseguimos manter o Yale

fora da nossa área a maior parte do primeiro período. Bem, menos quando Brodowski

sai completamente de posição e dá uma abertura para o ala direita e um jogador de

centro do Yale.

Graças a essa burrada, fico em desvantagem, e é pura sorte que o Yale não marque

um gol — o disco bate na trave. Me jogo em direção a ele e dou um passe rápido para

Hunter. Felizmente, nossos atacantes voam pela linha central e entram no campo do

Yale, enquanto faço de tudo para não estrangular Brodowski no caminho do banco,

para uma troca de linha.

Jogo água na cara pela grade do capacete e cuspo no chão. O suor me escorre do

rosto pelo esforço que tenho feito para defender sozinho a área.

Ao meu lado, Brodowski está morrendo de vergonha. “Errei na cobertura”,

murmura para mim.

Cerro os dentes e digo: “Acontece com os melhores”. Porque é isso que se diz

quando se faz parte de um time. Aqui na Briar não ficamos procurando culpados para

crucificar.

Mas, se alguém tem culpa da abertura, sem dúvida é Brodowski.

“O que aconteceu com seu lábio?”, pergunta ele, estudando o corte vermelho e fino

que marca meu lábio inferior.

“Sexo”, resmungo, em resposta.

Do meu outro lado, Tucker ri. Ele me perguntou a mesma coisa hoje de manhã, e

ofereci a mesma não resposta.

Do outro lado de Tucker, um de nossos alas do primeiro ano parece muito

impressionado. "Você é meu ídolo, cara", exclama.

A primeira linha continua no rинque até o final do período, e seguimos para o

vestiário com uma vantagem de um a zero. Pela primeira vez em semanas, o moral

do time está alto.

O segundo período começa exatamente igual ao primeiro. Outro gol logo no início,

dessa vez cortesia de Fitzy. Estamos ganhando de dois a zero agora, e o time de Yale

está sentindo a pressão. Como resultado, eles caem pra cima da gente, jogando de

forma agressiva e fazendo um disparo atrás do outro para o gol. Patrick Corsen, nosso

goleiro, está longe de ser tão talentoso quanto Simms, que se formou no ano passado.

Também tem o péssimo hábito de se afastar muito do gol, então, quando o ala

adversário rebate um passe vindo da defesa deles pelo meio, Corsen não consegue

deter o disco.

Mas tudo bem. Ainda estamos ganhando. Por... mais uns trinta segundos. Estou

entrando no rinque quando o mesmo ala que acabou de marcar o gol dá um drible

impressionante em Corsen e dispara mais uma vez. O filho da mãe marca de novo.

Dois gols em menos de um minuto, e, de uma hora para a outra, a liderança vira um

empate.

O restante do segundo período corre sem gols.

No terceiro, nosso mundo desaba. Não sou capaz nem de contar todos os nossos

erros — é uma burrada atrás da outra.

Logan leva uma penalidade de dois minutos por bater com o taco num adversário.

Yale aproveita e marca mais um.

Dois a três.

Wilkes também é punido e vai parar no banco. Yale marca de novo.

Dois a quatro.

Corsen é driblado por um ala, que se move como se fosse bater baixo, mas acaba

lançando o disco por cobertura. Ele enche a rede no cantinho esquerdo. Yale faz outro

gol, e dessa vez nem estávamos em desvantagem numérica.

Dois a cinco.

Hunter acerta um lançamento de primeira.

Três a cinco.

Cometo um pênalti idiota. Yale marca de novo.

Três a seis.

Soa o apito final, e perdemos a terceira partida da temporada. Que maravilha.

* * *

Antes de entrar no ônibus, O'Shea me puxa de lado. Ele já gritou comigo e com

Logan no vestiário pelos pênaltis imbecis que resultaram em dois gols para o outro

time, e espero sinceramente que não venha com a mesma história de novo. Estou

com um humor péssimo, e meus filtros verbais não estão trabalhando muito bem. Se

O'Shea me encher o saco, não sei se vou conseguir me controlar.

"Sim, treinador?", pergunto, o mais educadamente possível.

Seus olhos escuros piscam para mim, e ele então enfia a mão no bolso e pega um

BlackBerry. O que me distrai momentaneamente, porque não lembro a última vez

que vi um BlackBerry. Todo mundo usa iPhone hoje em dia, certo?

"Tem alguma coisa para me dizer?", pergunta O'Shea, com frieza.

Não tenho a menor ideia do que ele está falando. “Hmm... sobre o quê?”

Ele faz um barulhinho com a língua. Sem dizer uma palavra, me dá o telefone.

Sinto um ligeiro mal-estar no intestino ao olhar para a tela. É uma conta de

Instagram que nunca vi, mas a foto em questão tem um monte de rostos conhecidos,

inclusive o meu. Não sei quem bateu, mas só pode ter sido uma menina no Malone’s,

na

quinta-feira,

porque

a

legenda

da

imagem

diz

#GatosDoHóquei

e

#GostososDaBriar.

Vou ser sincero — não consigo entender qual é o problema. Na foto, eu e os caras

estamos brindando com copinhos de shot. Tínhamos pedido uma rodada de tequila

antes de mudar para cerveja. E, é verdade, estamos bebendo, mas é todo mundo maior

de idade, e isso não é algo como mostrar a bunda para todo mundo. Estamos só

numa mesa de bar, cacete.

“Continua não tendo nada a dizer?”

Ergo os olhos para O’Shea. “Isso foi na quinta à noite. Era aniversário do Fitzzy.”

“Estou vendo. E até onde foi essa comemoração?”

“Se tá perguntando se a gente encheu a cara, a resposta é não.”

Isso não o satisfaz. “Você se lembra do que eu falei no escritório de Jensen, no

outro dia? Nada de bebedeira, nada drogas e nada de brigas.”

“Não foi uma *bebedeira*, senhor. Foram só umas doses.”

“Você conhece a política da Briar sobre as restrições de drogas e álcool para alunos

atletas? Se não, posso te dar uma cópia.”

“Ah, qual é, treinador, o senhor não pode esperar que a gente não beba uma gota.

Estamos na faculdade, ca... ramba! E temos todos mais de vinte e um.”

“Cuidado com esse tom, Di Laurentis”, exclama ele. “E, sim, eu e os outros

treinadores esperamos *sim* isso de vocês. Enquanto estiver jogando hóquei para esta

faculdade, espera-se que você siga as regras estabelecidas pelos seus treinadores e pela

NCAA e se comporte.”

“Senhor...” Respiro, tentando me acalmar. Mas não obtenho muito sucesso. Além de

estar chateado com a derrota, não me sinto no clima de levar bronca por causa de uns

goles à toa. “Meus colegas e eu nos comportamos *muito bem* na noite em questão.

Então, com certeza, o senhor não tem nada com que se preocupar.”

“Não venha dar uma de espertinho para cima de mim, garoto. Temos um problema

sério aqui...”

“Não, não temos”, eu o interrompo. “Acho que o senhor tá exagerando. Fomos a

um bar e tomamos umas cervejas. É o que a gente faz, tá legal? Mas, ei, se o senhor

estiver muito preocupado com isso, talvez devesse perguntar para o treinador Jensen

o que *e/e* acha." Abro um sorriso de escárnio. "Ele é o treinador do time, não é?"

Deveria saber desse 'problema sério', não?"

Lamento as palavras no instante em que saem da minha boca, mas já estou de saco

cheio desse cara.

É claro que O'Shea não gosta de ver sua autoridade desafiada. "Chad me deu carta

branca para lidar com a defesa, e acho melhor você se lembrar disso", esbraveja ele.

"Quando se trata da defesa, quem lida com qualquer problema que aparecer sou *eu*. E

isto, sr. Di Laurentis, é um problema. Não quero saber de ninguém no time mexendo

com álcool e drogas, está me ouvindo?"

Pelo amor de Deus. Cansei desta merda.

"Entendido, treinador. Posso entrar no ônibus agora?"

O'Shea fica vermelho de raiva. "Quer se juntar aos seus colegas neste ônibus? Então

é melhor se responsabilizar por suas ações. Reconheça que errou."

Estou a segundos de perder a cabeça. Com os punhos cerrados, é um milagre que

não enfie um soco na cara dele. "A título de curiosidade, você tá pensando em fazer o

mesmo discurso para os outros jogadores na foto? Ou eu sou especial?"

"Vou falar com todo mundo, não se preocupe. Escolhi falar com você primeiro,

porque já conheço seu histórico de abuso de álcool." Ele ergue uma sobrancelha, e

neste instante meu punho quase voa.

Meu histórico de abuso de álcool?

Porra nenhuma. Vai se *foder*.

O'Shea sabe muito bem que não tenho nenhum problema com álcool. Está só

sendo um babaca rancoroso e tentando encontrar novos jeitos de me punir pelo que

aconteceu com Miranda. Mas isso? Se referir à única vez em que bebi demais

— quando era um *adolescente* — e usar isso para sugerir que sou alcoólatra?

Estou. De. Saco. Cheio. Desta. Merda.

"Obrigado pela preocupação", digo, com gentileza. "É muito bem-vinda. De

verdade." Então o deixo de pé na calçada e sigo em direção ao ônibus.

Por sorte, ele não me impede.

Ainda estou lutando para recolher os cacos de minha dignidade ao sentar no lugar

de sempre, ao lado de Tucker, que me lança um olhar interrogativo. “O que foi

aquilo?”

“Absolutamente nada.” Tiro os fones de ouvido do bolso e enfio nas orelhas. Se

Tuck acha que estou sendo mal-educado, não diz nada — apenas volta o olhar para o

smartphone, e, em poucos minutos, estamos na estrada.

A faixa de rock que começa a tocar no meu iPod só me irrita ainda mais, então

abro a seleção que Wellsy fez para mim no verão e tento me acalmar ao som do jazz

suave e das melodias fáceis. Não. Também não está funcionando. Desligo o iPod e

passo a ouvir o burburinho baixo dos meus colegas de time.

Logan e Fitzzy estão falando de um jogo de tiro que Fitzzy vai resenhar para o blog

da faculdade. Hollis está tentando convencer alguém a se encontrar com ele em seu

alojamento — “Vou fazer valer a pena, linda” —, o que significa que ou está no

telefone, ou ele e o colega do lado acabaram de sair do armário para o time inteiro.

Corsen e o cara ao lado *dele* estão discutindo quem é a mais gostosa em *Game of*

Thrones: Daenerys ou Cersei.

“Nenhuma das duas”, Garrett se intromete. “Melisandre é a mais gostosa. De longe.”

“A bruxa vermelha? De jeito nenhum. Ela pariu uma sombra nojenta. Tá

contaminada, cara.”

“Olha o spoiler!”, reclama Wilkes. “Ia começar a primeira temporada esse fim de

semana!”

“Não perca seu tempo”, aconselha Fitzy. “O seriado é uma merda. Leia os livros.”

“Juro por Deus que se você falar mais uma vez para a gente ‘ler os livros’, não

respondo por mim”, avisa Corsen. “Tô falando sério, Colin.”

Nosso nerd de carteirinha dá de ombros. “O que posso fazer se os livros são

melhores?”

Não me intrometo; no entanto, secretamente concordo com Fitz. Os livros *são*

melhores. Mas duvido que alguém vá acreditar em mim se eu disser que li todos.

Tirando meus colegas de apartamento, a maioria dos jogadores não me leva a sério.

Sei que acham que só vou para a faculdade de direito de Harvard porque meus pais

compraram minha vaga. E, para ser sincero, não me importo. Acho engraçado quando

as pessoas subestimam minha inteligência. Metade do tempo me faço de louro burro

só por diversão.

O bate-papo continua, mas bloqueio as vozes à minha volta e pego meu celular.

Não sei o que me leva a abrir o Facebook e a procurar o nome dela. Estou no piloto

automático, minimamente consciente do que faço, até os resultados da pesquisa

aparecerem.

Existem dezenas de Mirandas O'Sheas no Facebook, mas nenhuma delas é a que

estou procurando.

Faço outra pesquisa, desta vez acrescentando "Universidade Duke". Não tenho nem

ideia se ela estuda lá, mas parece um bom lugar para começar. Quando estávamos

namorando, Miranda só falava em quanto queria ir para a Duke.

Desta vez, seu perfil aparece.

Olho para a pequena foto ao lado do seu nome. Ela não mudou nada em quatro

anos. O mesmo rosto redondo, os mesmos cabelos cacheados escuros e rebeldes, os

mesmos olhos castanhos.

Para a minha decepção, seu perfil é privado. Não dá para ver nada além da foto de

perfil e a de capa, que é uma paisagem de praia genérica. Fico olhando o pequeno

botão verde no alto da página.

Adicionar aos amigos.

Não sei o que dá em mim para clicar nele. Mas é o que faço.

Com o pedido de amizade enviado, fecho o aplicativo e guardo o telefone. Tucker

parou de olhar para o dele. Está com a cabeça recostada para trás no banco e os olhos

fechados, e decido fazer como ele. Faltam duas horas para chegarmos a Boston, e mais

uma hora até Hastings. Podia muito bem dormir um pouco e tentar esquecer o jogo

desastroso de hoje.

O cochilo faz efeito. Acordo me sentindo focado e relaxado, e quando olho pela

janela e espero a próxima placa aparecer descobro que estamos a meia hora do

campus.

No assento ao meu lado, Tucker também está acordado, digitando no celular de

novo.

Não consigo deixar de perguntar: "Cara, você tá namorando?". Mal tenho visto

Tucker ultimamente, e moramos na mesma casa.

"Não", diz, simplesmente.

"Tem certeza?"

"Acho que eu saberia se estivesse." Mas há algo de estranho em sua voz, e não

consigo identificar exatamente o que é.

"Onde você tá se enfiando então? Não para mais em casa."

Tucker dá de ombros. "Vou pra aula. Estudo na biblioteca. Fico no meu quarto."

Ele faz uma pausa. "Andei dormindo na casa de um amigo em Boston."

"Que amigo?"

Antes que ele possa responder, meu celular toca, e juro que Tuck parece aliviado.

Faço uma nota mental para interrogá-lo de novo mais tarde. Vai ser uma boa prática

para a faculdade de direito.

Ao ver o nome de Beau, atendo do mesmo jeito de sempre.

“Maxwell. Qual é a

boa?”

“E aí? Como foi o jogo?” Tem uma música alta tocando ao fundo, mas posso ouvi-

lo perfeitamente.

“Uma merda.”

“Eu sei. Li o resumo no blog de esportes da faculdade. Vocês levaram uma sova.”

“E por que você perguntou se já sabia a resposta?”

“Estava sendo educado.”

Tenho que rir.

“De qualquer forma, tá rolando uma festa na minha casa hoje. Sei que já é tarde,

mas resolvi chamar. Vai que você está precisando de ajuda para esquecer a surra do

Yale.”

Penso na ideia, mas só por um instante. “Acho que não. Obrigado, mas não tô

muito a fim.” Deixo escapar um suspiro cansado. “A noite foi uma merda.”

“Mais um motivo para você vir. Tá cheio de mulher gostosa aqui. E sabe como é

mulher, né... não resiste a um homem melancólico. É só falar que você tá triste

porque perdeu o jogo, e elas vão implorar para te fazer se sentir melhor.” Ele faz uma

pausa. “Espera. A menos que você ainda esteja lidando com... ah, mau funcionamento

do equipamento?”

“Não. Tudo resolvido.”

“Boa! Quer dizer que a Bella finalmente te deu bola?”

“Bella?”, pergunto, sem entender.

“É, a garota que deu uma chave de boceta em você.”

Rio. “Ah. Pois é, finalmente.” Dou uma resposta vaga, porque Tucker está logo ali

do lado, e ele não pode saber sobre mim e Allie. E... merda. Acho que isso significa

que não posso encher o saco dele por estar sendo tão reservado ultimamente, é aquela

história do sujo falando do mal lavado.

“Ótimo, o negócio voltou a funcionar. Então vem pra cá e faz bom uso dele.”

“Acho que não”, digo, de novo. “Não tô a fim mesmo.” Mas, na verdade, acho que

tô a fim de *outra* coisa, porque, como de costume, só de pensar em Allie começo a

ficar duro. “A gente se vê esta semana. Vamos tomar uma cerveja ou algo assim.”

“Beleza. Até mais, cara.”

No instante em que desligamos, começo a digitar uma mensagem nova. Vou chegar

em casa quase uma da manhã. Minhas intenções vão ficar na cara, mas é sábado à

noite, e Allie não tem aula amanhã, então acho que não tem problema.

Eu: *vc + eu = sexo selvagem esta noite?*

Ela responde imediatamente. Ótimo, ainda está acordada.

Ela: *vc = tentador – eu = já na cama ÷ sono.*

Eu: *Pq o sinal d divisão??*

Ela: *Sei lá. Tava tentando responder c/ matemática. Resumindo: tô na cama.*

Eu: *Perfeito. É exatamente onde quero estar. Chego em 45 min.*

Ela: *Não dá. Hannah tá em casa.*

Eu: *A gente fica bem quietinho. Ela não vai nem saber q tô aí.*

Há um pequeno intervalo, e, mesmo antes de a resposta chegar, sei que vai ser um

não.

Ela: *Não quero arriscar. Vamos esperar uma noite em q a gente possa ficar sozinho.*

Eu: *Vc não tem senso d aventura.*

Ela: *Vc não tem paciência.*

Eu: *Não quando se trata d vc.*

Ela: *A gente transou 3 vezes ontem! Tenho certeza d q isso pode t acalmar até a próxima.*

Eu: *E qdo vai ser a próxima?*

Ela: *Amanhã d noite, talvez? Eu aviso.*

Eu: *Tá.*

Eu: *Aliás, vou pensar em vc batendo uma hj.*

Ela: *Tudo bem. Acabei d enfiar o dedo e fingir q era vc.*

Solto um gemido em voz alta.

Tucker gira a cabeça para mim. Ele olha para a minha cara, depois para o meu

telefone, e por fim revira os olhos. "Sério, cara? *Sexting* do meu lado? Vê se arruma

um quarto."

Bem que eu queria. O quarto de Allie, para ser mais exato. Mas está na cara que

isso hoje está fora de cogitação. E agora, graças à provocação, vou passar o restante da

viagem de ônibus com a cueca apertada.

16

DEAN

“Você tem namorada?” Dakota saltita pela sala de equipamentos feito uma fadinha,

enquanto empilho os capacetes na prateleira à minha frente.

Como o vestiário dos meninos não é exclusivo para o time de hóquei — é também

utilizado por qualquer aluno da escola —, o equipamento tem que ser armazenado

nessa sala. Como assistente técnico, é meu trabalho colocar tudo em ordem.

“E aí, tem ou não tem?”, insiste ela, quando demoro mais que dois segundos para

responder.

Olho para Dakota por cima do ombro. “Não, não tenho. E você não deveria estar

fazendo o dever de casa?” Não que eu me incomode com sua companhia. Dakota é

muito divertida.

Ela sobe na tampa fechada de um grande recipiente de armazenamento e cruza as

pernas. "Não tenho dever de casa hoje." Enrolando a ponta do rabo de cavalo louro no

dedo, ela masca um chiclete de forma barulhenta, sopra uma bolha cor-de-rosa

grande, então acrescenta: "Por que não?"

"Por que não o quê?" Coloco o último capacete na prateleira e me viro para ela.

"Por que você não tem namorada?"

"Porque não."

"Você *nunca* teve uma namorada?"

"Tive, claro. Várias." Bem, não depois que entrei para a faculdade, mas não conto

essa parte para Dakota. No mínimo não seria adequado dizer para uma menina de dez

anos que passei os últimos anos solteiro porque estava muito ocupado transando com

todo rabo de saia que me dava bola na Briar.

E por falar em transar, se não der uma logo, juro por Deus que minhas bolas vão

explodir. Acabei não vendo Allie no domingo, e ela também não pôde me encontrar

ontem. Tem andado ocupada com os ensaios e falou alguma coisa sobre precisar

gravar um teste para um papel, mas estou começando a me perguntar se ela está

fugindo de mim. Espero que não, porque não estou pronto para esse... caso?

Exatamente, caso. Não estou pronto para esse caso acabar.

“Sabe o meu irmão, Robbie?”, pergunta Dakota, em tom conspiratório.

Dou uma gargalhada. “Não, filha, não conheço o Robbie. Só treino o time dele.”

Suas bochechas ficam rosadas. “Ops. Claro. Pergunta idiota, né?”

“Você acha?”

Rindo, ela continua: “Enfim, você não pode contar pra *ninguém*, mas Robbie tem

uma namorada!”.

Levanto as sobrancelhas para ela. “Ah, é? E como você sabe? Tá espionando seu

irmão mais velho?”

“Não, ele me contou. Dã. Robbie me conta tudo. O nome dela é Lacey, e ela está no

oitavo ano.” Dakota balança a cabeça, espantada. “Isso é um ano inteirinho a mais que

ele.”

Tento conter o riso que está prestes a escapar. “Ah, então o Robbie arrumou uma

mulher mais velha, foi? Bom pra ele.”

Dakota abaixa a voz para um sussurro e começa a me contar todos os detalhes

sobre a namorada do oitavo ano do irmão. Escuto com atenção, tentando determinar

exatamente quando foi que passar meu tempo com alunos do primário se tornou o

ponto alto dos meus dias.

Não me levem a mal, o tempo que passei na Briar tem sido incrível. Meu time

ganhou três campeonatos nacionais, e, em termos acadêmicos, sempre estive entre os

melhores da turma. A única matéria em que tive problemas foi uma disciplina

incompreensível de política no segundo ano, que terminei com nota oito. Mas não

gosto de pensar nisso, porque me lembra de um monte de outras besteiras que

prefiro esquecer. Apesar disso, não posso negar que tive uma carreira acadêmica de

sucesso. Dei um show na prova de admissão. Passei na faculdade de direito de

Harvard por mérito próprio, sem ter que depender do meu sobrenome.

Mas não me lembro de já ter ficado empolgado com as aulas. Não pulei de alegria

quando recebi o resultado da prova de admissão. E certamente não estou dando

piruetas com a perspectiva de ir para Harvard.

Sempre se presumiu que eu seguiria o caminho do direito. Não é uma coisa que

meus pais me forçaram a fazer, mas não posso fingir que é algo que me deixa morto

de amores. Não como meu irmão, que vive e respira o direito. Ele adora o trabalho

na empresa e diz que toda vez que pisa num tribunal se sente vivo. Igual Garrett e

Logan com o hóquei.

Já eu? Nunca tive essa sensação antes. Amar algo tanto que sinto o sangue ferver e

o corpo todo borbulhar de vida.

Ou pelo menos não até sexta à noite, quando vi o Hurricanes deixar o líder da

divisão no chinelo. E hoje de novo, quando passei uma série de troca de passes e vi

todos os meninos no gelo a executarem com perfeição.

“Dean, você não tá *ouvindo!*”

A voz aguda de Dakota me desperta de meus pensamentos.

“Desculpa. Viajei por

um instante aqui. O que você estava dizendo?”

“Nada”, murmura ela.

Ela está obviamente muito chateada por ter sido ignorada, o que me faz imaginar

que estava falando alguma coisa importante. Arrasto uma cadeira de metal na sua

direção, coloco de costas para ela e sento com uma perna de cada lado, descansando

os braços no encosto. “Me conta.”

Dakota faz um biquinho com o lábio inferior. “Fiz uma pergunta.”

“Certo, então pergunta de novo. Prometo que desta vez vou ouvir.”

“Você...”, o restante salta de sua boca a toda velocidade,
“*podia me ensinar a patinar?*”

“Pode falar um pouquinho mais devagar?”, peço, com um sorriso.

“Você podia me ensinar a patinar?”, repete ela.

Franzo a testa. “Você não sabe patinar?”

Dakota balança a cabeça de leve.

“Ca... caramba!” Estou horrorizado. Quem mora na Nova Inglaterra e não sabe

patinar no gelo? É uma blasfêmia.

“Minha mãe só tinha dinheiro para mandar um de nós para a aula de patinação, e

Robbie era mais velho, então foi ele. E meu irmão um dia vai ser um jogador famoso

de hóquei, precisa saber patinar.”

Embora o tom de Dakota seja de defensiva, não deixo de notar a mágoa subjacente.

Sinto um aperto no coração. Meus irmãos e eu nunca tivemos esse tipo de problema

quando éramos crianças. Nossa família tinha bastante dinheiro, o que significa que

não tivemos que fazer nenhum sacrifício. Summer fazia aula de balé e de natação.

Nick e eu tivemos aula de patinação, íamos aos acampamentos de hóquei e tínhamos

acesso a todo equipamento de que precisávamos.

Não menti para Allie na outra semana — a Vida de Dean é uma delícia. Sempre

tive o que quis.

Agora, vendo o rosto transtornado de Dakota, me sinto um garoto mimado e

ingrato.

“Então você não tem patins?”, pergunto, lentamente.

Ela nega de novo com a cabeça.

“Qual é o tamanho do seu pé?”

“Não sei. Pequeno?”

Rio. “Deixa eu ver um dos seus sapatos.”

Dakota tira depressa um tênis rosa-choque e passa para mim.

Depois de conferir a etiqueta, devolvo o sapato e caminho até o armário grande de

metal onde ficam os patins dos meninos. A maioria é grande demais para ela, mas

depois de vasculhar um pouco encontro um par de Bauers na prateleira de baixo que

talvez caibam nela.

Ergo os patins pretos arranhados. “Experimenta esses.”

Seus grandes olhos azuis se enchem de horror. “Mas é de menino! Quero patins de

menina.”

Outra risada ameaça saltar de minha garganta. Mas diante de sua expressão de

tristeza, solto apenas um suspiro. “Tudo bem. Não se preocupe. Vou ver o que posso

fazer, tá legal?” Coloco depressa os Bauers feios de menino de volta no armário e

fecho a porta depressa, antes que ela comece a chorar.

O treinador Ellis escolhe esse momento para enfiar a cabeça na sala. "Sua mãe está

aqui", diz a Dakota.

Fico com medo de ele notar a expressão de tristeza em seu rosto e achar que estou

fazendo alguma coisa de errado, mas, quando volto a olhar para ela, Dakota é toda

sorrisos.

"Tchau, Dean!" Ela salta da caixa em que estava sentada e dispara pela porta.

Ellis sorri para mim. "Uma graça, né?"

Saio com ele da sala de equipamentos, e nós dois passamos alguns minutos

discutindo o que queremos fazer no próximo treino dos meninos. Assim que

terminamos, deixo a arena e dou uma olhada no telefone a caminho do carro. Tem

uma mensagem de Garrett dizendo que vai dormir na Bristol House com Hannah,

mas que deixou o jipe em casa, então vai precisar de carona para voltar do treino

amanhã.

Quando entro em nossa cozinha dez minutos mais tarde, vejo um bilhete de Tucker

na geladeira, avisando que vai passar a noite na casa de alguém. A não namorada

misteriosa, suponho.

E depois? O último desertor. Logan aparece para pegar uma garrafa d'água e dizer

que vai voltar tarde.

"Vai aonde?", pergunto, vasculhando a geladeira.

"Boston. O pai da Grace comprou ingressos pra um negócio de orquestra aí.

Nenhum de nós dois tá muito a fim de ir, mas ela disse que ele vai ficar chateado se

não formos."

Sorrio por cima do ombro. "Então você vai passar a noite ouvindo música

clássica?"

"Pois é", comenta ele, desanimado. "Mas vai ter um intervalo, e Grace prometeu que

a gente pode se pegar na chapelaria do teatro."

"Parece uma boa troca."

"Também achei."

Logan vai embora alguns minutos depois, e minha libido desesperada por sexo

emerge diante da ideia de ter a casa só para mim. Na mesma hora, escrevo para Allie,

que deve estar tão excitada quanto eu, pois responde imediatamente.

Ela: *SIM! 3 dias de estresse = chego aí depois da academia. Mas me dá duas horas.*

Eu: *Queria pedir uma coisa.*

Ela: ?

Eu: *Pode trazer o Winston?*

O pedido me rende um emoticon de gargalhada e um de piscadela, o que pode

significar "Que engraçado, mas *não*" ou "Que engraçado, claro que levo". Espero que

seja o último.

Folheio um exemplar da *Sports Illustrated* na bancada da cozinha enquanto devoro

meu jantar, que consiste em sobras de frango e brócolis. Toda semana a nutricionista

do time manda um e-mail com uma lista de sugestões de planos de refeição, mas

Tucker, o cozinheiro da casa, parece achar que a palavra "sugestão" significa "ordem",

porque se recusa a deixar entrar junk food nessa casa. Como ele é o único que se

lembra de ir ao mercado e que realmente gosta de cozinhar,
moramos na casa mais

saudável do mundo.

Depois do jantar, tomo um banho, faço a barba e aparo um pouco
os pelos lá

embaixo. Então sento à minha mesa e começo o trabalho de
relações internacionais, e

ainda estou concentrado nele quando Allie toca a campainha. Salvo
o arquivo, fecho o

laptop e desço para abrir a porta.

Ela está ao telefone e gesticula um "Desculpa" com a boca, fazendo
um sinal com

um dedo de que vai precisar de um minuto ainda.

"Quer jantar?", murmuro, assim que ela entra em casa. "Temos
sobras."

Allie cobre o bocal do telefone por um segundo. "Obrigada, já comi."
Então afasta a

mão e continua a falar: "Não, ainda tô aqui, Ira. E, sim, já mandei o
vídeo. Não

entendi a pressa, se eles só vão decidir o elenco em fevereiro."

Subimos até o segundo andar, e deixo-a andar na minha frente,
para admirar sua

bunda. Quando chegamos ao corredor, não me contenho e me
aproximo por trás,

esfregando a virilha dolorida contra sua bunda ao mesmo tempo que beijo seu

pescoço.

Ela treme e me empurra. "Não sei", diz, ao telefone. "Ainda tô na dúvida sobre esse

papel." Então faz uma pausa. "É, li o que eles me pediram. Minha amiga Megan fez a

parte da Zoey fora da câmera."

Percebo que ela não para de esfregar a base das costas. Toda vez que seus dedos

tocam um determinado ponto, ela faz uma cara de dor. Ou talvez esteja só irritada

com o que esse Ira está dizendo.

"Mandei por correio prioritário da agência da faculdade, deve chegar pra você

amanhã à tarde." Ela aperta o cóccix, massageando distraidamente. "Se achar que

tenho que refazer, eu refaço. Mas fiz o melhor que pude com o que eles me deram...

tá bom... *tá bom*, Ira... amanhã a gente se fala."

Ela desliga o telefone e se vira para mim. "Meu agente tá me deixando louca",

reclama.

Nem sabia que Allie tinha um agente, então estou impressionado.
"Por quê?"

"Quer que eu faça um teste para um piloto da Fox, mas não posso voar para Los

Angeles no dia da seleção, então tive que gravar um vídeo para mandar pra eles.

Agora ele tá preocupado que a câmera não vai transmitir o meu 'encanto natural'. O

que é ridículo, porque é isso que atores de televisão *fazem*: transmitem emoção *pra*

uma câmera."

Franzo a testa ao vê-la esfregando as costas de novo. "O que aconteceu?"

"Não sei", murmura ela. "Acho que distendi alguma coisa. Tô tão estressada com a

peça, e acho que forcei demais na academia hoje. Minhas costas estão me matando."

"Quer uma massagem?"

"Nossa, e como. Por favor."

Estou prestes a mandá-la deitar na cama, mas então tenho uma ideia melhor. "Tira

a roupa", ordeno. "Já volto."

Depois de anos praticando esportes, aprendi um bocado sobre dor. Músculos tensos,

costelas doloridas, joelhos arrebatados... Já tive de tudo e descobri há muito tempo

que nada me alivia mais do que ficar de molho. Como uma visita à banheira de

hidromassagem ou à sauna da arena não é uma opção, sigo com a melhor alternativa

à disposição e preparo um banho escaldante.

Enquanto a banheira enche, procuro por algum sal ou óleo de banho no armário

sob a pia. Encontro um frasco de espuma para banheira que imagino ser de Grace,

porque Hannah tem o luxo de usar a suíte de Garrett. Quando nos mudamos para

esta casa, o egoísta filho da mãe lançou mão de seus privilégios como capitão do time

e reivindicou o quarto principal.

Logan, Tuck e eu somos forçados a dividir um banheiro no corredor, o que é bem

evidente: as prateleiras estão lotadas de produtos masculinos, as toalhas estão sempre

no chão, e o lixo contém uma quantidade alarmante de embalagens de camisinha.

Suspirando, recolho as toalhas descartadas. Logan deixou uma calça cáqui no

toalheiro, mas simplesmente jogo as toalhas úmidas por cima, pego mais duas limpas

no armário e coloco sobre a tampa do vaso sanitário.

Volto até o quarto e encontro Allie toda nua sentada na beirada da cama. Meu

corpo responde, enrijecendo com a visão da pele lisa. Seus mamilos saltam numa

saudação. Cara, quero chupar esses peitos.

Um sorriso irrompe quando noto o que ela está segurando. "Você trouxe!"

"Quando sua mensagem chegou, eu ainda estava no alojamento, então decidi

conceder seu pedido." Ela aponta ameaçadoramente o vibrador na minha direção.

"Mas se você acha que vou enfiar o Winston em você, pode tirar o cavalinho da

chuva."

Engulo uma risada. "Não se preocupa. Prefiro Winston bem longe da minha

bunda."

"Ótimo." Ela acaricia carinhosamente o brinquedo cor-de-rosa. "Não me leve a

mal... se fosse qualquer outra coisa eu topava. Mas Winston, não. Ele é especial para

mim.”

Espera, o quê?

“Esse é o seu problema? Você topa enfiar o que eu pedir em mim, desde que não

seja o seu precioso Winston?”

“Se você pedir, claro.” Ela diz isso como se fosse a coisa mais natural no planeta.

“Por que iria negar a você um pouco de prazer na próstata? É igual dizer para uma

mulher que você não vai tocar o clitóris dela.”

“Como um homem que nunca experimentou a própria próstata, não posso

comentar sobre a força da sua comparação.”

Seu queixo cai. “Nunca? Sério? Certo, a gente *tem* que mudar isso.”

“Passo.” Coloco-a de pé e aprecio a visão de seus seios nus balançando. “Anda, tem

uma coisa que vai ajudar com a sua dor nas costas.”

Levo Allie até o banheiro, e seu rosto se ilumina quando ela vê o banho de espuma

que preparei. “Ai, meu Deus. Isso é incrível.”

Pegando o vibrador de sua mão, empurro-a para a banheira. “Entra aí. Mas deixa

um espacinho para mim.”

“Uuuuh, vamos tomar banho juntos? Melhor ainda.” Ela mergulha um pé

delicadamente na água e solta um gemido alto o suficiente para acordar o meu pau.

Não que ele estivesse dormindo. Míni Dean está sempre em estado de alerta quando

essa menina está por perto. “Quente e gostoso”, ronrona Allie.

Igual a ela.

Coloco Winston na borda da banheira e tiro a roupa. Allie espirra um pouco de

água ao deslizar para a frente, para dar espaço para mim às suas costas.

O vapor à nossa volta tem o cheirinho de morango do banho de espuma. Aninho

seu corpo escorregadio contra o meu peito nu, deixando escapar um ruído satisfeito.

Minhas pernas são compridas demais para esta droga de banheira, então tenho que

ficar com os joelhos para fora, mas não me importo, porque a bunda redonda de Allie

está apertando o meu pau, e estou mais que disposto a lidar com um pouco de

cãibras, se for para tê-la nesta posição.

“Tá, ainda sobre a sua bunda. Você não tem mesmo a menor curiosidade em saber

como é?"

Levo as mãos até o seu cóccix e massageio a carne lisa e molhada.
"Nem um

pouco."

"Ai, que delícia... faz assim..." Ela geme de novo e relaxa ao meu toque. "Nem um

dedo? Deixa eu enfiar um dedinho para ver o que acontece."

Bufo de rir. "Agradeço a oferta, mas não."

"Você preferiria que fosse com um homem? Porque, gato, tenho uns amigos gays

que fariam qualquer coisa para botar as mãos na sua bunda."

Desta vez, solto um "*Nem pensar*".

"Nunca achei que você fosse homofóbico", provoca ela.

"Não sou homofóbico."

"Mentiroso."

"Não sou. Sério, não me importo se você é gay, hetero, bi ou seja lá qual for a sua

categoria. Só não estou interessado em dar a bunda pra um cara. Peru não é a minha

praia."

"Como você sabe?", desafia ela. "E se você ficasse com um cara e descobrisse que

adora?”

“Vai por mim, não vai acontecer.”

“Como você pode ter tanta certeza se não tiver experimentado?”
Dou de ombros, o

que provoca um grito seu. “Ai, meu Deus, você *já* experimentou!”
Ela se vira para me

encarar, transbordando água da banheira. “Com quem? Como ele
era? O que vocês

fizeram? Conta tudo!”

“Não tem nada pra contar.”

“Mentira.” Ela corre uma das mãos sobre as pequenas bolhas
brancas agarradas aos

meus peitorais. “Vou fazer uma proposta. Se você me contar sobre
a sua experiência

gay...”, e faz uma pausa sedutora, “... eu conto sobre a minha
experiência lésbica.”

E, de uma hora para a outra, estou mais duro que pedra. “Fechado”,
digo,

imediatamente.

Seu riso ecoa nos azulejos do banheiro. “Homens. Tão fáceis de
manipular.”

“Claro que somos. É a nossa maior fraqueza — somos governados
pela cabeça de

baixo." Deslizo as mãos por sua barriga ensaboada para segurar seus seios. Seus

mamilos toda hora me espreitam, tentadores, por entre a espuma branca, e não

consigo deixar de procurá-los com os dedos. Quando aperto as pontinhas, Allie emite

um som gutural e fecha os olhos. "Nada disso", reclamo, afastando as mãos. "Você

não pode me atígar com uma experiência lésbica e depois mudar de assunto."

"Ah, é. Tinha esquecido." Ela dá de ombros, o que faz umas gotinhas voarem das

pontas do cabelo. "Beije uma amiga no primeiro ano da escola. Ficamos bêbadas

numa festa e decidimos experimentar." Outro dar de ombros. "Não foi ruim."

"Só um beijo?"

"É."

"E 'não foi ruim'?", resmungo. "Que história mais decepcionante."

"Poxa, foi mal se a minha experiência não fez jus aos seus padrões de perversão.

Mas foi o que aconteceu. Certo, sua vez. Quando foi que *você* fez a sua tentativa gay?"

"Também aconteceu na escola", confesso. "Um amigo e eu saímos com nossas

namoradas uma vez, e elas nos desafiaram a nos beijar. Falamos que só se *elas* se

beijassem antes. Não achei que fossem nos levar a sério, mas elas se pegaram feito

duas atrizes pornô. Então eu e Jason tivemos que cumprir a palavra.”

“Você gostou?”

“Não foi horrível, mas não me deixou duro.”

“Teve língua?”

“Teve.”

“Bastante língua?”

“Não sei. Uma quantidade normal.”

Allie parece tão decepcionada com a minha história quanto eu com a dela. “E parou

por aí? Vocês não tocaram a ponta do pau, nem fingiram que estavam lutando de

espada?”

Rio forte o suficiente para fazer a água da banheira se agitar feito uma corredeira.

“Não, mas agora meio que me arrependo. Parece a coisa mais engraçada do mundo.”

Engasgo por entre as gargalhadas. “*Espada de pica.*”

Allie também tem uma crise de riso, mas a forma como seu corpo treme faz com

que suas coxas ensaboadas deslizem ao longo de minha virilha, o que transforma

rapidamente a minha diversão em excitação pura.

Ela ainda está rindo quando capturo sua boca num beijo faminto. Mas não por

muito tempo. Logo, está ofegante contra os meus lábios, envolvendo minha nuca com

as mãos enquanto enrosca a língua na minha.

Aperto seus quadris e puxo-a na minha direção até meu membro estar alinhado

com a entrada dela. Ela solta um gemido quando o deslizo ao longo de sua carne

molhada, esfregando a ponta sobre o clitóris.

“Dean...”

Mal ouço seu sussurro ofegante. Estou muito distraído com sua boceta quente e

escorregadia e os peitos macios que estou apertando agora em minhas palmas.

“Dean.”

“Hmm?”

“Você ouviu isso?”

De repente, percebo que ela ficou rígida, e sua cabeça está inclinada na direção da

porta fechada. Interrompo o movimento lento de meus quadris e ouço com atenção,

mas a casa está em silêncio. “Não ouvi nada...”

Ai, Merda. Espera. Ouvi sim. O som inconfundível de alguém subindo a escada.

E depois:

“Cara, você não vai *acreditar* no que aconteceu!”

Num piscar de olhos, Allie está fora da banheira, escondendo o corpo nu e

pingando atrás da porta, meio segundo antes de Logan abri-la.

17

DEAN

“A gente foi até Boston, e só quando cheguei lá é que percebi que tinha deixado a

carteira em casa. Aí a gente teve que voltar pra caminhonete e dirigir até aqui, e

agora...”

Logan para tudo o que está fazendo feito um personagem de desenho animado. Fico

surpreso que sua cabeça não gire no pescoço e seus olhos não saltem para fora.

“Hum.” Seu olhar quica de um canto a outro do banheiro feito uma bola de

borracha.

Ele olha para o toalheiro, onde sua calça está pendurada.

Olha para a banheira, onde estou recostado feito uma Cleópatra.

Olha para as bolhas de sabão, cercando meu corpo numa nuvem branca e macia.

Então olha para Winston.

“Cara”, deixo escapar. “*Não é o que parece.*”

“Não, não, não, não quero saber!” Logan joga as mãos para cima e começa a recuar

pela porta, como se tivesse acidentalmente entrado na cova dos leões. Ele para. Pega a

calça do toalheiro. Continua recuando. Seus olhos se concentram mais uma vez no

vibrador rosa a cinco centímetros da minha mão.

Tento de novo. “Eu juro que não...”

“*Não quero saber.*”

Logan pula para fora do cômodo e bate a porta. Ouço seus passos retumbando em

direção à escada. E então voltando na direção do banheiro.

“Ei, escuta, vou passar a noite com Gracie hoje. Então você pode...
hmm... terminar

o que estiver... hmm... fazendo.”

Merda.

Espero ouvir o som da porta da frente se fechando antes de me voltar para Allie.

“Você *se escondeu* atrás da porta? *Sério?*”

Ela dá um passo tímido para a frente. “Desculpa.”

“Pode guardar suas desculpas, gata. Você tem noção do que acabou de fazer, né?”

Olho feio para ela. “Deixou o meu melhor amigo achar que gosto de enfiar vibrador

na bunda.”

“Ah, não é verdade. No máximo isso vai abrir os olhos do Logan. A gente expandiu

os horizontes dele para os prazeres da diversão anal.”

“Entra aqui”, ordeno.

Allie se abaixa depressa na água e se ajoelha na minha frente.

“Desculpa, de

verdade. Eu devia ter falado que estava aqui.” Ela passa uma mecha de cabelo

molhado atrás da orelha. “É só que... gosto da ideia de manter isso em segredo. Você

sabe o que vai acontecer se todo mundo descobrir que a gente está dormindo junto.

Eles vão se meter e transformar esta história em algo maior do que é.”

Ela tem razão. Essa é a natureza do monstro social, e eu estava tentando evitar a

mesma coisa. Mas, droga, Logan nunca mais vai me deixar em paz com isso. Tomar

banho de espuma com um vibrador rosa? Allie me condenou a um sem-fim de

zombaria e piadas.

“Deixa eu te recompensar”, implora ela. “Tenho certeza que a gente pode encontrar

algum jeito de tirar Logan da sua cabeça...” Seus dedos ensaboados envolvem meu pau,

que endurece rapidamente na sua mão. “Viu só? Você já tá esquecendo.”

Ela faz um movimento firme, e solto um gemido. “Não, ainda tô bravo com você.”

“O que faria você deixar de ficar bravo comigo?”

“Sua boca, para começar.”

Ela avalia a sugestão, o olhar acompanhando o movimento da própria mão debaixo

d’água.

“Em geral, eu diria que sim, mas acho que não consigo prender a respiração por

tanto tempo. E vou me afogar se tentar te chupar debaixo d'água."

Rindo, fico de pé e espalmo a mão na parede de azulejos. A espuma escorre por

meu peito e se agarra a minha pele molhada. "Que tal agora?"

"Agora sim." Ela escorrega para a frente, e seu rosto fica a meros centímetros da

minha ereção protuberante. Em seguida, lambe os lábios, e é a coisa mais sexy que já

vi.

Não. Correção: esses lábios em torno de mim são a coisa mais sexy que já vi.

Ela chupa suavemente, a língua envolvendo a cabeça como se estivesse provando

uma guloseima. Seu gemido baixo atravessa meu corpo, desencadeando uma onda de

prazer.

Levo a mão ao seu rosto e acompanho com o dedo o "O" perfeito formado por seus

lábios enquanto se apertam em volta de mim. "Você não tem ideia de como tá linda

agora."

Seus olhos azuis se fixam nos meus. Estremeço ao ver sua boca me recebendo,

quente, úmida e ansiosa. A cada sugada lenta ela me engole mais e mais, até eu estar

muito perto de tocar sua garganta. Nossa. Quero meter em sua boca, com força, mas

sei que se aumentar o ritmo vou gozar rápido demais.

“Você...”, sua respiração faz cócegas na ponta inchada, “é tão...”, ela lambe a parte de

baixo, e tremo de desejo “... bom de chupar.”

Uma risada me escapa. “E o que faz de mim ‘bom de chupar’?”

“Isto aqui.” Ela aperta meu membro. “Este pau lindo. Grande, mas não grande

demais.” Seus dedos me envolvem de novo. “Grosso, mas não grosso demais.

Perfeito.”

“E tem isso de pau ser *demais* de alguma coisa?”

Rindo com a voz rouca, ela me engole de novo, e não me lembro mais do que

estávamos falando, porque Allie Hayes é muito boa nisso.

Ela segura o meu saco enquanto brinca com a boca, lambendo e chupando e

simplesmente me deixando louco. Todos os centímetros quadrados da minha pele

começam a se arrepiar. O prazer cada vez maior faz meus joelhos fraquejarem.

Mantendo uma das mãos na parede, enfio a outra no cabelo úmido de Allie até a

palma estar segurando seu couro cabeludo. "Você vai me deixar gozar na sua boca,

gata?"

Ela ainda não fez isso. O último boquete terminou com a mão dela me levando ao

clímax. Mas estou morrendo de vontade de gozar nessa boca, sentir sua garganta

engolindo cada gota.

Allie me espia sedutoramente. Meu saco se comprime contra o meu corpo, pesado

de necessidade. Quando ela me oferece um leve aceno de cabeça, sou um caso

perdido. O alívio vara meu corpo e jorra do meu pau. Um gemido rouco escapa,

quando ela me chupa até o fim.

Preciso de quase um minuto inteiro para me recuperar. Assim que minha

respiração se acalma e minha visão volta ao normal, entro na água de novo,

empurrando-a para trás. Allie dá um gritinho quando a levanto e a coloco sentada na

pequena borda de porcelana. Deve ter meio metro de largura, o que é espaço

suficiente para ela sentar.

“Minha vez”, murmuro.

Abro suas pernas, e seus olhos queimam de desejo quando acaricio a parte interna

das coxas. A pele ali é muito macia e sedosa sob meus dedos. Estou prestes a baixar a

cabeça e me esbaldar, quando me lembro de uma coisa.

Com um sorriso malicioso, me inclino para trás na banheira e pego Winston.

A respiração de Allie falha.

“Vamos ver se você gosta tanto do Winston quanto do Míni Dean. O que você

acha?” Levo a pontinha do brinquedo até o clitóris, rindo comigo mesmo ao vê-la

afastar ainda mais as pernas. Amo essa desinibição, como ela topa qualquer coisa e

não está nem aí para isso. Igualzinha a mim.

Provoco-a por um tempo, deslizando o brinquedo para cima e para baixo ao longo

da abertura, até ela estar trazendo os quadris para a frente, visivelmente agitada.

Excitada. Então abro-a com os dedos e enfio a pontinha do brinquedo de leve.

Nós dois ficamos observando enquanto empurro Winston para dentro dela. Estava

tentando ir devagar, mas ela está tão molhada que o brinquedo entra inteirinho sem

resistência. Tiro de novo, deixando só a pontinha, em seguida, enfio uma segunda vez.

Allie geme.

Eu também, porque mais uma vez descobri que havia me enganado. Ver aquele

brinquedo entrar e sair dela é *com certeza* a coisa mais sexy que já vi.

“Como tá se sentindo?”, murmuro.

“Preenchida”, murmura ela de volta.

Com o brinquedo ainda dentro dela, abaixo a cabeça e aperto a língua contra seu

clitóris. Dou uma lambida de leve e começo a mover a mão, o movimento preguiçoso

da língua sincronizado com as investidas lentas do brinquedo. Allie agarra meu

cabelo e se contorce na borda. Suas pernas agitadas espirram água em minha cara.

Não ligo. Seguro seu clitóris entre os lábios e chupo, enquanto Winston continua a

fazer seu trabalho lá embaixo.

Os ruídos que escapam de sua garganta ficam mais ofegantes e rápidos. Chupo mais

e mudo o ângulo em que o brinquedo entra nela, e sou recompensado com um: "Ai,

meu Deus" .

Sorriso contra sua pele quente, junto com seus espasmos. Adoro fazer esta menina

gozar. Ela sempre reage como se tivesse acabado de receber um mimo inesperado,

como se realmente não previsse esse presente enorme e maravilhoso, mas, caramba,

com que vontade ela rasga a embalagem.

Seu corpo cede com um grito feliz, e depois suas pálpebras se abrem, pesadas.

"Amo o Winston."

Tiro o brinquedo com cuidado. Mas não tem nada de gentil na forma com que a

encaro. "Você sabe que ele não é de verdade, não sabe?"

"Vai por mim, deixa eu enfiar ele em você só uma vezinha, e aposto que você vai

mudar de opinião."

Saímos da banheira, escorrendo água por todo o tapete e os azulejos. Quando me

abaixo para abrir o ralo, Allie dá um tapa em minha bunda e diz: "Para de tentar o

Winston".

Rio e me viro para pegar uma toalha.

No meu quarto, Allie pousa o brinquedo na cômoda e começa a se secar. "Desculpa

mesmo, de verdade." Ela suspira. "Logan vai te encher o saco com isso, né?"

"Ah, se vai." Diante da culpa em seu olhar, suspiro também. "Não esquenta, tá tudo

bem. Vou dizer que tinha alguém escondida atrás da porta, com vergonha."

Allie parece alarmada.

"Não vou dizer que era você."

Em vez de acalmá-la, minha observação tem o efeito oposto. Seus olhos ficam frios

de desagrado. "Então você vai dizer pra ele que estava com uma menina qualquer?"

"Você *preferia* que eu dissesse que era você?"

"Não. Mas..." Ela morde o lábio e fica quieta.

Já saí com muita mulher. *Conheço* as mulheres. Quando ficam quietas assim, não

estão simplesmente remoendo uma coisa na cabeça. Não, estão construindo uma teia

intricada de cenários e possibilidades, várias camadas se sobrepondo umas às outras,

aumentando e se torcendo, até que, de repente, elas estão furiosas com uma coisa que

você nem sequer imaginou.

Abafo outro suspiro. "Fala logo, Allie-Cat."

"Você tá ficando com outra pessoa?"

Isso me pega desprevenido. "Não. Claro que não." Mais uma vez, minha resposta

entra por uma orelha e sai pela outra. Ela está ainda mais hostil agora. "Não tô", digo,

com firmeza.

Ela analisa meu rosto como se estivesse procurando Wally, só que está procurando

uma mentira, e não um esquisitão de óculos e gorro. Em seguida, deixa escapar um

suspiro. "A gente provavelmente deveria ter tido essa conversa antes de transar de

novo. Todo esse papo de exclusividade."

Acho que ela tem razão, embora não seja uma discussão que eu tenha com

frequência. Todo mundo que se envolve comigo sabe que é uma relação aberta. De

ambos os lados, porque elas também não têm que ser fiéis a mim.
Transei com uma

aluna bonita do segundo ano uns meses atrás que admitiu na
minha cara que tinha

acabado de chegar de um encontro com outro.

Com Allie, simplesmente presumi que fosse algo exclusivo. Jamais
sonharia brincar

com a melhor amiga da Wellsy.

“Somos exclusivos”, digo a ela.

“É sério que você não tá saindo com outra?” Ela nem tenta
esconder a surpresa, e

me pergunto se deveria ficar ofendido.

“Desde a primeira vez que dormimos juntos.”

Ela assente com a cabeça. “E por você, tudo bem?”

“Você topa?”

Outro aceno. “Quero que isso seja exclusivo. Quer dizer, sei que é
só um caso, mas

não ia me sentir confortável com a ideia de você dormindo com
mais alguém. O

mesmo vale para mim... também não vou fazer isso.”

“Beleza”, digo, sem problemas.

Allie permanece cética. “Você tá concordando depressa demais.”

“Prefere que eu faça birra e exija transar com outras pessoas?”

“Não, mas...” E lá vai ela, mordendo o lábio de novo. “Você tá dizendo que se sente

perfeitamente satisfeito em ficar só comigo pelo tempo que isso durar? E se eu ficar

ocupada de novo igual nesses últimos dois dias? Você não vai sair por aí atrás de um

rala e rola com outra?”

Eu estava tranquilo com esta conversa até este momento. Agora estou irritado.

“Qual o problema, acha que não sou capaz de me segurar por dois míseros dias?”

“A gente ficou três dias sem se ver, Dean, e você não parava de choramingar sobre

o quão duro estava.”

“Só porque gosto de transar com regularidade não significa que gasto todos os

segundos do meu dia indo de bar em bar, procurando um jeito de afogar o ganso.”

“Tá. Desculpa”, diz ela, arrependida. “Mas eu tinha que perguntar.” Allie brinca,

inquieta, com a ponta da toalha. “Olha... me faz um favor? Se você sair e alguém der

em cima de você e te deixar louco para levar ela pra cama, ou se você quiser, sei lá,

arrumar outro caso... você pode me mandar uma mensagem dizendo 'acabou' ou algo

assim?"

"Pode deixar", prometo.

Mas, honestamente, não vejo isso acontecendo nunca. Não pensei em mais

ninguém desde que Allie forçou seu caminho até a minha cama feito um trator,

naquela primeira noite. O que é desconcertante. Achei que se a gente saísse vezes o

suficiente, eu iria acabar enjoando dela, mas essa menina me excita demais da conta.

Mesmo agora, no meio de uma conversa desconfortável sobre "arrumar outro caso",

meu corpo está pronto para uma segunda rodada.

Estou começando a me perguntar se algum dia vou enjoar dela.

ALLIE

Particpei de minha primeira seleção de elenco aos doze anos. Fiquei

empolgadíssima e, apesar de não ter conseguido o papel, me diverti horrores lendo

para a diretora de elenco, que era a mulher mais gentil que conheci. Ela me deu um

feedback valioso, e ainda me lembro até hoje de que me aconselhou a continuar

tentando, porque viu “alguma coisa” em mim.

Não demorei muito para perceber que processos de seleção não são exatamente

cor-de-rosa. Não importa se você está se candidatando para um comercial, um papel

coadjuvante ou algo mais interessante — pelo menos uma vez na vida, você vai ter

que enfrentar este obstáculo: contracenar com um ator difícil.

Pois é, toda seleção tem um. A pessoa que tenta te sabotar, embora vocês estejam se

candidatando para papéis diferentes. Ou atuar melhor que você, só para aparecer. Ou

é alguém que não tem o menor profissionalismo e esquece todas as falas, o que acaba

pegando mal para você também. Ou, às vezes, eles são só uns babacas, e você prefere

levar um banho de água fervendo do que estar no mesmo ambiente que eles, quanto

mais contracenar.

Já tive que lidar com todo tipo de parceiro ao longo dos anos, e o melhor conselho

que recebi sobre como lidar com a situação veio de Jack Emery, o professor de

atuação do acampamento de teatro onde eu trabalhava como voluntária.

Ele me disse para usar a energia negativa.

Você não pode controlar como o outro ator vai se comportar. Não pode forçá-lo a

lembrar suas falas, ou se obrigar a ser gentil com alguém que, francamente, não

merece a energia de que você precisa para fingir um sorriso. Jack me instruiu a pegar

essa energia negativa e canalizar para o meu próprio desempenho. Claro que o

conselho não se aplica necessariamente a uma seleção para um comercial de cereal

em que você tem que estar toda sorrisos enquanto engole uma pá de açúcar.

Mas ajuda se os seus personagens tiverem uma relação combativa. Nesse caso, é

fácil usar a raiva ou a irritação e canalizá-la para a sua atuação.

Que é o que estou tentando desesperadamente fazer no ensaio de quinta à noite

com a aluna do último ano que faz o papel de minha irmã.

Já estive na mesma turma que Mallory Richardson antes, mas esta é a primeira vez

em que atuamos juntas no palco. Na semana passada, estávamos com o roteiro na

mão, porque os ensaios ainda estavam começando.

Essa semana, nosso diretor, que também é aluno do curso de teatro, quer que a

gente ensaie sem o roteiro. Não a peça inteira, mas pelo menos algumas cenas, para

ajudar com o processo de memorização. Por mim, tudo bem, porque já decorei

metade da peça.

Mas Mallory? Incapaz de encadear uma frase completa.

“Enfia isso na sua cabeça, Jeannette, você é uma fraca”, afirma Mallory, categórica.

“Por que acha que Bobby foi embora? Porque não...” Ela para. “*Fala*”, grita para a

primeira fileira de assentos na plateia, onde o diretor e dois alunos produtores estão

sentados.

Não tem como não notar a frustração de Steven. Não o culpo. Durante a última

hora, já ouvi Mallory gritar “*Fala!*” tantas vezes que a palavra perdeu todo o sentido.

“Porque não aguentava mais a sua choradeira”, responde Steven, a voz de barítono

atravessando o auditório cavernoso. “Você é patética. Você...”

Mallory o interrompe. "Obrigada, eu sei o resto. Tropecei na parte da choradeira."

Steven sinaliza para começarmos de novo.

"Enfia isso na sua cabeça, Jeannette, você é uma fraca. Por que acha que Bobby foi

embora? Porque não aguentava mais a sua choradeira. Você é patética. Você se deixa

abater... *fala!*"

Resisto ao impulso de correr até o outro lado do palco e derrubá-la no chão. Talvez

se eu gritar as palavras no seu ouvido no último volume elas se fixem nessa

cabecinha preguiçosa.

Steven recita a próxima linha.

Começamos de novo.

"Estou cansada de ter que ficar segurando a sua mão e enxugando as suas lágrimas

e..."

"Bobby *morreu!*", esbravejo, cambaleando na direção dela. "Tenho todo o direito de

chorar se eu quiser! E ninguém pediu pra você segurar a minha mão. Não te chamei

aqui, Caroline."

“Eu vim porque...”

Fico esperando.

“*Fala!*”

E assim vai.

Fala.

Fala.

Fala.

Reservamos o auditório até as dez e meia, o que significa que ainda temos uma

hora. Em geral, Steven faz uso de todos os segundos disponíveis. Hoje, o diretor

obviamente perdeu toda a paciência. Ele levanta e anuncia que o ensaio terminou.

Estou surpresa que tenha aguentado por tanto tempo.

“Vamos nos reunir de novo amanhã”, diz ele. “O auditório está reservado do meio-

dia às três, então a gente vai poder trabalhar bastante. Releia as cenas mais algumas

vezes, Mal. Você está precisando memorizar suas falas.”

“Desculpa, Steve”, geme Mallory. Pelo menos tem a decência de parecer

envergonhada. “Não tive tempo de estudar a cena ontem. Estava preparando um

monólogo para a aula do Nigel.” Ela suspira alto. “Tô toda atolada agora.”

Minha vontade é dizer: *Bem-vinda à faculdade*, porque, qual é, ela acha que é a única

cheia de trabalho aqui?

Estou fazendo um curso de roteiro que me obriga a escrever duas cenas por

semana. Meu professor de teoria cinematográfica passa tanta coisa para a gente ler

que meus olhos estão começando a envesgar. Na oficina de seleção de elenco, a gente

prepara um monólogo por semana; o seminário foi projetado para ajudar alunos de

atuação a se sentirem à vontade e ganharem autoconfiança para enfrentar processos

de seleção, mas, aparentemente, seria “fácil” demais usar material já existente em

seleções fictícias.

Não preciso nem dizer que estou tão atolada quanto ela, mas *eu* não saio por aí

distribuindo desculpas. Não, ainda arrumo tempo para decorar essas míseras páginas

de diálogo.

Mas estou feliz que o ensaio tenha terminado. Estou perto demais de estrangular

Mallory, que nem se despede de mim ao sair do palco.

“Amanhã a gente vai se sair melhor”, garanto a Steven. Me sinto péssima por

termos decepcionado nosso diretor hoje, porque sei o quanto ele leva a sério o seu

trabalho.

Quando nos conhecemos, brinquei que ele deveria estar na frente das câmeras, e

não atrás delas. Sério, o cara é lindo. Pele escura da cor de chocolate, feições perfeitas,

olhos hipnotizantes. Ele me lembra um Idris Elba sem o sotaque britânico sensual.

Mas Steven não está interessado em ser ator. Uma vez me disse que sua meta é ganhar

um Oscar de Melhor Diretor antes dos quarenta.

“Não é você que tem que melhorar”, responde Steven. “Você está ótima.”

Guardo o elogio com carinho e saio do palco pelos bastidores, procurando o celular

na bolsa enquanto caminho. Quando o encontro e vejo uma chamada perdida de Ira,

meu coração tem um sobressalto. Liguei para ele ontem à noite para perguntar sobre

a peça de Cavanaugh, para a qual estou louca para fazer um teste. Não sei nem se ela

vai acontecer ou se são só boatos que correram a Broadway, então pedi para Ira

investigar o assunto.

Confiro a hora. São nove e meia, o que significa seis e meia na Costa Oeste. Sei que

ele ainda está em Los Angeles, porque mandou uma mensagem mais cedo dizendo

que estava “almoçando” com o produtor do piloto da Fox. Não sei se estou feliz ou

decepcionada que os produtores tenham me deixado mandar um teste filmado. Por

sorte, provavelmente não vou ter notícia disso tão cedo, já que a seleção só começa

em fevereiro.

“Alô, Ira”, digo, assim que ele atende. “É Allie. Queria saber se descobriu alguma

coisa sobre a peça do Brett Cavanaugh.”

“Na verdade, descobri.”

Então por que não me ligou?

“A produção já começou. Conheço uma das produtoras, então falei com ela.” Ele faz

uma pausa. “A notícia não é boa.”

Meu coração cai até a boca do estômago. “Ah. O que ela disse?”

“É um elenco totalmente masculino. Ousado, né?”

Muito ousado. Para não falar devastador. De repente, sinto vontade desesperada de

ter um pênis.

“Infelizmente, isso significa que não tem lugar para você nela...”
Não brinca. Não

tenho um pênis! “Mas falei para Nancy que você está interessada em trabalhar com

Brett de novo. Ela prometeu passar isso adiante, então, quem sabe? Talvez ele te ligue

quando estiver produzindo outra coisa.”

Isso me anima. Um pouco. Ainda estou superchateada com a notícia.

Na saída do prédio, mando uma mensagem para Dean.

Eu: Dia horrível! Talvez queira desabafar c/ vc + tarde. Como foi o jogo?

Ele não responde. Tudo bem que só esperei três segundos, mas Dean em geral é

bem rápido nas respostas.

Caminho cinco minutos na direção da Bristol House, e nada ainda. O jogo já deve

ter terminado. Hannah falou que começou às seis. São quase dez.

Mais cinco minutos se passam. Estou quase no alojamento. Por que ele não

responde?

Faz dez minutos, sua maluca. Relaxa.

Em vez de relaxar, fico ainda mais angustiada, porque acabei de me dar conta de

algo preocupante.

Não entrei em contato com Dean porque queria sexo.

Queria desabafar sobre o meu dia com ele.

Ai, merda. Hannah tem toda razão — a palavra “casual” não existe no meu

vocabulário. Tive uma porcaria de ensaio, e minha primeira reação foi escrever para o

cara com quem estou ficando e contar tudo para ele. Na esperança de que ele fosse

me ouvir, me confortar e me dizer que vai ficar tudo bem.

Repita para si mesma, Allison Jane. Ele. Não. É. Seu. Namorado.

“Ele não é meu namorado”, digo, com convicção.

“O quê?” Um cara alto vestindo uma parca diminui o passo e olha para mim.

Quase pulo de susto. “Ah, não estava falando com você.”

Ele se volta para a minha orelha, e percebo que está procurando um fone sem fio.

Como não encontra nada, me olha de um jeito estranho e se afasta.

“Falar sozinho não faz de você um maluco”, grito para ele. Bem, a menos que você

seja o mendigo que eu costumava ver no Brooklyn gritando sobre conspirações

governamentais e sobre como os alienígenas estão roubando nossos neurônios pelo

celular.

Até aí, quem pode dizer que Lou não é perfeitamente são? Talvez os alienígenas

estejam fazendo isso. Não posso provar o contrário.

Me arrasto pelo restante do caminho até em casa e encontro o alojamento com as

luzes apagadas. Hannah ainda não voltou. Sei que foi ao jogo de hóquei hoje, então

ligo para saber onde está agora.

“Oi!” Onde quer que esteja, é um lugar barulhento. Ouço uma cacofonia de vozes ao

fundo, e uma linha de baixo retumbando em meu ouvido. “Tô no bar. Quer vir pra

cá?”

Uso uma voz casual. “Quem tá aí? O Garrett e os caras?” *E Dean?*

Consigo me conter antes de fazer a pergunta. Droga, estou dando uma de namorada

de novo. Uma namorada incrivelmente irritante, diga-se de passagem, do tipo que fica

controlando o homem quando ele não está com ela.

“É. O time tá quase todo aqui. Ganhamos hoje, então tá todo mundo

comemorando.” A música transborda do outro lado da linha de novo. “O Garrett não

para de me desafiar para uma competição de shot.”

“E os outros? Estão fazendo o quê?”, pergunto, com indiferença fingida. “Logan...

Tuck... Dean...?”

Eu me odeio agora. Definitivamente, me odeio.

“Tuck não veio. Logan tá jogando sinuca. E tem uma menina tentando comer a cara

do Dean.”

Meu corpo inteiro fica rígido.

Hum... como é que é?

“Bem, não tô te ouvindo direito”, continua Hannah. “Manda uma mensagem se

você decidir vir.”

Minha mão treme ao desligar a chamada. Dean está no bar se pegando com outra?

Dois dias depois de conversarmos sobre exclusividade?

Isso não vai ficar assim, mas não vai *mesmo*.

18

ALLIE

Minha mãe era uma mulher bonita. Não estou dizendo isso porque sou filha dela e,

portanto, a via por lentes cor-de-rosa. Estou dizendo porque é verdade — Eva Hayes

era uma mulher bonita, impressionante e requintada. Foi modelo quando tinha uns

vinte e poucos anos e, embora não fosse alta o suficiente para desfilas, era muito

requisitada para ensaios fotográficos. Ainda tenho todos os catálogos e propagandas

de revistas que ela fez num álbum de recortes que guardo na minha estante.

Herdei seu cabelo louro e os olhos azuis, mas minhas feições não são tão perfeitas

quanto as dela. O rosto da minha mãe tinha aquela beleza clássica capaz de fazer

homens, mulheres e crianças pararem para olhar sempre que ela passava.

Já eu, sou mais bonitinha do que exuberante.

Mas aprendi que a maquiagem e a roupa certa podem transformar qualquer garota

bonitinha em mulher fatal.

Não sei qual é o meu plano. Em primeiro lugar, Dean e eu não estamos

namorando. E como não quero que ninguém saiba que estamos tendo um caso, não

posso entrar no Malone's e derramar um copo de cerveja na cabeça dele.

O que *posso* fazer é mostrar a ele exatamente do que está abrindo mão.

Não vou mentir — dói que ele não tenha me dado um aviso-prévio como

prometeu. E definitivamente me incomoda o fato de que ele esteja com outra pessoa

hoje, enquanto eu ainda podia muito bem continuar saindo com ele.
Mas sabia com

quem estava me envolvendo quando comecei isso. Dean Heyward-
Di Laurentis pega

todo mundo. Ponto-final.

Meu ego, no entanto, se recusa a aceitar isso, o que é a razão pela
qual, trinta

minutos depois de saber da notícia, estou saltando de um táxi na
frente do Malone's.

Meu sobretudo me aquece, enquanto perambulo junto à porta do
bar, debatendo

meu plano de ação. Dois alunos saem, e fico satisfeita quando
ambos param para dar

uma conferida em mim. Rá. E isso porque a aprovação deles se
baseou unicamente na

minha maquiagem e no penteado "me coma". Provavelmente
estariam salivando se

vissem o que há debaixo do meu casaco.

Pego o celular. *Cheguei*, digo a Hannah. *Cadê vc?*

Ela: *Sinuca*.

Inspirando fundo, entro e abro caminho em meio à multidão. A
música vibra no

chão sob meus saltos, à medida que passo pelas mesas à esquerda
e sigo em direção

ao corredor que comunica o salão principal à sala de jogos.

Tem mais uma meia dúzia de mesas baixas e altas nessa parte do bar. Vejo minha

melhor amiga imediatamente. Está conversando com Logan e Hollis, enquanto

Garrett contorna uma das mesas verdes segurando um taco de bilhar. Com uma

garrafa de cerveja na mão, Fitzzy assiste à jogada de Garrett, o próprio taco

descansando na parede ao lado.

Finalmente avisto Dean. Está praticamente escondido num canto, conversando com

uma morena curvilínea de calça skinny e suéter decotado.

Bonito suéter, meu bem, mas deixo isso no chinelo.

Desabotoo o casaco, tiro e seguro debaixo do braço. Então empino os ombros e

caminho até a mesa de sinuca.

Um assovio corta a música, cortesia de Logan. "Nossa", ele me dá uma cantada.

"Você tá um arraso." Seus olhos azuis brilham, cintilantes. "Qual é a ocasião?"

Sorrio, timidamente. "Só estava com vontade de me sentir bonita."

Hannah bufa. "Amiga, você tá mais do que bonita. Acho que todos os homens do

bar acabaram de armar a barraca.”

Dou de ombros. Só estou preocupada com uma barraca em particular. Será que

Míni Dean já reparou em mim?

“E aí, quer dizer que vocês ganharam?”, pergunto a Logan.

“Pode apostar.”

“Legal. Então vocês estão dando a volta por cima.” Sei que o Grande Dean estava

chateado com as três derrotas consecutivas.

“Bom, não exagera. Ganhamos de um time de segunda divisão. E foi por pouco.”

“Ei, Logan!”, grita Garrett. “Acha que consigo acertar essa?”

“Licença, senhoras. Meus serviços de melhor amigo e ás da sinuca estão sendo

requisitados.” Ele se afasta.

Hannah se aproxima. “E aí, isso significa que está pronta para mergulhar de cabeça

na piscina do namoro de novo?” Sorrindo, ela aponta para a minha roupa, que, para

ser sincera, não diz exatamente “quero namorar”.

Diz “me coma”.

O vestido tubinho azul vai até o meio da coxa. Coloquei um sutiã de bojo, então

meus peitos estão bem no alto. A maquiagem esfumada deixa meus olhos enormes.

Os scarpins de salto treze fazem minhas pernas parecerem incrivelmente longas.

Claro que elas quase congelaram no caminho do táxi até o bar, mas a busca pela

beleza às vezes envolve sacrifícios. Essa é a lição número um no manual da sedução.

“Não, tô só testando as águas.”

Seu sorriso se alarga. “Bem, considere as águas testadas. *Eu* pegaria você.”

Fico tensa, de repente, ao sentir Dean se aproximando mesmo antes de vê-lo. “Tá

bonita hoje, hein, gata”, diz, descontraído.

Mas ouço o tom de rispidez em sua voz, e seu descontentamento é inconfundível. O

que é um absurdo, porque qual motivo *e/e* tem para ficar irritado? Não era eu que

estava me agarrando com outro.

“Obrigada. Quem é a sua amiga?”, pergunto, na voz mais doce que sou capaz de

conjurar.

Ele faz cara de quem não entendeu. “Ahn?”

Aceno com a cabeça na direção da morena, que está nos avaliando com visível

suspeita. Não acredito que Dean ainda tem a ousadia de agir como se não a

conhecesse. *Acabei* de ver os dois conversando.

“Ah”, responde ele. “Polly? Paula? Não peguei o nome.”

Claro que não.

“Penelope”, esclarece Hannah. “Sentei ao lado dela durante o jogo. É *louca* pelo

Dean. Passou o jogo inteiro falando de você.” Minha melhor amiga dá uma risadinha.

“Teve uma hora que fui obrigada a interromper e avisar que você não é tudo isso que

dizem que é.”

Concordo.

“Besteira. Sou melhor.” Mesmo ao protestar, Dean parece distraído. Posso senti-lo

olhando para mim.

“Vou pegar uma bebida.” Me afasto da mesa.

“Ótima ideia”, diz Dean, numa voz excessivamente alegre.

“Também tô precisando.”

Cerro os dentes, enquanto ele me segue. É muito difícil correr nestes saltos, então

me contento com uma caminhada rápida e torço para me separar dele na multidão.

Nossa, que ideia ridícula a de vir aqui hoje. Não sei o que estava esperando, mas

não foi isso. A única coisa que consegui foi ficar ainda mais tensa e irritada do que

antes.

De repente, sou puxada para trás, e um ganido escapa da minha boca.

Os lábios de Dean roçam o meu ouvido, e ele rosna: "Se veio aqui pra me provocar,

tá funcionando."

Fecho a cara. Giro o corpo e o encaro de frente. "Ao contrário do que você pensa, o

mundo não gira ao seu redor." Só que ele tem razão. Foi por *isso* que vim, e agora me

sinto uma completa idiota, porque não sou o tipo de garota que faz joguinhos.

Deveria ter ficado em casa. O ensaio me deixou de mau humor, e acabei deixando a

ideia de Dean com outra pessoa me transformar numa personagem de uma comédia

romântica. Vestir-se feito uma prostituta para chamar a atenção de um cara que não

merece? Quem sou eu?

A aversão que sinto por mim mesma me faz voltar a andar.
Aproximo-me do

balcão do bar, onde um amontoado de homens abre caminho para mim como o mar

Vermelho. Acho que é um dos benefícios da roupa sexy.

Peço um cosmopolitan, porque... por que não? Posso muito bem seguir adiante

com a imagem que criei. Trouxe uma bolsinha de festa preta, mas quando abro para

pegar o dinheiro surgem três mãos diferentes brandindo notas de vinte dólares no ar.

“Pode deixar...”

“Eu pago...”

“Deixa eu te pagar uma bebida...”

Dean faz um barulho alto e irritado. Quando me dou conta, está puxando a própria

nota de vinte e enfiando na mão do barman. “Deixa *comigo*”, diz, bruscamente. Então

encara meus outros pretendentes, que desviam os olhares.

“Vai fazer xixi em mim agora para marcar território?”, chio para ele.

Seus olhos se acendem. “Não sei... deveria? O que está acontecendo, Allie?”

“Nada.” Pego a bebida que o barman me oferece e me afasto depressa do bar.

Dean permanece colado em mim, então ando mais rápido, e, quando nos

aproximamos de nossos amigos mais uma vez, respiro, aliviada. Certo. Agora ele não

pode mais ficar me enchendo o saco com perguntas.

Penelope não demora a se juntar a nós, e minha coluna fica rígida quando envolve

suas garras no antebraço nu de Dean. A camiseta preta dele está esticada sobre o peito

musculoso e deixa os braços perfeitos à mostra. Os mesmos braços que estavam me

prendendo contra a cama na outra noite, quando ele estava se movendo dentro de

mim.

Dou um gole em minha bebida e tento prestar atenção em Hannah. Ela está falando

dos ensaios para a sua apresentação e de como está feliz que a faculdade a tenha

deixado cantar uma canção original sua, em vez de colocá-la para trabalhar com um

aluno de composição.

“Estou pensando em mandar algumas demos para umas gravadoras”, admite ela.

“Sério?” Ela comentou há alguns meses que talvez passasse a se concentrar mais em

compor do que em interpretar, mas não tinha percebido que era uma consideração

séria.

“Sério.” Ela brinca com uma mecha do cabelo escuro, o que me chama a atenção

para a presilha verde fluorescente. É o único toque de cor no visual inteiramente

preto. “Adoro compor. Quer dizer, também adoro estar no palco, mas, ontem à noite,

estava brincando com Dexter no piano durante o ensaio, e quando ele cantou uma

das músicas em que estou trabalhando foi...”

Paro de ouvir. Sou uma amiga horrível, eu sei, mas não posso evitar. Estou

distraída demais pelo abutre bicando Dean como se ele fosse uma carcaça succulenta.

Correndo as unhas feitas para cima e para baixo ao longo do seu braço. Acariciando

seus bíceps. Inclinando-se para sussurrar algo em seu ouvido.

Em sua defesa, ele não parece notar que Penelope está colada nele. Seus olhos estão

fixos em mim, e cada vez mais baixos.

Saboreio minha bebida e passo a hora seguinte fazendo o máximo para ser social.

Mas estou só ficando mais e mais irritada — *comigo*.

Escalei Dean inadvertidamente para um papel que ele não deveria estar

interpretando. Ele *não é* meu namorado. Eu não deveria mandar mensagens para ele

depois de um dia ruim. Não deveria ficar chateada por ele não ter respondido, ou por

estar falando com outra garota.

Embora, de novo, em sua defesa, ele não pareça nem um pouco interessado em

Penelope. Toda vez que dou uma espiada neles, Dean está ao telefone e não presta um

pingo de atenção nela.

Minha bolsa não para de tremer, o que me diz que ele provavelmente está me

mandando mensagens. Mas meu telefone permanece na bolsa, porque estou ocupada

demais lidando com a constatação de que, aparentemente, sou inútil sem um

namorado.

Sou... codependente? É essa a palavra certa? E foi por isso que fiquei voltando para

o Sean? Porque não consigo ficar sozinha? Também tive um namorado durante todo

o ensino médio...

Certo. Talvez eu esteja exagerando. Só porque sempre tive um namorado não

significa que tenho problemas, significa? Gosto de ter namorado. Gosto de andar de

mãos dadas, beijar, ficar abraçadinha e ter para quem contar como foi o dia. Isso não

significa que *preciso* de um o tempo todo.

Talvez eu só seja péssima em ter casos. Tenho certeza que muitas outras mulheres

têm dificuldade em separar sentimentos de sexo.

Ainda assim, tudo isso é muito desanimador. Decidi que está na hora de ir embora.

Não estou prestando atenção a uma palavra do que ninguém está dizendo, e agora

meio que quero ir para casa e pesquisar "codependência" no Google, para ver se posso

me autodiagnosticar.

Mas antes quero fazer xixi, então peço licença e caminho na direção do banheiro.

Nem me incomodo de conferir se Dean está me seguindo, porque sei que está. Eu o

vi, de rabo de olho, se desvencilhando de Penelope no momento em que me afastei da

mesa.

Para minha frustração, a fila do banheiro feminino é inaceitavelmente longa. Não,

não vou esperar trinta minutos para usar o banheiro. Não estou com *tanta* vontade

assim. Mas sei que, se voltar, provavelmente vou dar de cara com Dean.

Sigo em frente, em direção à saída de emergência. Já saí por aqui antes, então não

imagino que o alarme vá disparar, e não dispara. Assim que alcanço o beco nos

fundos do Malone's, o ar frio envolve minhas pernas e braços nus. Visto o casaco

depressa, no mesmo instante em que a porta se abre e Dean emerge.

"Vai embora", digo a ele.

Ele expande as narinas. "Não."

"Tudo bem, então pode ficar aqui fora. Tô indo pra casa." Me atrapalho com o fecho

da bolsa. Preciso chamar um táxi e avisar Hannah que já fui. Dean toma a bolsa da

minha mão, com um palavrão irritado. "Quer devolver a minha bolsa?", exijo.

"Não. Não até você me explicar por que tá brava comigo."

Não respondo.

“Para de agir feito uma criança e fala logo”, ordena ele.

“Por que você não vai procurar a Penelope?”, sugiro. “Tenho certeza de que ela vai

ficar muito feliz de falar com você. Com sorte, ela pode até enfiar a língua de novo na

sua goela.”

Ele leva um susto momentâneo. Então começa a rir. “É ciúme da Penelope?”

“Não é ciúme”, respondo friamente. “Só não gosto que mintam pra mim.”

Dean fica boquiaberto. “Quando foi que eu menti pra você?”

Sinto o rosto esquentar. Que ódio. Ódio *dele*. Ódio de *mim*, por ter dado a ele o

poder de me fazer sentir tão... tão... Deus, nem sei como estou me sentindo agora.

“Você prometeu me avisar se fosse ficar com outra pessoa”, acuso.

“Não fiquei com ela.”

“Hannah falou que vocês estavam se beijando.”

“Não, *ela* estava *me* beijando. Ou tentando, pelo menos. Eu falei que não estava

interessado.”

“Falou?” Minha indignação vacila, mas me forço a não amolecer. Não importa o

que Dean fez ou deixou de fazer. Já deixei esse caso caminhar numa direção na qual

não estou confortável, e agora é hora de voltar para o caminho certo.

“É, falei”, retruca ele, “porque ao contrário do que *você* acredita, sou um homem de

palavra. E disse que não ficaria com ninguém.”

“Bem. Acredito em você.” Engulo em seco. “Posso ir agora?” Tento pegar minha

bolsa, mas ele a mantém fora do meu alcance.

“Você ainda tá chateada comigo”, diz, categórico.

“Não estou.”

“Sou o rei da mentira, gata, sei direitinho quando alguém tá querendo me enganar”,

retruca ele.

“Tá dizendo que essa historinha de que ‘foi ela que me beijou’ é mentira?”, revido.

“Não, tô dizendo que...” Ele cospe um palavrão exausto. Então expira, lentamente.

“Tô dizendo que você não vai embora até me explicar o que tem de errado. E quer

saber? Se alguém deveria estar chateado agora, sou eu.”

Meu queixo cai. "Como assim?"

"Faz dois dias que, graças à sua cena na banheira, tá todo mundo me sacaneando",

diz Dean, sombrio. "Ontem à noite, encontrei um frasco de lubrificante debaixo do

meu travesseiro com um bilhete de Garrett dizendo 'Para a sua bunda'. Logan

comprou uma caixa de limonada rosa e fica só mostrando o polegar para mim toda

vez que bebe um copo. Grace não consegue me encarar nos olhos sem rir. Agora tô

levando esporro, e você não faz nem a gentileza de me dizer por quê."

"Eu... Eu... argh, *cansei* disso." As palavras saltam de minha boca antes que eu possa

detê-las. "Esse caso acabou, tá legal? Já chega."

Os ombros de Dean se enrijecem numa linha severa. "Por quê?"

"Porque tô falando que acabou."

"E *eu* não tenho direito a uma opinião?"

"Não."

"Até parece", rebate ele. "Você não pode simplesmente terminar tudo assim sem me

dar um bom motivo."

Uma sensação de impotência invade minha garganta, porque *não* tenho um bom

motivo.

Tive um dia ruim e você foi a primeira pessoa para quem liguei.

Dito em voz alta, isso soaria louco. Mas me conheço. Posso me ver caindo na

armadilha do namorado, e preciso sair dela antes que a coisa se feche e estraçalhe

meu pobre coração impotente.

“Você tá dizendo que não se sente mais atraída por mim? É isso?”

“Não, não é isso. Você sabe que me sinto. Mas...”

“Mas nada.” Ele se aproxima, e minha respiração fica presa nos meus pulmões. Seus

olhos estão ardendo, suas feições, torcidas num olhar feroz. Nunca vi Dean irritado

antes. É gostoso pra burro. “Que tal recapitular o que aconteceu essa noite, hein?”

Num piscar de olhos, estou contra a parede de tijolos, e sua boca está a centímetros

da minha. Estamos meio que escondidos entre uma pilha de caixas de leite e uma

caçamba de lixo que, por sorte, está vazia. Não que isso fizesse diferença, porque,

mesmo que estivesse transbordando, eu ainda não seria capaz de sentir outra coisa

que não o cheiro forte e masculino de Dean. Toda vez que inspiro, a fragrância

viciante deixa meu cérebro mais e mais aéreo.

“Você ouviu que eu estava no bar com outra garota e ficou com ciúme. Acertei?”

Cerro os dentes.

“E aí ficou apavorada porque teve ciúme, não foi isso? Continuo no caminho

certo?” Fico em silêncio, e ele prende meu queixo com a mão. “O que tá se passando

nessa sua cabecinha linda? Acha que isso significa que você vai se apaixonar por

mim? Que, porque me quer só para você, isso significa que vamos casar e ter filhos?”

Seu tom zombeteiro me irrita. “Deixa de ser idiota.”

Ele me ignora. “Bem, isso não significa nada, gata. Você ficou com ciúme. Grande

coisa. Tem noção do ciúme que *eu* tô sentindo agora? Acha que gosto de ver todos os

homens do bar babando nos seus peitos e enfiando a mão no bolso para reorganizar a

ereção que você provocou aparecendo aqui vestida assim? Quero arrancar fora os

olhos deles só de terem olhado pra você.”

Ergo o rosto para ele, surpresa.

“Verdade”, Dean me diz. “Mas *eu* tô perdendo a cabeça por causa disso? Não, porque

isso não significa nada. Só que a gente ainda fica excitado um com o outro.”

Ele enfia a coxa entre as minhas pernas, se esfregando em mim de forma que posso

sentir sua ereção.

“Ainda te excito, não é?”

O volume rígido pressionando minha barriga me distrai, me impedindo de

responder. Sinto a calcinha ficando úmida. Nossa, estou ridiculamente molhada. E

meus mamilos de repente estão incrivelmente sensíveis e doloridos contra a renda do

sutiã.

“Tudo bem. Não precisa responder. Sei que ainda te excito.” Seus lábios tocam

minha orelha, provocando uma onda de arrepios. “Se eu enfiar a mão debaixo desse

vestido agora, nós dois sabemos o que vou descobrir. Que a sua boceta tá mais

molhada do que nunca.”

Não consigo respirar. Porque não tem mais ar. Dean está roubando todo ele com

suas provocações. E suas mãos estão despindo meu casaco dos ombros. Fico imóvel,

fascinada demais pela intensidade brilhando em seus olhos. Ele deixa meu casaco cair

na calçada suja, em seguida levanta a bainha do meu vestido e me segura por entre as

pernas. A onda resultante de prazer é o que me faz despertar do transe.

Estamos em público, caramba, mas Dean não parece se importar. E, embora esteja

frio aqui fora, seus dedos estão surpreendentemente quentes ao passar sob o elástico

da minha calcinha.

Rindo, ele esfrega a umidade que encontra ali. "Isso. Foi o que eu pensei."

Está zombando de mim de novo, e minha indignação volta a todo vapor. "Deixa de

ser metido", murmuro. "Eu ficaria molhada com qualquer um me esfregando desse

jeito."

"Até. Parece." Seu polegar roça o meu clitóris. Quase caio por cima dele. "Sou eu.

Você *me* quer.” Dean enfia um dedo dentro de mim, e meus músculos internos me

traem, apertando-se em torno dele. “E, enquanto essa bocetinha faminta continuar

pingando por *mim*, a gente não acabou.”

Ai, nossa. Ele está me apalpando pra valer agora. O prazer é insuportável,

concentrado entre minhas pernas, pulsando em minhas veias. Não consigo pensar em

outra coisa.

“Dean...” De alguma forma, me lembro de como falar. “Qualquer um pode passar

aqui.”

“Ótimo. Que passem. Que vejam como você é safada.”

Meu gemido é tão alto que chega a ser embaraçoso. Dean enfia outro dedo e mexe

os dois dentro de mim, curvando-os até atingir um local que faz pontinhos brancos

surgirem em minha visão. Me esfrego contra sua mão, abandonando qualquer

protesto e recebendo avidamente o que ele me oferece.

“Que tal dar um show completo? Quer que eu te coma aqui, contra a parede?”

Minha visão fica embaçada. Seus olhos estão brilhando de desejo inconfundível. Sua

mão livre paira sobre o zíper da calça. Ele inclina a cabeça, esperando a minha

resposta.

Não sei que feitiço esse cara lançou sobre mim, e sei que eu deveria afastar essa

mão. Dizer a ele para deixar a calça fechada e parar de ser babaca. Estamos em *público*.

Qualquer um pode nos ver.

Então por que meu coração está batendo ainda mais forte?

E por que estou baixando a cabeça para dizer que sim?

Vejo um lampejo de aprovação em seus olhos, juntamente com uma dose de

necessidade pura. Seus dedos saem de mim, e ele me vira de frente para a parede.

Fico tensa ao ouvir vozes abafadas se aproximando da rua que passa além do beco.

E se formos pegos? E se formos pegos por um *policia*? As pessoas vão para a cadeia

por isso, não vão?

Sinto o hálito quente de Dean no pescoço, enquanto ele levanta o meu vestido até a

cintura. O frio da noite deixa as minhas coxas arrepiadas.

Tenho que interromper isso. Talvez. Quem sabe. Mas não o faço.

Ouçõ o som de uma embalagem de plástico se rompendo, o barulho de roupas

sendo remexidas, e sua ereção desliza entre as minhas nádegas. Seu membro se

aproxima mais e mais até a ponta cutucar a minha abertura.

“É melhor gozar logo”, sussurra Dean, ao meu ouvido. “Você me deixou com tanto

tesão que não vou durar muito.”

Não sei se vou durar mais que uns *segundos*. Meu clitóris está tão inchado que é

uma agonia. Meus seios também. Nunca dei uma rapidinha do lado de fora de um

bar antes, e tudo sobre esse momento é diferente, emocionante e apavorante. O

elemento adicional de perigo, o risco de alguém nos ver, transformou meu corpo

num fio desencapado à espera só de uma faísca para inflamá-lo.

E a faísca vem na forma de uma investida profunda de Dean.

O grito que irrompe com o meu clímax é interrompido por sua mão, cobrindo a

minha boca. Para alguém que acabou de me provocar por dar um showzinho, ele está

subitamente consciente do nosso ambiente.

Eu, por outro lado, nem lembro em que continente estamos. O orgasmo vara meu

corpo e me deixa sem fôlego. Afundo-me no membro de Dean com cada espasmo

incontrolável, e ele solta um gemido quase inaudível e enterra a cabeça entre meu

pescoço e o ombro, entrando em mim por trás.

Ele não estava brincando. Goza tão rápido que não sei se devo ficar impressionada

ou provocá-lo sobre isso. Entra em mim uma última vez e treme violentamente, as

mãos apertando meus quadris com força.

Também estou tremendo, mas não sei se é por causa do orgasmo ou do vento frio

em minha bunda.

Quando vozes mais altas varam o silêncio, pulo para longe de Dean e baixo o

vestido sobre minhas coxas. Uma espiada por sobre a caçamba de lixo revela figuras

sombrias caminhando na calçada. Ninguém se volta para o beco.

Visto o casaco depressa, enquanto Dean enfia o pênis ainda duro dentro das calças.

Ele joga a camisinha no lixo e me lança um olhar cauteloso.

“O que foi?” Minha voz não soa como a minha voz. Está grave. Gutural.

Seu olhar percorre o meu corpo da cabeça aos pés antes de se fixar nos meus olhos.

“A gente não acabou”, diz, ríspidamente.

Mordo a parte de dentro da bochecha e digo: “Eu sei.”

19

ALLIE

De acordo com o mendigo Lou, do Brooklyn, um déjà-vu é só uma falha que

acontece quando os alienígenas tentam acessar suas memórias. Acho que é isso que

os homenzinhos verdes estão tentando fazer agora, porque, minha nossa, virei a

rainha do déjà-vu.

A noite de sexta-feira começa da mesma forma que há duas semanas. Saio da

academia com a bolsa de ginástica numa das mãos e o telefone na outra. Tem três

mensagens não lidas de Sean esperando por mim.

Eu leio e solto um gemido. Ele precisa muito, *muito mesmo*, falar comigo. Droga.

Consegui, de alguma forma, evitá-lo por duas semanas. O sexo com Dean tem

servido como uma bela distração, mas, essa noite, não vou ter esse luxo. Dean ainda

está no ringue, no jogo do Hurricanes, e depois tem planos com Beau.

Preciso decidir o que fazer com Sean. Quero falar com ele? Adianta? Estou

começando a achar que as separações anteriores não vingaram porque tentamos

continuar amigos. É uma péssima ideia. Não dá para ser amiga de um ex, pelo menos

não de cara. Megan insiste que é preciso no mínimo um período de seis meses sem

contato nenhum até você poder sequer considerar a possibilidade.

Não que Megan seja uma especialista em relacionamentos. Na última vez em que

falei com ela, ainda estava saindo com o médico de trinta e sete anos, mas continuava

inventando desculpas para não conhecer a filha dele. Se ela não consegue se abrir

com ele sobre seus medos e preocupações, como isso pode ser uma receita para uma

relação saudável?

Mas eu deveria estar preocupada com a minha própria vida amorosa agora. Bem,

minha ex vida amorosa, porque não amo mais Sean McCall. É assustador como meus

sentimentos se extinguiram depressa.

Minha mãe costumava dizer que o tempo cura todas as feridas. Isso definitivamente

é verdade. No ano seguinte ao da morte dela, bastava imaginar seu rosto para

desencadear uma onda de dor angustiante. Agora, quando penso nela, ainda dói, mas

de um jeito mais contido e nostálgico. Sinto sua falta, mas não tenho vontade de me

enrolar em posição fetal e chorar o dia inteiro.

Mas isso é o luto. Acho que o amor demoraria mais tempo para desaparecer, o que

me faz pensar se talvez o processo não começou muito antes de Sean e eu

terminarmos. Talvez eu tenha deixado de amá-lo antes e não percebi.

E talvez tomar um café não seja uma ideia terrível. Acho que é possível usar a

ocasião como uma oportunidade para avaliar como meu coração responde diante

dele.

Subo as escadas do alojamento ainda considerando a questão. A Bristol House só

tem quatro andares, por isso não tem elevador, são só quatro lances de escada

carregando minha bolsa de ginástica.

Chego ao nosso corredor e fico paralisada ao ver Sean sentado diante da minha

porta.

Mais uma vez, ele decidiu por mim.

Está com o pescoço curvado, o rosto colado ao telefone, mas ergue a cabeça ao

ouvir meus passos. Em seguida, está de pé, andando na minha direção.

Meu coração *responde*, mas não da maneira como eu esperava. Sean não mudou

nada — o cabelo escuro saindo pela lateral do boné do Red Sox com a aba para trás,

os olhos castanhos profundos, a barba feita. Ver esse menino com quem passei três

anos da minha vida não deveria fazer meu coração doer?

Mas tudo o que sinto é irritação.

“Não fica brava comigo”, implora, em vez de dizer “oi”. Sem dúvida notou meu

desagrado. “Sei que não devia ter vindo sem avisar.”

“Então por que veio?”

“Porque você não tá respondendo as minhas mensagens.” Ele balança a cabeça com

raiva. “Passamos quase quatro anos juntos, Allie. Você não tem cinco minutos pra

falar comigo?”

“Não tenho nada a dizer.” Abro a porta e jogo a bolsa no corredor. Quando Sean

tenta me seguir para dentro do alojamento, fecho a cara e seguro a porta para impedi-

lo.

Ele faz uma cara feia. “O quê? Tô proibido de entrar agora?”

“Não tem razão nenhuma pra você entrar. Desembucha, Sean.”

“Não vou fazer isso no corredor, com o andar inteiro me ouvindo.”

Inspiro fundo. Não sei por que estou sendo tão dura agora. Talvez porque vê-lo me

faça lembrar da briga que levou à nossa separação. Todas as palavras injustas,

insensíveis e cruéis que ele jogou na minha cara.

Eu me obrigo a expirar. Provavelmente estou sendo extremamente grossa porque o

ensaio de hoje foi outra porcaria. A sessão de esteira a um ritmo alucinante também

não ajudou.

“Olha, preciso desesperadamente de um banho, então por que a gente não se

encontra na cafeteria em meia hora? Lá a gente conversa.”

Ele continua chateado por não poder entrar, mas concorda. “Tá bom. Acho que tô

precisando de um pouco de cafeína.”

Faço que sim com a cabeça. “Daqui a pouco eu tô lá.” Em seguida, fecho a porta e

me recosto contra ela por alguns segundos. Merda, acho que não quero ter essa

conversa, seja ela qual for.

Queria que Hannah estivesse aqui para me dar um conselho sobre como lidar com

isso, mas ela está no ensaio. Com o festival chegando, duvido que a veja com

frequência antes de sua apresentação.

No chuveiro, me lembro que terminei com Sean por uma razão. Bem, muitas

razões. Queríamos coisas diferentes do futuro. Eu não estava feliz. Ele vivia com raiva.

Resumindo, era muito sofrimento e pouca gratificação. Gosto de imaginar que

minha mãe concordaria comigo nisso. Sim, ela me encorajou a sempre tentar salvar

meus relacionamentos, e sim, relacionamentos exigem esforço, mas eles não têm que

ser hostis, né?

Não consigo imaginar uma coisa que Sean possa me dizer que me faça mudar de

ideia.

Sean pegou para nós uma mesa nos fundos da cafeteria movimentada, meio

escondida atrás de um vaso grande de cerâmica com uma espaçosa samambaia falsa.

Não entendo muito bem a decoração deste lugar. Tem plantas demais — é uma

temática de selva? Mas não estou nem aí. Adoro o cheiro de café moído na hora, e

fico grata pela privacidade.

Sean desliza um copo alto de isopor na minha direção. "Pedi um café pra você."

Sorri, com uma expressão amarga. "Café com leite sabor baunilha e uma dose extra

de expresso."

Desta vez, meu coração reage de acordo, batendo apertado. Claro que ele sabe o que

costumo pedir. Sean sabe tudo ao meu respeito, e vice-versa. Não preciso conferir o

copo dele para saber que está bebendo um expresso de torra média, com creme, sem

açúcar. E que a embalagem de papel sobre a mesa contém um muffin de mirtilo, que

é o único tipo de muffin que ele come. Quando estávamos juntos, eu o obriguei a

experimentar todos os muffins e tortas do balcão, mas ele insistiu que mirtilo é o

único sabor que “encanta” as suas papilas gustativas.

Merda. Agora estou só triste.

“Tudo bem com você?”, pergunta ele, em voz baixa.

Ai, não, vamos começar trocando amenidades? Seguro meu copo com ambas as

mãos para não ficar remexendo os dedos. “Tudo certo. E você?”

“Já estive melhor, mas...” Ele dá de ombros.

Percebo que parece cansado. Será que não está dormindo bem? Engulo a pergunta

antes que ela me escape aos lábios. Não estamos mais juntos. Se ele dorme ou não

bem não é mais da minha conta.

“Sinto sua falta”, murmura ele.

Dou um gole no café. Não respondo que também sinto, porque a verdade é que...

não sinto falta dele. Assim que terminamos, claro que sentia. Mas, depois, estava com

outras coisas na cabeça. A peça. Dean...

Diante da minha falta de resposta, ele segue em frente, o olhar abatido. "Andei

pensando muito desde que você terminou comigo. Fiz um longo exame de

consciência."

Finalmente encontro minha voz. "Isso é bom. Fico feliz."

"Estava pensando nos últimos seis meses e percebi o quanto estraguei tudo. Fui

horrível com você, Allie." Sua expressão é séria. "Mas agora sei *por quê*."

Minha garganta se aperta. "Por quê?"

"Porque estava com medo."

Ah, merda. Vejo a vulnerabilidade boiando em seus olhos. Luto contra o impulso

irresistível de estender o braço e apertar sua mão.

Não é mais meu trabalho cuidar dele.

"Você tem o futuro todo planejado desde que tinha doze anos. Sabia exatamente o

que queria fazer, e isso é muito raro. Não é todo mundo que pode dizer isso." Seu

tom torna-se triste. "Eu com certeza não posso. Não cresci sonhando em trabalhar

para a companhia de seguros do meu pai. Mas é um trabalho garantido, e não é todo

mundo que tem *isso*, principalmente logo depois de sair da faculdade, mas eu não

estou exatamente contando os minutos até a hora de voltar pra Vermont."

"Você sem dúvida fez soar como se fosse", saliento.

"Porque é a única opção que tenho." Ele soa frustrado. "Estava tentando ficar

animado com ela. E... sinceramente, imaginar você lá comigo tornava a ideia de voltar

para casa mais suportável. Um remédio mais fácil de engolir, acho. Mas não foi justo

com você. Não tinha o direito de insistir que você sacrificasse o futuro que quer só

para eu me sentir melhor com o futuro ao qual estou preso."

Fico estupefata. Sean não dera qualquer indicação de que não queria ir para

Vermont, mas acho que esse é só mais um sinal da falha de comunicação entre nós.

"No nosso primeiro encontro, você me avisou que planejava se mudar para Los

Angeles depois da formatura. Você *continuou* me dizendo isso até o momento em que

terminamos." Ele balança a cabeça, envergonhado. "Mas, neste verão, decidi não ouvir

mais. Eu me convenci de que eu era a coisa mais importante da sua vida e que você

iria para onde quer que tivesse que ir para ficar comigo."

"Não é justo ter essa expectativa de ninguém", digo, suavemente. "Você não pode

mandar alguém colocar a felicidade em segundo plano em favor da sua própria."

"Eu sei, e errei em dar um ultimato. Como já disse, andei pensando muito." Ele

respira. "E cheguei a algumas conclusões."

Ele enfia a mão no bolso do casaco, e meu coração sobe até a boca. Ai, meu Deus.

Por favor, não deixe ele tirar uma caixinha de joias de veludo do bolso.

É maluquice o fato de que eu quase desejo que ele saque uma arma? Que planeje

fazer todo mundo de refém até eu concordar em voltar para ele? Por alguma razão

muito deturpada, acho que estou mais bem equipada para lidar com isso do que com

um pedido de casamento.

Mas sua mão volta com um envelope fino. Ele o coloca sobre a mesa.

“O que é isso?” Fico olhando para o envelope como se contivesse Anthrax.

“Abra”, insiste ele.

Putá merda.

“Por favor.”

A sinceridade em sua voz me faz obedecer. Pego o envelope. Está lacrado, mas a aba

está dobrada para dentro, então uso a unha para abri-la. Espreito o conteúdo e vejo

uma única folha de papel, que retiro e desdobro, lutando contra a apreensão

crescente.

Primeiro me vem o espanto. Depois a suspeita. Seguidos de uma angústia profunda,

porque... o que vou dizer diante *disto*?

Estou segurando um recibo de confirmação da compra de duas passagens de avião

para Los Angeles, Califórnia. O voo sai no dia seguinte à formatura.

Mordo o lábio e olho para Sean.

“Você e eu, linda”, diz, fervoroso. “Era o que eu deveria ter feito desde o início. Foi

idiota tentar forçar você a se mudar para Vermont. O que eu precisava fazer era

engolir o meu orgulho e ir para *Los Angeles*. Com você.”

Ai, Deus. Por que insisti em encontrar com ele em público? Em público é *ruim*. Em

público significa que todo mundo está prestes a testemunhar a agonia e a humilhação

de Sean quando eu disser...

“Não.”

Uma incerteza perpassa seu rosto. “O quê?”

“Você não vai para Los Angeles comigo.”

Sean abre a boca. Em seguida, fecha. E abre novamente. Dou um momento para

digerir o que acabei de dizer. Infelizmente, é o mesmo momento em que meu

telefone vibra. Vasculho a bolsa e... ótimo, uma mensagem de Dean.

Ele: *O jogo acabou. Hurricanes deu um show. Beau só vai poder sair mais tarde. Rapidinha?*

Nossa, como eu queria.

Eu: *Não posso. No meio d algo foda aqui.*

“Por que não?”, Sean enfim pergunta.

“Porque...” Estou distraída.

Ele: *Td bem?*

Eu: *Td. Tomando café c/ Sean.*

Há uma pausa interminável.

Sean ainda está esperando minha resposta. Eu estou esperando a resposta de Dean.

Percebo que provavelmente não deveria ter falado para Dean, mas estava digitando no

piloto automático.

Ele volta com:

Q merda.

Eu: *Eu sei. *suspiro* Dps eu explico, tá?*

Não há mais resposta depois disso, e Sean está cada vez mais irritado. "Pra quem

ocê tá escrevendo?", exige saber.

"Hannah", minto.

A pior parte de namorar alguém por tanto tempo quanto namorei Sean? A outra

peessoa *sempre* sabe quando você está mentindo.

"Mentira." A raiva infunde seus olhos, escuros e ferozes. "É aquele cara? Com quem

ocê dormiu?"

“Não, não é.” Desta vez, nem me importo se ele perceber que é mentira. “E mesmo

que fosse, não é da sua conta. Estamos separados.” Inspiro. “E é por isso que você não

pode ir para Los Angeles comigo.”

A boca de Sean se achata. Seu rosto e pescoço adquirem um tom profundo de

vermelho. Até as pontas das suas orelhas estão rubras. “Você não está falando sério.”

“Quis. Sinto muito. Só acho que... chegou a hora de nós dois seguirmos em frente.”

“Você quer dizer seguir em frente ou sair com outras pessoas?” A soberba de seu

tom me faz eriçar os pelos. “Tipo esse cara que você não quer me dizer quem é?”

Eu poderia ser bem idiota e cuspir outro “não é da sua conta” na cara dele. Ou

poderia dar uma de filósofa e usar o papo furado de que “se você ama alguém, deixe-

o livre”.

Não faço nenhum dos dois. Simplesmente deslizo as passagens de volta para ele e

digo: “Sinto muito. Espero que você consiga um reembolso para isso. E torço muito

para você descobrir a sua paixão, seja trabalhar para o seu pai ou fazer outra coisa.”

Droga, estou engasgando. “Desejo o melhor para você, Sean, de verdade. Quero que

você seja feliz.”

Ele não responde. Apenas fica ali. Petrificado.

Arrasto a cadeira para trás. Minhas mãos tremem ao vestir o casaco. Não perco

tempo dizendo que ainda podemos ser amigos, porque sei que ele não quer ouvir isso

agora. Além do mais, não vou fazer promessas que talvez não consiga cumprir.

“Tchau, Sean”, digo, baixinho.

Vinte e quatro horas depois do doloroso encontro com meu ex-namorado, está na

cara que Dean está me dando um gelo.

Mandei uma mensagem para ele depois que saí do café, perguntando se ainda

queria me encontrar.

Nenhuma resposta.

Mandei outra mais tarde, perguntando se ele saiu com Beau.

Nenhuma resposta.

Mandei uma para dizer boa-noite.

Nenhuma resposta.

Mandei uma para dizer bom-dia.

Nenhuma resposta.

Agora, sentada sozinha na minha cama num sábado à noite, estou achando difícil

dar uma folga a Dean. Na noite passada, estava totalmente disposta a assumir a

responsabilidade. Claro que, quando descobriu que eu estava com Sean, Dean

presumiu o pior, e não o culpo por ficar chateado com isso. Algumas horas de mau

humor é uma reação perfeitamente razoável para alguém que achou que eu poderia

ter reatado com meu ex.

Mas vinte e quatro horas? Aí já é palhaçada. Se Dean está com raiva de mim, tudo

bem, que fique com raiva. Se cansou de mim, tudo bem, o que posso fazer? Mas que

pelo menos tenha a coragem de *dizer* para mim. Ignorar alguém até a pessoa entender

o recado é francamente um insulto, e não tenho paciência para isso.

Pego o laptop na mesa de cabeceira, porque preciso desesperadamente de uma

distração, e não tem nada melhor para isso do que assistir a vídeos fofinhos no

YouTube. Com alguma sorte, vai ter um bebê girafa por aí que desatou a tossir, ou

um bebê hipopótamo que resolveu pular numa lagoa.

De alguma forma, acabo no Twitter. E ora, vejam só. Dean está vivo. Agora, não

pode usar “tinha morrido” como desculpa para estar me desprezando, porque tem um

aluno da Briar tuitando ao vivo o jogo em casa de hoje, e ele acabou de mencionar

um gol de “Di Laurentis”.

Fecho o navegador e pulo da cama. Talvez seja masoquista, mas ver o nome de

Dean me faz querer ver *Dean*. Quero respostas, droga. Quero que ele me olhe nos

olhos e me diga se este caso acabou.

Levo quase trinta minutos para caminhar até a arena, que fica na ponta oposta do

enorme campus da Briar. Na bilheteria, apresento minha carteirinha de estudante

para poder comprar com desconto. A aluna e vendedora diz: “Só tem lugar em pé”, e

desliza um bilhete sob o vidro.

Um minuto depois, estou na área reservada para quem veio assistir à partida de pé.

O segundo período acabou de começar.

Olho o ringue, tentando lembrar o número da camisa de Dean. Não tenho a menor

ideia, então começo a ler os nomes nas costas das camisas pretas e prata. O

sobrenome de Dean é tão grande que deve ser fácil de achar, mas não, não o vejo no

gelo. Talvez sua linha não esteja jogando agora? Mas ele também não parece estar no

banco do time da casa.

Estranho.

Num impulso, abro o Twitter no celular e procuro o perfil que estava

acompanhando antes. Talvez @BriarBryan38 tenha tuitado mais alguma coisa quando

eu estava vindo para cá. Repasso seus últimos posts, até um me chamar a atenção.

Meu coração sobe até a boca.

Dean foi expulso.

20

DEAN

Estou sentado no vestiário vazio, de cabeça baixa, com os ombros curvados.

Contendo bravamente o impulso de pegar o objeto mais próximo — que vem a ser o

meu capacete — e atirar longe na parede. Os nós dos dedos da minha mão direita

estão rachados e sangrando graças ao murro violento que dei no queixo do atacante

do St. Anthony, mas aperto as palmas das mãos contra as coxas e deixo o sangue

manchar a calça do uniforme.

Odeio aqueles babacas do St. Anthony. Nossos times são rivais de longa data, então

sempre que jogamos um contra o outro é esperada alguma tensão, além de um monte

de provocações verbais. Mas a hostilidade piorou nos últimos dois anos. E, duas

semanas atrás, uns caras do St. Anthony mexeram com uma das amigas de Grace,

roubando o telefone dela e a impedindo de sair do quarto de motel decadente em que

eles estavam hospedados.

Hoje à noite, a culpa é toda minha. A partida abriu com a provocação habitual na

disputa pela posse do disco, patinação agressiva e entradas excessivamente físicas de

ambos os lados. Mas eu já tinha entrado no jogo de cabeça quente, e quando aquele

babaca me incitou a partir para cima dele simplesmente perdi a razão.

Fui expulso por conduta antidesportiva. Tá bom. Se os juízes tivessem ouvido

metade da grosseria que Connelly estava cuspiendo sobre nossas mães, tinham

expulsado o desgraçado também.

Tal como as coisas estão, sou o único jogador expulso. Um soco num jogo já

esquentado provavelmente não vai me render uma suspensão do time, mas agora

estou preso no vestiário, proibido de sair até levar a bronca obrigatória do treinador

Jensen.

Ou talvez ele delegue novamente e deixe a bronca a cargo de O'Shea. Que sorte a

minha. *Dois* sermões daquele filho da mãe em vinte e quatro horas. O'Shea me

chamou na sala dele ontem à noite quando eu estava voltando para casa do jogo do

Hurricanes. Acrescente a isso a informação de que Allie estava com o ex, e adivinha?

Acabei enchendo a cara com Beau.

Juro por Deus, se Allie tiver voltado com aquele idiota que não a merece, vou... o

quê? Perder a cabeça de novo? "Terminar" com ela? Tudo o que fiz até agora foi evitá-

la, porque sou um frouxo. Sinceramente, estou com medo do que ela pode ter para

me dizer.

Ouço passos ecoando atrás da porta. Na mesma hora, fico tenso. Espera, é a porta

errada. A que se abre para o corredor principal, e não para o gelo.

"Dean?" A voz de Allie me faz erguer a cabeça num sobressalto.

Como ela conseguiu entrar aqui? Em dia de jogo, a arena sempre tem uma equipe

de segurança vigiando os corredores, para impedir que as pessoas invadam os

vestiários e mexam no equipamento. Isso chegou a acontecer uns anos atrás — um

torcedor fanático do time adversário entrou aqui e pichou um enorme PERDEDORES

nos nossos armários. Não sabia que algumas faculdades admitiam crianças de cinco

anos de idade.

Ouço uma batida suave. "Dean, você tá aí?"

Respondo, a respiração irregular. "Tô."

Allie passa a cabeça loura pela porta. Ela me vê no banco e caminha na minha

direção. Está de jeans e suéter vermelho, os cabelos presos num coque bagunçado, e

ou estou vendo coisas ou seus olhos estão vermelhos. Ela andou chorando?

"Como você passou pela segurança?", pergunto, bruscamente.

"Falei para o guarda que sou sua namorada e que precisava desesperadamente ver

como você estava. Posso ter recorrido a algumas lágrimas de crocodilo no processo."

Ela sorri com ironia. "A capacidade de conseguir chorar quando quero realmente é

bem útil às vezes."

"E ele acreditou?"

"Acreditou. Sou muito convincente. Mas tive que mostrar a carteirinha da Briar

para provar que não era uma sabotadora do time adversário." Ela senta ao meu lado.

"Por que você foi expulso do jogo?"

Olho para a frente. “Dei um murro em outro jogador. Maior burrada da minha

parte. Mereço estar aqui.”

“Talvez. Mas continua sendo uma merda.” Ela fica em silêncio por um momento.

Posso sentir seus olhos azuis perscrutando a lateral do meu rosto.

“Você tá me

evitando.”

Olho para ela de lado. “Só um pouco.”

“Um pouco? Não dá para evitar alguém *só um pouco*, Dean. Ou você evita alguém, ou

não.”

“Não é verdade. Às vezes existem circunstâncias atenuantes. Variáveis inesperadas.”

“Como o quê?”

Dou de ombros. “Não importa.”

“Claro que importa”, corrige ela, “mas a gente não precisa resolver isso agora.” Ela

aperta uma das mãos no meu rosto, em seguida, a desliza até o meu queixo e me vira

na direção dela, me forçando a fitar seus olhos. “Sei que você tá chateado comigo

porque encontrei com Sean.”

“Não tô chateado. Você pode se encontrar com quem quiser.” Opto por um tom de

indiferença, embora, por dentro, esteja me mordendo de raiva.

“Mas espero que você

enxergue a hipocrisia disso tudo. A gente não ia avisar um ao outro antes de ficar

com outras pessoas?”

“Não fiquei com ele.”

“Não?”

“Não”, repete ela, com firmeza. “E se o seu silêncio também tem alguma coisa a ver

com você achar que eu e Sean voltamos a namorar, posso assegurar que não

voltamos. Ele queria, mas eu disse não.”

Não posso explicar o alívio que me invade o peito. “Bom saber”, digo,

simplesmente, mas o brilho nos olhos dela me diz que Allie sabe muito bem o

quanto estou satisfeito.

Ela pega a minha mão e entrelaça nossos dedos. “Meu namoro com Sean agora é

passado. Não quero ficar com ele, e foi exatamente isso que disse a ele ontem.”

“Aposto que ele não ficou feliz.”

“Não, mas vai ter que aceitar.” Ela esfrega o polegar em meus dedos sensíveis. Não

estão sangrando mais; no entanto, pela maneira como ela suspira, seria de imaginar

que amputaram minha mão. “Você não devia brigar”, me repreende, com firmeza.

“Jogadores de hóquei têm sangue quente, gata. Às vezes a gente briga. Não é o fim

do mundo.”

“O que o babaca disse pra você dar um soco na cara dele?”

“Nem lembro mais”, admito. “Foi tudo tão rápido, e eu já estava com um humor de

merda, pra começo de conversa.”

Suas feições são tomadas pela culpa. “Por minha causa?”

“Não...” Aperto a mão dela na minha. “O’Shea tá no meu pé de novo por causa de

outra foto que apareceu no Instagram.” Rio com esforço. “Preciso começar a prestar

mais atenção quando estiver no Malone’s.”

“O’Shea é seu assistente técnico? Aquele que te forçou a trabalhar de voluntário na

escola?”

“Coordenador defensivo, e sim.”

“Certo, e que foto foi essa? Espera, uma foto no Malone’s? De *nós*?”
Seu rosto fica

pálido.

“Não”, tranquilizo-a. “Eu e Penelope, a maria-patins que estava pendurada no meu

pescoço. O’Shea tá morrendo de raiva.”

“Por quê? É proibido ficar com marias-patins?” E ela acrescenta depressa: “Não que

eu esteja dizendo que você ficou com ela — sei que era ela que estava dando em cima

de você. Mas, só pra completar meu raciocínio, mesmo que você *estivesse* retribuindo,

qual o problema disso?”.

“Ele não estava reclamando disso. Na foto, tô segurando uma cerveja, e O’Shea tem

uma política super-restrita sobre não podermos beber.”

“Hum. Ele sabe que tá treinando um time de faculdade, não sabe? É impossível

impor uma restrição dessas.”

“Eu sei.”

“E na foto você tá só segurando uma *cerveja*? Como assim? É diferente de ser pego

cheirando cocaína nos peitos dela.”

Um sorriso brinca em meus lábios. “Claro que não. E se eu fosse cheirar carreiras

nos peitos de alguém, seria nos seus.”

“Ah, obrigada. Que romântico.” Ainda acariciando a palma da minha mão com os

dedos, ela se aproxima e beija minha bochecha. “O’Shea é um babaca. Não deixa ele te

abalar assim, tá legal? Principalmente a ponto de ficar tão irritado, sair batendo nas

pessoas e sendo expulso de jogos.”

Ela tem razão, preciso controlar melhor meu temperamento. Mas Frank O’Shea...

droga. Só o som da sua voz afiada e condescendente me irrita.

Os lábios de Allie roçam meu queixo num beijo fugaz. Em seguida, ela solta a

minha mão, visivelmente relutante. “Acho melhor eu ir, antes que alguém me veja

aqui. O terceiro período já deve estar acabando.”

“Por acaso você viu o placar antes de entrar?”

“Acho que estava empatado.”

Merda. Bem, com sorte, os meninos vão conseguir transformar o empate numa

vitória, porque estou cansado desse negócio de perder.

E, para falar a verdade, estou cansado de ter que ficar me escondendo com Allie.

No começo, dormir com ela em segredo foi emocionante, mas não estou mais

curtindo isso. Quando ela apareceu no Malone's *daquele jeito* na outra noite, quis

enfiar a língua na garganta dela na frente de todo mundo. Foi quase impossível fingir

que ela não estava me afetando, e já estou cheio de ficar mandando mensagens às

escondidas para ela, chamando para uma rapidinha e mentindo para os meus amigos

sobre onde estou indo.

Amigos que, por sinal, agora acham que incorporei vibradores na minha rotina de

masturbação. Quando Tucker me entregou um prato de bacon com ovos hoje de

manhã, perguntou, inocente, se o meu "amiguinho cor-de-rosa" iria se juntar a nós

para o café da manhã. Garrett quase quebrou uma costela de tanto rir. A coitada da

Grace ainda não consegue olhar para mim sem ficar vermelha.

Sei que Allie não quer que nossos amigos saibam que estamos tendo um caso, mas

queria encontrar um jeito de termos um pouco mais de liberdade.
Talvez a gente

pudesse marcar um hotel para o fim de semana e passar dois dias
na cama sem se

preocupar com...

Tenho uma ideia. "Ei, espera." Procuo sua mão antes que ela possa
ficar de pé. "Já

marcou sua passagem de trem para o feriado de Ação de Graças?"

Allie solta um palavrão. "Droga! Ainda não. Por que sou tão
esquecida? Coloquei

um lembrete!"

"Não marque."

"Por que não?"

"Porque tenho uma ideia melhor." Hesito. "Por que não vamos para
Nova York

juntos? Podemos ir no meu carro."

Ela parece assustada. "Ah. Você... hmm... quer passar o dia de Ação
de Graças

comigo? Hmm. Bem. Vou visitar meu pai..."

"Não tô me convidando pra jantar nem nada assim", interrompo.

"Pensei em ficar

na minha casa de Manhattan, enquanto você fica com o seu pai, e
se você estiver livre

na quinta ou na sexta à noite pode passar lá." Agito as sobrancelhas para ela. "A casa

vai ser toda nossa."

"Bem, isso é interessante", comenta ela, devagar. "Que dia você precisa voltar pra

Briar por causa do jogo?"

"Teria que sair no sábado de manhã. Que dia você estava pensando em voltar?"

"Sábado de manhã." Um pequeno sorriso curva os seus lábios. "O cronograma

bate..."

"Isso significa que você topa?", pergunto, esperançoso.

"Uma carona de graça para Nova York e sexo selvagem no fim de semana? Claro."

"Ótimo. Mas tenho uma coisa pra pedir."

Ela inclina a cabeça, esperando que eu continue.

Meu estado de espírito, que antes era o pior possível, agora está tão radiante quanto

o sorriso que abro para ela. "Não esqueça o Winston."

E é assim que acabo dirigindo para Nova York com Allie no banco do carona.

O sol já se pôs no momento em que pegamos a estrada, porque Allie tinha ensaio

até as seis e precisou de uma hora inteira para fazer a mala. Eu trouxe uma mochila.

Ela? Uma mala de rodinha empanturrada que mal cabe no meu porta-malas.

Tinha deixado a bolsa do hóquei no carro, porque literalmente não imaginei que

ela fosse trazer tanta coisa para passar três dias. Por sorte, o estacionamento nos

fundos da Bristol House está completamente deserto, o que significa que ninguém

nos vê tentando enfiar a mala no carro. O silêncio no campus chega a ser sinistro,

quase como se o apocalipse tivesse começado e todo mundo tivesse sido arrebatado

para o céu. Está na cara que não fomos os únicos que decidiram viajar na véspera do

feriado.

Hannah e Garrett voaram para a Filadélfia hoje de manhã, e Grace e Logan saíram

algumas horas depois. Vão visitar o pai de Logan na clínica de reabilitação e depois

seguir para a casa da mãe dele, em Boston, onde vão dormir antes de voltar para

Hastings, para passar o feriado com o pai de Grace. Tucker ainda estava em casa

quando saí, mas vai dirigir até a casa de Hollis, em New Hampshire, amanhã de

manhã. Ainda bem, porque, se não tivesse para onde ir, a culpa teria me obrigado a

convidá-lo a ir para Manhattan.

Quando Allie e eu enfim nos acomodamos nos bancos da frente, descubro que

temos gostos musicais completamente diferentes. Depois de uns cinco minutos

discutindo, chegamos a um acordo — cada um escolhe a música por trinta minutos,

durante os quais a outra pessoa não pode reclamar. A criatura coloca até um alarme

para garantir que ninguém está burlando as regras. E, claro, anuncia que quem

começa é ela.

“Por que não posso começar?”, contraponho.

“Porque estou dando a carteirada da vagina.”

Sorrio para ela. “Supertrunfo. Estou dando a carteirada do pênis.”

“Não é assim que funciona.” Ela parece exasperada.

“Então como é que funciona? Porque, até onde sei, órgãos genitais não decidem

quem escolhe a música primeiro.”

“Ah, decidem sim, mocinho.” Allie me trata como se eu tivesse cinco anos de idade.

“Porque, se você fizer greve de sexo, vou ficar bem por meses. Anos até. Mas, se *eu*

fizer greve de sexo, você vai ficar doidinho. Feito um naufrago se afogando no mar,

desesperadamente agarrado a uma boia.” Ela sorri. “Portanto, vagina ganha de pênis.”

Meu sorriso desaparece, porque Allie está certa.

Como resultado, passo os primeiros trinta minutos da viagem ouvindo baladas

cafonas dos anos 80, todas com a palavra “love” no título.

“I Want to Know What Love Is.”

“I Just Called To Say I Love You.”

“It Must Have Been Love.”

Qualquer um se perguntaria se Allie não está sutilmente tentando me dizer alguma

coisa, mas eu tenho quase certeza de que todas as músicas feitas nos anos 80 são

sobre amor.

Na minha vez, escolho as faixas mais sujas de que sou capaz. Ol’ Dirty Bastard. Uns

proibidões do Jay-Z. Cypress Hill. Boto até um Insane Clown Posse.

Allie revida com sucessos da Madonna.

Em vez de puni-la, decido me dar um prêmio e passo do hip-hop para a música

country. É isso aí, o menino rico gosta de Tim McGraw. Me processem.

Ainda estamos na I-90, com cerca de duas horas de viagem pela frente, quando

Allie pega o telefone e começa a digitar.

Mantendo os olhos na estrada, pergunto: "Escrevendo pra quem?"

"Dillon... uma amiga da escola. Faz faculdade na Flórida, mas tô torcendo pra que

ela tenha vindo passar o feriado em casa. Ah, e eu deveria ver se Fletch também vai

estar na cidade."

"Fletch?"

"Kyle Fletcher, mas chamo de Fletch", responde, distraída. "Ex-namorado."

Viro a cabeça na direção dela. "Tá fazendo planos com o seu ex-namorado?"

"Pode recolher as garras, gatinho. Fletch ainda é um bom amigo."

Não posso lutar contra a curiosidade. "Quanto tempo vocês ficaram juntos?"

"Três anos."

Assobio baixinho. "E depois três anos e meio com Sean... Você é viciada em

compromisso, hein?"

"Não, não sou", protesta ela.

"Gata, você passou quase sete anos da vida namorando. E você só tem vinte e dois."

"Vinte e um. Faço aniversário no Natal."

"Sério? No vinte e cinco?"

"No vinte e quatro. Ou seja, na verdade, faço aniversário na véspera de Natal.

Desculpa."

"Pode ir pedindo desculpa mesmo. Como se atreve a me enganar desse jeito?"

Ela revira os olhos. "Mas, enfim, você tem razão. É muito tempo mesmo." E faz

uma pausa. "Quanto tempo durou o seu relacionamento mais longo?"

"Um pouco mais de um ano", respondo, sem mover o olhar da estrada escura.

"Sério?", exclama Allie, surpresa. "Muito mais do que eu esperava. Foi no colégio?"

Faço que sim.

"Por que vocês terminaram?"

Minha vez de revirar os olhos. "Porque estávamos no colégio."

"E daí? E se ela fosse a sua alma gêmea?", desafia Allie. "Você não acredita que

primeiros amores podem dar certo?"

"Não. Acho que é impossível você saber o que quer ou o que precisa de um

relacionamento com essa idade. Quando você está na escola, não tem nenhuma ideia

do que é a vida real. Não entende o quanto ainda precisa crescer. Eu definitivamente

não sou a mesma pessoa que era na adolescência. Cara, não sou a mesma pessoa que

era no *semestre passado*."

"Claro que é." Ela sorri, docemente. "No semestre passado, você era um pegador, e

continua sendo um pegador neste semestre."

"Verdade", digo, com uma risadinha.

Allie coloca o telefone no suporte de copo do painel e gira no assento para me ver

melhor. "Você ainda fala com a sua namorada do tempo de colégio?"

Sinto a tensão varar meus ossos. "Não."

"Perdeu o contato?"

“Pode-se dizer que sim.” Expiro lentamente, na esperança de aliviar o aperto em

meu peito. “Na verdade, ela é o motivo pelo qual o treinador O’Shea me odeia.

Miranda é filha dele.”

“Ai, não. Você namorou a filha do treinador?” Allie adota um tom de repreensão.

“Meu bem, essa é a regra número um no manual do namoro — nunca pegue a filha

do chefe.”

“E eu pareço alguém que segue as regras?” Mas meu sorriso desaparece depressa.

“Não pude evitar”, admito. “Na época, Miranda era o máximo. Impossível de resistir.

Frequentava o colégio de graça, porque Frank dava aula lá, então não era uma criança

rica. Era completamente diferente das meninas com quem eu saía na escola. Não dava

a mínima pra imagem ou pra ser popular, não diminuía os outros pra se sentir

melhor. Era pé no chão. Engraçada. Gostosa.”

“Dã. Dean Heyward-Di Laurentis só traça gostosas.”

“Não tracei Miranda. Pelo menos não de cara. Levamos um bom tempo até chegar

lá, mas eu não estava com pressa.” Dou uma piscadinha. “Nos divertíamos fazendo

outras coisas.”

“Então quando vocês chegaram nos finalmente?”

“Uns dois meses antes de terminarmos.” Meus ombros se enrijecem de novo. Odeio

lembrar daquela noite.

Allie percebe, porque seu tom se torna cauteloso. “O que aconteceu?”

Merda, por que eu fui abrir essa porta? “Com uns nove meses de namoro, as coisas

ficaram... intensas.” E por que ainda estou respondendo à pergunta? “Miranda

começou a falar sobre continuarmos juntos na faculdade, o que nunca foi parte do

acordo.”

“Espera, O’Shea já sabia? Que você estava namorando a filha dele?”

“Sabia. Não ficou muito satisfeito com a história, mas disse que, desde que Miranda

estivesse feliz, ele estaria feliz. O que não o impediu de pegar no meu pé. Toda vez

que eu a buscava pra sair, ele me interrogava sobre onde estávamos indo, quem

estaria lá, que horas a gente iria voltar. E uma vez ameaçou arrancar minhas bolas se

eu não a tratasse com respeito.”

“Meu pai fez a mesma coisa com Fletch, quando começamos a namorar. Vai por

mim, é coisa de pai.” A risada de Allie morre. “Então Miranda começou a falar da

faculdade...?”

“O tempo todo, e eu fui ficando preocupado, porque, quando a gente começou,

estávamos no mesmo pé. Eu não queria manter um namoro a distância durante a

faculdade. Vi meu irmão e a ex-namorada passarem por isso, e também uns amigos

que tinham se formado um ano antes. Passaram o primeiro ano inteiro se apegando a

algo que deviam simplesmente ter deixado para trás. As ligações foram ficando

menos frequentes, as visitas acabaram, o ciúme e insegurança se instalaram. Uma

preocupação constante sobre o que a outra pessoa estava fazendo, com quem estava

saindo. Eu não queria isso, nem Miranda. Ela estava planejando ir para a Duke. Eu

estava pensando na Briar ou em Harvard. Nós dois concordamos que, se ainda

estivéssemos juntos na formatura, iríamos terminar.”

“Mas ela mudou de ideia?”

“Pois é. No começo, foi sutil. Ela comentava sobre alguma coisa que a gente iria

fazer no futuro, eu lembrava que aquilo provavelmente não iria acontecer, e ela ria e

dizia que tinha esquecido. Mas aí ela começou a ficar... controladora. Me ligava umas

dez vezes por dia, e de repente ficou paranoica de que eu a estava traindo. O que,

aliás, eu não estava — nunca traí ninguém com quem tive um compromisso sério.”

“Então você terminou? Não, espera, primeiro transou com ela.”

Ouço o tom de acusação na voz de Allie, e não posso negar que ela acerta em cheio.

“Pois é. Transei.” Minha boca fica seca. Tento engolir. “Antes de mim, Miranda

namorou um outro cara por uns dois anos. Quando começamos a sair, ela me disse

que já tinha feito sexo antes.”

“Ai, não”, murmura Allie. “Não tô gostando de onde isso vai dar.”

“Fomos a uma festa, e ela estava toda controladora de novo, não me deixava falar

com ninguém, não soltava a minha mão. Me seguia até a porra do banheiro. Eu estava

frustrado e com raiva, e comecei a encher a cara de cerveja, porque era a única

maneira de passar o tempo. Ela não queria ir embora, mas também não desgrudava

de mim. Cheguei a pensar em terminar tudo ali mesmo, e acho que ela percebeu,

porque, quando dei por mim, ela estava me arrastando para o segundo andar.” O

arrependimento lateja dentro de mim. “Eu estava nojento de bêbado, sem falar que

era um adolescente de dezessete anos cheio de tesão, então não estava exatamente

resistindo. A gente transou. E depois ela admitiu que era virgem.”

“Merda.”

“Se soubesse, teria sido mais... sei lá, cuidadoso? Mais gentil? Eu estava bêbado e

desleixado, e o sexo foi exatamente assim, desleixado. Na *primeira* vez dela, Allie. Me

senti um canalha completo no dia seguinte, mas Miranda não estava com raiva. Disse

que se sentia mais próxima de mim do que nunca e, depois disso, entrou em modo

controladora nível máximo. De repente, estava planejando visitas à faculdade e

dizendo que a gente deveria pensar em ficar noivo, que um compromisso mais forte

iria tornar mais fácil manter a fidelidade.” Meu estômago se agita só de pensar nisso.

Eu não tinha nem dezoito anos.

“Então, como qualquer adolescente faria, você se assustou e terminou tudo.”

Faço que sim com a cabeça.

Ela suspira. “Não culpo você. Tenho certeza de que qualquer um teria se sentido

pressionado numa situação dessas.”

“Talvez. Mas... Miranda não lidou com o fim do namoro muito bem”, confesso,

lutando contra a náusea se instalando em meu estômago.

“Acontece que ela já tinha

batalhado contra a depressão no passado, mas nunca tinha me contado sobre isso. Eu

também jamais teria imaginado, porque ela era tão feliz e descontraída o tempo todo.

Mas depois descobri que era por causa dos remédios que estava tomando. Remédios

que *parou* de tomar depois que a gente terminou.”

“Merda”, diz Allie, de novo.

“Ela mudou completamente. Chorava o tempo todo, gritava comigo nos corredores

do colégio, me ligava no meio da noite ameaçando se suicidar. Não tive escolha, tive

que envolver o pai dela, porque estava apavorado com o fato de ela poder se matar

mesmo. Depois disso, Frank tirou Miranda da escola, e nunca mais vi nem ouvi falar

dela desde então.”

Allie fica boquiaberta. “É sério?”

“Frank não deixava.” A frustração que senti na época retorna. “Ele me contou que

Miranda tinha voltado a tomar os remédios e estava recebendo ajuda profissional. Ah,

e, se eu tentasse entrar em contato com ela de novo, ele disse que iria cortar a minha

garganta. Isso não me impediu de me preocupar com ela. Quer dizer, gostava dela,

embora não estivéssemos mais juntos, então, mais ou menos um mês depois que ela

saiu escola, encurralei o treinador no estacionamento e exigi ver Miranda.” Minha

mandíbula treme. “E ele me deu um soco na cara.”

“Meu Deus. Alguém viu isso?”

“Não. Já era tarde, e ele estava saindo de uma reunião de equipe. Não tinha

ninguém por perto. Mas sim, ele me acertou em cheio. Foi aí que descobri que

Miranda contou pra ele que a gente tinha feito sexo. Ela também disse que eu estava

caindo de bêbado quando isso aconteceu.”

“Bem, isso não é certo”, intervém Allie, com raiva.

“Nada do que aconteceu foi certo. Eu não devia ter me deixado seduzir por ela

naquela noite, de jeito nenhum.” A amargura obstrui minha garganta. “Mas ela

deixou o pai acreditar que fui um bêbado canalha que se aproveitou dela, o que

também não foi justo.” Eu me forço a relaxar as mãos agarradas ao volante. “De

qualquer forma, é por isso que O’Shea não quer me ver nem pintado de ouro. Acha

que tirei vantagem da sua filha, que passei um ano tentando levá-la pra cama, e

depois a larguei assim que consegui o que queria.”

“E você não tem nem ideia de como ela está agora? Não tentou entrar em contato

com ela?”

“Mande um pedido de amizade no Facebook há um tempo”, admito. “Ela não

aceitou. Mas acho que está bem. O perfil diz que estuda na Duke.”

“Acho que faz sentido O’Shea ser tão superprotetor”, reflete Allie. “Deve ter sido

muito difícil pra ele ver a filha lutar contra a depressão, vê-la começar a melhorar e

depois voltar praquela lugar terrível de novo.”

Talvez, mas me recuso a sentir empatia por aquele filho da mãe, não quando ele

está tentando tornar o meu último ano na Briar um inferno.

“Você também faz mais sentido para mim agora”, acrescenta ela.

“Como assim?” Não gosto do seu olhar pensativo, perscrutador.

“É por isso que você é sempre tão aberto quando se trata de sexo, né? Quer ter

certeza de que as meninas com quem você sai estão no mesmo pé que você.”

“Nunca mais vou enganar ninguém, isso é certo. Ou confiar piamente na palavra

delas. Não me importo se isso faz de mim um canalha, mas nunca, jamais minto

sobre minhas intenções. E não saio com virgens”, acrescento, um pouco depois. “Nem

alunas do primeiro ano, porque elas tendem a ser grudentas.”

“A Vida de Dean sem dúvida tem muitas regras.”

“Sem essas regras, a Vida de Dean não existiria.”

“Imagino que não.” Ela faz uma pausa. “Mas a coisa da virgindade é complicada. É

muito fácil pra uma menina mentir sobre isso. Quer dizer, só andar a cavalo já deve

ter rompido cinquenta por cento dos himens por aí.”

Solto uma gargalhada. “Vai por mim, meu radar de virgem é infalível atualmente.”

“Ah, é? E como você sabia que *eu* não era virgem?”

“Porque Garrett dorme no seu alojamento fim de semana sim, fim de semana não,

e já ouviu você e Sean bimbando. Ele disse que você é do tipo que grita.”

Ela puxa o ar, indignada. “Disse *nada*.”

“Disse sim. Pode admitir, gata, você é barulhenta.” Rio diante da sua expressão

aflita. “Isso não é uma coisa ruim. Gritar é bom.” Penso em seus gemidos guturais e

nos *Ai, meu Deus* ofegantes, e, na mesma hora, começo a ficar duro. “Gritar é *muito*

bom.”

“Não, é constrangedor”, murmura ela. Suas bochechas estão rubras.

“Ei, prefiro ir pra cama com uma mulher que grita do que com uma silenciosa. As

que gozam sem fazer barulho são as *piores*. Dormi com uma garota uma vez que não

deu um pio o tempo todo. Sério, não sabia nem se ela estava se divertindo. No final,

ela virou pra mim e me agradeceu pelos orgasmos múltiplos.”

Allie dá uma gargalhada. “Mentira.”

“Eu não minto.”

“Não... você não mente mesmo, né? Tô começando a achar que você pode ser a

pessoa mais honesta que já conheci.”

“Outra exigência da Vida de Dean. Seja sincero e se responsabilize pelo que diz.”

“E faça o que quiser.”

“E faça o que quiser”, repito.

“Acho que gosto muito da Vida de Dean.”

Acho que gosto muito de você, quase deixo escapar.

Felizmente, consigo conter o sentimento, porque... que história é essa agora? Gosto

de *transar* com ela. Allie tem um papo bom e é boa de cama — é só isso. E

considerando o quão inflexível está sendo sobre isso não passar de um caso, sei que

concorda plenamente comigo.

Mas, algumas horas depois, quando paro na frente da casa de três andares com

fachada de arenito vermelho no Brooklyn Heights, Allie me pega desprevenido.

“Quer jantar com a gente amanhã?”

O convite é alarmante e inesperado.

E alarmante.

Eu falei alarmante?

Meu mal-estar deve estar estampado em meu rosto, porque Allie se apressa em

acrescentar: “Não vou ficar insultada se você disser que não. Sério, pode recusar. Só

estava imaginando você sozinho em Manhattan no dia de Ação de Graças, enquanto

sua família devora um peru tropical em St. Bart, e foi uma imagem tão solitária e

deprimente que achei que podia te convidar”.

“O que...” Limpo a garganta. “O que você vai dizer pro seu pai?”

Ela dá de ombros. "Que você é um amigo da faculdade que não tinha pra onde ir.

Não vai ser nada demais, prometo. Vocês vão falar de hóquei, eu vou fazer o jantar,

vamos ver um pouco de futebol, e tem quarenta por cento de chance de todo mundo

pegar uma intoxicação alimentar. Só um bom e velho Dia de Ação de Graças na casa

dos Hayes."

Deixo escapar uma risada. "Parece divertido." Penso na ideia. "Tá, eu topo. Que

horas você quer que eu apareça?"

"Lá pelas quatro, mas a gente só deve comer perto de cinco."

Faço que sim com a cabeça.

"Certo. Beleza." Ela sorri, desanimada. "Agora me ajuda a tirar a minha mala do

carro, por favor? Tenho certeza de que vou quebrar as costas se tentar levantar aquela

coisa sozinha."

21

DEAN

O pai de Allie me odeia à primeira vista.

Tenho certeza que se falasse isso para Allie, ela dispensaria minhas preocupações e

diria coisas como "ele é só rabugento" ou "ah, ele é assim com todo mundo". Mas ela

estaria errada.

Joe Hayes me odeia desde o instante em que abriu a porta e me viu de pé na

entrada de sua casa. E, caramba, poucas vezes minha roupa pareceu tão inadequada

para a situação. Allie me disse para vir "arrumadinho", então escolhi uma camisa

branca de botão da Tom Ford e calças cinza Armani. Sem paletó, mas o casaco preto

da Ralph Lauren recebe uma olhadela de desdém do pai de Allie, que está de calça de

moletom e camisa de flanela.

"Você é o amigo da faculdade da A.J.?", ruge.

Franzo a testa. "A.J.?"

"Minha filha. Allison Jane?" O sr. Hayes parece irritado de ter que explicar.

"Ah, sim, senhor. Mas a conheço como Allie."

"E não sabia o apelido dela?" Ele faz um som de escárnio. "Grande amigo, hein?"

Então murmura um “Entra” e se vira, com rigidez. Digo rigidez no sentido literal,

porque anda com visível dificuldade, sustentando-se numa bengala fina.

Allie tinha me avisado que o pai tem esclerose múltipla. Ela também me

aconselhou a não tocar no assunto, explicando que ele não gosta de falar disso e

provavelmente vai arrancar a minha cabeça se eu disser alguma coisa. Então fico na

minha, mas está na cara, mesmo para mim, que não sou médico, que ele está

sentindo dor.

Sigo o sr. Hayes pelo surpreendentemente grande piso principal da casa, com um

piso de madeira bem cuidado, além de portas e uma decoração toda em madeira que

parecem ser originais, da época em que a casa foi construída. Allie e o pai ocupam os

dois andares inferiores da casa, que, conforme sou bruscamente informado, contêm

quatro quartos e três banheiros. Ou a família comprou o lugar antes de o bairro do

Brooklyn Heights se tornar supersofisticado, ou olheiros de hóquei profissional fazem

bem mais dinheiro do que eu imaginava.

Ele me leva até uma sala com uma sacada com vista para um pátio e um jardim

impecável. “Você gosta de trabalhar no jardim?”, pergunto, educadamente.

O pai de Allie fecha a cara para mim. “A mulher do andar de cima cuida do

jardim.”

Certo.

“Dean. Prazer.”

Ah, graças a Deus. Allie aparece na sala, e fico aliviado de ver que está usando um

vestido azul na altura do joelho. Nada muito chique, mas arrumado o suficiente para

eu não me sentir como se tivesse vindo de smoking para um churrasco.

“Quer beber alguma coisa?”, pergunta ela, depois de me cumprimentar com um

abraço.

Olho para o sofá de couro marrom em que o sr. Hayes está se sentando lentamente.

Ele apoia a bengala na beirada do sofá e pega uma cerveja da mesinha de centro. Sua

mão treme freneticamente ao levar a garrafa aos lábios. Quando me pega olhando,

franze a testa de novo.

“Hmm...” Engulo em seco. “Uma cerveja seria bom.”

“Coors ou Bud?”

“Bud.”

Ela assente. “É pra já.”

Mais uma vez, sou deixado às garras do sr. Hayes, cujos olhos azuis agora estão

colados no jogo do Lions na televisão. Devo ser uns treze centímetros mais alto e

pesar quase quinze quilos mais que ele, mas o homem me aterroriza mesmo assim.

Imagino que fosse violento no ringue. Tem o peito imenso e encorpado. E modos

rabugentos.

“Tá esperando o quê, playboy? Senta de uma vez.”

Playboy?

Droga. Por que fui aparecer de Ford e Armani? O pai de Allie no mínimo deu uma

olhada na minha roupa cara e decidiu que eu era um riquinho idiota.

Bem relutante, sento na outra ponta do sofá em L.

Hayes me olha de lado, brevemente. "A.J. disse que você joga hóquei."

"Sim, senhor."

"Atacante?"

"Defesa."

"Quais as suas estatísticas até agora, nessa temporada?"

Faço uma pausa, incerto. Espera, ele quer mesmo que eu recite todos os meus

números? Quantos gols, passes e minutos de penalidade? Acho que seria capaz, mas

desfiar assim minhas próprias estatísticas parece arrogante.

"São decentes", digo, vagamente. "O time teve um começo difícil. Mas ganhamos o

Frozen Four na temporada passada."

Ele assente. "Ganhei no terceiro ano de faculdade. Boston College."

"Legal. Hmm. Parabéns." Seu rosto não transmite a menor expressão, então não sei

se isso é algum tipo de competição. Se fosse, eu provavelmente podia dizer que

ganhei no ano anterior também. Mas fico de boca fechada. Felizmente, Allie volta

com minha cerveja, e eu a seguro como se fosse um salva-vidas. "Obrigado, gata."

No instante em que a palavra salta de minha boca, nós dois congelamos. Merda.

Espero que o sr. Hayes não tenha ouvido isso.

Ele está sentado bem aqui. É claro que ouviu.

Abro a chapinha da garrafa e tomo um gole muito necessário de álcool.

“Então, o que eu perdi?”, pergunta Allie, a voz excessivamente alegre.

Seu pai zomba. “O playboy aqui estava me contando que ganhou o Frozen Four.”

Putá merda.

Vai ser uma longa noite de Ação de Graças.

O jantar é horrível. Bem, não a comida — para alguém que diz ser péssima na

cozinha, Allie fez um bom trabalho com a refeição. É o ato de ingerir tal comida que

acho insuportável. A conversa é esmagadora. Hayes parece fazer o possível para me

contrariar. Sua frase preferida esta noite tem sido “Aham, claro”. Só que proferida

num tom seco e condescendente que me faz desejar estar sozinho na casa de Hasting

neste momento.

Quando Allie comenta que vou para a faculdade de direito no próximo outono, ele

diz: "Aham, claro".

Quando diz que minha família tem um apartamento em Manhattan, ele diz: "Aham,

claro".

Quando agradeço pelo jantar, ele diz: "Aham, claro".

Simplesmente. Esmagador.

Não me levem a mal, estou fazendo um esforço genuíno para ser educado. Pergunto

como era a vida de olheiro profissional, mas sua resposta é um murmúrio de uma

frase. Elogio o apartamento, e ele resmunga um "Obrigado".

Por fim, acabo desistindo, mas Allie não se importa em preencher o silêncio

constrangedor. O sr. Hayes só parece voltar à vida quando ela conta ao pai sobre a

peça em que está atuando, as aulas, os próximos processos de seleção e tudo mais que

tem feito. É evidente que ele adora a filha — o sr. Hayes acompanha todas as palavras

que ela diz como se contivessem os segredos para a vida eterna. Mas ele fecha a cara

para ela em um determinado momento, depois que pergunta se Allie ainda mantém o

contato com Sean, e ela admite que eles saíram para tomar um café.

“Nunca gostei do menino”, murmura Hayes. Pela primeira vez, ele e eu

concordamos em alguma coisa.

Allie mastiga a última garfada de purê de batata com molho antes de protestar. “Ah,

isso não é verdade. Vocês sempre se davam bem quando a gente vinha visitar.”

Seu pai ri. Olha, vejam só, ele tem senso de humor. Jamais teria imaginado.

“O garoto era seu namorado — eu não tinha outra escolha a não ser me dar bem

com ele. Agora não é, então não tenho mais que fingir que gosto dele.”

Encubro uma risada com o guardanapo.

“Sujeito carente”, continua o sr. Hayes. “Não gostava da maneira como olhava para

ocê.”

“Como é que ele olhava para mim?”, pergunta Allie, cautelosa.

“Como se você fosse o mundo inteiro.”

Ela franze a testa. “E isso é uma coisa ruim?”

“Péssima. Ninguém deveria ser o mundo inteiro de ninguém. Isso não é saudável,

A.J. Se a sua vida inteira for centrada numa coisa — numa pessoa —, o que vai

acontecer quando essa pessoa for embora? Absolutamente nada.” E reitera,

bruscamente: “Não é saudável”.

Joe Hayes tem um jeito muito prático de pensar. Estou estranhamente

impressionado.

“Bem, agora você tá só me fazendo sentir mal por Sean. Vamos mudar de assunto.

Dean, conta para o meu pai do seu último jogo.”

Suspiro, pesaroso. “Sério? O que fui expulso?”

O pai dela grunhe: “Aham, claro”.

A conversa fica tensa novamente. Quando enfim chega a hora de limpar a mesa,

fico aliviado e levanto, ansioso para ajudar Allie a recolher os pratos. Ainda tem

metade de um peru numa travessa, que Hayes pega, cambaleando em suas pernas.

“Não, pai”, ordena Allie, com firmeza. “Vá ver o resto do jogo. Dean e eu damos

conta aqui.”

“Não sou um inválido, A.J.”, resmungava ele. “Sou perfeitamente capaz de levar um

prato para a cozinha.”

Tão logo as palavras saem de sua boca, a travessa balança na sua mão. Ou melhor,

sua mão treme, e a travessa acompanha o movimento, escorregando de repente e se

espatifando no piso de madeira.

O prato de louça se espatifa em pedaços, e o peru escorregadio desliza pelo chão.

Baixo o meu prato na mesma hora e corro em volta da mesa. Allie faz o mesmo, e

nossas cabeças se chocam, quando ambos tentam pegar o mesmo caco.

“Droga”, exclama o sr. Hayes. “Deixa que eu limpo.”

“*Não.*” O tom de Allie deixou de ser rigoroso — é uma ordem clara. Ela toma o

caco de cerâmica da minha mão e diz: “Dean, você pode levar o meu pai para a sala e

mantê-lo lá?”.

Seu pai me lança um olhar mortal capaz de fazer minhas bolas murcharem, mas de

jeito nenhum vou enfrentar a ira de Allie agora. Abafando um suspiro, seguro-o de

leve pelo braço e o conduz para fora da pequena sala de jantar.

A carranca permanece fixa em seu rosto, mesmo depois que ele se acomoda no

sofá. "Eu podia ter limpado sozinho", me informa.

"Eu sei." Dou de ombros. "Mas acho que acertamos ao sair de lá. Pra alguém tão

pequena, sua filha sabe meter medo quando quer uma coisa."

Seus lábios se curvam de leve. Puta merda, quase consegui fazê-lo sorrir?

Mas, seja qual for a graça do meu comentário, ela desaparece num piscar de olhos.

O sr. Hayes baixa a voz para um tom mortal e pergunta: "O que você quer com A.J.?"

Eu me ajeito no sofá, confuso. "Não entendi a pergunta."

"Também vejo o jeito como *você* olha para ela." Sua mandíbula começa a se

contorcer, mas não sei se é de raiva ou por causa da doença. "Você gosta dela."

"Claro que gosto", respondo, sem jeito. "Somos amigos."

"Não me venha com esse papo. Estou vivo há muito mais tempo que você, playboy.

Acha que não sei quando um homem deseja outra pessoa?"

E eu tinha achado a conversa do jantar desconfortável.

“Eu sei do que estou falando. A.J. é um ótimo partido. É inteligente, bonita como a

mãe. Dedicada — dedicada demais, às vezes”, admite ele. “Se te ama, vai sempre

colocar suas necessidades à frente das dela.” E sei que agora ele está falando da sua

própria relação com a filha. É evidente que, por causa da esclerose, Allie coloca as

necessidades do pai em primeiro lugar, além de mimá-lo mais do que ele gostaria.

“Ela precisa de um homem que cuide *dela*.” Sua voz se suaviza por um momento,

mas logo depois volta a ficar gélida. “Você não é esse homem, garoto. Você é incapaz

disso.”

O insulto faz meu pelo eriçar. Quem é ele para fazer esse tipo de julgamento?

O sr. Hayes percebe minha cara feia e dá uma risada. “Fui olheiro de hóquei por

mais de vinte anos — você acha que é o primeiro filho da mãe metido que conheci

na vida? Mais metido que a média, aliás, porque veio de uma família rica. Já tem

aquele ar de importante que só vem depois que um jogador assina o primeiro

contrato de sete dígitos.”

Faço força para evitar que minhas mãos se fechem em punhos. “Só porque minha

família tem dinheiro não significa que sou uma pessoa ruim, senhor.”

“Não estou dizendo isso.” Ele dá de ombros. “Mas caras como você... você não sabe

nada dos problemas do mundo real. Se a merda estoura, você joga um pouco de

dinheiro no problema e *puf*— tudo resolvido.” Os olhos azuis, um tom mais escuros

do que os de Allie, me esquadrinham da cabeça aos pés. “Você não é o que ela

precisa, Dean. Na hora do vamos ver, você não daria conta do recado.” Uma pausa.

“Não confio em você para cuidar da minha filha.”

Com essa observação final, ele se volta para o jogo de futebol americano.

22

DEAN

No dia seguinte, Allie me liga ao meio-dia para dizer a que horas deve chegar. “Oi,

tô num táxi. Chego aí em quinze ou vinte minutos, dependendo do trânsito.”

Acabei de sair do chuveiro, então estou enrolado numa toalha, caminhando pelas

janelas do meu quarto, que vão do chão ao teto, equilibrando o telefone no ombro.

“Por que não veio de metrô? Teria sido mais rápido.”

“Estava com vontade de me espalhar num banco de carro, em vez de vir toda

espremida num vagão de metrô.”

“Entendi.”

“Tem algum ponto de referência para quando eu chegar aí? Em que andar é?”

Entro, distraído, no closet e pego uma calça de moletom de uma prateleira. “É só

falar na portaria quem você é, e alguém vai te trazer aqui. O elevador precisa de uma

chave para a cobertura.”

Ela suspira. “Você mora na cobertura do Heyward Plaza Hotel?”

“Moro.” Deixo a toalha cair sobre a madeira polida. “Ei, o que você acha — isso vai

fazer o seu pai me odiar mais ou menos?”

Sua risada faz cócegas em meu ouvido. “Ah, cala a boca. Ele não te odeia.”

Claro que não. Ela não estaria falando isso se tivesse ouvido o discursinho que ele

fez na sala de estar ontem à noite.

Não confio em você para cuidar da minha filha.

Droga. Com esclerose ou não, o velho ainda é capaz de dar um nocaute.

Afasto a conversa irritante da cabeça e digo: "Até daqui a pouco".
Então volto para o

quarto e começo a recolher itens aleatórios de roupa do chão.

A equipe de limpeza arrumou o apartamento hoje de manhã — eles aparecem

pontualmente duas vezes por semana, mesmo que não tenha ninguém em casa —,

mas tenho o estranho hábito de acumular bagunça mesmo que só tenha passado

algumas horas no lugar. Vera, a nossa empregada, me chama de Desastre Ambulante.

Vinte minutos depois, a portaria interfona para me avisar que minha visitante

chegou, e caminho até o elevador, que se abre dentro da sala de estar.

As únicas pessoas a me visitarem aqui foram os meus amigos de escola, e como as

casas deles são igualmente... luxuosas... nenhum deles nunca deu muita bola para este

apartamento.

Allie arregala os olhos diante do que vê.

No instante em que sai do elevador, seu queixo está no chão de mármore e as

sobrancelhas se arqueiam mais altas que o pé-direito de mais de quatro metros.

“Minha mãe do céu”, arqueja ela. Seu olhar espantado percorre a antessala, a sala de

estar e o terraço voltado para o norte, antes de se voltar para mim. “Certo. *Exijo* um

tour na casa.”

Dou uma risada autodepreciativa. “Vai demorar”, aviso.

“Pode levar cinco horas. Quero ver cada centímetro deste palácio, sua majestade.”

Ao apresentar a cobertura para ela, me pego vendo-a por seus olhos. Em cada

cômodo que entramos, ela fica boquiaberta, ofega ou solta um palavrão — a

biblioteca com painéis de noqueira na parede, a cozinha de última geração, o salão de

ginástica, a adega... tá bom, acho que este lugar pode ser mesmo um *pouquinho*

exagerado.

“Cadê os quartos?” Ela parece confusa, quando chegamos à sala de estar novamente

e paramos junto da imensa lareira com sua prateleira esculpida à mão.

“Ah, isso foi só o primeiro andar”, digo, meio sem jeito.

“Este lugar tem *dois* andares?”

Murmuro: “Três.”

“*Três* andares?” Allie me encara como se eu tivesse acabado de sair de uma nave

alienígena. “Acho que quero te socar agora.”

“Acho que *eu* quero me socar.” Não gosto dessa pontada indesejável de

constrangimento. Ou melhor, não gosto de me sentir como se fosse o babaca mais

mimado do planeta.

De repente, a voz do pai de Allie ecoa em minha cabeça.

Depreciativa e fria, me

desprezando por não saber nada “dos problemas do mundo real”.

Droga. Por que estou deixando isso me afetar? Posso ter nascido numa família rica,

mas sei o que significa lutar e se sacrificar e... merda, quem estou tentando enganar?

A Vida de Dean é uma delícia. Sempre foi. Mas mesmo assim sou capaz de ter

empatia por pessoas com menos sorte do que eu. Posso “dar conta do recado” quando

alguém precisa de mim.

Subimos a escadaria de mármore em curva, e ela para um instante para admirar

um dos quadros abstratos preferidos da minha mãe. Apesar de toda a pompa e

circunstância do lugar, meus pais não exageraram na decoração. A cobertura tem um

design clean e moderno, e a maior parte das pinturas nas paredes está longe de ser

cara. Minha mãe é a favor de ajudar artistas locais.

“Seu quarto fica no segundo andar?”, pergunta Allie.

Faço que não com a cabeça. “Aqui fica o quarto dos meus pais.” Aponto para a

esquerda. “Ali, os de visita.” Aponto para a direita. “Quer ver algum desses ou a gente

pode pular este andar?”

“Vamos pular.” Ela já está saltando os degraus de novo.

Levo-a até o meu quarto. Allie admira cada centímetro do enorme cômodo, desde a

cama de carvalho feita sob medida até as prateleiras embutidas e a vidraça límpida

que ocupa toda uma parede.

“Sem cortina?” Parece um pouco atordoada.

“Persiana automática”, explico. “Acionada por controle remoto.”

“Uau.” Ela caminha pelo cômodo, analisando cada detalhe, e a luz do sol ilumina

seu cabelo dourado, solto sobre os ombros. Allie estuda as fileiras intermináveis de

livros na estante, em seguida, vira para mim. “Tá legal. Admita.”

“O quê?”

Ela aponta um dedo acusatório para mim. “Você é inteligente.”

Dou uma gargalhada. “Claro que sou inteligente.”

“Você sem dúvida não age como tal.” Allie cruza os braços dentro do suéter listrado

e largo. “Na verdade, parece que faz de tudo para as pessoas acharem que é burro. O

jeito como chama as meninas de ‘gata’ e essa sua boca suja.”

Abro um sorriso. “Até parece. É só meu jeito de falar, gata.”

Seus olhos parecem achar graça. “Aham. Então por que nunca fala da faculdade de

direito?”

“O que tem pra falar? Ainda não tô na faculdade de direito.” Sento na beirada da

cama, que fiz às pressas, antes de ela chegar.

“Mas não tá animado com ela?”, pressiona Allie.

“Hmm. Não muito.” Rio baixinho, diante da sua testa franzida.
“Tenho certeza de

que vou ficar animado quando estiver lá. Sou do tipo que curte o presente, lembra?”

Dou uma palmadinha no colchão, então a chamo com o indicador.
“Quer vir logo pra

cá?”

“Me dê uma boa razão pra isso.”

Escorrego a mão pela virilha e seguro o pau. “Míni Dean tá se sentindo ignorado.”

Rindo, Allie sobe no meu colo e pousa as mãos na minha nuca. Ela aproxima a

boca da minha. “Tadinho. Será que precisa de um carinho?”

“Tá louco por isso”, murmuro.

Nossos lábios se encontram num beijo no mesmo instante em que deslizo as mãos

sob sua camisa. Solto um gemido quando seus seios nus preenchem as palmas das

minhas mãos. Adoro quando ela não usa sutiã. Fica muito mais fácil de levantar sua

camisa e colocar um mamilo gostoso na boca.

“Hmm”, geme ela. “Isso é bom.”

“Está prestes a ficar muito melhor, gata.” Deslizo a outra mão por entre nossos

corpos e a seguro por cima da legging. “Droga. A gente tem que tirar essas roupas.”

O olhar de Allie voa para as janelas. “Não é melhor fechar a persiana? Cadê o

controle remoto?”

Estou inteiramente concentrado na deliciosa tarefa de sugar seu mamilo, brincando

com a língua sobre a pontinha dura.

“Dean”, protesta ela. “Estamos praticamente numa caixa de vidro! E se tiver alguém

com um telescópio olhando pra cá de um dos outros edifícios?”

“Então vai presenciar um espetáculo e tanto.” Belisco ambos os mamilos e sou

recompensado com um ruído gutural.

Suas objeções morrem à medida que a deito no colchão e começo a tirar todas as

suas roupas. Ela arranca minha calça de moletom, e então estamos pelados, beijando e

rolando na cama enorme, até perder o fôlego.

“Tudo bem se a gente deixar as preliminares pra depois?”, sussurro contra seu

pescoço, antes de levar a língua de volta para os seus seios.

“Aham. Entra logo em mim”, sussurra ela de volta.

Pego uma camisinha e me acomodo diante de sua boceta encharcada, agradecendo a

Deus e a qualquer outra divindade disposta a ouvir minha gratidão pelo fato de Allie

estar com tanto tesão quanto eu. Nossa compatibilidade sexual é fora do sério. Nós

dois soltamos um suspiro de prazer à medida que entro em casa. *Em casa?* Paro no

meio do movimento.

“Não para agora.”

A ordem rouca faz meu saco se contrair. Estou desenvolvendo uma resposta

pavloviana ao seu catálogo de sons. Gemidos arfados, suspiros roucos, e já começo a

ficar duro, ou até fico completamente duro. Ruídos felizes, risadas, e estou sorrindo

de volta. É... diferente.

Ela bate no meu ombro, impaciente. “Precisa de alguma instrução? Porque Míni

Dean não entrou todo ainda.”

Abafo uma risada contra seus seios exuberantes e entro em casa. Pronto. Falei. *Em*

casa. Estamos transando, cacete. Não preciso ficar analisando isso. Não com Allie. Ela

me quer por inteiro, transando até perder os sentidos, e é isso que eu quero também.

“Ah, entrou sim, gata. Entrou tão fundo e tão forte que você vai sentir por dias.”

Faço um movimento para frente forte o suficiente para ela deslizar em cima do

colchão. Ela escora as mãos na cabeceira acolchoada e me lança, sob pálpebras

pesadas, um olhar de *vem me pegar*.

Ela me deixa louco. E vou retribuir o favor.

As paredes de sua vagina me apertam no abraço mais erótico do mundo. Luto

contra o meu orgasmo. Não vou gozar agora, de jeito nenhum. Quero ver esses olhos

lindos virando para trás em seu rosto. Quero seu queixo caindo e a sua boca aberta, e

aquela expressão vítreia e entregue que ela tem quando está tão absorta no sexo que

sei que não consegue pensar em mais nada além de mim.

Empurro seu cabelo para trás, enredando os dedos nos fios grossos e puxando sua

cabeça para beijá-la direito. Ela ataca a minha língua, chupando-a para dentro da sua

boca, me deixando comê-la com ela e com o pau ao mesmo tempo.

Estamos ficando os dois suados. Nossos corpos escorregadios se movem um contra

o outro num ritmo perfeito, um ritmo que me deixa extasiado.

“Você é uma delícia. Parece um sonho”, digo a ela por entre os dentes. O esforço

para não gozar está exigindo minha última gota de autocontrole.

“Isso. Aí. Me fode bem *ai*”, grita ela, pontuando suas ordens com as unhas nos

meus ombros. Reúno todas as minhas forças, os cotovelos ao lado de sua cabeça, o

joelho fincado no colchão para ter apoio, e ofereço tudo o que tenho. Em investidas

medidas e poderosas, levo-a a um estado irracional de prazer, até Allie estar tremendo

e gritando sua satisfação para os quartos vazios da cobertura.

Ela ainda está trêmula quando a viro e a como por trás. Meu saco bate contra a sua

coxa, e sua boceta apertada pelo ângulo quase faz meus olhos lacrimejarem de prazer.

Ela emite sons incrivelmente sensuais que incluem as palavras “Dean”, “ai, Deus” e

“isso”, formando uma estranha espécie de música, em que ela geme a melodia, nossos

corpos dão a batida e nossos corações entram na harmonia, até ser *a minha vez* de

perder o controle. Todos os meus sentidos são tomados por ela —
seus sons, seu

cheiro, seu toque. *Ela.*

Completamente pelado, entrando nela, não estou nem aí se tem
um telescópio lá

fora assistindo. Que vejam o quanto amo estar dentro desta mulher.

Passamos o dia na cama. Bem, não só na cama. Também
transamos no boxe

enorme do meu banheiro, sob a ducha de quatro chuveiros de teto
e dos vários jatos

de parede.

E chupo Allie na cozinha, com ela esparramada na bancada de
mármore.

E ela me faz um boquete no salão de jogos.

E fazemos um meia nove na sauna.

Já falei que este é o melhor dia da minha vida?

Às nove da noite, estou oficialmente exausto. Exaurido. Não tem
uma gota de

sêmen sobrando no meu corpo. Allie Hayes chupou e fodeu tudo de
mim.

“Você é uma maníaca sexual”, resmungo, ao sentir sua mão
acariciando a minha

coxa. Acabamos de jantar — hambúrgueres com batata frita
trazidos pelo serviço de

quarto e consumidos na cama —, e agora estamos deitados nos meus lençóis de um

milhão de fios, nos recuperando da mais intensa maratona de sexo que já tive em

muito tempo. Ou que já tive, ponto.

“Não consigo me conter”, protesta Allie. Ela senta na cama, e fico chocado com

como está linda. As bochechas coradas, os cabelos desgrenhados, os olhos nebulosos.

“A Vida de Dean me deixa toda excitada.”

Meu telefone toca, e suspiro de alívio. “Ai, graças a Deus. Tomara que seja alguém

para me salvar, antes que você quebre o meu pau.” Aparentemente meu salvador é

Beau, e atendo com o habitual: “Qual é a boa, Maxwell?”

“Nós dois”, responde Beau, animado. “Nós dois nos acabando numa pista de dança

hoje à noite.”

“Hum. Tá me chamando para dançar?” Faço uma pausa. “E você não devia estar em

Wisconsin, com a sua avó?”

“Minha avó deu cano na gente — foi pra um cruzeiro de idosos, em vez de passar o

feriado com a família. Como ousa, né? Aquela *vaca*." Beau ri, o que tomo por uma

indicação de que está brincando. Senão eu ficaria com pena da avó. "Joanna e eu

estamos em Nova York, com nossos pais. Vamos nos encontrar."

"Como você sabe que também estou em Nova York?", pergunto, desconfiado. Meu

celular é de Boston, e não falei para ele que vinha para Manhattan, então não tem

motivo para ele imaginar que estou aqui.

"Tenho um aplicativo para rastrear amigos. Mostra onde eles estão o tempo todo."

Genial. Estou sendo seguido por um dos meus melhores amigos.

"Vamos para uma balada no SoHo. Topa?"

"Espera um segundo." Cubro o bocal e olho para Allie. "Tá a fim de sair? Beau e a

irmã estão na cidade e vão pra uma balada."

Vejo a relutância vincar sua testa. "O quarterback da Briar?"

Sei exatamente o que está pensando, e sou rápido em aplacar seus medos. "Ele não

vai contar nada se nos vir juntos. É sério. Maxwell sabe manter a boca fechada."

Depois de uma longa hesitação, ela enfim assente com a cabeça, um pequeno

sorriso surgindo em seus lábios. "Faz muito tempo que não vou pra balada."

Afasto a mão do telefone. "Estamos dentro."

"Estamos?"

"Vou levar uma amiga."

"Beleza. A gente se vê em uma hora?"

"Parece bom." Desligo e percebo que Allie parece agitada. "O que foi?"

"Não trouxe nenhuma roupa de noite." Ela morde o lábio inferior. "A gente pode

passar no Brooklyn primeiro pra eu me trocar, ou vai ser muito ruim?"

"Não precisa", digo, puxando-a para fora da cama. "Pode pegar alguma coisa da

minha irmã. Você e Summer são mais ou menos do mesmo tamanho."

"Tem certeza que ela não vai se importar?", pergunta Allie, meio nervosa, enquanto

atravesso o corredor com ela até o quarto da minha irmã. "Algumas meninas são

muito ciumentas das suas roupas."

"Vai por mim, ela não vai se importar."

Quando entramos no armário de Summer, o rosto de Allie se enche de espanto. E,

por armário, quero dizer o cômodo imenso que é quase do tamanho da casa do pai de

Allie.

“Isto é um *armário?*”, exclama Allie. Ela entra e dá um gritinho.

“Meu Deus. Sua

irmã tem toda uma *parede* de sapatos. Agora quero dar um soco nela.”

Rio. “Não tentaria isso. Summer joga sujo. Vai enfiar o dedo no seu olho e puxar

seu cabelo.”

Allie examina outra arara repleta de cabides. “Se eu olhar qualquer uma dessas

etiquetas vou encontrar palavras como Prada, Kors e Lagerfeld?”

“Vai.”

“Então, por favor, me leva para a seção barata; não quero que sua irmã me mate se

eu derramar bebida no seu precioso Versace.”

“Gata, você precisa confiar em mim quando digo que ela não vai se importar. Ou

perceber, aliás. Summer deixou tudo isso pra trás quando foi para Brown”, lembro-a.

“Sem falar das roupas no armário de Connecticut. Basta escolher qualquer coisa que

você gostar.”

“Tudo bem, então. Bem, como provavelmente nunca vou ter a oportunidade de usar

um vestido Valentino de novo, pelo menos não até ele desenhar o meu figurino para

a noite do Oscar...”, o que me faz rir mais uma vez, “... vou escolher este.” Ela levanta

um vestido curto de renda preta e decotado, em seguida olha para a parede de sapatos.

“E vou combinar com... hmm, esses sapatos são Jimmy Choo?”

“Essa é minha deixa para sair daqui”, anuncio. “Me encontre quando estiver

pronta.”

Deixo Allie se entretendo no armário de Summer e vou me vestir. O que leva cinco

minutos inteiros. Escolho um suéter cinza e a mesma calça que vesti na noite

passada, em seguida, deito na cama para ver uns vídeos no YouTube pelo celular,

enquanto espero por Allie. Em algum momento na marca dos vinte minutos, ela voa

pelo meu quarto num borrão preto de roupa de marca, pega um nécessaire de

maquiagem da bolsa e desaparece no meu banheiro.

“Ei?”, me chama poucos minutos depois, a cabeça surgindo atrás da porta. “Minha

amiga Dillon acabou de mandar uma mensagem. Ela chegou ontem à noite e quer

encontrar com a gente. O namorado tá aqui também. Posso chamar os dois pra

balada?"

"Claro, vá em frente."

Meu telefone vibra, e desligo o YouTube para ler minhas mensagens.

Logan: *Encontrei o presente d natal perfeito p vc em Boston.*

A imagem surge na minha tela, arrancando um gemido alto de minha garganta. O

idiota me mandou uma foto de um vibrador do Meu Querido Pônei. A porcaria é

rosa-choque com um arco-íris na base.

Logan: *É recarregável! Vc não vai ter q comprar baterias. PERFEITO !*

Eu: *Hahahaha. Vc = comediante.*

Então escrevo para Grace: *Fala pro seu namorado parar d me zoar.*

Ela responde com uma carinha feliz. Traidora.

"Tô pronta."

Ergo a cabeça e, minha nossa, fico sem respirar por um instante. Cara, ela devia

abandonar a carreira de atriz e virar maquiadora, porque essa menina tem a

capacidade de se transformar completamente, dependendo do que faz no rosto.

Quando estava me acostumando a pensar nela como uma menina comum, de

maquiagem sutil e brilho nos lábios, de repente ela apareceu na Malone's mais

sensual que tudo, os olhos grandes esfumaçados e os lábios vermelhos.

Hoje, seu visual é uma combinação dos dois — natural, com um toque de glamour.

Lábios cor da pele, sombra dourada e rímel, o que faz os cílios parecerem

incrivelmente longos.

“Que tal?” Ela pousa uma das mãos no quadril e faz uma pose sensual.

“Altamente comível.” Pulo da cama e caminho na direção dela, puxando seu corpo

junto do meu e me curvando para um beijo rápido. Seu perfume invade minhas

narinas. Inspiro fundo, tentando identificar o cheiro. Morango? Manga? Rosas? Não

sei dizer, mas é viciante.

“O que foi?”

Fico surpreso de encontrá-la franzindo a testa para mim. “Como assim?”

Seu olhar torna-se mais desconfiado. “Você estava me encarando.”

Estava? Merda, nem tinha percebido. “Desculpa, viajei por um segundo.” Abro um

sorriso descontraído, fazendo o possível para ignorar a vibração estranha em meu

estômago.

E o pequeno arrepio engraçado subindo pela minha coluna.

E o jeito como meu peito de alguma forma parece apertado e leve ao mesmo

tempo, o que é tão desconcertante quanto o perfume indecifrável de Allie.

Engolindo em seco, me obrigo a ignorar o paradoxo em meu peito, e sigo a bunda

gostosa de Allie para fora do quarto.

23

ALLIE

Estava tensa com a reação de Beau Maxwell quando me visse chegando com Dean,

mas não precisava ter me preocupado. Beau nem sequer pisca quando Dean me

apresenta como “melhor amiga e colega de alojamento da namorada do G.” Talvez ele

tenha se perdido no meio da longa explicação. De qualquer maneira, ele

simplesmente parece muito feliz de que tenhamos vindo à boate.

A irmã de Beau, Joanna, é igualmente animada, e joga os braços em volta de Dean.

“Di Laurentis! Ainda bem que você veio. Tô muito perto de matar esse idiota do meu

irmão, você não tem nem ideia.”

“Que nada, você não quer me matar”, comenta Beau, com um largo sorriso. “Você

ama o seu irmãozinho e sabe disso.”

Joanna mostra o dedo médio para ele, mas também está sorrindo. É tão atraente

quanto Beau, alta e escultural, com olhos azuis reluzentes e cabelo escuro na altura

do queixo. Dean me contou que tem um papel secundário num musical da

Broadway, o que é a primeira coisa que pergunto a ela quando entramos na boate,

depois de passar pela fila. Digo, depois de simplesmente ignorar a fila, pois Dean

sussurra uma palavra na orelha do segurança, e a corda de veludo se levanta para nós

como que por mágica.

Lá dentro, as luzes estroboscópicas estão a toda e a música é ensurdecedora. Joanna

e eu precisamos berrar para continuar a conversa. Dean e Beau, andando à nossa

frente, são imediatamente engolidos pela multidão frenética.

“Perdemos os meninos”, grito no ouvido de Joanna.

Ela nega com a cabeça e aponta para a escada em espiral à esquerda. Lá estão eles,

subindo os degraus de metal. Dean olha para trás por cima do ombro, nos vê no meio

da multidão e gesticula para os acompanharmos.

Descubro que a escada leva à área VIP. Chegamos ao topo a tempo de ouvir Dean

abordar o segurança imenso na entrada. “Dean Heyward”, grita ele. “Tony me

conhece.”

O segurança toca o pequeno Bluetooth em seu ouvido. Seus lábios se movem, mas

não consigo identificar o que está dizendo. Um segundo depois, nosso pequeno grupo

passa por mais uma corda de veludo.

Felizmente, a música aqui em cima não é tão alta, então não preciso mais gritar

feito uma louca. "Dean Heyward?", provoco. "Não estamos mais usando o Di

Laurentis?"

Ele passa o braço a minha volta, e o cheiro forte de sua loção pós-barba infunde

meus sentidos, me fazendo tremer. "Di Laurentis funciona melhor em *country clubs* ou

eventos de caridade. Heyward abre mais portas em Manhattan."

Sem dúvida. Não só temos acesso ao salão VIP como somos levados a uma mesa

grande junto da varanda de ferro que dá para a pista de dança. Pego o telefone e vejo

que Dillon mandou uma mensagem. Ela e o namorado daqui a pouco vão estar aqui.

Respondo avisando para os dois subirem quando chegarem, então tento acompanhar

a conversa à minha volta.

Joanna está provocando o irmão sobre alguém chamada Sabrina, mas ele está

insistindo que a relação acabou, o que parece perturbar a irmã.

"Deixa de ser burro! Sério, Beau, você precisava de alguém como ela, para manter

você na linha."

Como Dean ainda está com o braço à minha volta, posso senti-lo ficando tenso.

Fito seu perfil emburrado, e aperto sua coxa de leve. "Tudo bem?"

"Ah, não liga pra ele, não, gata", comenta Beau, com uma risada. "Dean sempre fica

assim quando o assunto Sabrina vem à tona. Acho que ainda tá de mau humor

porque ela traçou o meu amigo aqui e depois jogou fora."

Não fico surpresa em ouvir que Dean já dormiu com essa menina, quem quer que

seja. O que me surpreende é a minha completa falta de ciúme.

O mesmo aconteceu durante a viagem de carro. Ouvir Dean falar sobre "mulheres

que gozam em silêncio" e casos passados não me deixou chateada como na noite em

que vi Penelope se jogando em cima dele no Malone's. Mas não me senti ameaçada

nesse caso. Talvez porque elas fossem obviamente memórias para ele, e não fantasmas

no nosso presente capazes de interferir com o que temos aqui. Não sei muito bem

qual é o motivo, mas gosto dessa confiança estranha e inesperada que sinto nele.

Na cadeira a meu lado, Dean revira os olhos em resposta à provocação de Beau.

“Vai por mim, fico feliz de ter sido desprezado.”

Espero pela continuação. Mas o fato de que ele fica quieto aumenta a minha

curiosidade, então dou um cutucão na lateral de seu corpo e digo: “Bota pra fora,

lindinho. Quero ouvir mais sobre esse cabo de guerra que tá rolando aqui”. Como

Hannah seria capaz de atestar, sou curiosa demais para o meu próprio bem.

“Eu também”, concorda Beau.

Dean dispensa o assunto com um gesto de mão. “Foi uma bobeira no segundo ano.

Nada demais.”

“Ah, claro, se ainda te incomoda, dois anos depois”, resalto.

Ele franze a testa. “Resumindo? Eu estava com dificuldade numa disciplina, mas,

toda vez que achava que tinha ido mal na prova ou escrito um artigo de merda,

ganhava uma nota alta. Burro que sou, não associei isso ao fato de que estava

comendo a professora assistente.”

Beau dá uma gargalhada. “Demais!”

Solto um suspiro. “Ah, não.”

“Pois é, maior burrada”, diz Dean, penitente. “De qualquer forma, Sabrina e eu

fizemos dupla no projeto final. Cada um de nós fez metade do trabalho e recebeu

notas separadas. A minha parte merecia, no máximo, cinco, e nós dois sabíamos

disso, só que quando as nossas notas voltaram eu tirei nove. E Sabrina, sete.” Sua

mandíbula se enrijece. “Ela ficou furiosa. Foi fazer queixa com o professor, e ele

acabou relendo todos os trabalhos e provas que fiz na disciplina — todos avaliados

pela assistente que eu estava pegando. No final das contas, eu tinha que ser reprovado.

Mas estava só tirando nota alta.”

Dean soa tão revoltado que me assusta. Antes de ficar com ele, achava que era o

tipo de cara que levava a vida se dando bem por causa da aparência e do dinheiro. A

história que está contando corrobora isso. Mas a raiva em sua voz revela algo mais

— ele não *quer* o caminho do privilégio.

“Fiquei revoltado”, admite, confirmando minhas suspeitas. “Falei pro professor me

reprovar. Podia muito bem repetir a disciplina no verão. Mas o filho da mãe não

aceitou.”

“Por que não?”, pergunta Joanna, ao mesmo tempo indignada e perplexa.

“Conhecia o meu pai”, murmura Dean. “Os dois fizeram direito juntos, e ele me

disse que ia fazer vista grossa como um favor ao meu pai. Respondi que não

concordava com aquilo de jeito nenhum. Discutimos por um tempo, até que ele

enfim aceitou diminuir a minha nota para oito. Foi ‘o melhor que podia fazer’.”

A expressão de Dean é mais sombria que uma nuvem de tempestade.

“Eu devia ter reprovado a porcaria da matéria, mas o nome Di Laurentis me

comprou uma nota, e Sabrina nunca me deixa esquecer isso. Acha que sou um babaca

rico que consegue o que quer.” Seu tom volta a ficar desdenhoso. “Tanto faz. Ela pode

achar o que quiser. O que importa é o que eu acho, certo?”

Posso ver além do sorriso descontraído que abre. Dean se incomoda que as pessoas

pareçam que ele é um playboy rico que recebe tudo numa bandeja de prata. E sim,

reconheço esse lado dele — A Vida de Dean é uma delícia —, mas também já vi

outras facetas de sua personalidade ao longo desse mês.

Ele é obstinado. Sério, o cara não desiste nunca quando quer uma coisa.

Ele se preocupa com os amigos e os colegas do time. Nesta semana, não nos vimos

na segunda nem na terça, porque ele tinha pedido tempo extra de gelo para ajudar

um cara chamado Hunter a treinar suas habilidades.

Ele tem mais livros que a biblioteca pública do Brooklyn, e, pelo desgaste dos

exemplares, sei que de fato leu todos eles.

Ele...

“Sua bolsa.”

Ergo a cabeça. “O que tem?”

Dean aponta para a bolsa preta de festa no banco entre nós. “Está vibrando.”

Desperto da lista bizarra que estava compondo de *Por que Dean é o máximo* e abro a

bolsa para encontrar meu telefone zumbido.

Coloco a cuba libre na mesa. "Meus amigos chegaram. Vem buscá-los comigo?"

Talvez você precise falar com o segurança de novo."

Ele solta um suspiro exagerado. "Sabia. Você só tá me usando por causa das minhas

conexões."

"É isso aí", respondo, alegremente.

Voltamos até a escada, e dou um gritinho quando identifico um rosto familiar atrás

da corda.

"Eles estão com a gente", diz Dean ao segurança.

Um minuto depois, tem uma morena baixinha igualmente histérica se atirando nos

meus braços.

"Meu Deus! Que *bom* ver você!", grita minha melhor amiga da escola. "Você não me

liga mais!"

Sorrio e digo: "Nem você". E então estamos nos abraçando animadas de novo, até

que reparo na sombra ameaçadora sobre nós.

Dillon se solta do meu abraço e apresenta o namorado. "Este é Roy."

Na última vez que nos falamos por telefone, ela comentou que estava namorando

um jogador de futebol americano. Mesmo que ela não tivesse me dito isso, eu teria

imaginado, porque Roy é um monstro. Deve ter pelo menos dois metros de altura, os

braços grossos feito troncos de árvores e as coxas maiores que o meu torso. E talvez

eu esteja imaginando coisas, mas ele é igualzinho ao...

“Cara, alguém já te falou que você é igual ao Samuel L. Jackson jovem?”, pergunta

Dean, roubando as palavras da minha boca.

Roy estufa o peito gigante. “Ah, entendi, porque nós negões somos todos iguais, é

isso?”

Me viro, alarmada, para Dillon, porque o olhar ameaçador distorcendo as feições de

Roy é absolutamente aterrorizante. E sua voz é mais grave que a linha de baixo

ressoando na boate.

“E o que mais?”, rosna Roy. “Vai dizer que não posso sair com uma menina branca

elegante? É isso?”

Dean está imperturbável. “Pois é, cara, você me pegou. Sou um grande racista.”

Incrédulo, ele balança a cabeça e continua a olhar para Roy. “É impressionante. Vocês

são *iguazinhos*.”

Estou a segundos de tapar a boca de Dean com a mão, antes que esse monstro

quebre ele ao meio, mas, para minha surpresa, a expressão sinistra de Roy se suaviza.

“Tô brincando com você, cara. Ouço isso o tempo todo.” Roy abre um imenso

sorriso. “Ganhei dez mil dólares no verão passado num concurso de imitações de

celebridades — meu Sam Jackson ficou em primeiro lugar. Fiz o discurso de *Do fundo*

do mar pouco antes de ser engolido pelo tubarão.”

“Muito bom.” Dean abre um sorriso travesso. “P.S.: Mais um pouco de racismo

vindo na sua direção — você tem a voz do James Earl Jones.”

Roy joga a cabeça para trás e solta uma gargalhada retumbante. Então dá um tapa

no braço de Dean e diz: “Até que você não é mal, branquelo”.

E, simples assim, os dois são melhores amigos, conversando animadamente

enquanto seguem adiante.

Dillon suspira e passa o braço no meu. "Roy gosta de assustar as pessoas", se

desculpa.

Solto um risinho. "Não se preocupe, Dean não se assusta facilmente."

"Dean, é?" Seus olhos se acendem. "Por que você não me disse que tinha um

namorado novo?"

"Porque não tenho. Estamos só nos divertindo. Nada sério."

"Rá! Até parece, A.J. Com você é *sempre* sério."

Tenho vontade de dizer que não dessa vez, mas, assim que chegamos à mesa, as

vozes dos homens abafam a nossa conversa. Beau e Roy já estão falando de futebol, e,

como o namorado da minha amiga é um gigante, ocupa o espaço de pelo menos três

pessoas no banco. Dillon se acomoda ao lado dele, o que deixa zero espaço para mim.

Sorrindo, Dean me puxa em seu colo e passa um braço forte em volta da minha

cintura. "Pode sentar aqui, gata."

"Ah, obrigada, docinho."

Nós seis formamos um grupo tão improvável que, de repente, me vejo em *Clube dos*

cinco. Beau, o quarterback da Costa Leste. Dean, o jogador de hóquei. Roy, o

linebacker de Louisiana. Joanna, a atriz da Broadway. Dillon, a universitária de

finanças. E eu, a futura atriz de comédias românticas.

Apesar disso, a conversa mantém-se sempre animada. Dillon e eu colocamos o

papo em dia sobre o que andamos fazendo nos últimos meses. Depois que entrei para

a faculdade, perdi contato com a maioria dos meus amigos da escola, mas a amizade

de Dillon é uma que eu estava determinada a preservar.

Enquanto converso com ela, estou muito ciente de Dean me tocando. O tempo

todo. Acariciando meu ombro. Deslizando a mão em minha coxa. Cheirando meu

pescoço. Num determinado momento, ele chega a roçar os lábios em minha

bochecha, o que provoca um assobio alto de Beau.

“Nossa, Bella”, se maravilha ele. Quando meus olhos encontram os seus, vejo que

está se divertindo enormemente. “Que feitiço você lançou no meu Dean? Nunca o vi

assim com uma garota antes.”

“Meu nome é Allie”, corrijo.

Isso o faz rir ainda mais.

Dean suspira, em seguida, se aproxima e pergunta, baixinho: “Quer dançar?”.

“Depende... Você dança bem?”

“Todo homem dança bem.”

Dou uma risada. “O dedo do pé que quebrei na escola não concorda com isso.”

“Desculpa, o que devia ter dito é — todo homem é *capaz* de dançar bem.” Suas

mãos me seguram pela cintura, e ele me coloca de pé. “Homens só precisam saber

um passo para mandar bem numa pista de dança.”

“Ah, é? Qual?”, pergunto, curiosa.

Dean entrelaça os dedos nos meus, enquanto descemos a escada. “CJS”, grita ele,

porque a música está mais alta aqui em baixo.

Fico na ponta dos pés para levar a boca até junto do seu ouvido. “O que é isso?”

“A única das siglas malucas de Logan que incorporei em minha vida — CJS.” Sua

boca se abre num amplo sorriso. “Chegar junto e sarrar.”

O riso brota em bolhas de minha boca, transformando-se num grito de prazer

quando Dean me levanta em seus braços. Passo as pernas em volta de sua cintura e

me seguro firme, enquanto ele me leva para a pista. Então me coloca de pé, pressiona

o corpo delicioso no meu e me prova que o CJS é de fato o único movimento que

importa.

Com a batida sensual e pulsante se espalhando em meu sangue, jogo o cabelo para

o lado, movo os quadris e corro as mãos para cima e para baixo no peito musculoso

de Dean. A luz estroboscópica pisca na boate escura, oferecendo vislumbres

tentadores das feições esculpidas de Dean, os olhos verdes hipnóticos, a curva sexy da

boca.

Dançamos por horas. Ou, pelo menos, é o que parece. Os outros se juntam a nós na

pista, e não me lembro da última vez em que me diverti tanto. Danço com Beau, que

agarra minha bunda toda vez que tem uma chance. Danço com Roy, que tem

movimentos alucinantes para um homem tão grande. Danço entre Dillon e Joanna.

Danço com Dean, e o abraço erótico de seus quadris me deixa excitada, sedenta e

feliz.

Dillon e eu viramos dois shots no bar, mas não estou bêbada, só deliciosamente

alegre. Dean também parece estar pegando leve, mas os outros estão a meio caminho

de um pileque. Principalmente Beau, que está com as bochechas vermelhas, os olhos

brilhando e quase comendo em pé uma ruiva maravilhosa na pista de dança.

Joanna vai embora lá pelas onze e meia, dizendo que tem ensaio cedinho na manhã

seguinte. Dillon e Roy vão logo depois; no instante em que Dillon começa a enrolar a

língua, Roy se prova não apenas um adulto responsável, como um namorado

cuidadoso, e a leva prontamente para casa. Por volta de meia-noite, depois que Beau

ressurge parecendo mais embriagado do que nunca, Dean decide que é hora de irmos

também.

“Cadê sua amiga?”, pergunto a Beau, olhando por sobre o seu ombro, em busca da

ruiva.

“Foi pra casa, atrás do marido.”

Contenho uma gargalhada. Dean, que a esta altura é praticamente a única coisa

mantendo Beau de pé, ri alto.

Saímos da boate e entramos no ar da noite fria. Beau está se apoiando em mim

agora, porque Dean está junto do meio-fio, chamando um táxi. Como Joanna já foi,

fico preocupada se Beau vai chegar em casa com segurança, por isso insisto que pegue

um táxi com a gente.

“Melhor você levar Beau lá em cima”, digo a Dean. “Ter certeza de que ele chegou

em casa direito.”

Um táxi aparece como que por milagre. Entro primeiro, seguida por Beau, que

geme, fecha os olhos e desmaia com a cabeça no meu ombro. Dean entra por último

e passa o endereço de Beau para o taxista. Ele olha para o amigo dormindo, em

seguida, encontra meu olhar por sobre a cabeça dele.

“Os pais dele estão em casa, né?”, pergunto, lentamente. “Será que vão ter um troço

se virem o filho assim?”

“Talvez.” Dean suspira. “Beau diz que são meio rigorosos. Estudou em colégio

católico a vida toda.”

Mordo o lábio. “Então talvez a gente não devesse levá-lo pra casa.”

“Provavelmente não.” Dean se inclina para a frente e bate no assento do motorista.

“Esqueça o primeiro endereço. Leva a gente para o Heyward Plaza, por favor.” Ele

olha para mim. “Ele pode dormir na cobertura até passar a bebedeira.”

Quinze minutos depois, estamos no elevador do hotel. É estranho, mas, poucas

horas numa boate, e, de alguma forma, já esqueci que Dean mora numa porcaria de

um palácio. Mais uma vez sou surpreendida pelo luxo ao meu redor, e Beau também,

arregalando os olhos azuis ao tropeçar para fora do elevador.

Ele fica boquiaberto, encarando o janelão interminável com vista para as luzes da

cidade. “Putá merda. Me sinto um príncipe.”

“Pois é, eu também!”, digo a ele.

Ainda balançando a cabeça de espanto, ele cambaleia em direção à enorme poltrona

perto do sofá de couro em forma de C e desaba sobre ele. Em poucos segundos, está

roncando.

Dean me abraça por trás e beija meu pescoço. “Hora de dormir?”, pergunta.

Viro para ele. “Não tô cansada”, confesso. “Topa ver um filme?”

“Na verdade, tenho uma coisa melhor.” Ele arqueia as sobrancelhas, provocante.

“Vai botar uma roupa mais confortável. Vou preparar aqui.”

Preparar o quê? E espero que “confortável” signifique *confortável* mesmo, e não que

ele esteja esperando que eu apareça de lingerie de renda e cintaliga.

Deixei a mochila com minhas coisas no quarto de Dean, então subo depressa as

escadas até o terceiro andar — ainda não acredito que este lugar tem três andares — e

coloco um short de algodão e uma camiseta. Quando volto à sala de estar, encontro

Dean deitado no sofá com o controle remoto na mão. Está sem camisa. Que novidade.

Mas as calças de cós baixo exibem o V sensual de seus quadris, e minha língua

formiga com o desejo de lambar todo esse corpo delicioso.

Umedeço os lábios repentinamente secos e caminho na direção dele. "O que vamos

ver?"

"Veja você mesma." Ele clica no controle remoto, e levo um susto quando os

créditos da abertura de *Solange* aparecem na maior tela que já vi fora de uma sala de

cinema.

"Como assim? Você roubou os DVDs do meu alojamento?"

"Não. Liguei com antecedência antes de sairmos da Briar e pedi ao pessoal da

portaria para arrumar a segunda temporada para a gente."

Estou pasma. Quando encontrei por acaso essa série navegando no YouTube, paguei

uma menina do meu alojamento para baixar todos os episódios e gravar em DVD para

mim. *Solange* é um sucesso na França, mas ninguém aqui nunca ouviu falar, o que

significa que é quase impossível encontrar na internet, e encomendar os DVDs na

Amazon não adianta, porque eles só funcionam em aparelhos europeus.

“Você deu um telefonema e conseguiu todos os episódios de uma série francesa

obscura?” Olho para ele, embasbacada. “Caramba. A Vida de Dean é mesmo o

máximo.”

“Eu te disse.” Deitando-se de costas, ele estende a mão e me convida para se juntar

a ele.

Não perco tempo em me aconchegar a seu lado, descansando a cabeça em seu

ombro. Seu peito nu é quente e robusto, e seu cheiro é divino. Nem me importo de

perguntar que loção pós-barba ele usa, porque, no mínimo, nunca vou ter ouvido

falar nela e custa mil dólares a gota.

Ficamos deitados, assistindo à série, que agora tem todo um elenco de novos

personagens causando problemas para Solange.

“Sabe”, comenta Dean, “se Marc fosse minimamente inteligente, largava Christine e

ficava com Monique.”

“Gosto de Christine”, protesto. “Ela é fofa.”

“Ela tá enganando ele, querida. Ninguém é tão fofa o tempo todo.”

“*Eu sou.*”

A risada de Dean vibra contra a minha bochecha. “Tá bom. Você deve ser fofa uns

vinte por cento do tempo. No máximo.”

Finjo estar magoada. “Você acha mesmo isso?”, pergunto, baixinho.

Ele acaricia minhas costas suavemente. “Que nada”, diz, a voz rouca. “Não se

preocupe. Você é cem por cento fofa.”

“Rá. Não estava preocupada. Só queria ouvir você dizer isso.”

Ele ri e me aperta um pouco mais. O episódio vai se desenrolando, e ficamos mais

absortos na história, caindo em silêncio. Dean está me acariciando distraído, os

longos dedos roçando a lateral do meu seio a cada movimento lento da mão. Acho

que não está nem percebendo, mas isto está me deixando... bem, está me deixando

excitada.

“Escuta o que tô falando, ela tá tramando alguma coisa.” Os olhos verdes de Dean

estão focados na televisão, mas sua mão continua me acariciando.

Na tela, Christine está sentada a uma mesa de um bistrô ao ar livre, sussurrando

em seu celular. A conversa parece bastante agradável. Mas, até aí, é toda em francês,

então quem pode saber?

“Aposto que tá contratando um matador.” A unha de seu polegar roça o meu

mamilo.

Agora estou completamente distraída.

Ele continua falando. “A gente precisa encontrar uma versão disso com legenda em

inglês.”

Seu polegar se afasta do meu mamilo, então volta mais uma vez.

“Sei que você tá tentando aprender a língua, gata, mas não saber o que tá

acontecendo me deixa louco...”

“Dean.”

“Hmm?”

“Para com isso.”

“Isso o quê?”

“Você tá tocando o meu peito.”

“Ah. Tô?”

Me ergo em meu cotovelo para ver seu rosto. Sua expressão travessa me diz que ele

não estava tão indiferente quanto eu imaginava.

“Você sabia exatamente o que estava fazendo”, repreendo. “E agora tem que parar.”

Ele lambe os lábios. “Por quê? Tá te deixando toda animadinha?”

“Tá.”

Dean responde com uma risada grave e nos gira no sofá, até estarmos deitados de

lado, um de frente para o outro. Ele segura meu peito esquerdo e aperta suavemente.

Desta vez, quando as pontas dos dedos encontram meu mamilo, é com determinação

absoluta. Ele esfrega a pontinha cada vez mais rígida. Em seguida, solta o meu peito e

desliza a mão para dentro do meu short.

Lanço um olhar assustado na direção de Beau. Não está mais roncando, mas seus

olhos continuam fechados.

“Beau tá logo ali”, sussurro para Dean.

“Tá dormindo.” Seus dedos levantam o elástico da minha calcinha e deslizam para

dentro dela. Quando seu polegar pressiona o meu clitóris, tenho que morder o lábio

para não gemer.

“Dean”, murmuro, nervosa.

“Allie”, murmura ele de volta.

A ponta do polegar circula meu clitóris de leve, enviando um arrepio quente por

minha coluna. Ele esfrega e me provoca até eu estar inchada, dolorida e meus quadris

moverem-se involuntariamente para a frente, buscando um contato mais profundo.

Ele ri de novo.

“Dean...” É um aviso.

“Allie.” É uma provocação.

Sua mão desce mais um pouco, a palma calejada raspando minha boceta em seu

caminho. Um dedo hábil desliza para dentro de mim. Um misto de gemido e suspiro

escapa dos meus lábios, mas é interrompido na mesma hora, quando Dean pressiona

os lábios nos meus.

Beijo-o avidamente, incapaz de resistir a ele. Dean Di Laurentis está no meu sangue

agora. Não esperava essa química intensa entre nós, mas ela existe e é viciante, e não

sei se um dia vou conseguir ignorá-la. Ele esfrega a palma da mão contra o meu

clitóris, e a pressão deliciosa faz minhas coxas se apertarem. O prazer se acumula

entre minhas pernas, fazendo todo o meu corpo tremer.

Estou muito consciente dos sons que estamos fazendo. A respiração pesada. O dedo

úmido dentro de mim. Peço a Deus que Beau não tenha o sono leve.

“Sempre sei quando você tá chegando perto”, sussurra Dean.

“Como?” As investidas metódicas do seu dedo são perturbadoras. Começo a me

contorcer, os músculos internos apertando-o com o prazer que se intensifica e se

espalha por minha carne aquecida.

“Suas bochechas ficam vermelhas, e seus olhos... eles reviram.” Seus lábios quentes

descem até o meu queixo e seguem para o meu pescoço. “Seu sangue lateja... bem

aqui...”, ele lambe o centro do meu pescoço, “... e sua boceta me aperta com força,

como se estivesse tentando prender meu dedo dentro dela.”

Minha respiração fica ofegante. Minha mente, nebulosa. A voz grave e a mão

mágica são tudo em que consigo me concentrar, mas quando ele curva o dedo e

começa a se mover mais depressa, meu cérebro desliga por completo.

“Isso aí”, pede Dean, a voz rouca. “Goza pra mim, gostosa.”

Fecho os olhos e deixo as sensações assumirem, ofegando baixinho quando a

pressão por fim se desfaz, e flutuo numa nuvem de felicidade. Suspirando, descanso a

bochecha contra seu peitoral, enquanto uma última torrente de prazer percorre meu

corpo.

“Vocês sabem que tô acordado, não sabem?”

A voz irônica de Beau desencadeia uma onda de horror misturado com o calor da

vergonha. Enterro o rosto contra o peito de Dean, mortificada demais para olhar para

a poltrona.

“E agora tô duro feito pedra”, acrescenta Beau, a voz alegre.

“Então, vou só

perguntar... Alguma chance de vocês deixarem eu me juntar?”

Ergo a cabeça indignada, mas não posso deixar de rir quando vejo o brilho

intrigado nos olhos de Dean.

“Nem pense nisso”, ordeno, enfiando um dedo em seu peito. Sento no sofá para

encarar Beau com o mesmo olhar severo. "Pode ir tirando o cavalinho da chuva,

Maxwell. Porque não vai acontecer."

Seu sorriso é puro descaramento. "Hoje ou nunca?"

"Nunca."

"Me dê um bom motivo", desafia Beau.

"Porque a) não quero, e b) imagina a cena: Dez anos se passaram. Sou uma estrela

de Hollywood, vencedora de três Oscars, a atriz mais cobiçada do cinema... e a última

edição da revista *People* chega às bancas. E sabe qual é a manchete?" Desenho um arco

no ar com as mãos, imaginando as palavras impressas. *Celebridade tem passado tórrido*

revelado: Allie Hayes, rainha universitária do sexo a três."

Beau cria a própria manchete. "*Nas palavras do campeão do Super Bowl, Beau Maxwell:*

'Melhor noite da minha vida!'"

Suspiro e me volto para Dean, que está obviamente tentando não rir. "E agora é

hora de dormir. Dê boa-noite para o seu amigo, meu bem."

"Boa noite, Beau", cumprimenta Dean, obediente.

ALLIE

Dean e eu chegamos de volta ao campus ao meio-dia do dia seguinte. Como o

ônibus do time vai sair à uma hora da tarde para o jogo em Burlington, ele deveria

sair voando desse estacionamento se ainda pensa em passar em casa e trocar de roupa.

Mas Dean permanece grudado ao banco do motorista.

“O que foi?” Não consigo decifrar sua expressão.

“Posso te ver hoje?” Sua voz é rouca, e contém um quê inexplicável de... alguma

coisa...

“Tenho ensaio, então depende da hora em que Steven nos liberar. Me liga quando

voltar de Vermont, aí a gente vê se dá.”

Ele assente com a cabeça. Continua imóvel.

“Pode me ajudar com a mala?”

Outro aceno.

Luto contra uma pontada de intranquilidade ao sairmos do carro. Não tem

ninguém no estacionamento para nos ver tirando a mala do carro, mas não é isso que

está me deixando apreensiva. É a intensidade que Dean está irradiando. É como se

quisesse dizer algo, mas não soubesse como abordar o assunto.

“Tá tudo bem?”, pergunto, baixinho.

Seus olhos verdes me analisam tão intensamente que fico constrangida. Sei que

meu cabelo está uma bagunça, e tenho certeza que tem uma espinha pequena

nascendo no meu queixo. Espero que não seja isso que ele fique encarando tão

fixamente.

“Tudo bem, gata”, diz, enfim, despertando de seja qual for o pensamento profundo

em que havia mergulhado. “Vem aqui me dar um beijo de boa sorte. Precisamos

desesperadamente ganhar este jogo hoje.”

Meu olhar corre pelo estacionamento. Seus lábios se franzem de leve, e ver a

expressão em seu rosto desencadeia em mim um lampejo de culpa. Acabamos de

passar três dias juntos. Nos agarramos na frente de Beau, pelo amor de Deus, e estou

com medo de beijá-lo num estacionamento vazio?

Elimino a distância entre nós e me inclino na ponta dos pés para roçar os lábios

sobre os dele. "Boa sorte", sussurro. Então dou um pouquinho de língua e sorrio

quando sua respiração se acelera.

Ele geme baixinho. "Provocante."

Meu sorriso se alarga à medida que dou um passo para trás. "Obrigada pela carona.

E pela noite."

"E pelo sexo muito, muito selvagem", me lembra ele.

"Um 'muito' teria bastado." Só que não, estou errada. O que fizemos neste fim de

semana exige, *no mínimo*, dois 'muitos'. Quatro talvez fossem mais adequados.

"Tem certeza que dá conta desse negócio?", pergunta ele, enquanto puxo a mala

empanturrada na direção do caminho de paralelepípedos.

"Tenho. É de rodinha."

"E as escadas?"

"Eu me viro", insisto. "Anda logo, ou você vai perder o ônibus."

No instante em que tento despertá-lo com um empurrãozinho de leve, uma voz

familiar ecoa atrás de nós.

“Oi, Allie.”

Minha mão congela no peito de Dean. Deixo-a cair depressa para junto do meu

corpo, em seguida me viro para cumprimentar a figura que se aproxima. É Jim

Paulson, um dos colegas da fraternidade de Sean. Meus nervos se agitam em minha

barriga, enquanto me pergunto o quanto ele pode ter ouvido. E visto...

Merda. Será que me viu beijar Dean?

“Oi”, digo, forçando um sorriso. “Como foi de Ação de Graças?”

“Foi tudo bem.” Jim volta o olhar na direção de Dean. “E aí, cara?”

“E aí?”, cumprimenta Dean, contido.

“De onde vocês estão vindo?” Seus olhos nitidamente desconfiados fitam a minha

mala.

“Nova York”, respondo, casualmente. “Dean é de Manhattan, e eu, do Brooklyn,

então peguei uma carona. Vamos salvar o meio ambiente!” Finjo agitar uma

bandeirinha, mas Jim nem sequer abre um sorriso.

“Legal.” Ele continua a me estudar. “Bem, então tá... bom te ver.”

Seu sorriso de despedida é amigável o suficiente, mas, ao vê-lo partir, não consigo

controlar a bola de medo que se aloja na minha garganta. Merda. Tenho um péssimo

pressentimento sobre este encontro. Com certeza Jim vai contar para Sean. Uma parte

de mim não se importa, porque Sean não é mais meu namorado.

Mesmo assim, a ansiedade remoendo em meu estômago se recusa a ir embora, e sei

que vou passar o dia todo preocupada com isso. Esperando a bomba estourar.

A bomba estoura à uma da manhã. Com toda a força. E num estrondo. Acordando-

me rudemente de um sono profundo pelas batidas violentas em minha porta.

Levanto assustada e olho ao redor, porque meu cérebro ainda enevoado leva alguns

segundos para compreender o que está acontecendo. Uma vez que registra que os

sons estão vindo da porta da frente, corro para fora do quarto e cambaleio até a área

comum. Duas figuras sombrias emergem do quarto de Hannah ao mesmo tempo.

Minha colega de quarto e o namorado param abruptamente ao me notar.

Bang.

Bang, bang, bang.

“Que merda é essa?” Garrett parece grogue ao virar a cabeça na direção do barulho.

Meu pulso acelera quando ouço a voz de Sean.

“Allie!”, grita ele por trás da porta. “Eu sei que você tá aí! Deixa eu entrar, porra!”

E, de uma hora para a outra, Garrett está alerta e marchando até a porta. Dou um

gritinho de susto, mas ele não abre a porta, simplesmente bate o punho contra ela

algumas vezes. “Cala a boca, idiota. Vai acordar o andar inteiro.”

“Tô nem aí!”, é a resposta furiosa de Sean. “Preciso falar com a Allie.”

“Então pega o telefone e liga, como uma pessoa *normal*”, rebate Garrett. “E faz isso

amanhã de manhã. A Allie tá dormindo.”

Hannah se aproxima e pousa a mão no meu braço. Minha pele está gelada, e sei que

ela percebe, porque faz um carinho suave e reconfortante. “Garrett vai se livrar dele”,

sussurra.

Mas ela está subestimando a teimosia de Sean. “Ela não tá dormindo”, berra ele.

“Conheço a minha namorada...”

Ex-namorada! Quase grito.

“... e ela tá de pé atrás dessa porta, sei que tá.” As batidas recomeçam. *Bang. Bang,*

bang, bang. “Allie! Abre a porta! Precisamos conversar!”

Recuo. Hannah envolve um braço em volta dos meus ombros.

“Bata na porta mais uma vez, e vou chamar a polícia”, ameaça Garrett.

Bang, bang, bang.

Minha garganta se fecha. Droga! Ele não vai embora. Sei que não vai, e de repente

sou tomada por imagens da equipe de segurança do campus e uma brigada de polícia

invadindo a Bristol House feito um esquadrão de elite para deter um ladrão de banco.

O que, além de humilhante, seria um enorme transtorno. Deste dia em diante, todo

mundo no alojamento pensaria em mim como a garota do ex-namorado alucinado.

“Deixa ele entrar”, digo, baixinho.

Garrett se vira, os olhos cinzentos em chamas. “De jeito nenhum, Allie. Ele tá

bêbado.”

“Eu sei, mas ele vai se acalmar depois que entrar.” Meus ombros murcham,

infelizes. “Ele vai passar a noite aí fora, Garrett. Deixa ele entrar, e eu tento acalmá-lo.

Prometo que dou conta.”

O namorado de Hannah permanece cético. Não o culpo. Sean está agindo feito um

maníaco neste momento. Mas passei quase quatro anos com o cara, sei que ele dá

uma de durão, mas não morde.

Nunca me machucaria fisicamente.

Garrett aponta um dedo para mim. “Se tentar alguma coisa, vou encher ele de

porrada.”

Faço que sim com a cabeça.

Xingando baixinho, ele abre o ferrolho e puxa a porta. Fico como que esperando

Sean irromper na sala dando uma cambalhota antes de ficar de pé, como um

comando do Exército numa missão especial. Mas ele entra a passos lentos, que

parecem acompanhar o ritmo de sua respiração irregular. Seus olhos castanhos logo

me acham.

“Precisamos conversar”, murmura.

Garrett se posiciona grudado em Sean. Hannah fica colada a meu lado.

Engulo em seco, nervosa, me soltando do abraço de minha melhor amiga. “Vocês

podem nos dar um minuto?”

“De jeito nenhum.” A expressão de Garrett é inundada pela incredulidade.

“Por favor. Tá tudo bem. Só vamos conversar.” Lanço um olhar mordaz na direção

de Sean. “Não é?”

Sua mandíbula se tensiona, mas ele concorda. “É isso aí. Só quero conversar.”

Vários segundos se passam. Então Garrett solta outro palavrão e fecha a cara para

Sean. “Não vai fazer nada estúpido, cara. É só olhar feio pra ela, e quem vai conversar

com você é meu punho.”

Sean acena novamente. O namorado de Hannah é mais de dez centímetros mais

alto e vinte quilos mais pesado que ele, e é claro que Sean leva a ameaça a sério.

Hannah aperta o meu braço. “A gente vai voltar lá pro quarto. Qualquer coisa,

grita.”

Não acho que vamos chegar a esse ponto. Sean parece ter se acalmado, a respiração

está estável, seu olhar não arde mais de raiva. No momento em que a porta de

Hannah fecha, ele se joga no sofá e faz um barulho baixo e agonizante.

“Dean Di Laurentis?”, murmura, e a dor e a traição piscando em seus olhos me

atingem como uma lâmina cega. “Tá brincando comigo, Allie?”

Meu coração dispara à medida que me aproximo. Não sento ao lado dele. Fico de pé

na sua frente, os joelhos tensos, os braços cruzados com força em meu peito, porque

meu corpo inteiro está tremendo tanto que é o único jeito de não cambalear sobre

minhas pernas. Não sei o que dizer, então não digo nada.

“Vocês estão juntos?” Sua voz de repente se enche de uma repulsa gélida.

Engulo em seco, incapaz de formar qualquer palavra. Por que ele ainda tem esse

poder sobre mim? Sempre sabe quais botões apertar, exatamente quanto nojo e

desaprovação injetar em seu tom para fazer com que eu me sinta culpada,

desconfortável, péssima.

“Estão?”, insiste.

Coloco as cordas vocais para funcionar. “Sim e não. Não somos um casal.

Estamos...”

“Dormindo juntos”, termina Sean, seco.

Faço que sim, o que provoca outro lampejo em seus olhos.

“Então é só sexo, é isso?” Um assobio escapa de sua boca. “Você não faz só sexo!

Você não é assim.”

Minha pele se eriça com a ofensa. “Assim como?”

“O tipo de garota que dorme com qualquer um. Levamos *quatro meses* para transar

pela primeira vez. Desde quando você pula na cama de alguém em questão de dias?

Ou foram horas? Quanto tempo você levou para se jogar no pau do Di Laurentis?”

Estremeço como se tivesse levado um soco. Sei que está bêbado, por causa das

bochechas rosadas e dos olhos turvos, mas não está enrolando as palavras, e dispara

cada uma delas fora como uma bala de revólver, acertando o alvo e reacendendo o

desconforto que sempre senti quando se trata de sexo casual.

“E de todos os caras que você podia ter escolhido, escolheu *e/e*?
Tem noção da

quantidade de vagabundas em que ele enfiou o pinto? Ele vive na
merda do posto de

saúde do campus, de tanto remédio que tem que tomar por causa
de doença venérea!”

Fico rígida. “Para com isso. Você tá muito grosseiro.”

Mas Sean não está nem perto de ter terminado. “Você transou com
ele quando a

gente estava junto?”, exige saber.

Meu queixo cai. “*Não*. Claro que não.”

“E eu tenho que simplesmente acreditar nisso.” Num pulo, ele fica
de pé. Dou um

passo instintivo para trás, mas Sean não avança na minha direção.
Em vez disso,

começa a andar de um lado para o outro, passando as mãos pelos
cabelos como se

estivesse tentando arrancá-los da cabeça. “Então agora preciso
fazer um exame? É

isso? Preciso ver se tenho alguma *doença*, porque a minha
namorada me traiu com o

babaca imundo do Di Laurentis?”

A raiva sobe em minha garganta. “Não traí você”, exclamo. “E você tá sendo

ridículo! Você não tem doença nenhuma...”

“Mas *você* pode ter”, me interrompe ele. Em seguida começa a rir baixinho, com

crueldade. “Tá dormindo com o cara mais rodado da faculdade. É uma *vagabunda*.”

Vacilo diante da acusação cruel, mas de alguma forma consigo manter a respiração

sob controle. E de alguma forma consigo não pular em cima dele e lhe dar um

murro. “Não sou uma vagabunda”, digo, friamente. “E não traí você. Agora tá na hora

de você ir embora.”

“Quer saber? *Ainda bem* que você me largou. Não quero mais nada com você.” Sua

voz se eleva, e me encolho, porque sei que Hannah e Garrett devem estar ouvindo

tudo, mesmo com a porta fechada. “Que *idiota* eu fui de tentar te reconquistar! Que

merda eu ia querer com uma piranha imunda como...”

“*Chega!*”

A interrupção retumbante de Garrett chega tarde demais. O último comentário de

Sean já causou o dano desejado. Tropeço para trás como se tivesse acabado de levar

um tapa. Nossa, a sensação é exatamente essa. Minhas bochechas ardem. Meu lábio

inferior treme com muita intensidade, e é preciso enfiar os dentes nele para fazê-lo

parar. Tenho que lutar contra o soluço estrangulado que está desesperadamente

tentando pular da minha garganta.

Tenho uma vaga impressão de que Garrett está agarrando meu ex-namorado pelo

colarinho. Carregando-o até a porta. Sibilando uma ameaça. Mas meu rosto está em

chamas, e minha visão, desfocada, o que torna difícil me concentrar no que está

acontecendo.

Tenho um sobressalto ao sentir um par de braços macios me abraçando. É Hannah,

me apertando com força. Minha cabeça cai em seu ombro, e pisco por sobre as

lágrimas que ameaçam vir à tona.

“Você está bem?”, pergunta ela, preocupada.

“Não.” Minha resposta é abafada contra a sua manga.

“O Garrett desceu com ele. Vai chamar um táxi e esperar com o Sean para ter

certeza de que o filho da mãe foi embora.” Ela esfrega minhas costas com ambas as

mãos. “Allie. Fala comigo. Preciso saber que você está bem, amiga.”

Por alguma razão, a simpatia em sua voz estira meu último fio de controle. As

lágrimas transbordam e escorrem por meu rosto. Um soluço me escapa, e tremo em

seu abraço. Como ele pôde dizer coisas tão horríveis, tão cruéis? Ficamos juntos por

anos. Ele me *amava*. Ele me *conhece*. Sabe que não sou uma... Engulo outro soluço...

Uma *piranha imunda*.

Com a vergonha inundando meu corpo, afasto Hannah e corro para o meu quarto.

Ouçoo seus passos atrás de mim, alcançando a minha porta assim que desabo na cama.

Eu me aninho em posição fetal e enxugo as lágrimas com a manga da camiseta, mas

elas continuam caindo mais rápido, ardendo em minhas pálpebras e deslizando até a

minha boca.

“Allie”, diz Hannah, baixinho.

Ignoro-a, soluçando enquanto estico a mão e vasculho a mesinha de cabeceira.

Preciso... Deus, preciso de *Dean*. Preciso dele para me envolver com seus braços fortes

e me fazer aquele discurso de novo, aquele sobre apagar a palavra *piranha* do meu

vocabulário e não deixar gente mesquinha me convencer que fiz algo de errado.

Meus dedos colidem com meu telefone, e solto um gemido ao descobrir que está

sem bateria.

"Allie." Hannah soa excessivamente preocupada. "Fale comigo."

Inspiro, trêmula. "Pode fazer um favor?"

"Qualquer coisa", afirma ela, na mesma hora. "Me diz o que você precisa."

"Você pode..." Falo por sobre o nó apertado em minha garganta. "Pode ligar para o

Dean e pedir pra ele vir aqui?"

Não olho para o seu rosto para avaliar sua reação. Não preciso, porque ouço a

perplexidade em alto e bom som na sua voz.

"Dean?" Ela faz uma pausa. "Dean Di Laurentis?"

"É." Me enrolo na cama de novo, enfiando a cabeça no travesseiro.

“Quer que eu ligue para o Dean?”

“É.”

“Dean Di Laurentis?”

“É.” Umedeço os lábios secos, salgados pelas lágrimas. Malditas lágrimas que não

param de cair. “Por favor... só liga pra ele. Eu...” Sinto o rosto inteiro se desfazendo de

novo. “Preciso dele.”

25

DEAN

“Cadê ela?” Forço minha entrada, antes mesmo de Garrett terminar de abrir a porta.

Meu olhar a procura pela sala de estar, mas Allie não está aqui. Wellsy está, e fica de

pé assim que me vê.

“Tá no quarto...”

Sigo na direção do quarto, apenas para ser interceptado pela morena baixinha.

“Espera um segundo”, ordena Hannah, plantando a palma da mão no meu peito.

“Você só entra depois que me disser que *merda* tá acontecendo aqui.”

“Me diz você”, rebato, impaciente. “Foi você quem me ligou à uma da manhã e me

disse para vir porque Allie precisava de mim. O que aconteceu?”

“Sean apareceu aqui”, explica Garrett, com ar sombrio. “Bêbado e batendo na porta

e exigindo falar com ela. Eu deixei entrar...”

“Você deixou entrar?!”, exclamo.

“Ela me mandou”, resmunga ele. “Disse que dava conta.”

Hannah interrompe, cheia de raiva. “Você precisava ouvir a maneira como ele

gritou com ela. Chamou de vagabunda, disse que ela podia ter alguma doença...”

O quê?

A fúria sobe por minha coluna, chegando em minha garganta sob a forma de um

rosnado ameaçador. “Sai da minha frente”, digo a Hannah.

“Dean”, protesta ela, à medida que corro na direção do curto corredor. “O que você

tá fazendo aqui...”

O martelar pesado de meus passos abafa sua pergunta. Irrompo no quarto de Allie e

paro junto à porta ao vê-la encolhida na cama. Allie levanta a cabeça ao me ouvir

entrar, e o olhar desolado em seus grandes olhos azuis parte meu coração em vários

pedaços.

“Linda”, digo, baixinho.

Ouço um suspiro assustado atrás de mim. Rangendo os dentes, viro e bato a porta

nas caras atônitas de Hannah e Garrett. Eles não existem para mim agora. Só Allie

existe, e, antes que ela possa se dar conta, estou na cama, puxando-a em meus braços

e aninhando-a junto ao meu corpo. Allie esconde o rosto em meu peito, e posso

senti-la tremer.

“O que aconteceu?”

“Sean veio aqui.” A resposta é abafada contra meu casaco.

“Eu sei, o G. me contou. Mas *por que* ele veio aqui?” Lembro o nosso encontro com

Paulson hoje de manhã e solto um palavrão. “Aquele amigo dele... Paulson contou

que viu a gente junto?”

Ela faz que sim, batendo a cabeça na minha clavícula.

“Babaca”, murmuro. Então inspiro fundo e corro a mão por seu cabelo sedoso.

“Imagino que Sean estava com raiva.”

“Ele...” Sua voz falha. “Ele me chamou de piranha imunda.”

Uma fúria em brasa me atinge feito uma entrada violenta no ringue. Preciso usar

de toda a força para afastá-la, expurgá-la de meu corpo. Quero matar o desgraçado

por dizer isso.

“Você... não é...”, inspiro de novo, “... uma piranha imunda. Tá me ouvindo, linda?”

Não é. Nunca foi. Não sei nem por que o filho da mãe diria...”

“Por sua causa”, sussurra ela.

Minhas mãos cerram em punhos contra seus ombros. “O quê?”

“Ele acha que você tem um monte de doença, porque... tem uma vida sexual

ativa...”

“Tô limpo”, interrompo. Minha voz é baixa, tomada pela ansiedade. Merda, espero

mesmo que ela acredite em mim agora. “Nunca fiz sexo desprotegido na vida, Allie.

Fiz o teste antes de a temporada começar, mas posso fazer de novo se você...”, paro.

Foda-se. Vou fazer de qualquer jeito, mesmo que ela não peça, só para esmagar

qualquer semente de dúvida que aquele zero à esquerda do Sean possa ter plantado na

sua cabeça.

“Confio em você, Dean. Sei que tá limpo, tá legal? Não foi a parte da doença que

me chateou. Foi a outra parte. A maneira como olhou para mim...” Seu pequeno

corpo estremece. “Estava com tanto nojo. Foi como se, naquele momento, ele

realmente me visse como uma piranha e me odiasse por isso.”

A fissura em meu coração se rompe, enviando estilhaços até o meu estômago. Sean

devia estar agradecendo à sua estrela da sorte por não estar aqui agora. Minha vontade

é de envolver os dedos em seu pescoço e espremer a vida para fora dele.

“Linda...” Engulo a raiva. “Linda, olha para mim.”

Lentamente, Allie ergue os olhos até encontrar os meus.

“Não dou a mínima pro que o Sean diz, ou pro que ele pensa... você não fez nada

para merecer um ataque verbal, entendeu? Você não é uma piranha. Você é...” *Perfeita,*

quase digo, mas não tenho a chance, porque ela está tremendo de novo.

“Então por que me sinto como uma?” Ela pisca depressa, como se estivesse

tentando não chorar. “Deus. Odeio isso. Eu te disse, não sou feita para fazer sexo

casual.”

As palmas das minhas mãos ficam úmidas. Não quero que ela continue. Estou

apavorado com o que ela vai dizer.

“Não sei se posso continuar com isso.”

Merda.

“É confuso demais... dormir com você, sem nem estarmos juntos...”

“Estamos juntos”, interrompo.

Ela se assusta. “O quê?”

Sinto como se alguém tivesse enfiado um punhado de cascalho na minha boca.

Engulo em seco. “Estamos juntos”, repito.

Ela parece perplexa. “Estamos... por quê?”

“Porque estamos.” Uma resposta sem sentido, mas é tudo o que tenho. Não quero

que isto acabe. Não posso explicar por quê, mas só sei que não quero que isto acabe.

“Você quer...” O sulco em sua testa se aprofunda. “Você quer namorar comigo?”

Meu batimento cardíaco torna-se errático. Faz anos que não tenho uma conversa

assim com uma menina. Desde Miranda. Mas Allie não é Miranda. Allie é... ela é...

merda, não consigo nem organizar os pensamentos. Exceto um. A certeza profunda de

que *não posso* deixar isto acabar.

“Dean?”

Aperto-a com força, enterrando o rosto na curva do seu pescoço.

“Quero ficar com

ocê”, murmuro. “Então isso significa que estamos juntos, tá legal?”

Um riso instável faz cócegas na minha bochecha. “Você tá me assustando agora.”

“Eu tô *me* assustando.” Com um gemido, ergo a cabeça e seguro seu queixo

delicado com ambas as mãos. “Por que você pediu pra Wellsy me chamar?”

Allie vacila. “Porque...” Ela morde o lábio. “Porque queria que você me dissesse que

Sean tá errado. Porque precisava...” Ela hesita, como se estivesse tão assustada com

isso quanto eu. Sua incerteza só me deixa mais seguro.

Deslizo o polegar ao longo da linha de seus lábios, suavizando a pequena marca que

ela fez com o dente. "Você quer isso também. Ficar comigo?"

Allie permanece quieta por tanto tempo que fico nervoso de novo. Em seguida,

assente com a cabeça.

"Me diz por quê", peço, a voz rouca. "Preciso saber que não é só porque sexo casual

faz você se sentir mal. Que não é só porque tá insegura sobre o que Sean disse."

Allie desliza lentamente uma das mãos sobre minha bochecha. "Não é." A ponta

dos dedos toca a barba por fazer em meu queixo. "Quero estar com você porque

parece certo."

A tensão em meu peito se dissipa, substituída por uma estranha onda de calor que

não poderia explicar nem que tentasse. Não falamos mais depois disso. O que é

igualmente estranho, este longo e inexplicável silêncio que não precisa ser

preenchido. Solto-a apenas o suficiente para tirar o suéter e a calça jeans. Estico o

braço e desligo a lâmpada de cabeceira.

A escuridão cai sobre nós. Allie entra debaixo das cobertas. Sem uma palavra,

desloca-se na cama para abrir espaço para mim.

Deito atrás dela, envolvendo seu corpo esbelto com um braço e puxando-a mais

para perto. Ela faz um barulho contente e aconchega a bunda em minha virilha, as

costas em meu peito. Seu cabelo faz cócegas em meu queixo. Adormeço com o som

da sua respiração suave e a batida constante do seu coração sob a minha palma.

Na manhã seguinte, quando saio do quarto, Hannah e Garrett estão na cozinha.

Estão segurando as canecas cor-de-rosa mais ridículas que já vi — a de Wellsy diz

“Melhor amiga da Allie!”, numa letra cursiva roxa. E a de Garrett, “Melhor amiga da

Han-Han!”.

Sufoco uma risada. Por que tenho a impressão de que essas canecas são coisa da

Allie?

Como já estava esperando um interrogatório, não fico surpreso quando os dois me

atacam no momento em que me veem.

“Que tipo de joguinho você tá fazendo com a minha melhor amiga?”

“Eu avisei *especificamente* para você manter o pau longe dela, cara.”

Sigo o aroma de café fresco até a bancada estreita. Não são nem nove horas. Ainda

não estou acordado o suficiente para ter essa conversa.

Infelizmente, meu esforço obstinado em ignorá-los não tem efeito. Os dois

continuam disparando perguntas na minha direção enquanto me sirvo de um pouco

de café.

“Há quanto tempo isso tá acontecendo?”

“Por que você não me contou?”

“Por que ela não me contou?”

“Isso vai arruinar toda a nossa dinâmica de grupo, sabia?”

“Você acha?” Hannah volta a atenção para Garrett. “Se for só um caso,

provavelmente não vai mudar nada.”

“Sua amiga não é do tipo que tem só um caso, amor. Ela adora um compromisso.”

A mesma observação que fiz sobre Allie no carro, a caminho de Nova York, mas

ouvir Garrett dissecar os hábitos sexuais da minha namorada me faz ficar todo

erigido.

A minha namorada. Nossa. Nunca achei que diria *isso*. Mas é assim que as coisas

são agora, e decidi deixar rolar.

“Ei, tenho uma ideia.” Eu me recosto contra a bancada e fito os dois por sobre a

borda da minha caneca. “Que tal vocês cuidarem da sua vida?”

Wellsy deixa a mandíbula cair.

Garrett arregala os olhos.

Uma risada contida vem do corredor. Um momento depois, Allie aparece na sala.

“Bom dia”, diz, casualmente.

Há uma pausa. “Bom dia”, responde Hannah.

Allie se aproxima da bancada e pega a cafeteira. Quando se inclina na ponta dos pés

para alcançar uma caneca no armário de cima, não consigo me conter e dou um tapa

na sua bunda saliente.

Hannah me lança um olhar mordaz.

Garrett balança a cabeça.

“O que foi?” Minha expressão é inocente.

Allie dá um gole no café, em seguida, abraça a caneca com ambas as mãos e fala

para todos nós. "Certo. O negócio é o seguinte, pessoal." Ela olha para Hannah. "Dean

e eu estamos juntos. Pronto. É isso. Podem começar com as perguntas."

Hannah fica de boca fechada. Para alguém com tantas dúvidas há tão poucos

minutos, seu silêncio é surpreendente. Preocupante. Seus olhos verdes inquietos me

dizem que não está feliz com este novo arranjo.

"Ninguém? Não tem nada que vocês queiram saber?" Allie leva a caneca aos lábios.

"Tá bem, então."

Escondo um sorriso e me volto para Garrett. "Hunter e eu temos uma hora a mais

de gelo hoje. O treinador liberou. Quer vir com a gente?"

Ele esfrega a mão no queixo, coçando a barba escura por fazer. "Ainda tá ajudando

o Davenport? Trabalhando mano a mano?"

Faço que sim. "Ele é dedicado, trabalha duro. Mas acho que umas dicas de outro

atacante poderiam ajudar."

Garrett concorda com a cabeça. "Beleza, vou também. Posso ajudar com o

posicionamento dele durante as penalidades. Errou muito nesse jogo com o

Burlington ontem."

"Pelo menos a gente ganhou."

"Verdade. Mas a campanha ainda tá uma merda."

"É desolador, cara. Meus garotos do Hurricanes estão fazendo uma campanha

melhor, e eles não têm nem quinze anos."

"Seus garotos?" Ele sorri. "Cara, admita. Você tá apaixonado por esses meninos."

"Vai à merda. Só me divirto treinando..."

"Vocês dois, fora!", anuncia Wellsy, uma mistura de irritação e exasperação em seu

rosto.

Garrett fica visivelmente magoado. "Tá me expulsando?"

"Desculpa, meu amor. Te amo com todo o meu coração, mas agora tá na hora de as

meninas conversarem, e, na última vez que chequei, você não era menina. Portanto,

você precisa ir." Ela fecha a cara para mim. "Você também, Dean."

Não sou nem maluco de discutir com Hannah Wells quando ela está determinada

desse jeito. Ela quer a gente fora daqui, então é isso que vamos fazer.

Viro o café, coloco o copo vazio na pia e olho para Allie. "Te ligo mais tarde?"

"Beleza." Ela caminha na minha direção e me dá um beijo na bochecha, mas de

jeito nenhum vou sair daqui sem algo um pouco mais substancial. Capturando seu

queixo em minha mão, deito sua cabeça para trás e pressiono a boca na dela. O beijo

é profundo e apaixonando, além de envolver um monte de língua e durar o suficiente

para fazer Hannah gritar.

"Tá legal, já chega!", ordena ela.

Quando Allie e eu nos separamos, lanço um sorriso na direção de Wellsy. "Ah,

relaxa, gata. Tô só dando um beijinho de língua na minha gata. Ninguém morreu."

Hannah fica boquiaberta. Em seguida, aponta para a porta e rosna: "*Fora*".

ALLIE

"A *gata dele?*", exclama Hannah, no momento em que Dean e Garrett saem pela

porta. "Quero uma explicação, Allison. Tô falando sério. Quero. Uma. Explicação."

Engulo um pouco mais de cafeína. Se vamos ter esta conversa agora, preciso

colocar o cérebro para funcionar. Embora, honestamente, não sei se *consigo* me

explicar. Nem sei o que pensar dessa coisa com Dean.

Ele disse que sou sua gata, certo?

E isso significa que ele é o meu homem?

Porque somos um casal agora?

Resumindo: não esperava que a noite passada terminasse do jeito que terminou.

Depois da maneira como Sean perdeu completamente o controle e me tratou como

merda de cachorro na sola do seu sapato, eu deveria ter jurado nunca mais tocar em

homem nenhum, mas, de alguma forma, terminei a noite ganhando um namorado. A

vida às vezes é fascinante.

“Quando isso aconteceu?” A voz de Hannah se suaviza, à medida que ela analisa o

meu rosto. “E por que você não me contou?”

Dou de ombros, sem jeito. “Estava com vergonha.”

“Com vergonha? Por quê?”

Suspirando, carrego a xícara de café para o sofá e desabo nele. Sento sobre as pernas

cruzadas e espero Hannah se juntar a mim. “Porque... porque é o *Dean*. Dean Di

Laurentis, o maior pegador da história.” Eu me sinto mal dizendo isso, mas sempre

fui honesta com Hannah. "Ele é irritante e ridículo e não faz meu tipo nem um pouco."

Ou pelo menos isso é o que eu costumava pensar, antes de conhecê-lo. Claro, ele

continua sendo irritante e ridículo na maioria das vezes, mas Dean tem muito mais a

oferecer do que eu jamais poderia ter imaginado.

Hannah franze os lábios. "Tá. Começa do começo. Quando aconteceu?"

"Quando você acha?", pergunto, irônica. "Na noite em que dormi na casa deles."

Seu rosto empalidece. "Ai, meu Deus. Então é minha culpa? *Eu* fiz isso com você?"

Dou uma gargalhada. "Não, eu fiz isso comigo mesma. Fiquei bêbada e acabei na

cama dele. Tudo minha culpa."

"E agora vocês estão juntos?" Ela parece pasma. "Como isso é possível? Você

mesmo disse, ele é o maior pegador da história. Por que você ia querer namorar ele?"

"Porque gosto dele", digo, simplesmente.

"Tem certeza de que não tá só tentando esquecer seu relacionamento com Sean?"

Dou de ombros. "Pode ter começado assim. Não nego que receber a atenção do

Dean me fez sentir bem. Era... diferente da atenção do Sean. O Sean sempre precisava

de mim, mas de uma forma que eu nunca era capaz de satisfazer. Nada do que eu

fazia era bom o suficiente. Ele estava sempre com raiva e decepcionado, e parte de

mim sabia que não éramos certos um para o outro, mas... Gosto de estar num

relacionamento." Essas últimas palavras pairam entre nós com o peso de uma

bigorna. Nem sequer preciso olhar para Hannah para antecipar sua próxima pergunta.

"Tem certeza de que não tá entrando num relacionamento novo às pressas porque

precisa estar com alguém?" Seu ceticismo está abrindo um buraco no que ontem à

noite parecia certo, no que ainda hoje de manhã parecia certo.

Aflita, olho para ela. "Não sei. Tentei dizer não para o Dean. Depois da primeira

noite...", uma noite inesquecível, de virar a cabeça e não me deixar pensar em mais

nada, "ele ficou me ligando e mandando mensagens, pedindo uma segunda rodada, e

eu ficava rejeitando, até uma hora em que pareceu ridículo. Eu queria dormir com

ele, ele queria dormir comigo, então por que não?"

"Mas não podia ser só sexo?"

Solto um gemido. "Eu tentei, de verdade, mas não fui feita pra isso, Han-Han. E

não sei como aconteceu, mas comecei a gostar dele, mais do que só daquele pau

mágico." Ela dá uma risada, mas continuo. "Ele é bom para mim. É ótimo em ouvir

os outros. É uma companhia divertida. O sexo é mais que surpreendente."

Espera, acabei de botar o sexo em *quarto* nessa lista? Aparentemente sim. Mas isso é

porque... bem, porque sexo não é mais a primeira coisa que me vem à cabeça quando

penso em Dean. Não somos mais só dois corpos suados em busca do orgasmo.

Assistimos juntos a uma série francesa da qual só entendemos uma a cada três

palavras. Dançamos juntos. Nos divertimos. Ele encontrou minha amiga da escola.

Meu *pai*...

"E ele é a primeira pessoa com quem você quer falar quando tá chateada",

acrescenta Hannah, muito perspicaz.

Aperto os lábios com força. Mesmo que quisesse, não posso negar o que aconteceu

ontem. Meu primeiro instinto foi o de colocar os braços de Dean à minha volta,

como se ele fosse a única pessoa capaz de consertar tudo. E ele consertou. Acalmou

meu orgulho ferido, meus sentimentos machucados, e me apoiou a noite inteira. Eu

não teria dormido um minuto da noite passada se ele não tivesse vindo.

“Tá preocupada que ele vai me machucar?”, pergunto, com um suspiro.

Hannah esfrega a borda da sua caneca de café algumas vezes antes de responder.

“Não. Acho que tenho que me preocupar com o Dean. Ele não costuma ser a pessoa

que está sempre lá para os outros. Não tô dizendo que é egoísta. É um bom amigo,

mas sei que Garrett recorreria ao Logan antes de chamar o Dean.”

“Não sei por quê”, respondo, irritada. “O Dean daria a qualquer um a roupa do

corpo. Sem questionamentos.”

“O Logan é de confiança.”

“E o Dean não é? Só porque é um pouco obcecado por sexo, isso não faz dele uma

pessoa não confiável!” Bato a caneca na mesa, espirrando algumas gotas mornas de

café.

Hannah começa a rir, e o som indesejável me segue até a cozinha, onde pego umas

folhas de papel-toalha para limpar minha bagunça.

“Qual a graça?”, pergunto, jogando o papel sujo no lixo.

“Você e a sua defesa desnecessária do Dean.” Ela se levanta do sofá e se junta a mim

na cozinha, apertando meu ombro de leve. “Olha, se quer ficar com o Dean, fique

com o Dean. Só me preocupo porque você não é de dormir com caras só pra se

divertir. Não tô dizendo que dormir com ele logo depois de terminar com o Sean é

errado ou feio, de forma nenhuma. Só não é *você*. ”

Murcho contra a bancada. “Sei que não. Continuo me dizendo isso, mas... que

droga, gosto de estar com ele.”

“Tá apaixonada por ele?”

“Não. Não sinto aquela moleza quando se trata dele. Não como eu tinha com...”

Deixo a frase morrer. Ia dizer *não como eu tinha com o Sean*, mas não consigo lembrar a

última vez em que senti algo bom por Sean. Os únicos sentimentos de que me

lembro são cautela, irritação, impaciência e, na noite passada, dor.

Hannah coloca outra caneca de café em minha mão. "Para de pensar demais e deixa

rolar, para ver onde isso vai dar."

26

ALLIE

Na semana seguinte, sigo o conselho de Hannah e tento desligar o cérebro. Dean e

eu começamos a sair como um casal. Não dizemos nada explicitamente. Não

tatuamos na testa, mas nossa interação torna tudo muito claro.

Quando saímos, ele me toca o tempo todo, mas não de uma forma que me faz

achar que está tentando marcar território ou se mostrar. Ele é só muito físico. Se

estou perto dele, sua mão está em algum lugar do meu corpo. Em geral, sua palma

está colada na base da minha coluna, mas às vezes ele joga meu cabelo para trás e

brinca com o dedo no meu ombro. E beija minha têmpora e a bochecha. Nem por

um momento me sinto como se ele estivesse me prendendo.

Dos nossos amigos, Garrett é o mais preocupado. Hannah quer que eu seja feliz e,

contanto que eu esteja sorrindo, está satisfeita. Garrett, por outro lado, se divide entre

a preocupação e a aceitação cautelosa. Está convencido de que Dean vai me magoar, o

que vai acabar criando um problema entre a sua namorada e um de seus melhores

amigos.

Já tentei tranquilizá-lo de que sou adulta e que posso lidar com uma separação,

mas a conversa acaba voltando para Sean, que só quero esquecer. Dean torna isso

muito fácil.

Quando não está em aula ou no gelo, está comigo. Às vezes, lê um livro enquanto

ensaio minhas falas, às vezes me ajuda, lendo a parte da outra personagem. Sua voz

aguda feminina me faz morrer de rir, então geralmente precisamos repetir várias

vezes até conseguir terminar uma cena, e, quando conseguimos, ele está com tesão.

Por causa do meu riso, diz ele. Embora eu tenha a impressão de que eu poderia fazer

qualquer coisa, e Dean estaria pronto para outra.

A coisa mais importante é que estamos felizes — eu, por exemplo, bem mais feliz

do que estive em muito tempo. Isso é maravilhoso. Se alguém tivesse me dito há seis

semanas que Dean Di Laurentis e eu estaríamos não só namorando, mas *felizes*, eu

teria rido até me estourar.

“O que você vai fazer depois do ensaio hoje?”, pergunta Dean, da cama. Está

recostado contra os travesseiros, o cabelo despenteado, parecendo o deus do sexo que

é. Afasto a atenção dele, tentando me concentrar no espelho e em não me machucar

com a haste do rímel.

“Nada. Talvez jantar num dos refeitórios. Por quê? O que você vai fazer?”

“Tenho que resolver uma coisa e, depois, marquei um tempo de gelo com o

Hurricanes.”

Meu estômago revira de leve. Não vou vê-lo esta noite? Tento não demonstrar a

decepção. Só porque estamos juntos não significa que precisamos viver grudados.

“Quer jantar depois?”, acrescenta ele.

Meu coração vibra. “Claro.”

“Legal. Pode me encontrar na arena? Tem um restaurante lá perto que acho que

você vai gostar. É italiano, mas tem uma decoração toda de filme antigo.” Sua mão

desliza sob os lençóis, que o cobrem até a cintura.

Espeto o olho. “Quer parar de se tocar?” Pouso o rímel na mesa e pego um lenço de

papel para limpar a mancha preta que fiz no canto interno da pálpebra, porque não

consigo tirar os olhos de Dean.

“Qual o problema, gata? Tá com ciúmes? Estava pensando em como você tá

gostosa.” Ele gira de lado. “Toda vez que você passa maquiagem no olho, faz um

pequeno círculo com a boca. Tá praticamente implorando pra eu enfiar o pau nela.”

Não, meu relacionamento com esse cara não tem nada de meloso e sentimental.

Lanço um olhar incrédulo para ele. “Acabamos de fazer sexo”, eu o lembro. E faço

duas linhas rápidas com o rímel, antes que a mão de Dean sob os lençóis possa

causar mais danos.

“Isso já tem meia hora. Você já tomou banho, já exibiu esses peitos e essa bunda

pelados na minha frente enquanto se vestia e depois ficou fazendo boca de boquete.

Então, sim, tô com tesão de novo. Me processe.”

Visto o casaco e me apoio com um dos joelhos na cama para um beijo de

despedida. “Você vai ter que bater uma então, porque tenho aula e não quero me

atrasar.”

Ele se ergue e beija primeiro o meu pescoço, depois os meus lábios. “Vou dar uma

agora para durar mais de noite.”

Droga. Agora *eu* estou com tesão.

Dean está no gelo quando chego à pequena arena da escola de Hastings. Sempre

imaginei que os treinadores ficassem na lateral, dando ordens, mas ele está no meio

do ringue, a atenção fixa numa figurinha de patins cor-de-rosa. *Cor-de-rosa?* Achava

que o Hurricanes era da liga dos meninos.

“Você tá levantando muito o tronco. Abaixa o corpo para distribuir melhor seu

peso.” Ele se agacha até a própria cabeça estar pouco mais alta que a da minijogadora

e sua bunda estar roçando o gelo.

Maravilhada, observo-o patinar alguns metros antes de esticar a perna e fazer a

volta. Sua leveza no gelo é surpreendente.

“Vamos. Tenta de novo.”

A patinadora se desequilibra para a frente.

“Lembre-se, quando você tá perfeitamente reta, tá, na verdade, de pé na parte de

dentro e de fora da lâmina. O meio da lâmina é curvo.” Dean desenha um U de

cabeça para baixo com o dedo. “A ideia é usar as extremidades para impedir suas

pernas de se abrirem demais. No começo é estranho, mas prometo que você vai pegar

o jeito.”

Um pé de patim cor-de-rosa desliza para a frente, incerto, seguido pelo outro, e o

movimento todo é repetido até a figura passar por Dean, agachado.

“Tá certo assim?”, pergunta a menina. “Tô fazendo direito?”

“Certíssimo.” Ele observa atentamente a menina deslizar no gelo.
“Você tem o dom,

Koty.”

“Quem é Koty?”, pergunta ela.

“Você é Koty. Ou, espera, talvez... Dakota-y? Todo mundo precisa de um apelido.”

“Qual é o seu?” Dakota pousa os pequenos punhos nos quadris inexistentes.

“O maioral. Eu sou o maioral.” Ele pisca para ela e então segura suas mãos, e os

dois patinam juntos. Ou devo dizer, Dean patina para trás, e Dakota se agarra a ele.

Seus olhos estão fixos no rosto dele, dois pontinhos devotos saboreando cada

movimento de Dean.

Apesar do ar frio na arena, me sinto completamente aquecida. A paciência de Dean

com essa menina está fazendo meus ovários explodirem. É um lado dele que nunca vi

antes e com o qual nunca pensei que fosse me preocupar.

A fofura se espalha dentro de mim, preenchendo vazios que eu nem sabia que

existiam e me pegando completamente de surpresa.

“Tá apaixonada por ele?”

"Não. Não sinto aquela moleza..."

Penso na minha conversa com Hannah e... merda. O que estou sentindo, então? Por

que é que tudo o que ele faz provoca um sorriso bobo em mim? Por que recorri a ele

primeiro quando estava desesperadamente triste? Por que...

Um apito estridente interrompe meus pensamentos tolos, e fico grata pela

distração. A arena é tomada pelo som do que parece ser uma centena de tacos batendo

contra o gelo. Vejo uma linha de jogadores de hóquei em miniatura do outro lado do

rink.

Dean os chama na sua direção, e todos eles disparam, levantando uma parede de

gelo raspado ao frearem na linha central.

"Enquanto Dakota pratica sua patinação, quero que vocês se dividam em dois

grupos. O primeiro grupo vai levar o disco, seguir até a linha azul e voltar. O segundo

grupo fica no meio do gelo. Sem se mexer, marcar ou tentar roubar o disco. É só ficar

parado. Quando o primeiro grupo voltar para a linha azul, vocês trocam. A parte mais

importante do exercício é manter a cabeça erguida.”

Dean arruma os alunos que vão servir de obstáculo em diferentes pontos ao longo

do rinque e então fica no meio da ação, enquanto o time se divide em dois e começa

a patinar de um lado para o outro no gelo, desviando cuidadosamente dos colegas.

“Ele tá fazendo um ótimo trabalho com eles”, me diz uma voz masculina grave.

Viro-me e vejo um homem mais velho se juntando a mim na arquibancada.

“Dean?”, pergunto. O homem assente com a cabeça. “É, parece que está se

divertindo.”

“Está. Sou Doug Ellis.”

Apertamos as mãos. “Allie Hayes. Amiga do Dean. Ele estava se gabando de como o

Hurricanes está indo bem este ano. Melhor que o time dele.”

Ellis ri com ironia. “A Briar não vai conseguir chegar à final do Frozen Four este

ano, o que é muito ruim. Como o Dean está encarando isso?”

“Tudo bem, acho. Quer ganhar, mas... Não acho que o hóquei seja a sua vida. Ele tá

planejando ir pra faculdade de direito no ano que vem.” Dean nunca falou em virar

jogador profissional, não do jeito que Garrett faz. Pelo que posso perceber, ama o

esporte, mas o hóquei não o define, o que vejo como uma coisa boa. Às vezes, Garrett

fica muito cansativo com todo aquele papo de hóquei. Não sei como Hannah aguenta,

mas acho que quando se está apaixonada você ignora coisas assim.

Ao meu lado, Ellis suspira. “Um desperdício esse negócio de faculdade de direito.

Tá escrito ‘professor’ na testa dele.”

Observamos os jogadores executarem o treino, enquanto Dean conversa com alguns

alunos que não são tão rápidos ou leves como os colegas. Ele não levanta a voz, mas

as crianças o ouvem com atenção. Ele dá um tapinha na cabeça ou nas costas de cada

um deles antes de liberá-los.

“Você é pai de um deles?” Aponto o rinque com a cabeça.

“Não mais. Tenho um filho que jogou no Hurricanes, mas agora está no ensino

médio. Um dos outros professores de educação física se ofereceu para assumir minha

posição depois que Wyatt passou de ano, mas não abriria mão disso por nada.

Crianças dessa idade são especiais. Estão com fome de aprender, ainda acham que a

figura de autoridade está lá para ajudar, e não para atrapalhar, e ameaçar funciona tão

bem quanto punir.”

“Depois dessa idade, então, é só ladeira abaixo?”

“Você não tem ideia.” Ele balança a cabeça em desolação fingida. “Quanto mais

velhos ficam, mais pensam que sabem tudo. Mas o Dean tem um dom. Tem uns

alunos mais velhos que ficam no ringue só para ouvi-lo falar com o Hurricanes. E

não são só os meninos que são loucos por ele.” Ellis aponta para Dakota. “Aquela

garotinha olha para o Dean como se ele tivesse inventado a Lua, e isso foi antes de ele

comprar os patins cor-de-rosa. Ele é paciente e fala com as crianças como se elas

fossem importantes. Não é todo aluno universitário que é assim. Cara, é difícil

encontrar um adulto que seja assim.” Ellis dá de ombros. “Seria ótimo para Dean se

ele se interessasse em dar aulas, mas acho que passar os dias com crianças não é um

trabalho tão glamoroso quanto ser advogado.”

“Dean não escolheu o direito por causa do glamour”, contraponho, sentindo a

necessidade de defendê-lo mais uma vez.

“Então você deveria conversar com ele sobre dar aulas ou virar treinador, qualquer

coisa que lhe permitisse trabalhar com crianças. Ele nasceu para isso.” Ellis começa a

se levantar, mas eu o interrompo.

“Por que tá me dizendo isso?”

“Porque você também olha para ele como se ele tivesse inventado a Lua. E tenho a

sensação de que ele sente o mesmo por você.” Ellis baixa a cabeça num cumprimento

e vai embora, patinando na direção de Dean e dos meninos.

DEAN

“O que você e Doug estavam conversando tão sérios?”, provoco, entrelaçando os

dedos nos de Allie, enquanto atravessamos o estacionamento na direção do meu

carro. Aperto o botão no chaveiro. “Por favor, não me diga que ele estava dando em

cima de você.”

Ela empalidece. “Ai, Deus, não. Na frente das crianças? Seria tão impróprio.”

Não posso deixar de rir. Para alguém tão desavergonhada na cama, sua obsessão

com decoro e rótulos é meio ridícula. “Então, o que ele queria?”

Entramos no carro. Allie ainda não respondeu à pergunta, o que me faz franzir os

lábios. O.k., agora estou começando a pensar que ela mentiu para mim e que o

treinador Ellis *deu* em cima dela. Mas Allie abre a boca e me assusta, dizendo: “Ele

acha que você deveria ser professor”.

Arregalo os olhos. “Ele falou isso?”

Ela confirma com a cabeça. “Professor, treinador ou qualquer trabalho com

crianças. Palavras dele. Pessoalmente, acho que você deveria pensar em ser professor

de educação física. Aí poderia usar um apito e shorts minúsculos de ginástica. Sua

bunda ia ficar linda.” Um leve sorriso curva sua boca. “De qualquer forma, acho que

Ellis viu *alguma coisa* em você.”

“*Alguma coisa?*”

“Foi o que aconteceu comigo quando eu tinha doze anos”, explica ela. “Particpei da

minha primeira seleção, e a diretora de elenco disse que viu *alguma coisa* em mim.

Foi o que me convenceu a continuar fazendo testes e tentando virar atriz.”

Dou uma risada. “É, gata, mas, pra começo de conversa, você era talentosa. Eu só

dei umas aulas de patinação e passei uns exercícios pros meninos.”

O que foi muito divertido, não posso negar. Mas a ideia de fazer carreira correndo

de um lado para o outro num ginásio e apitando para crianças é... uma loucura. Uma

loucura, não é?

“Não sei...”, provoca Allie. “Talvez jogar queimada seja o seu destino. Ou virar

treinador, pelo menos. Você seria ótimo. Adora trabalhar com esses meninos.”

Verdade. Mas... ai, pelo amor de Deus, por que estamos discutindo isso? Vou para a

escola de direito no outono que vem.

Ligo o carro e saio da vaga de ré, mudando de assunto antes que Allie me provoque

de novo. “Como foi o ensaio?”

“Até que foi bom. Mallory decorou o último ato, então Steven tá feliz. Mas ainda tô

um pouco preocupada.”

“Por quê?”

“Porque vamos ficar três semanas sem ensaiar por causa das festas de fim de ano. E

se ela entrar num coma induzido por peru de Natal e esquecer todas as falas?”

Rio. “Vai dar tudo certo. Quando é a estreia?”

“Primeira semana de fevereiro.” Ela faz uma pausa. “Até lá, provavelmente já vou

saber também se passei no piloto da Fox.”

Não ouço entusiasmo em sua voz e me viro para ela, franzindo a testa. Allie me

contou que tinha mandado um vídeo com um teste para os produtores em Los

Angeles, mas não falou nada sobre o papel, e não acho que esteja ligando para o

agente para pedir notícias.

Mas ela deve estar doida por notícias, não? Não entendo muito de show business,

mas um piloto na Fox parece importante.

“Você *quer* o papel?”, pergunto, lentamente.

Sua hesitação é mais reveladora do que qualquer coisa que ela poderia ter dito.

Piso no freio ao nos aproximarmos de um sinal vermelho. “Fala comigo, gata. O

que tá te incomodando nesse projeto?”

Allie dá de ombros. “Só não caí de amores pelo papel. E... bem, ultimamente tenho

pensado que talvez queira me afastar das comédias e pegar papéis mais dramáticos.

Ou quem sabe fazer teatro. Talvez em Nova York.”

A confissão me assusta, mas quando penso um pouco percebo de onde veio a ideia.

“Você quer ficar perto do seu pai.”

Ela se vira para mim com olhos azuis tristes. “Isso me influencia muito. Ele tá

piorando, e viver do outro lado do país não tá me parecendo uma boa ideia. E se

acontecer alguma coisa e ele precisar de mim? Vou ter que assinar um contrato

— não posso simplesmente chegar para os produtores e dizer, *desculpa, tenho que ir a*

Nova York por algumas semanas. Vai filmando aí sem mim.”

“E contratar uma enfermeira?”, sugiro.

“Nossa, não. Ele jamais toparia. Na verdade, levantei a bola no ano passado. Ele

ainda não estava precisando — só estávamos discutindo opções pro futuro —, mas ele

ficou louco. Disse que podia cuidar de si mesmo, muito obrigado.”

Luto contra um sorriso, porque quase posso ouvir a voz enfezada de Joe Hayes

proferindo as palavras em minha cabeça.

Ela morde o lábio. “É verdade, ele ainda pode cuidar de si mesmo. Mas a dormência

nas pernas tá muito pior do que no ano passado. A visão também. Agora ele tá

usando a bengala, mas e se acabar precisando de uma cadeira de rodas? E se ele ficar

paralítico? Cego? Se isso acontecer, ele *vai* precisar de alguém. Talvez não vinte e

quatro horas por dia, mas não gosto da ideia de deixar ele sozinho no Brooklyn.”

Estico a mão por cima do câmbio e aperto a sua. Está fria. Trêmula. Percebo que

Allie está com medo. Medo de perder o pai, como já perdeu a mãe. Não sei o que

dizer para fazê-la se sentir melhor, porque a verdade é que ela tem todo o direito de

ter medo.

Tanto meu pai como minha mãe são saudáveis e ativos, então não passo muito

tempo me preocupando com a morte deles. Quando estou com os dois, não vejo uma

nuvem de desgraça pairando sobre suas cabeças.

Mas o sr. Hayes está sofrendo de uma doença que consome o seu sistema nervoso

lentamente. Há anos que lida com ela, enquanto a filha, impotente, a vê avançar.

Nossa. De repente, fico chocado com a força dela. Não tinha entendido, não até este

momento, como deve ser difícil para Allie.

“Vamos mudar de assunto. Isso tá me deixando deprimida.” Sua voz fraqueja, mas

em seguida volta a se firmar. “Me conta mais desse restaurante a que você tá me

levando.”

Depois do jantar, dirigimos até a minha casa. Ontem, dormi com Allie no

alojamento, então hoje é a vez de ela vir para cá. Temos um combinado bom e justo,

exceto quando Allie dá a cartada da vagina, e aí o combinado vira *faça o que a sua*

namorada quer.

Minha namorada. Quem diria. Ainda me espanto. Mas não estou reclamando. Allie

e eu nos divertimos muito. Também fazemos sexo selvagem e suado regularmente.

Então tento me concentrar nisso e não pensar muito no resto.

Pena que meus amigos não podem fazer o mesmo. Garrett está convencido de que

vou fazer alguma besteira e estragar a relação, e que ela vai acabar numa enorme bola

de fogo explodindo bem nas nossas caras. Às vezes, queria que ele me desse mais

crédito.

Diz o homem que quase levou alguém ao suicídio.

A memória dolorosa aperta meu coração, evocando a imagem de Miranda e suas

lágrimas, e o angustiante telefonema tarde da noite em que ela ameaçou se matar e

me acusou de arruinar sua vida.

Cristo. Toda vez que penso nisso, fico mal, então afasto a memória indesejável.

Lembro que ela nunca aceitou meu pedido de amizade no Facebook. Acho que isso

não chega a ser uma surpresa.

Allie e eu entramos pelo corredor apertado de casa, que cheira quase tão bem

quanto o restaurante de onde viemos. Tucker deve estar em casa.

“Tuck? Cadê você?”

“Na cozinha”, responde, ao longe.

Tiro a jaqueta e penduro num dos ganchos da parede. Allie faz o mesmo antes de se

abaixar para abrir as botas de couro. Dou um tapa na bunda dela, então sorrio diante

da sua cara de reprovação. “O que você tá fazendo?”, grito para Tucker.

“Sopa”, grita ele de volta. “E assando pão.”

Suspiro. “Às vezes me preocupo com ele”, digo para Allie. “Quanto mais doméstico

fica, maior o risco do seu pau cair.”

Ela estala a língua, em desaprovação. “Seu babaca machista.”

“Acho que você quis dizer babaca *sexy*”, digo, solícito.

“Não, fico com a primeira opção.”

Caminhamos em direção à sala de estar, e a porta da rua se abre atrás de nós. Viro

o corpo e tenho literalmente um segundo para reagir ao furacão louro que voa na

minha direção e se joga em cima de mim.

“*Surpresa!*”, grita o tornado, jogando os braços em volta do meu pescoço. “Adivinha

quem veio passar o fim de semana?”

Estou tão confuso e surpreso que retribuo o abraço no instinto. De canto de olho,

vejo Allie fechar a cara. Merda. Sei a que conclusão acabou de chegar e preciso

desfazer o mal-entendido logo.

Quando Allie limpa a garganta forçosamente, a intrusa gira a cabeça e diz: “Ah. Oi.

E você é...?”.

“A namorada do Dean”, responde Allie com firmeza. “E *você?*”

Em vez de responder, Summer se volta para mim de novo. “Você tem uma

namorada? Que merda, Dicky! Por que sou sempre a última a saber dessas coisas?”

Allie faz um barulho. Acho que pode ser um rosnado. “Você acabou de chamar

meu namorado de *Dicky?*”

“Chamei, e daí?”, desafia Summer.

Intervenho depressa, antes que dê briga. Quer dizer, briga de mulher em geral é um

tesão, mas não quando sou parente de uma delas. “Summer, esta é Allie. Allie,

Summer.” Suspiro. “Minha irmã mais nova.”

27

ALLIE

Estou brava comigo mesma por não ter percebido mais cedo. Claro que a menina

vibrante e linda é irmã de Dean. Agora que minhas garras se retraíram, posso ver

claramente a semelhança: o cabelo de Summer é do mesmo tom de louro e seus

olhos têm o mesmo verde vívido. É bem mais baixa que Dean, mas muito mais alta

que eu. Pelo menos um metro e setenta e cinco, se eu tivesse que chutar.

“O que você tá fazendo aqui?”, Dean dirige a pergunta à irmã, que não se deixa

perturbar.

“Eu falei que vinha te visitar, lembra?”

“Não, você falou que *queria* me visitar.” Ele faz um barulho irritado. “Você não

pode simplesmente aparecer na casa das pessoas sem avisar, Summer. E se eu não

estivesse aqui?”

“Mas você tá.” Ela sorri. “E agora eu também. Tá vendo? O universo sempre

conspira a favor.”

Ele arqueia a sobrancelha. “E o universo por acaso avisou que tenho um jogo fora

amanhã? E que o ônibus sai às oito da manhã? E que provavelmente não vou voltar

antes da meia-noite?”

A decepção invade os olhos de Summer. “Droga. Vou embora cedo no domingo.”

Ela fica em silêncio por um momento, em seguida sua expressão se ilumina. “Não

tem problema. Só significa que precisamos colocar o papo em dia hoje. Onde ponho a

minha mala?”

Aperto as costas da mão contra a boca, para abafar uma risada. Tenho a impressão

de que não há nada neste mundo capaz de abater Summer Di Laurentis. Ela parece o

tipo de garota que dorme sorrindo.

Dean responde numa voz tensa, como se encarasse a visita surpresa da irmã como

uma grande inconveniência. “Eu meio que tinha planos pra hoje, sua pentelha.”

Pentelha?

“Mudança de planos”, diz ela, animada. “Eles agora me incluem.”
Seus olhos verdes

viram-se na minha direção. “Tudo bem eu ficar com você e Dicky hoje, namorada?”

A risada que estava tentando conter me escapa. Na verdade, é mais um uivo,

porque, ai, meu Deus, por que ela chama o irmão de *Dicky*?

“Por mim, tudo bem”, asseguro. Encontro o olhar irritado de Dean e acrescento:

“Você vai explicar o apelido ou devo criar minha própria interpretação?”.

Summer sorri para mim. “Na verdade, a história não tem a menor graça. Quando

era pequena, não sabia falar o nome dele. E chamava Nick, o nosso irmão mais velho,

de Nicky, então só substitui a primeira letra e *voilà*... Dicky.” Ela me lança uma

piscadela conspiratória. “Ele odeia.”

Não o culpo. Posso bem imaginar uma garota atrevida como Summer se divertindo

horrores por atormentar o irmão mais velho com um apelido constrangedor desses.

“E aí, o que a gente vai fazer hoje?”, pergunta Summer, ansiosa. Ela joga o cabelo

louro e comprido para trás do ombro e dá uma voltinha. Minha
nossa. A menina é

energia pura. "Tem alguma boate por aqui? Um bar? Trouxe minha
identidade falsa,

então..."

"Então é melhor passar pra cá", interrompe Dean. "Porque de jeito
nenhum vou

aliciar uma menor."

Sua irmã bufa. "Para de palhaçada. Com treze anos você já enchia
a cara."

"Eu era muito maduro pra minha idade."

"Você não é maduro pra sua idade *hoje*."

"Pelo menos não fui expulso da Brown por tacar fogo em togas."

"Não fui expulsa da Brown e *não* taquei fogo em nada."

"Como é que vou saber? Nem sei por que você foi expulsa, ninguém
nessa merda

de família me explica."

"Não fui expulsa!"

Minha cabeça se move de um lado para o outro. Todos os irmãos
são assim? Se

forem, ainda bem que sou filha única. Essa provocação toda parece
desgastante.

“E se você parar de gritar comigo”, resmunga Summer, “então talvez a gente possa

sentar feito dois adultos, e eu te explico por que tô de sobreaviso.” Ela ergue uma das

mãos, exibindo as unhas feitas. “Mas vamos deixar isso pra depois. Tô em clima de

festa. Vai ter alguma coisa numa das fraternidades hoje? Espera, o que eu tô falando?

Claro que alguma república vai dar uma festa. É o único jeito de aqueles tarados

conseguirem transar com alguém, não é?”

Engasgo com outra risada.

Nunca vi Dean tão irritado, os punhos fechados junto do corpo, como se estivesse

tentando não estrangular a irmã. “Não vamos a uma festa hoje. Já falei, tenho que

acordar cedo pra pegar o ônibus. O que significa que vamos ficar em casa. Uma noite

calma e tranquila”, diz ele, firmemente.

Claro que, assim que termina de falar, a porta da frente se abre de novo e quatro

jogadores de hóquei entram. Ou talvez três e um aluno que não é atleta, porque,

embora eu conheça Logan, Fitzzy e Hollis, não identifico o quarto sujeito. Tem o

cabelo escuro espetado e parece pequeno demais para jogar hóquei.

“Oi.” Logan nos cumprimenta e tira o casaco. O corredor não é grande o suficiente

para acomodar tantas pessoas, e me vejo esmagada contra a parede à medida que os

rapazes abrem caminho.

“Essa é a minha irmã”, diz Dean, num tom resignado que me faz esconder um

sorriso.

Eles assentem e dizem oi, mas estão com muita pressa para chegar à sala de estar.

Logan olha para nós por cima do ombro. “Morris arrumou uma versão demo do

último *Mob Boss*. Não foi nem lançado ainda. Provavelmente vamos ficar acordados

até tarde.”

Ao meu lado, Summer irrompe num largo sorriso.

“Pega leve. O ônibus sai amanhã às oito”, Dean lembra seu colega de república.

Logan dá de ombros. “Vou dormir no ônibus.” Então desaparece na sala de estar.

Summer está praticamente vibrando de empolgação agora. Ela se aproxima de mim

e sussurra: "Quem era *aquele*?"

Franzo a testa. "Você quer dizer Logan? Ele mora aqui. Mas não adianta se

empolgar. Tem namorada."

"Não, ele não." Ela o dispensa com um gesto desdenhoso da mão. "O cara grande,

cheio de tatuagens. Não gravei o nome dele."

"Ah. Fitzy. Colin Fitzgerald", explico. "Colega de time do seu irmão."

Seus olhos verdes cintilam. Ela joga o cabelo para o lado de novo e anuncia: "Quero

ele".

"Summer!", exclama Dean, exasperado, enquanto tento desesperadamente não rir.

"O quê? Só tô sendo sincera." Sua irmã pisca, inocente. "Seja honesto, não seja um

babaca' — foi você que me ensinou isso quando eu tinha doze anos, lembra? Depois

que roubei sua camiseta preferida e deixei cair sem querer no esgoto?"

"Como você deixou uma camiseta cair *sem querer* no esgoto?", interrogo.

"Eu não estava *vestida* com ela. Caiu da minha mochila." Ela sorri para Dean. "Aí eu

menti sobre o que aconteceu, e você me fez um discurso sobre honestidade, lembra?

Bem, parabéns, Dicky. Sou super-honesta agora.” Ela aponta o dedo para a sala de

estar. “Aquele é o cara *mais* gostoso que já vi. E quero ele.”

“Um dia ainda vou te matar dormindo”, Dean avisa a irmã. “Juro por Deus.”

Seu sorriso é o epítome da doçura. “Ah, Dicky, você jamais faria isso. Quer saber

por quê?”

“Por quê?”, resmunga ele.

“Porque você me ama.”

Honestamente? Acho que eu também.

DEAN

Estou apavorado do que vou encontrar quando chegar em casa hoje à noite. Fiquei

fora só por dezesseis horas, mas Summer Heyward-Di Laurentis é capaz de causar

danos estratosféricos em dezesseis *minutos*.

Quando ela tinha treze anos, Nick e eu ficamos sozinhos com ela em casa. Foi só

virarmos as costas para ela uns vinte minutos no máximo e, quando entramos na sala

de estar, o armário de bebidas estava caído no chão, tinha vidro quebrado por toda

parte, e Summer sorriu para nós e disse: "Ops".

Ela explicou que queria provar um pouquinho de álcool para ver qual era a graça.

E destruiu milhares de dólares em bebida alcoólica no processo.

Tudo bem que minha irmã já tem vinte anos agora. Mas acham que eu confio nela?

De jeito nenhum. Só estou torcendo para que Allie encontre um jeito de controlá-la.

Sim, contratei minha namorada para ficar de babá da minha irmã hoje. Jamais iria

deixar Summer solta no campus sem um acompanhante.

Nas cinco horas de ônibus até Scranton, Allie vai me contando sobre como está

indo o dia, enquanto repete como a minha irmã é engraçada e me enche de "kkkkk"

toda vez que Summer revela um detalhe constrangedor da minha infância.

Tomando café da manhã na lanchonete.

Kkkkkk, sua primeira palavra foi "peito"? Por que isso não me surpreende???

Indo pro salão. Summer quer fazer a unha.

Vc tem medo d agulha d tatuagem??? Summer acabou d dizer q vc qse fez uma c/ 18 anos, mas

desistiu pq tava c/ medo. Huahuahua.

Odeio a minha irmã.

Durante o jogo, meu telefone permanece no vestiário do time visitante, e nem os

olhares gélidos de O'Shea e suas críticas rosnadas podem me abater hoje, porque

saímos do rinqe depois do terceiro período com uma vitória nas costas.

Meu bom humor me acompanha na saída da arena e no caminho até o ônibus, e

me acomodo para a longa viagem, aliviado pela última sequência de mensagens que

encontro.

No carro, indo almoçar em Boston. Summer quer fazer compras.

Delícia d almoço. Voltando p/ casa.

Aaahhh, tá nevando! Summer e eu saímos p/ caminhar.

Em casa. Relaxando e batendo papo. Fala pro Tuck q a sopa de tomate dele tá ótima.

Vi no twitter q vcs ganharam! PARABÉNS !

Maratona d filmes. Vou botar o cel no mudo. Até +.

A última mensagem chegou lá pelas oito horas. Ótimo. Espero que isso signifique

que Allie e Summer estão no sofá da sala, debaixo de um cobertor, assistindo a um

filme, e não por aí, causando problemas.

Hmm. E Allie estava certa. *Está* nevando. Depois que o ônibus cruza a fronteira do

estado de Massachusetts, vejo de repente uns flocos brancos dançando lá fora. Amo o

inverno, então aprovo inteiramente a visão.

Chegamos à nossa arena quase meia-noite. Entro na BMW com Tuck, enquanto

Garrett e Logan seguem para os alojamentos, para passar a noite com as namoradas.

Dez minutos depois, estaciono diante da nossa casa. Todas as janelas estão apagadas,

mas noto a luz da televisão piscando atrás da cortina da sala.

Entramos em casa, e o corredor está um breu total. Caminho à frente de Tucker,

tirando os sapatos enquanto procuro pelo interruptor na parede.

Não chego a acendê-lo, porque, de repente, um grito de gelar o sangue corta o

silêncio.

Antes que possa reagir, levo um banho da cabeça aos pés com o que parece uma

tempestade de líquido morno. Outro grito arrebenta meus tímpanos, e ainda estou

lutando para entender o que está acontecendo, quando algo acerta com força a minha

têmpera esquerda.

Crack.

A dor invade minha cabeça, e bato no chão feito um saco de batatas.

28

DEAN

Fato n. 1: o departamento de polícia de Hastings tem uma equipe de cerca de oito

policiais.

Fato n. 2: Acho que todos eles estão na minha casa agora.

“Quer dar queixa?” O chefe da equipe se aproxima de Allie numa postura protetora

e exibindo um sorriso sarcástico, ao se virar na minha direção com olhos acusatórios.

Do meu canto no último degrau da escada, sustento seu olhar. O paramédico

examinando minha têmpera faz um som de reprimenda quando viro a cabeça na

outra direção, mas eu o ignoro. Porque o que está acontecendo agora é simplesmente

ridículo.

“Se alguém tinha que dar queixa, sou eu”, exclamo, incrédulo.

O policial levanta a mão para me silenciar. “Estamos falando com a senhorita

Hayes, senhor.”

Ah, sim. A srta. Hayes. A louca que por acaso é minha namorada. A mestre kung-fu

que me nocauteou com um peso de papel do Wayne Gretzky.

Mas, vejam só, pelo menos as luzes estão acesas. Assim a rua inteira pode

testemunhar a minha humilhação.

“Você tá falando com a pessoa errada”, murmuro entre dentes. “Fui eu que fui

atacado.”

Uma das policiais femininas estreita os olhos para mim. “Pelo que podemos ver,

senhor, as vítimas são as moças aqui.” Ela aponta para o chão.

“Entramos aqui e

encontramos você deitado numa poça de sangue...”

“Era sopa! Sopa de tomate!”

“... e gritando obscenidades para a senhorita Hayes e a senhorita Di Laurentis.”

“Porque elas *me nocautearam*.”

“Elas obviamente se sentiram ameaçadas e tomaram medidas para incapacitar

“você”, comenta outro policial, friamente. Ele franze os lábios, e seu bigode de

predador sexual se contrai em seu rosto.

Ai, meu Deus. Vou matar as duas. No instante em que esses policiais saírem, vou

matar as duas.

“Senhor, estamos fazendo um interrogatório”, interrompe o chefe da equipe. “Por

favor, permaneça calado a menos que alguém faça alguma pergunta a você.”

Tucker, recostado na parede a alguns centímetros de distância, parece prestes a fazer

xixi nas calças de tanto rir. Sua risada é do tipo silencioso, que faz seus ombros largos

tremerem e seu rosto ficar completamente rubro.

Pelo menos Allie tem a decência de parecer envergonhada. Summer só parece

entediada.

“Eu exagerei”, confessa Allie.

“Conte o que aconteceu”, pede a policial mulher, com gentileza.

Ranjo os dentes, e Allie inspira fundo. Enquanto isso, o paramédico ao meu lado

tateia a minha nuca como se estivesse tentando me dar um orgasmo.

“Eu tinha acabado de esquentar uma tigela de sopa na cozinha. Bem, não muito

quente, porque prefiro sopa morna, senão queima o céu da minha boca, e odeio

quando isso acontece.” Ela suspira. “Desculpa, não vem ao caso. Enfim, estava

voltando para a sala de estar. As luzes estavam todas apagadas, porque estávamos

vendo um filme. Ouvi passos do lado de fora e, de repente, alguém entrou como se

morasse aqui...”

“Eu *moro* aqui”, rosno.

Allie evita meu olhar furioso. “Pensei que fosse um ladrão.”

“Um ladrão que tinha a chave da casa?”, pergunto, sarcasticamente.

Os policiais me encaram de novo. Fecho a boca.

“Joguei a tigela na cabeça dele e peguei a primeira arma que encontrei.” Ela aponta

para o peso de papel que usamos para impedir que as cartas na mesinha do corredor

voem toda vez que alguém abre a porta da frente. Agora ele está no piso de madeira,

do lado de uma enorme poça de sopa de tomate. Estou surpreso que os policiais não

tenham colocado bandeirinhas de evidência do crime ao lado dele. "Não foi culpa do

Dean", insiste Allie. "Sério, foi tudo minha culpa. Me assustei por nada." Ela enfim

olha para mim. "Tá vendo? Por isso que não gosto de filme de terror! Você vê *um*

filme de terror quando é criança, e, de repente, todo mundo que aparece na sua porta

é um *serial killer*."

"Você tá brincando comigo? Você topa assistir a um filme de terror com a minha

irmã, mas não comigo? *A gente* tem que ver o filme do *câncer*?"

"Dicky", me repreende Summer. "Deixa de ser rabugento."

Encaro minha irmã com raiva suficiente para fazê-la estremecer. "Nem uma palavra

sua", exclamo. "E não vai achando que não senti você me dar um chute antes de eu

desmaiar. Quem faz isso, Summer? Quem chuta um homem que já tá no chão?"

De canto de olho, vejo Tucker afundar no chão. Ele enterra o rosto nas mãos,

tremendo de tanto rir.

O paramédico bloqueia minha visão agachando-se na minha frente.
"Preciso

examinar você para ver se tem alguma concussão."

Ah, pelo amor de Deus.

Ele saca uma lanterna e me cega com ela. Allie aparece logo atrás,
a preocupação

marcando sua testa. "Ah, não. Será que ele tá com uma
concussão?" Ela se ajoelha e

toca meu braço. "Melhor ligar para o seu treinador?"

Sua pergunta chama a atenção do chefe de polícia. "Seu treinador?
Merda. Você é

um dos meninos do Jensen?"

Respondo com um aceno mal-humorado. Ainda quero esmurrar
estes idiotas por

me tratarem como suspeito em vez de vítima.

"Qual é o seu nome?"

"Dean Di Laurentis."

"Ah, é, agora eu tô te reconhecendo." Ele parece animado. "Que
vitória no Frozen

Four na última temporada, hein, filho! Você jogou muito."

O policial do bigode se aproxima. "O time não anda muito bem
esses dias. O que tá

acontecendo?”

“Mas aquele tal de Davenport é *rápido*”, elogia outro policial.

“Alguma chance de

Jensen colocá-lo na linha com Graham?”

Pelos dez minutos seguintes, os policiais me atormentam sobre o time e nossas

chances de ganhar outro título nacional, enquanto o paramédico me força a aguentar

o seu protocolo desnecessário de concussão até enfim determinar que não preciso ir

para o pronto-socorro. Ele reúne seu material de trabalho e sai de casa com os outros

policiais. No momento em que passam pela porta, fico de pé.

Minhas meias molhadas fazem um barulhinho nojento a cada passo que dou. Meu

torso está inteirinho manchado de vermelho, e meu cabelo pinga sopa de tomate à

medida que avanço na direção das meninas. Bem, de Allie, a pessoa empunhando a

arma que me nocauteou.

“Vou tomar um banho”, aviso. “E, quando sair, você e eu vamos ter uma

conversinha sobre como você é louca.”

Suas bochechas coram. "Desculpa, tá legal? Já admiti que exagerei."

"Jura?" Me equilíbrio num pé e depois no outro, arrancando as meias nojentas. "É

sério. Ainda tô com raiva de você, então é melhor estar me esperando no meu quarto

quando eu sair do chuveiro."

"O que você vai fazer, bater em mim?"

Rosno. "Não me tente, sua engraçadinha."

"Eca", interrompe Summer. "Dá para não discutir o sexo sadomasoquista de vocês

na frente da sua irmãzinha?"

Aponto o indicador para ela. "Nem. Mais. Uma. Palavra." Olho para Tucker, o

traidor que estava se divertindo tanto às minhas custas. "Por favor, escolte Summer

até o quarto de Garrett e dê um jeito de trancá-la lá dentro."

Tuck dá uma risadinha. Mas estende a mão para ela. "Vem, irmãzinha, vamos deixar

o coitado em paz. Já apanhou o suficiente hoje."

ALLIE

Não sou orgulhosa demais para admitir meus erros quando piso na bola.

E hoje pisei na bola totalmente. Não só ataquei meu namorado com um peso de

papel, como depois chamei a polícia, porque, por um segundo, fiquei mesmo

preocupada que pudesse tê-lo matado.

Me sinto péssima. Péssima o suficiente para estar disposta a deixar Dean gritar

comigo pelo tempo que quiser, é por isso que estou sentada na beirada da cama,

como ele mandou.

“Ora, vejam só... ela sabe obedecer”, zomba Dean ao entrar no quarto.

Ele deixa cair a toalha e caminha até a cômoda. Enquanto veste uma cueca preta,

espero obedientemente por um sermão que não vem.

“Achei que você ia gritar comigo”, relembro-o.

Ele esfrega a lateral da testa, gemendo baixinho. “Mudei de ideia. Minha cabeça tá

me matando.”

Fico nervosa na mesma hora. “Isso não é bom. Será que não é melhor ir para o

pronto-socorro?”

“Que nada. Tô bem, Allie-Cat.” Ele massageia a têmpora, e a culpa continua a

revirar minha barriga. "Faz anos que não levo uma pancada tão forte, e eu jogo

hóquei", resmunga ele. "Você é assustadoramente forte, sabia?"

"Sabia." Ofereço um olhar envergonhado. "Eu te disse, meu pai teve o cuidado de

me ensinar a me defender."

"Bem, parabéns pro seu pai, por ter tido o cuidado de te ensinar a se proteger. E

maldito seja ele, por ter te transformado numa arma mortal." Ele geme de novo.

"Nossa. Não acredito que você me apagou daquele jeito. Sorte a sua que eu te amo,

gata. Se fosse qualquer outra garota..."

"Você me ama?!", exclamo.

Dean para no meio da frase. Por um segundo, parece genuinamente confuso, como

se não soubesse do que estou falando. Como se não tivesse percebido o que falou.

Mas eu ouvi. Em alto e bom som. E meu coração perde o compasso de suas batidas.

Ele acabou de dizer que me ama.

"Você acabou de falar", insisto, lutando contra o sorriso enorme que está

ameaçando aparecer.

“Eu...” Ele limpa a garganta. “Pois é. Acho que falei.”

“É verdade?” Quando ele assente com a cabeça, meus lábios começam a se contrair

descontroladamente. Deus, quero tanto sorrir agora. “Quero ouvir de novo”, peço.

Ele esfrega o queixo com o punho fechado, tão lindo e sem jeito. “Que merda, gata.

Não me faz dizer de novo. Já basta eu ter dito *primeiro*. Isso nunca me aconteceu

antes.”

Um sorriso irrompe em meu rosto. E se expande de orelha a orelha. Pulo da cama

e me jogo em seus braços, atordoada demais para beijá-lo como uma adulta. Meus

beijos são desleixados e excessivamente ansiosos, e Dean está rindo feito um louco

enquanto o ataco com a boca.

Afasto-me, abruptamente. “Tem certeza que a sua cabeça não tá doendo?”

“Tá tudo bem”, insiste ele, e um ronco profundo de prazer sai de sua garganta,

quando dou mais alguns beijos em seu rosto.

“Certo, ótimo, porque acho que a gente deveria transar agora.” Empurro-o para a

cama e seguro-o pela cintura.

Ele está se divertindo imensamente. "Deveria, é? E por quê?"

"Porque você disse que me ama, e eu também te amo, e você *sabe* como fico tarada

com toda essa coisa sentimental." Já estou arrancando minha camisa. "Você não tem

ideia de como tô molhada agora, gato."

O humor em seus olhos dá lugar ao desejo. "Mostra pra mim", ordena ele.

Baixo a calça de ginástica. A calcinha também. Chuto as duas para um canto e me

aproximo. Então pego a mão de Dean e coloco entre minhas pernas. Ele me segura na

mesma hora, e cubro sua mão com a minha, esfregando as duas contra meu corpo

úmido.

Dean geme, e dessa vez não é de dor. Ou talvez seja um tipo diferente de dor. Sua

ereção sobressai sob a cueca, uma demonstração longa e dura de excitação que estou

louca para sentir dentro de mim.

"Allie..." Sua voz é rouca.

"Hmm?" Balanço os quadris contra as nossas mãos.

“Eu te amo.”

Essas três palavras enviam uma onda de calor até o meu âmago. Solto um gemido.

Ele também. Sei que sentiu a forma como minhas coxas se fecharam e a umidade

molhando sua mão.

“Nossa”, ofega ele. “Essa coisa de amor realmente te deixa doida.”

“Eu te disse.” Empurro-o novamente, e ele bate no colchão, caindo para trás e se

apoiando nos cotovelos. “Vou gozar em você todinho. Orgasmos múltiplos do tipo

que explodem os ovários.”

Dean pega uma camisinha numa gaveta, e, antes mesmo que ele tire a cueca, estou

em cima dele. “Eu te amo”, sussurra, em seguida aperta a boca contra a minha.

O beijo é doce e suave, e faz meu corpo vibrar de prazer. A mão dele treme ao

colocar o preservativo, e nossas bocas ainda estão unidas quando ele me gira na cama

e coloca a cabecinha em mim.

Envolvo seus ombros com os braços e inclino os quadris, tentando levá-lo mais

fundo. Isso funciona. Com um gemido, ele entra mais dois centímetros, e mais dois,

até estar todo dentro de mim, me abrindo, me enchendo.

Quando começa a se mover, nossos olhos se encontram, nebulosos. Me sinto tão

completa. É incrível. Dean afasta uma mecha de cabelo da minha testa e acaricia meu

rosto, fazendo amor comigo num ritmo lento e maravilhoso, que me faz enroscar os

dedos dos pés.

“Te amo”, diz de novo, e posso jurar que todo o meu corpo exclama de alegria.

Seguro-o mais forte contra mim, recebendo cada investida demorada. Ele desliza as

mãos sob a minha bunda e me levanta, de forma que seu osso púbico pressiona o

meu clitóris toda vez que ele entra. O movimento me faz ver estrelas. Me faz suspirar

e gemer e me contorcer até todo o meu mundo girar em torno de Dean. Quando meu

orgasmo inunda o meu corpo, estou com as palavras “Eu te amo” nos lábios.

Seus olhos verdes queimam de emoção. Ele deixa escapar um gemido rouco e

desaba em cima de mim, entrando fundo uma última vez. Então diz
“Também te

amo”, tremendo com a sensação.

29

ALLIE

O restante de dezembro passa voando. De uma hora para a outra,
as festas de fim de

ano chegaram, e vou ser recompensada com três semanas de folga,
tempo em casa e

um monte de guloseimas para cair de cabeça.

Vou ficar com meu pai durante as férias, mas combinei de passar os
dois primeiros

dias em Connecticut, com Dean. A família dele vai passar duas
semanas em St. Bart,

então é a minha única chance de vê-lo até ele voltar, quando vamos
nos encontrar em

Nova York para nossos últimos três dias de liberdade.

Dean me chamou para ir para a ilha com ele, mas, por mais que
odeie recusar uma

viagem gratuita para o paraíso, preferi ficar no Brooklyn. Quem
sabe onde vou acabar

depois da formatura — preciso aproveitar todos os meus segundos
livres com meu

pai.

Ainda assim, nem consigo explicar como estou triste de ter que ir embora de

Connecticut. Embora Dean tenha me dito que seus pais eram muito tranquilos e

descontraídos, uma parte de mim estava na dúvida. Quer dizer, eles são dois

advogados podres de ricos que possuem *três* casas. Talvez mais que três. Dean não é

do tipo que tira vantagem, então a família dele deve ter, sei lá, uma casa em cada país

do mundo.

Mas você jamais perceberia isso só de olhar para eles. A mãe de Dean ficou de calça

jeans e camisa de flanela o tempo todo em que passei em Greenwich e confessou para

mim que a melhor coisa do feriado era deixar de lado os terninhos que usa na

empresa. Ela se chama Lori e, aparentemente, manteve o nome de solteira e assina

como Lori Heyward.

O pai de Dean, Peter, é tão descontraído quanto a esposa. Trabalhava toda manhã no

seu escritório, mas passou a maior parte do tempo com os filhos, indo esquiar com

Summer e jogando hóquei dois-contra-um com os filhos no rinkue que eles têm ao

ar livre, nos fundos da mansão. Pois é, eles têm a própria pista de patinação.

O irmão de Dean, Nick, é um dos homens mais gentis que já conheci. Trouxe a

namorada nova, uma advogada de outra empresa, e, embora ela parecesse contida no

início, era amável quando você a conhecia melhor.

E Summer... bem, ela é apenas Summer. Sem filtros, maior que a vida, o riso

contagante. Às vezes acho que amo a irmã de Dean mais do que o amo.

Por mais triste que esteja de me despedir dos Heyward-Di Laurentis, estou animada

para ver meu pai. Decido me dar um presente e vou de táxi de Greenwich ao

Brooklyn. No final da tarde, apareço com minha mala gigante de rodinha na entrada

de casa e grito por meu pai.

Eu o encontro na sala de estar, de moletom, lendo um livro chamado *A física do*

hóquei. Ele me cumprimenta com um sorriso afetuoso, então resmungo e reclama,

enquanto o beijo no rosto e começo a perturbá-lo com perguntas sobre como está se

sentindo. Ele enfim me interrompe para perguntar sobre a minha visita a

Connecticut. Quando digo como foi incrível, meu pai parece um pouco decepcionado,

o que me faz franzir o cenho.

Nós conversamos por telefone duas vezes por semana, então ele já sabe que estou

namorando Dean, mas estou surpresa que ele tenha ficado de boca fechada sobre o

assunto. Depois que contei a ele, meu pai simplesmente deu um grunhido e desde

então não comentou nada sobre a relação.

Até agora.

“Ele não é para longo prazo, A.J.”, diz, com um suspiro cansado.

“Espero que você

saiba disso.”

As palavras contundentes me doem. Quer dizer, não que Dean e eu estivéssemos

planejando mandar os convites de casamento na semana que vem, mas não vejo a

gente terminando tão cedo. Temos vinte e dois anos. Estamos apaixonados. O futuro

pode ser difícil, comigo em Los Angeles ou Nova York e Dean em Harvard pelos

próximos dois anos, mas tenho certeza de que podemos dar um jeito, se nos

dedicarmos. E quando Dean sair da faculdade de direito vai poder trabalhar onde

quiser. Onde *eu* estiver. Não discutimos isso ainda, mas Dean não me deu qualquer

indicação de que quer terminar depois da formatura.

“Pode ser”, digo, baixinho. “Quer dizer, para longo prazo.”

Meu pai nega com a cabeça, resoluto. “Não é.” Sua voz perde um pouco da rigidez.

“Sabe a coisa mais importante que aprendi depois de dezoito anos com a sua mãe?”

Sento no sofá ao seu lado e espero que ele continue.

“Relacionamento às vezes é um pé no saco.”

Tenho que rir. “Mamãe disse a mesma coisa.” Lembrar da última conversa que tive

com minha mãe traz uma dor ao meu coração. “Ela me contou que vocês tiveram

problemas no casamento num determinado momento”, confesso. Nunca discuti isso

com ele antes. Mas mamãe sempre foi muito aberta sobre seus problemas. Não em

detalhes, mas deixou bem claro o quanto eles trabalharam para salvar o casamento.

“Tivemos”, confirma ele, com uma voz triste. “Eram as viagens. Eva abandonou a

carreira de modelo depois que você nasceu, então estava sempre em casa. E eu estava

sempre na estrada.” Ele me lança um olhar feroz. “Nunca toquei em outra mulher,

A.J. Nossos problemas não tinham nada a ver com isso.”

“Eu sei.”

“Foi muito difícil. Tanto tempo longe. Os telefonemas curtos. Eu chegava em casa e

me sentia um estranho, a gente tinha que se acostumar um com o outro de novo. Foi

preciso muita dedicação para contornar isso.” Vejo a agonia transparecer em seus

olhos. “E aí ela ficou doente, e foi ainda mais difícil.”

Um nó se forma em minha garganta. Eu tinha doze anos quando ela foi

diagnosticada com câncer de pulmão. Lembro de implorar para ir com eles sempre

que meu pai a levava para a quimioterapia. Eles nunca deixavam, e nos dias em que

os efeitos colaterais eram muito debilitantes, quando sua pele ficava mais cinzenta

que cinza de carvão e ela vomitava tão violentamente que chegou a quebrar uma

costela, eles me mandavam para a casa da minha tia, no Queens. Não queriam que eu

a visse daquele jeito. Mas vi muita coisa.

“O Dean...” Meu pai limpa a garganta, retornando ao assunto original. “Conheço

homens como ele. Não estão preparados para lidar com problemas de verdade. Com

os contratemplos da vida. E se você — Deus me livre — ficar doente? Ou se

machucar? Ou se o país cair numa recessão e o império do seu homem falir?” Ouço

o desdém em seu tom. “Ele vai desmoronar feito uma barraca barata.”

“Não é verdade”, protesto. “O Dean é um homem bom. E é bom comigo. Bom *pra*

mim.”

“Você está se enganando, A.J. Sim, ele é bom com você... *agora.* Ele vive uma vida

perfeita. Paga os outros para limpar a bagunça que faz. E enquanto isso der certo vai

ser a melhor coisa que já aconteceu com você. Mas se a merda estourar? Ele não vai

segurar a onda. Não vai ficar do seu lado, porque isso implicaria sair da sua bolha

perfeita, deixar a parte feia entrar. Esse menino não gosta da parte feia.”

“Você tá errado”, sussurro.

Ele solta um palavrão. “Odeio dizer isso, querida. Você acha que gosto de ver essa

carinha triste? Fico arrasado, A.J. Mas quero que você esteja preparada para quando

acontecer.” Meu pai deixa escapar um suspiro resignado. “Guarde minhas palavras.

Você não vai poder contar com ele. Melhor enxergar isso agora, antes que seja tarde

demais.”

Não deixo o aviso de meu pai — ou melhor, sua opinião completamente

injustificada a respeito de Dean — arruinar nosso feriado. Eu entendo. Ele está

preocupado. Não quer me ver triste de novo depois de outra separação. E não posso

nem ficar chateada com sua franqueza, porque ele sempre foi assim.

Mas ele está errado. Dean *ficaria* ao meu lado se eu precisasse. Ele já faz isso, como

quando correu para o meu alojamento na noite em que o ataque verbal de Sean me

deixou em frangalhos. Então decidi não ter dúvidas sobre um relacionamento que me

deixa tão feliz e me forcei a aproveitar o restante das férias.

Passo a véspera de Natal, que também é o meu aniversário, em casa, com meu pai.

Como sempre, assistimos a *A felicidade não se compra*, e, como sempre, choro até não

me aguentar mais. Depois bebemos chocolate quente, e ele me dá o mesmo presente

de sempre — trezentos dólares, com um bilhete rabiscado me dizendo para comprar

uma coisa bonita. Meu pai é péssimo em dar presentes. Não me importo, porque já

tenho o único presente que quero: meu pai, tão saudável quanto pode estar neste

momento, vivo e aqui comigo.

Alguns dias depois, Dean volta de St. Bart e me pega de carro em casa, bronzeado e

com uma cara boa de quem descansou bastante. Estou surpresa que tenha escolhido

dirigir, já que teria sido mais fácil eu pegar o metrô e encontrá-lo no centro, mas,

quando pergunto por quê, ele apenas sorri e diz: “Não vamos para Manhattan. Tenho

uma surpresa de aniversário para você”.

“Você já me deu uma surpresa de aniversário”, lembro a ele. E é verdade — uma

ligação de St. Bart e o sexo por telefone mais quente que já tive na vida. Fiz tanto

barulho que devo agradecer à minha estrela da sorte por meu pai ter sono pesado.

“Essa é melhor ainda”, promete Dean, em seguida me dá um beijo rápido nos

lábios e começa a dirigir. “Senti saudade.”

Não consigo conter meu sorriso bobo. “Eu também.”

Com uma piscadinha, ele pega a minha mão e coloca em sua virilha. Que está

obviamente sofrendo uma transformação. “Míni Dean também.”

“Tô vendo.”

Esfrego a protuberância cada vez maior, e ele geme. “Continue fazendo isso, e vou

gozar nas calças”, adverte.

Meu sorriso se alarga. “É um desafio?”

Abro seu zíper e deslizo a mão para dentro da sua cueca, envolvendo seu membro

pulsante com os dedos. Nossa, ele não estava brincando. Menos de um minuto de

carinhos, e ele geme de novo, apertando o volante com força enquanto arfa uma

palavra. “*Quase.*”

Não o deixo estragar as calças, porque no mínimo são mais caras que a minha

mensalidade da faculdade. Em vez disso, abaixo a cabeça e engulo seu gozo, gemendo

quando o líquido salgado e masculino toca a minha língua.

“Minha nossa”, murmura ele, e estende a mão para fazer um carinho gentil no meu

rosto. “Amo você, gata.”

“Que nada, você só ama ganhar boquete no carro.”

“Você.” Ele balança a cabeça, determinado. “Amo *você.*”

Estaria mentindo se dissesse que meu coração não dispara pelos ares. Me ajeito no

banco do carona, olhando pela janela enquanto atravessamos a ponte em direção a

Nova Jersey. Não sei aonde ele está me levando, mas fico feliz em deixá-lo me guiar.

Seguiria Dean Di Laurentis até os confins da terra. Para as entranhas de um vulcão, se

ele me pedisse para ser a Meg Ryan do seu Tom Hanks. Para Mordor, se ele me

pedisse para ser o Sam do seu Frodo. Para...

“Chegamos”, anuncia ele.

Desperto do raciocínio mais ridículo que já formulei. Dean estacionou a BMW na

frente de um pequeno prédio no que parece ser uma área industrial em Newark.

Espio pelo para-brisa para ler o letreiro. Então perco o fôlego.

Minha cabeça se vira de volta para ele. Está sorrindo.

“Meu Deus. Sério?!”

“Sério.” Ele salta do carro e contorna o para-choque dianteiro para abrir a porta

para mim. Pego a mão que ele me oferece e sigo praticamente aos pulos até as portas

duplas de vidro. A empolgação borbulha dentro de mim. Meu peito está quente e

aconchegado, e a espessa camada de emoção que se agarra à minha garganta dificulta

formar frases.

Na entrada do estúdio de dança, olho ao redor até encontrar os olhos cintilantes de

Dean. “Achei que você tinha dito que não queria dançar salsa. E Dean Di Laurentis só

faz o que quer, lembra?"

Ele dá de ombros. "Tô fazendo o que quero."

Ergo as sobrancelhas, esperando sua explicação.

"Tô fazendo você feliz."

Squish. É o barulho do meu coração explodindo. Porque está tão cheio de amor que

não consegue mais se conter.

DEAN

A vida real está pedindo licença. Quero dispensá-la e mandar voltar outra hora, mas

não é assim que o mundo funciona. Por mais que tenha adorado ficar de bobeira na

praia com meus pais, matar a saudade dos meus irmãos e depois colocar um sorriso

no rosto da minha namorada ao surpreendê-la com aulas de dança, está na hora de

sair do modo férias e entrar no modo rotina.

Minha primeira semana de volta à faculdade é mais cheia do que nunca, com os

treinos, as aulas e o Hurricanes tomando a maior parte do meu tempo. Por sorte,

Allie está ocupada com os ensaios de novo, então não se queixa de que a nossa vida

sexual tenha se resumido a uma série de rapidinhas esta semana.

No sábado, o time perde outro jogo em casa. Ninguém está nem falando mais em

“finais”, porque já sabemos que não vai acontecer. Apesar disso, continuo trabalhando

mano a mano com Hunter. Não importa o que acontecer nesta temporada (alerta de

spoiler: nada vai acontecer), Hunter ainda vai jogar para a Briar no ano que vem, e,

com sorte, como capitão.

O treinador O’Shea, que tem sido surpreendentemente agradável ultimamente,

libera uma hora extra de gelo para nós na noite de domingo, e Hunter e eu fazemos

bom uso dela. Nossos exercícios correm bem, e volto para casa de bom humor. Como

não tenho treino amanhã cedo, Allie vai dormir lá em casa, e mal posso esperar para

transar com a minha namorada. Transar *de verdade*. Estou falando de três horas

seguidas de paraíso, e não as rapidinhas que fizemos durante a semana.

Entro na cozinha de cabeça baixa. Estou tão focado em ver se Allie me escreveu,

que levo um segundo para notar que meus colegas de república estão sentados em

volta da mesa. Até Tucker, que anda desaparecido desde que o semestre começou.

Nem provooco mais o cara. É óbvio que tem uma namorada. Ou talvez um namorado?

Que merda, ele tem sido tão reservado esses dias que nada me surpreenderia.

“O que foi?”, pergunto, distraído.

Ninguém diz uma palavra.

Enfio o telefone no bolso e olho ao redor da mesa. Os rostos assolados fazem meu

coração bater mais rápido.

A umidade que vejo nos olhos de Logan me faz parar por completo.

“O que tá acontecendo?”, insisto.

O estranho silêncio se arrasta. Logan esfrega os olhos com o punho fechado.

Merda. Agora estou preocupado. Não, agora estou com *medo*.

“Sério, se alguém não me disser o que tá acontecendo nesse segundo...”

“O treinador ligou”, interrompe Garrett. Sua voz é baixa. Sombria.

Espero ele terminar. Minhas mãos parecem dois blocos de gelo. E agora elas estão

começando a tremer.

“Ele acabou de falar com Patrick Deluca, e, hmm...”

Certo, isso está seguindo num caminho diferente do que eu esperava. Pat Deluca é

o treinador do time de futebol americano. O que ele teria para dizer para Jensen?

Garrett vê a minha confusão e continua. “Acho que Deluca ligou, porque sabe que

somos amigos de Beau...”

Beau? “É sobre Maxwell?” Interrompo. “O que aconteceu com ele?”

Logan desvia o rosto.

Tucker também.

O único com colhões para sustentar meu olhar é Garrett, que exala um suspiro

lento e entrecortado, antes de falar.

“Ele... ah... morreu.”

30

DEAN

No ano em que completei o ensino médio, meu irmão e eu fizemos uma viagem

pela Europa — França, Itália, Espanha, Alemanha e terminamos na Áustria, porque

tinha uma caverna enorme de gelo que Nick insistiu em conhecer.
Tenho que

admitir, foi muito, muito legal. O passeio só deixa você visitar o
primeiro

quilômetro, ou algo assim, que é todo coberto de gelo. Depois
disso, as câmaras

interligadas e as passagens intermináveis eram de calcário. Nick e
eu não estávamos

interessados num mísero quilômetro, então, metidos que somos,
quebramos as regras

e nos separamos sorrateiramente dos outros turistas.

Nós nos perdemos. Nos perdemos de verdade mesmo, e até hoje
lembro a sensação

sufocante que se apoderou de mim. O eco das nossas vozes
ressoando contra muros

absolutamente altos. A brisa fria soprando pela caverna. Os passos
do guia de turismo

que veio nos salvar — podíamos ouvi-los muito claramente, mas era
impossível

descobrir de onde vinham. Os ecos enganavam nossos ouvidos.

É assim que me sinto agora. Ouço a voz de Garrett, mas não o vejo,
nem sei bem o

que está dizendo. Sua voz é um eco. Ressoando contra as paredes
e os meus ouvidos e

só meio que... girando à minha volta.

Meu cérebro ainda não entendeu a primeira coisa que ele disse.

Beau morreu.

Tipo, está morto?

Beau está morto?

Beau Maxwell?

Meu amigo Beau Maxwell?

“... com o impacto.”

Minha cabeça se ergue num sobressalto. É como se as palavras de Garrett fossem

bolinhas de papel molhado que ele está atirando contra a parede, e as três últimas

enfim grudaram nela.

“O quê?”, pergunto com rispidez.

Seus olhos cinzentos estão revestidos de tristeza. “Disse que ele morreu com o

impacto. Não sofreu.”

Pisco. Várias vezes. “Pode falar de novo? Quer dizer, explicar o que aconteceu.” Ele

solta um palavrão. “Droga, por quê?”

Porque não ouvi uma palavra do que você disse!, quase grito. Respiro fundo e digo:

“Porque preciso ouvir de novo”.

Garrett acena com a cabeça, embora relutante. “Tá bom.”

Cambaleio até a bancada da cozinha e abro o armário de cima. Ótimo. Achei uma

garrafa de Jack. Abro a tampa e dou um longo gole, em seguida me junto aos meus

colegas de república na mesa. Sento ao lado de Tuck, e, quando Garrett começa a falar

de novo, o Jack Daniel’s passa de mão em mão.

Não é uma história muito comprida.

Mas é angustiante.

Beau foi de avião para Wisconsin, neste fim de semana, para o aniversário da avó.

Já sabia disso — ele me ligou antes de ir. Combinamos de tomar uma cerveja na

terça.

Ontem à noite, os Maxwell comemoraram o nonagésimo aniversário da avó num

restaurante na sua cidadezinha. As estradas estavam cobertas de gelo. Eles foram em

dois carros — Beau estava com o pai. O pai estava dirigindo.

Joanna contou para o treinador Deluca que o jantar foi muito divertido.

Na volta para casa, um cervo invadiu a pista, e o pai de Beau desviou o carro.

O carro deslizou no gelo e voou para fora da estrada, capotando duas vezes.

Depois, bateu numa árvore.

Beau quebrou o pescoço com o impacto.

O pai não sofreu nem um arranhão.

Engulo outro gole de uísque. O líquido queima minha garganta e deixa minhas

entranhas em chamas. Meus olhos também estão em chamas. Estão quentes e

ardendo, e, quando Garrett termina de falar, arrasto a cadeira para trás e pego a

garrafa.

“Vou lá pra cima”, murmuro.

“Dean...” É Tucker, a voz trêmula pela tristeza.

Tuck mal conhecia Beau. Nem Garrett, nada além de esbarrar com ele nas festas.

Logan era bem próximo, acho. Sei que ia até a casa de Beau às vezes. Mas eu... Era um

dos melhores amigos de Maxwell. E ele era um dos *meus* melhores amigos.

De alguma forma, consigo subir as escadas sem cair. Minha mão treme tanto que

quase deixo a garrafa de uísque cair uma meia dúzia de vezes antes de chegar ao meu

quarto. Desabo na cama e viro a garrafa, despejando o líquido âmbar na boca. Ele

espirra por meu pescoço e embebe a gola da minha camisa. Não me importo. Só bebo

mais.

Então acho que Beau morreu.

Ele tinha vinte e três.

Bebo mais. E mais um pouco. E mais um pouco, até minha visão não passar de

uma névoa cinzenta distorcida.

Estou completamente bêbado agora. Não, mais que bêbado. Meu cérebro não

funciona direito mais. Mãos? Me tocando? Esquece. Tento colocar a garrafa na mesa

de cabeceira e ela cai no chão. Por alguma razão, isso me faz rir.

Acho que o tempo passa. Ou talvez não. Talvez o tempo tenha parado, porque o

pescoço de Beau Maxwell partiu feito um galho e agora ele está morto. Morto.

Acabado. A-ca-ba-do.

“Dean...?”

Uma voz sussurra meu nome de longe, muito longe. Nossa. Talvez eu esteja na

caverna de novo. Talvez nunca tenha saído dela — quão foda seria isso? Se eu tivesse

morrido numa caverna na Áustria, mas não soubesse? Se a vida que estou levando

desde a viagem à Europa fosse só fruto da minha imaginação, e meu corpo na

verdade está em decomposição numa caverna de gelo agora?

“Seria muito louco”, gaguejo, enrolando a língua.

“Dean.” Mãos quentes seguram minhas bochechas. Ouço um xingamento baixinho.

“Meu Deus. Você tá muito bêbado.”

Estou quicando. Não, é o colchão. Está balançando, porque tem alguém subindo na

cama comigo, e meu estômago começa a ficar enjoado. Sinto a náusea na garganta.

Engulo. Respiro fundo. Posso sentir o cheiro do uísque, mas tem outro cheiro no

quarto também. O aroma misterioso de Allie.

“Meu amor.” Sinto minha cabeça se movendo. Ela está me colocando em seu colo,

enfiando os dedos em meu cabelo úmido. Estou suando em bicas. Por que está tão

quente aqui? “Logan acabou de me contar o que aconteceu. Eu...” Sua mão treme em

meu cabelo. "Sinto muito, meu amor."

"Quebrou... o pescoço." Minha voz também soa muito distante. Nem parece minha.

Nossa, como estou bêbado. Nojento, patético e entorpecido.

"Eu sei", sussurra Allie. "E eu sinto muito, muito mesmo. Sei que você tá sofrendo

agora. Eu..." Ela acaricia minha testa quente. "Eu tô aqui, tá bom? Tô aqui e não vou a

lugar nenhum."

Puxo o ar de forma entrecortada. "Gata", murmuro.

"O que foi?"

"Acho que vou..." Levanto a cabeça, mas o simples ato de fazer isso incita

exatamente o que estava tentando preveni-la.

A náusea me sobe à boca, e vomito no colo da minha namorada.

ALLIE

O velório de Beau é no estádio de futebol. O time inteiro está lá, junto com a

comissão técnica, seus amigos, sua família, centenas de alunos e milhares de pessoas

que provavelmente nem o conheciam.

Uma notável ausência?

Dean.

Antes de eu sair de casa, ele estava no quarto, de terno preto e uma expressão

sombria. Ele me disse para ir na frente com Hannah e Garrett, e que ele me

encontraria no velório.

Quando chego em casa, ele ainda está no quarto, ainda de terno preto e a mesma

expressão sombria. Só que agora está segurando uma garrafa de vodca e suas

bochechas estão coradas.

Está bêbado.

Esta semana, ficou bêbado todos os dias. Na verdade, bêbado ou chapado. Duas

noites atrás, eu o vi fumar quatro baseados, um seguido do outro, antes de capotar no

sofá da sala de estar. Logan teve que colocá-lo no ombro e arrastá-lo para o segundo

andar, e nós dois ficamos de pé na porta do quarto, olhando Dean desmaiado de

braços abertos na cama. "As pessoas sofrem de maneiras diferentes", murmurou

Logan.

Eu entendo. Acreditem em mim, entendo. Quando perdi minha mãe, passei por

diversas fases do luto. Principalmente negação e depressão, até que enfim aprendi a

aceitar que ela não estava mais lá. Demorei um tempo para chegar a esse estágio, mas

cheguei. Dean também vai conseguir, sei que vai. Mas tem sido doloroso — não,

insuportável — vê-lo recorrer ao álcool e à maconha essa semana, quando podia se

apoiar em mim.

“Não consegui”, murmura ele, ao me ver na porta. Tirou o paletó e a gravata, e o

colarinho da camisa branca está torto. O cabelo louro está revolto, como se ele tivesse

passado os dedos por ele várias vezes.

Entro no quarto com passos tímidos, ainda usando o vestido preto simples e de

gola alta que escolhi para a cerimônia.

“Não tive estômago, gata.” É um sussurro. Envolto em tristeza. “Fiquei imaginando

os pais dele... e Joanna... vendo seus rostos...” Dean pousa a garrafa de vodca na

cômoda e afunda lentamente na beirada da cama.

Respirando, sento ao seu lado e descanso a cabeça em seu ombro.
"Ela cantou."

"O quê?"

"Joanna", digo em voz baixa. "Tinha um palco montado com um piano. Ela cantou

'Let It Be'. Foi lindo. E triste." Pisco por sobre as lágrimas. "Foi triste e bonito."

Dean faz um barulho abafado.

Acaricio seu rosto com a ponta dos dedos. Sua pele está quente, mas ele não parece

tão embriagado quanto na noite passada. Ele se inclina contra o meu toque, a

respiração instável esquentando minha mão. "Não consegui", diz, de novo.

"Eu sei. Tudo bem, meu amor."

Mas está tudo bem? Ele tinha que ter ido, porra. A *família* de Beau estava lá. Se eles

tiveram "estômago", então Dean também devia ter tido.

A recriminação dura desperta uma onda de culpa. Quem sou eu para decidir o que

alguém deve ou não deve fazer? As pessoas faltam a enterros e velórios o tempo todo,

por todos os motivos. Talvez queiram chorar por seus entes queridos a sós. Talvez seja

muito difícil. Talvez simplesmente não acreditem em funerais. Não é meu papel

julgar, e me forço a lembrar disso ao deslizar a mão gentilmente sobre a bochecha de

Dean.

“Não acredito que Beau tá morto”, diz Dean, apático.

Fico momentaneamente assustada, porque é a primeira vez em que ele diz o nome

de Beau desde que tudo aconteceu. Fico ainda mais assustada quando viro a cabeça e

vejo as lágrimas não derramadas nos olhos de Dean. Ele pisca, e um par de gotas

escorre até onde meus dedos acariciam seu queixo.

Suas lágrimas atraem as minhas, contagiosas como um bocejo. De repente, estamos

os dois chorando, Dean está enterrando o rosto nos meus seios, e todo o seu corpo

estremece em soluços silenciosos. Não sei quem beija quem primeiro. Ou quem

despe quem. Ou como acabamos entrelaçados na cama, nus, ofegantes, enfiando a

língua na garganta um do outro e freneticamente tocando nossos corpos. Uma vez,

Megan me falou de uma estatística maluca que fez que oitenta por cento dos

entrevistados numa pesquisa sobre o luto admitiram ter relações sexuais logo antes,

durante ou depois de um velório.

Acho que faz sentido, se você pensar no assunto. Celebrar a vida diante da morte.

Precisar de alguém em quem se segurar, uma ligação tangível com outra pessoa viva.

Soltamos gemidos simultâneos, quando ele desliza para dentro de mim. Sem

camisinha, mas desde que o semestre começou que não usamos mais. Nós dois

fizemos testes antes das férias, e eu já tomava pílula.

Recebo seu membro grosso e latejante em meu corpo, arqueando os quadris para

encontrar suas investidas desesperadas. O orgasmo que me domina me atordoia pela

força. Não achei que fosse possível sentir esse tipo de prazer, cru e intenso, quando

estou tão tomada pela tristeza.

Dean emite um ruído profundo e torturado ao gozar, tremendo violentamente.

Com a respiração baixa e rasa, desaba em cima de mim, então gira nossos corpos, de

modo que minhas costas suadas tocam seu peito molhado. Sinto a umidade em

minha nuca. Não é suor, mas lágrimas. Todas as lágrimas que ele estaria tentando

segurar se tivesse ido ao velório de Beau.

Viro de frente para ele e envolvo seus ombros largos, enquanto ele chora pelo

amigo que perdeu. Não sei quanto tempo ficamos nessa posição, mas, por fim, Dean

fica imóvel e adormece com o rosto contra o meu. Pela primeira vez em sete dias,

sinto um minúsculo lampejo de esperança. Esperança de que a liberação emocional

que ele acabou de experimentar alivie um pouco a sua dor e o leve para mais perto

do caminho da aceitação.

Mas sabe qual é a pior coisa da esperança?

Com muita frequência ela leva à decepção.

31

ALLIE

Nas duas semanas seguintes, tudo o que posso fazer é ficar de braços cruzados e

assistir Dean descer ladeira abaixo. Ele tem uma nova rotina. Acorda de manhã. Vai

para a aula. Vai para o treino. Então volta para casa e bebe ou fuma até entrar em

estado de torpor.

Surpreendentemente, ainda termina as leituras da faculdade e entrega os trabalhos

finais. Quando dou uma espiada num dos artigos que escreveu, descubro que é *bom*. É

como se ele tivesse entregado as rédeas para o cérebro inteligente que não gosta que

as pessoas saibam que tem, e agora está funcionando no piloto automático. É o

mesmo no ringue. Ele só deixa o corpo forte e atlético e seus anos de formação

assumirem e fazerem o trabalho por ele. Seu coração — ou melhor, acho que sua

consciência, na verdade — não participa de nada.

Nem sua libido. Isso também acabou. Bem, não completamente. Ela reaparece

quando ele atinge um certo patamar de entorpecimento, em algum lugar entre

embriagado e inconsciente. Mas o rejeito todas as vezes, porque o cara me lançando

aqueles sorrisos arrogantes, sussurrando safadezas no meu ouvido e cujas mãos

hábeis tentam entrar debaixo da minha camisa e dentro das minhas calças não é o

meu namorado.

Meu namorado não quer transar comigo só quando está bêbado, e o sorriso

despreocupado do meu namorado não é resultado de droga nem de álcool.

Dean Di Laurentis faz sexo porque gosta de sexo, e sorri porque gosta de sorrir.

Este Dean bêbado e chapado é um intruso. Nem se importa quando digo que não

estou no clima, porque ele também não está no clima — as substâncias correndo em

seu sangue só estão fazendo seu corpo achar que ele está.

Ele está de luto. Repito as palavras para mim mesma uma centena de vezes por dia.

Lembro-me que Beau Maxwell está morto, e que Dean sente terrivelmente sua falta.

Me repreendo por ficar com raiva de ele estar lidando com a morte de Beau de uma

maneira diferente do que eu faria.

Mas... caramba, não sei lidar com a forma como ele está lidando com isso. O que

eu devia fazer, interná-lo numa clínica de reabilitação? Ele não é alcoólatra. Não é

um viciado em drogas. E a pior parte é que a bebida e as drogas não têm efeito sobre

a sua vida acadêmica ou esportiva. Ele só levanta da cama de manhã e patina como

um campeão ou gabarita um teste.

Mas tem uma coisa faltando na sua rotina — o Hurrricanes. Depois da notícia da

morte de Beau, o tempo parou por uma semana. Dean e Logan foram dispensados dos

treinos, porque eram bem próximos de Beau, e Dean também abandonou as aulas no

ensino médio. Achei que fosse um hiato temporário. Licença por luto, por assim

dizer. Mas já se passaram três semanas, e Dean ainda se recusa a voltar. Pedi para

repensar com carinho, mas tudo o que consegui foi um enfático *não*. Ele disse na

minha cara que não queria mais trabalhar com as crianças.

Suspeito que seja porque trabalhar com elas o deixa feliz. E agora ele não quer se

sentir feliz. Não quer sentir nada.

Eu? Estou sentindo muitas coisas. Tristeza. Frustração. Raiva, o que gera culpa,

porque ele perdeu o melhor amigo, pelo amor de Deus. Não tenho o direito de ficar

zangada com ele.

Hoje, estou me sentindo determinada. Decidi que Dean não pode chafurdar na dor

para sempre. Em algum momento, vai encontrar um jeito de sair desse redemoinho

em que está preso, e, quando isso acontecer, não o quero olhando para trás e

descobrimo que perdeu algo importante.

O Hurricanes é importante para ele.

Estaciono o carro de Dean na frente da arena e desligo o motor. Ele já estava na

quarta cerveja quando saí de casa, para onde me mudei desde que Beau morreu. Disse

a ele que precisava do carro emprestado para comprar absorvente. Dica para a vida: se

ocê não quer alguém fazendo perguntas, diga a palavra *absorvente*, e a conversa

termina.

Entro no pequeno edifício e caminho pelo corredor, passando pelas máquinas de

comida e pelas portas duplas que levam ao ringue. Um frio acerta o meu rosto

quando abro as portas. No gelo, os meninos estão no meio de uma repetição

acelerada que envolve patinar muito rápido e depois parar de repente. Não entendo o

objetivo do exercício, mas tudo bem.

Virando a cabeça, noto uma figura solitária na arquibancada.
Dakota. Seu rosto se

acende ao me ver. Aceno para ela e, em seguida, levanto um dedo
para indicar que

vou demorar só um minuto.

Aproximo-me da mureta baixa perto do banco do time da casa no
mesmo instante

em que Doug Ellis chega, patinando. "Allie. Oi." Ele olha para a
entrada. "Dean está

com você?"

Nego com a cabeça, e ele parece decepcionado. Assim como os
meninos, que

obviamente me reconhecem das poucas vezes em que encontrei
Dean aqui para

sairmos para jantar. Acho que associaram o meu rosto com o
assistente técnico que

idolatravam.

Ellis diz aos meninos que eles têm cinco minutos de patinação livre,
então se vira

para mim e escuta sem me interromper enquanto peço desculpas
pela ausência de

Dean e lhe asseguro de que meu namorado vai voltar em breve.
"Ele está passando

por uma fase difícil agora”, digo, em voz baixa.

Ellis assente para mim. “Ele me contou sobre esse amigo. Saiu em todos os jornais

locais também. O quarterback do time de futebol, né?”

Confirmo com a cabeça. “Beau Maxwell. Ele...” Vejo os olhos azuis brilhantes e o

sorriso meio cafajuste de Beau, e meu coração se comprime. “Ele era um cara

fantástico.” Engulo um caroço de tristeza. “Ele e Dean eram muito próximos, e...

sim... tem sido difícil. Mas Dean me pediu para dizer que vai voltar a trabalhar com

as crianças em breve.”

“Não, ele não pediu”, diz Ellis.

Evito seu olhar astuto.

“Ele não mandou você aqui para falar comigo, querida. E não disse que ia voltar.”

Ellis dá de ombros. “Mas você quer que ele volte.”

Minha garganta se fecha. “Sim, quero.” Engulo em seco de novo. “Queria ter certeza

de que você ainda vai querer recebê-lo se... *quando* chegar a hora.”

“Claro que vou.” Ele aponta o rinque com a cabeça. “A pergunta é: será que *eles*

vão? Crianças não gostam de ser abandonadas.”

“Mas elas também perdoam mais rápido”, indico.

Talvez não todas. Quando me aproximo de Dakota nas arquibancadas alguns

minutos depois, fica óbvio que perdão é a última coisa em sua mente neste momento.

“Dean não gosta mais de mim”, me diz, numa voz indiferente. “E não gosto *dele*.”

Contenho um suspiro. “Não é verdade, querida. Vocês dois gostam muito um do

outro.”

“Gostamos *nada*. Se ele gosta de mim, então por que não me ensina mais a patinar?

E ele também não ajuda mais o Robbie! Faz *anos* que não vem aqui.”

Três semanas. Mas acho que, para uma criança de dez anos, isso parece uma

eternidade.

“Ele tá bravo porque eu não quis usar patins de menino?” Seu lábio inferior treme.

“Minha mãe disse que foi falta de educação fazer ele comprar patins de menina. É por

isso que ele me odeia? Porque pagou dinheiro por patins de menina?”

E então ela começa a chorar.

Ai, Deus. Não sei o que fazer nesta situação. Não sou parente dela e não sou sua

professora — posso abraçá-la? Será que vou ter problemas se o fizer?

Foda-se. Não me importo se é impróprio. Dakota está aos berros agora e precisa de

conforto.

Passo um braço em volta dela e a aperto com força. E então, com o coração

palpitando descontroladamente, fico os vinte minutos seguintes dizendo a uma

menina triste que meu namorado não a odeia.

A voz rouca do meu pai se repete em looping na minha cabeça durante a viagem de

volta para a casa de Dean.

Conheço homens como ele. Não estão preparados para lidar com problemas de verdade. Com

os contratempos da vida.

Ele vai desmoronar feito uma barraca barata.

Estou apavorada ao admitir que talvez meu pai tenha razão. Mas não pode ser. Dean

só está sofrendo. Está amargando a morte de um amigo.

Ele vive uma vida perfeita.

Paga os outros para limpar a bagunça que faz.

Um frio desce por minha coluna quando penso em algo. Merda. É isso que estou

fazendo agora? Limpando a bagunça de Dean, tentando garantir que mantenha sua

posição na escola? Implorando a uma criança de dez anos que o perdoe por

abandoná-la?

Deus, estou tão cansada. Nas últimas três semanas, me concentrei exclusivamente

em Dean. Tentei fazê-lo se sentir melhor, tentei fazê-lo enxergar uma saída. Estou

com os estudos atrasados. Apareço nos ensaios com os olhos turvos e exaustos,

porque passo todo o meu tempo cuidando do meu namorado embriagado. Droga, os

ensaios gerais começam amanhã. A estreia é em cinco dias. Eu devia estar me

concentrando na minha atuação, mas mal consigo lembrar sobre o que é essa maldita

peça.

Minha frustração só se intensifica quando entro pela porta da frente quinze

minutos depois e sou recebida pela música ensurdecidora — “Drain You”, do

Nirvana, está tocando a toda altura pela casa. Que delícia.

Encontro Dean no sofá da sala, segurando uma garrafa de cerveja numa das mãos e

batendo uma baqueta de bateria invisível com a outra. Está sem camisa, mas nem a

visão de seu peito espetacular pode acalmar meus nervos à flor da pele.

“Dean!”, grito por cima da música.

Ele não presta atenção em mim.

Pego o controle remoto na mesinha de centro e interrompo a música. O silêncio

cai sobre a sala, e sua cabeça loura se volta para mim, com surpresa. “Oi, gata. Não vi

você aí.”

“Oi.”

Sento na ponta do sofá e gentilmente pego a garrafa de sua mão. Para minha

surpresa, ele não protesta. Acho que está nos primeiros estágios da bebedeira ainda,

porque não enrola as palavras ao perguntar: “Você tem ensaio hoje à noite?”.

Nego com a cabeça. "Não, mas os ensaios gerais começam amanhã."

"Merda. Já?"

"A noite de estreia é na sexta-feira", lembro a ele.

"Ah. Certo."

Age como se soubesse disso, mas tenho certeza de que minha peça nem passa por

sua cabeça há semanas. Ele não demonstrou qualquer interesse no que estou fazendo.

No que *ninguém* está fazendo. É como se tivesse congelado no lugar, preso naquele

momento angustiante em que descobriu que Beau estava morto.

Todo mundo continuou com suas vidas. Até a família de Beau. Joanna ainda está

trabalhando na Broadway. Temos trocado e-mails desde o velório, e ela me contou

que tanto ela quanto os pais voltaram a trabalhar na semana passada.

Dean é o único que se recusa a seguir em frente.

"Meu amor..." Minha garganta se aperta, a preocupação e o medo formando um nó

em minha traqueia. "Você vai à estreia, não vai?"

Seus olhos verdes se acendem. "Que pergunta é essa agora?"

Você não foi ao velório do Beau.

Refreio a acusação e inspiro fundo. "Só quero ter certeza."

"Claro que vou." Pela primeira vez em semanas, vislumbro uma emoção genuína

em seus olhos. Um calor profundamente honesto. "Onde mais eu estaria?"

Ele não está aqui.

Viúva estreia para um auditório lotado e se encerra com a plateia nos aplaudindo de

pé. As lágrimas em meus olhos quando Mallory e eu nos curvamos para

cumprimentar o público não têm nada a ver com a ovação esmagadora.

Os holofotes tornam difícil identificar os rostos para além das três primeiras filas,

mas a segunda fila é tudo que preciso ver, porque é onde meus amigos estão

sentados. Bem, onde estão de pé, porque é como estão nos aplaudindo, assim como os

outros no auditório.

Hannah. Garrett. Megan. Stella. Justin. Grace. Logan.

Uma risada histérica ameaça escapar de meus lábios à medida que repasso os rostos

familiares e vivo um momento *O mágico de Oz*. E *você* estava lá, e *você* estava lá, e *você*

estava lá — e sabe *quem* não estava lá? O homem que amo. O homem que prometeu

estar aqui.

Nos bastidores, recebo, obediente, os abraços e os elogios de todos envolvidos na

produção. Steven. Os alunos produtores. Nosso orientador acadêmico. Os alunos de

arte que fizeram o figurino. A equipe de iluminação. O aluno de último ano que faz o

papel do meu marido morto me levanta do chão e me gira no ar. Mallory me abraça

forte o suficiente para me tirar o fôlego, depois passa cinco minutos se desculpando

por ter estado tão aérea no início do projeto.

Mal ouço uma palavra do que diz. As lágrimas marcam meu rosto, mas acho que

todo mundo imagina que sejam lágrimas de felicidade.

Estão todos errados.

Essa noite, Steven vai dar uma festa para o elenco, a equipe e alguns amigos no seu

apartamento fora do campus, e digo ao meu diretor que estarei lá. Mas não vou. Pelo

menos não imediatamente. Tenho que passar em outro lugar primeiro, e, quando

Hannah me manda uma mensagem para saber se vamos nos encontrar fora do

auditório ou no estacionamento, já estou ao volante da BMW de Dean, o pé trêmulo

pisando no acelerador.

Quando me aproximo da frente da casa, fico assustada com a quantidade de carros

parados na rua. E quatro carros estranhos bloqueiam a entrada da garagem, então sou

obrigada a estacionar na calçada.

Ouçõ a música antes mesmo de chegar à porta da frente, que está aberta. A raiva

inunda meu estômago, borbulhando e chiando e fervendo quando entro na sala de

estar.

O lugar está lotado de monstros — homens imensos, com algumas mulheres

pequenas aqui e ali. Só pelo tamanho, imagino que os caras recostados no sofá e nas

poltronas e escorando-se contra a parede sejam jogadores de futebol americano. As

meninas, vai saber. Mas fico satisfeita de vê-las se jogando sobre os caras do futebol, e

não sobre o meu namorado. Dean está sozinho, esparramado numa poltrona, os olhos

fechados.

Como se sentisse minha presença, suas pálpebras se abrem, e seu rosto se ilumina

ao me ver de pé na porta. Mas sua felicidade dura pouco. Ainda estou usando o

vestido simples com avental da minha personagem. Ainda estou com a maquiagem

de palco. Meu cabelo ainda está puxado para trás num coque bagunçado e apressado.

Não sou Allie agora. Sou Jeannette. E os olhos de Dean se arregalam em pânico

quando percebe o que isso significa.

“Allie.” Sua voz é abafada pela música.

Dou uma última olhada na festa acontecendo na sala de estar. Em seguida, viro de

lado e me apresso em direção à escada.

As lágrimas ressurgem, e minha garganta está tão apertada que mal consigo

respirar. Foi por *isto* que ele não pôde se dar ao trabalho de aparecer na estreia?

Porque estava numa festa com um bando de jogadores de futebol?

Irrompo em seu quarto e corro para a cômoda, abrindo a gaveta de cima, onde

tenho guardado as roupas que trouxe do alojamento. Roubei também metade do

armário de Dean, e é isto que faço a seguir — arrancar roupas dos cabides e jogá-las

na minha mala.

“Ah, gata, não faz isso.” Dean aparece na porta.

Ignoro-o e continuo enchendo a mala.

“Allie, por favor.” Ele vem por trás de mim, e engulo um soluço quando seus

braços fortes me envolvem. Por um breve momento, permito-me desabar contra ele.

Escorar em seu peito quente e forte, e sentir sua barba raspar minha pele enquanto

ele esfrega o rosto no meu. “Desculpa, gata. Fiz merda. Esqueci completamente que a

peça era hoje.”

Eu avisei dez vezes! , quero gritar.

“Prometo que amanhã eu vou.” Suas mãos deslizam para cima e para baixo em

minha cintura, acariciam minha barriga, roçam minha bunda. “Você disse que vão

ser três apresentações, né?”

Minha voz sai seca. "É. Mas não precisa ir amanhã. Não quero você lá."

Ele esfrega meu ombro com o queixo. "Não fala assim. Sei que você tá chateada,

mas vou consertar isso. Amanhã eu *vou*."

"Queria você lá *hoje*, Dean." Ainda não consigo virar e encará-lo. E não sei por que

o estou deixando se esfregar em mim assim. Mas pensando bem, *por que* ele está se

esfregando em mim? Sinto sua ereção, mais dura que pedra, se apertando contra a

minha bunda. Como ele pode estar excitado agora?

É a reação bizarra do seu corpo que me faz virar de frente para ele. Franzindo a

testa, avalio seu rosto cuidadosamente, absorvendo cada detalhe. Não está bêbado,

percebo. Suas faces estão coradas, mas seus olhos estão vivos demais. O que significa

que também não fumou maconha, porque em geral eles ficam difusos. Neste

momento, eles estão brilhando. Brilhando com um prazer e uma felicidade que ele

absolutamente *não* deveria estar sentindo, não quando estou aos prantos.

Inspiro lentamente. "O que você usou?"

Ele parece confuso com a pergunta.

“O que você usou, Dean?” Insisto: “Hein?”.

Ele pisca, então responde: “Ah. Só umas balas”.

Putá merda.

Sem outra palavra, passo por ele e fecho minha mala.

“Para onde você tá indo?” Ele parece magoado.

“Para o alojamento”, disparo. “Não vou mais ficar aqui.”

“Por quê?”

“*Por quê?* Você faltou à minha noite de estreia para dar uma festa e se drogar! Você

tá cheio de ecstasy na cara, esfregando o pau em mim enquanto eu tô chorando! E

ainda me pergunta *por que* tô indo embora?”

Ele fecha a cara. “Não dei uma festa. Ollie e Rodriguez ligaram, perguntando se

podiam aparecer aqui, falar um pouco sobre o Beau. Como eu ia recusar isso?”

Meu queixo cai. “Não se *atreva* a usar Beau como desculpa para se drogar!”

Ele recua, mas quando fala de novo seu tom é defensivo. “Grande coisa, gata. Tomei

umas balas. Eu não faço isso o tempo todo. A última vez foi há mais de um ano.”

“Não é disso que tô falando!” Luto para conseguir respirar de novo. Não adianta

discutir com Dean agora. Ele não me ouve, não quando está drogado. Expiro, e o ar

me sai num sopro fraco. “Meu pai tinha razão. Não posso contar com você pra nada.”

“Tá de sacanagem com a minha cara? Eu te apoiei desde o início!”, rosna ele. “Meu

melhor amigo *morreu*, Allie. Então, caramba, desculpa se estou um pouco distraído

ultimamente. Estava com a cabeça cheia.”

Seu sarcasmo não é bem-vindo. “Distraído? Você não estava distraído. Você estava

bêbado! E agora tá drogado!” O ressentimento queima um caminho até a minha

garganta e arde em meus olhos. “Adivinha, Dean? As pessoas morrem! Tô arrasada

com a morte de Beau. Arrasada. Mas você não pode simplesmente beber para curar a

dor.”

Seu rosto fica vermelho.

“Eu sei como é, a Vida de Dean é só sol e maravilhas...”, é a minha vez de ser

sarcástica, “... mas a vida real não é assim. Na vida real, coisas ruins acontecem, e

“você precisa lidar com elas.”

Pego a mala e saio pela porta. Paro de repente e me viro na direção dele de novo.

Estou com tanta raiva e tão chateada que não consigo pensar direito.

“A vida não é perfeita, Dean, e você precisa crescer e aceitar isso. Tentei ajudar, mas

você não deixa. Passei quase um mês assistindo você se embebedar. Assistindo você

afastar todo mundo, vendo você decepcionar todas as pessoas ao seu redor.”

Ele ainda não disse uma palavra, e isso me deixa mais irritada.

“Falei com o treinador Ellis em seu nome!”, grito. “Eu o convenci a te dar outra

chance quando você decidir voltar para treinar o time.” As lágrimas caem mais

depressa, encharcando minhas bochechas. “Sentei com Dakota enquanto ela chorava

até cansar! Ela acha que você *odeia* ela porque se recusou a usar uma merda de um

par de patins de menino!” Tomo fôlego. “Quer saber, parei de segurar a sua mão e de

limpar a sua bagunça. Acabou, Dean.”

Ele inspira. Enfim algo do que eu disse chama a sua atenção. “Não acabou.”

“Acabou sim.” Minha mão está tremendo tão violentamente que quase deixo a mala

cair no meu pé. “Acha que você é o único que perdeu alguém? Vi a minha mãe

morrer de *câncer*. Literalmente assisti ela definhar e morrer.”

“Allie...”

“Você precisa encontrar uma maneira de lidar com a sua dor. Mas não posso te

ajudar mais. Não vou ficar parada aqui assistindo você enfiar a cabeça numa garrafa

porque tá com medo demais para enfrentar a dor. *Acabou.*”

Saio do quarto pisando duro e o deixo para trás, me olhando em estado de choque.

32

DEAN

Sou acordado por um gemido alto, agonizante. Meu Deus, parece que tem alguém

morrendo, e levo um minuto para entender que o ruído torturado vem de mim. Sou

eu que estou gemendo, porque minha cabeça dói. Não, meu olho dói. Por que meu

olho dói?

Sento e toco cuidadosamente o rosto. Meu olho esquerdo está inchado e fechado. E

minha boca está mais seca que o Saara. Merda. Estou com tanta sede. E cansado — só

o ato de levar a mão ao meu rosto me drena todas as energias.

O ecstasy, me dou conta. Da última vez que tomei, também me senti exausto e

dolorido na manhã seguinte.

Escorrego para fora da cama e descubro que dormi de roupa. Cambaleando até o

armário, abro a porta e fito o espelho dentro dele. Minha nossa. Meu olho está roxo,

quase preto, e, enquanto estudo meu reflexo, todos os acontecimentos da noite

passada me chegam ao mesmo tempo.

Eu faltando à peça de Allie.

Allie me largando.

Garrett voltando para casa e gritando comigo. Sobre o que estava gritando... me

esforço para lembrar. Claro, sobre ter faltado à peça de Allie. Ah, e porque convidei

metade do time de futebol para a nossa casa, e eles... pois é, alguns dos linebackers

estavam cheirando cocaína na cozinha. Merda. Foi aí que Garrett me puxou de lado e

começou a me dar um esporro. Devo ter dito alguma coisa que ele não gostou,

porque... bem, olho roxo.

Dou as costas para o espelho e desabo na beirada da cama, fazendo uma lista dos

meus problemas agora.

Estou com um olho roxo.

Tenho um colega de república com raiva de mim e que me deixou com o olho

roxo.

Tenho uma ex-namorada.

E fiz uma menininha chorar.

Sentei com Dakota enquanto ela chorava até cansar! Ela acha que você odeia ela porque se

recusou a usar uma merda de um par de patins de menino!

As palavras furiosas de Allie ressoam como um trompete na minha cabeça, fazendo

minhas têmporas pulsarem e meu estômago revirar. Mal chego ao banheiro a tempo,

engasgando na bile em minha garganta antes de alcançar a privada. Eu me curvo

sobre ela e luto com a ânsia pelo que parecem horas. Não comi nada ontem à noite,

então não há nada para vomitar, mas meu estômago continua se contorcendo e se

comprimindo, e não consigo parar o enjoo.

Quando a náusea finalmente se acalma, escovo os dentes na pia e caio no chão de

azulejos, onde fico sentado por um tempo, pensando no que fiz. No que perdi.

Allie.

Beau.

Que merda, Beau. Por que ele tinha que morrer?

O pensamento é tão absurdo que desencadeia uma onda de risos. Altos e

incontroláveis, até meus olhos estarem lacrimejando e eu estar soluçando.

Ouçoo uma batida na porta. "Dean... você tá aí?"

Tremo ao ouvir o som da voz de Garrett. Mas ele não parece chateado. Só cansado.

Quando abro a porta, encontro um par de olhos cinzentos sérios me olhando de

volta. "Você tá bem?", pergunta Garrett, a voz áspera.

Rio de novo. "Nem um pouco."

Seu rosto exhibe um lampejo de culpa. "Desculpa pelo olho roxo." Ele solta um

palavrão. “Mas, porra, cara, você mereceu. Devia ver a bagunça que os caras deixaram.

A casa tá um lixo.”

Deslizo a mão fraca pelo couro cabeludo. “Eu limpo. E não esquenta com o olho

roxo. Mereci mesmo. Tô surpreso que Allie não tenha me acertado no outro olho.”

Só dizer o nome dela é brutal. Parece que alguém abriu meu peito com a lâmina de

um patim e a cravou em meu coração, cortando-o em pedaços.

Não consigo imaginá-la me perdoando. Não fui à estreia. Merda, já não estava

dando atenção a ela mesmo antes disso. Passei três semanas andando num nevoeiro,

fazendo de tudo para tentar esquecer que Beau está morto. Sempre que ele cruzava os

meus pensamentos, abria outra cerveja ou bolava outro baseado, porque era o jeito

mais rápido e fácil de desligar meu cérebro.

O pai de Allie disse que não confiava em mim para cuidar dela. E estava certo.

Aparentemente, não posso cuidar nem de mim mesmo.

“Wellsy tá chateada com você”, diz Garrett.

“Eu tô chateado comigo.” Solto um gemido, ainda pensando na magnitude da

merda em que me meti. “Eu...” Minha garganta dói. “Sinto falta de Maxwell.”

Garrett murmura: “Eu sei”.

“Fico arrasado de pensar que nunca mais vou vê-lo de novo.”

“Eu sei.”

Há uma pausa de um segundo, e Garrett me surpreende, me puxando para um

abraço. Não é um abraço de macho, de lado ou ligeiro, mas um abraço de verdade,

com os dois braços em volta de mim, me segurando apertado.

Eu o abraço de volta. “Sinto muito, cara. Pela casa. Pela bebida. Por tudo.”

“Eu sei”, diz ele, pela terceira vez.

A porta se abre. “Este momento homoerótico é privado? Ou qualquer um pode

participar?”

Rio baixinho, enquanto Logan se arrasta na nossa direção. Garrett me solta, e Logan

toma seu lugar. Seu abraço é mais breve, mas não menos reconfortante.

Logan dá um tapa nas minhas costas e pergunta: “Vai conseguir treinar hoje?”. Seu

olhar avalia cuidadosamente meu olho esquerdo.

“Não tenho muita escolha”, respondo, com um suspiro. “Só vou aparecer lá e deixar

o treinador decidir se me quer no gelo. Com a cara desse jeito, ele provavelmente vai

me expulsar para a sala de musculação.”

Mas queria não ter que ir. Tudo o que quero fazer esta manhã é dirigir até a Bristol

House e ver Allie. Me jogar aos seus pés e implorar para ela me aceitar de volta.

“A gente diz que estava ensaiando uma cena de *Clube da Luta*”, brinca Garrett, e sua

expressão fica séria novamente. “Ele não precisa saber o que aconteceu de verdade. A

festa... as drogas...”

Faço que sim, agradecido. “Obrigado.”

E, tirando meu olho, na verdade não há nenhum outro sinal de que tenha

acontecido alguma coisa de desagradável na noite passada. A parte boa das minhas

farras — não que alguma coisa na minha vida possa ser descrita como *boa* agora — é

que tenho a capacidade assustadora de me recuperar como se nada tivesse acontecido.

Bebo como louco? Zero ressaca. Fumo maconha? Minha cabeça está mais clara que

um céu azul no dia seguinte. Hoje estou um pouco mais lento, mas isso é por causa

do peso esmagador apertando meu coração.

Ontem me afastei da pessoa mais importante da minha vida. Isso me assusta, o fato

de que, em três meros meses, foi isso que Allie Hayes se tornou. Ela é tudo para

mim.

Tucker está com o café pronto nos esperando lá embaixo. Comemos e saímos para

a arena, onde Garrett passa a carteirinha na porta e lidera o caminho até o vestiário.

Assim que nós quatro entramos, paramos no mesmo lugar. O treinador Jensen e

O'Shea estão no canto da sala, conversando com um homem magro, de óculos, paletó

e carregando uma pasta. Alguns dos nossos colegas estão andando de um lado para o

outro, mas ninguém diz uma palavra. Hollis acena para nós. Fitzy me fita uma

segunda vez quando percebe o olho roxo.

"Bom dia, treinador", cumprimenta Garrett, cauteloso. "O que tá acontecendo?"

Sua resposta é lacônica: “Teste de drogas”.

Meu coração cai. *Plof*. Ele bate no chão. A náusea? Bem, ela se eleva. Sobe até a

minha garganta e a fecha por completo.

Meu olhar se desloca para O’Shea. Ele me encara de volta, totalmente inexpressivo,

mas tenho a nauseante sensação de que é responsável por isso. Testes aleatórios de

drogas não são coisa rara — acontecem o tempo todo em esportes universitários. Mas

a temporada está quase no fim. Que merda, a temporada desceu pelo ralo, não temos

a menor chance de chegar às finais. Não tem razão nenhuma para fazerem um teste

de drogas na gente.

Meu mal-estar aumenta mais e mais à medida que a sala vai se enchendo de

jogadores. Posso sentir os olhos escuros de O’Shea cravados em mim, mas meu olhar

permanece colado em minhas botas. Estou em pânico, vivendo minha própria versão

do conto “O coração delator”, só que, em vez de ouvir as batidas do coração de um

morto sob as tábuas do assoalho, estou terrivelmente ciente do sangue em minhas

próprias veias. O fluxo constante e acelerado, contaminado pelas balas que tomei

ontem à noite.

Com a pulsação latejando em meus ouvidos, inspiro, trêmulo, em seguida expiro

devagar e caminho até o treinador Jensen.

“Treinador... posso falar com você a sós?”, murmuro, e, na mesma hora, seu rosto

adquire *aquela* olhar. O olhar que me diz que ele sabe exatamente o que vou dizer, e

que ele preferiria cortar os pulsos a ouvir o que tenho para confessar.

“Claro”, responde ele, depois de um longo e tenso momento.

Jensen me leva até a sua sala. Não sentamos. Não falo nada.

Ele espera, mas não consigo fazer minha confissão. Droga. Estou com nojo demais

de mim mesmo agora. E uma vergonha filha da puta.

O treinador suspira. “Você vai me fazer perguntar, é isso? Tudo bem, vou

perguntar.” Ele faz uma pausa. “O que vai acontecer quando você mijar naquele

copinho, Dean?”

A vergonha aumenta dentro de mim até eu poder praticamente sentir seu gosto,

quando engulo em seco.

“O que os resultados vão mostrar?”, insiste ele, a expressão insuportavelmente

resignada. “Maconha? Cocaína?”

“Ecstasy”, murmuro.

Ele fecha os olhos por um momento. Em seguida, abre novamente. “Tudo certo.

Obrigado por me avisar.”

Deixo sua sala me sentindo como um homem no corredor da morte.

Dois dias depois, sou expulso do time.

33

ALLIE

Três dias depois de sair correndo da casa de Dean dizendo que nosso namoro

acabou, encontro-o na cafeteria do campus. Todas as meninas aqui dentro se viram

para admirá-lo quando ele entra pela porta. Eu também, porque... nossa, ele parece o

Dean por quem me apaixonei. Os olhos verdes brilhando animados quando pede um

café no balcão, o cabelo louro contornando o rosto esculpido, as calças cargo

abraçando a bunda perfeita.

Basta olhar para o seu rosto e sei que não bebeu hoje. Na verdade, talvez não beba

há dias. Hannah me contou ontem que Dean falhou num teste de drogas e foi expulso

do time. Não posso negar que meu coração se partiu quando soube disso, porque sei

o quanto o hóquei é importante para ele, mas a notícia não me surpreendeu nem um

pouco. Você não pode encher a cara e usar drogas sem enfrentar as consequências. No

ritmo em que ele estava indo, um dia a farra ia cobrar seu preço.

Para minha surpresa, ele não parece chateado quando toco no assunto, que é a

primeira coisa que abordamos quando ele se acomoda no assento à minha frente.

Dean simplesmente dá de ombros. "Mereci." Com uma expressão de dor, ele

acrescenta: "Mas não vim aqui pra falar do time. Queria pedir desculpas."

Faço que sim com a cabeça. Foi o que imaginei quando recebi sua mensagem me

convidando a vir hoje, mas, santo *déjà-vu*, porque é a segunda vez em três meses que

me vejo nesta posição. Na última vez, éramos eu e Sean. Sentados neste mesmo café,

tendo esta mesma conversa. Mas, agora, a dor em meu coração é um milhão de vezes

pior, porque ainda estou apaixonada por Dean. Irremediável e desesperadamente

apaixonada por ele.

“Desculpa, gata. Estraguei tudo.” Seus dedos longos e graciosos envolvem a xícara

de café. “Não soube lidar com a morte de Beau. Pra ser sincero, não sei se estou

lidando bem com ela agora, mas pelo menos tô sóbrio.”

Concordo com a cabeça de novo.

“Desculpa por ter perdido a peça. E desculpa por ter colocado você numa posição

em que teve que se desculpar por mim. Com o treinador Ellis e...”, sua voz falha, “...

Dakota. Tô planejando implorar o perdão deles também. Mas queria ver você

primeiro.”

Sei disso. Faz três dias que ele está me ligando e me mandando mensagens, mas só

concordei em vê-lo hoje. Estava tudo muito recente ainda.

Dean dá um gole no café. Quando fala, sua voz soa tomada pela vergonha. “Tem

lugar no seu coração pra me perdoar?”

No meu coração? Deus, meu coração está devastado agora. Parece que acabou de

enfrentar um furacão. O furacão Dean. Ainda não posso apagar a noite de sexta da

minha mente. De pé no palco, procurando na multidão e não vendo Dean. Chegando

em casa e o encontrando completamente alterado.

Mas se posso perdoá-lo?

Poxa, claro que posso. Não guardo rancor. A vida é muito curta para isso.

“Claro que posso te perdoar.” A centelha de esperança em seus olhos não me passa

despercebida, e me dói ter que extingui-la. “Mas isso não é uma questão de perdão.”

“É uma questão de quê, então?”

“Me diz você. Você veio aqui me pedir pra voltar pra você?”

Ele assente, lentamente. Seu rosto inteiro se suaviza. “Eu te amo”, diz, a voz rouca.

“Não quero ficar longe de você.”

A dor se irradia dentro de mim. Também não quero ficar longe dele. Mas... acho

que preciso disso.

“Não... não posso ficar com você”, sussurro.

Ele solta um som angustiado.

“Pelo menos não agora.” Agarro meu copo de isopor com ambas as mãos,

precisando desesperadamente do seu calor. “Nunca fiquei sozinha, Dean. Nunca.

Comigo sempre foi um relacionamento depois do outro. Nem sei se sei viver sozinha,

e acho que pode ser uma boa hora pra descobrir. Você mesmo já falou — você ainda

tá lidando com a sua perda. E ainda tem outras pessoas com quem fazer as pazes.

Então, enquanto você estiver lidando com os seus problemas, eu lido com os meus.”

Ele cerra os dentes. Acho que vai se opor. Fico esperando ele rebater o meu pedido.

Porque ele é Dean Heyward-Di Laurentis, o homem que sempre consegue o que

quer. O homem que insiste e insiste até onde pode. Mas ele me surpreende. “Quanto

tempo?”, pergunta, a voz rouca.

Mordo o lábio. “Não sei. Algumas semanas? Um mês? Não tenho um cronograma.

Só sei que preciso ficar sozinha agora. Sem namorado. Só eu.”

Ele parece triste. “Tudo bem.”

Posso ver as perguntas em seus olhos. *Vamos só dar um tempo ou estamos terminados?*

Estraguei tudo? Você ainda me ama? Mas ele não as expressa em voz alta. Apenas assente

com a cabeça e murmura: “Leve o tempo que precisar, gata.”

✓

✓

DEAN

Achei que Allie fosse dizer uma coisa ou outra — *Acabou de vez, Dean ou Te perdoou,*

Dean. Esperava um fim de namoro ou uma reconciliação chorosa, não esse estado

angustiante de limbo.

Mas tudo bem. É só um pequeno contratempo, não? Se ela precisa ficar sozinha

agora, então vou deixá-la em paz. Mas fico encorajado pelo fato de que ela me deixou

beijá-la antes de seguirmos cada um o seu caminho. E, quando passei uma mecha do

seu cabelo atrás da orelha, ela se inclinou para junto do meu toque e esfregou o rosto

contra os meus dedos.

Allie ainda me ama. Guardo essa certeza reconfortante perto do coração pelos

próximos dias. Preciso da convicção de que alguém ainda me ama, enquanto sigo

num calvário de desculpas que me deixa exausto. Estou armado com uma lista *Kill*

Bill de pessoas — quer dizer, pessoas a quem pedir desculpas, e não para assassinar

com espadas de samurai. Cheguei até a escrever os nomes numa folha de papel,

porque não ia ser capaz de decorar todos eles.

Os primeiros são fáceis de cortar.

Hannah ainda está furiosa comigo por ter machucado sua melhor amiga, mas

ganho seu perdão após passar uma hora inteira recitando o que amo em Allie e tudo

o que vou fazer se — não, quando —, *quando* ela estiver pronta para me ver de novo.

Hannah cede.

WELLSY

Em seguida, me desculpo com meus colegas de time por tê-los decepcionado.

Tecnicamente, não fui expulso, só suspenso até a próxima temporada. Mas como vou

me formar na primavera, não tem próxima temporada para mim.

Os caras estão surpreendentemente tranquilos com a burrada que me tirou da

comissão de hóquei. Para ser sincero, acho que desistiram da temporada. Garrett me

garante que ainda estão dando duro no gelo, mas acho que está todo mundo pronto

para colocar este ano desastroso para trás e começar do zero. Principalmente Hunter.

É com ele que me desculpo mais intensamente, prometendo recompensá-lo por ter

abandonado nossos treinos particulares.

TIME

Mas eles não são meu único time, e meu coração está pesado enquanto dirijo até a

✓

✓

arena de Hastings. Mais uma vez, sou tomado de surpresa, porque não preciso me

esforçar muito para fazer as pazes com o treinador Ellis. Antes que consiga começar o

longo discurso que preparei, ele dá um tapa de leve em meu ombro e diz: "Guarda

isso para os meninos. É bom ter você de volta".

TREINADOR ELLIS

Os meninos? Também foi fácil reconquistá-los. Dessa vez, consigo chegar à metade

do meu discurso, que inclui uma promessa de levá-los para comer uma pizza.

Quando tento seguir em frente, Robbie me interrompe, gritando: "Cara, você ganhou

a gente quando disse pizza!".

HURRICANES

Fico e ajudo com o treino. Meu coração não está mais pesado. Está transbordando,

porque Allie tinha razão, *amo* isso. Patinar com as crianças, dar dicas sobre como

posicionar o corpo, quando fazer o lançamento. Depois do apito final, ajudo Ellis a

arrumar o equipamento e passamos dez minutos discutindo opções que jamais

imaginei que estivessem disponíveis para mim.

Minha ansiedade ressurgiu quando subo as arquibancadas.

Dakota está com o caderno cor-de-rosa no colo, o lápis equilibrado numa página

em branco. Ela fica tensa quando me sento a seu lado. Não diz oi, e vejo a dor nítida

em seus enormes olhos azuis.

“Então, o que a malvada da senhora Klein passou de dever de casa hoje?”, pergunto

com a voz rouca.

Ela me ignora.

“Se você tiver que escrever uma redação sobre o seu herói, tenho certeza de que não

vou aparecer. Mas se for uma descrição da pessoa que você mais odeia? Aposto que

pode escrever fácil dez páginas sobre mim.”

Ela dá uma risadinha, então cobre a boca, horrorizada, como se estivesse tentando

guardar o barulhinho agudo lá dentro.

“Dakota”, suspiro.

Ela enfim olha para mim. Com raiva. “Tô brava com você.”

“Eu sei, mocinha.” Engulo um caroço de vergonha. Sou um idiota. Abandonei

nossas aulas de patinação, não apareci para explicar. Simplesmente sumi da sua vida.

Dakota e Robbie estão sendo criados por uma mãe solteira. Dakota fala muito dela

e contou que, um dia, seu pai simplesmente saiu pela porta e nunca mais voltou. A

ideia de que posso ter trazido à tona memórias tão dolorosas para ela faz meu

✓

✓

estômago revirar.

“Meu amigo morreu...”, paro abruptamente, porque não consigo pensar em Beau

sem experimentar uma dor dilacerante no coração. Droga, sinto tanta saudade daquele

imenso idiota. Sinto falta de conversar com ele, de poder falar qualquer merda. Com

quem mais posso discutir *Crepúsculo* e não me sentir julgado? “Não lidei com isso

muito bem”, digo a Dakota. “Nunca perdi ninguém antes. Bem, só o vovô Kendrick,

mas ele morreu quando eu tinha cinco anos. Talvez fosse mais forte quando era

criança.”

Ela está me observando com cautela.

“Me desculpa, Koty. Sinto muito, muito mesmo por ter desaparecido sem dizer

uma palavra. Se quiser, pode dar o soco mais forte que você conseguir na minha cara.

Mas depressa, enquanto o treinador Ellis não tá olhando.”

Ela ri de novo. Então, provando que crianças são mesmo mais fortes, estica a mão e

dá um tapinha no meu braço. "Para de palhaçada, Dean. Gosto de você de novo."

Engulo uma risada. "Gosta?"

"Aham." Ela sopra uma bolha com o chiclete, em seguida, aponta para o caderno.

"Tenho que escrever uma página sobre meu filme preferido e por que gosto dele."

"Entendi. Qual o seu filme preferido?"

"O diário da princesa."

Claro.

"Certo." Estalo os dedos como se estivesse me preparando para uma luta. "Vamos resolver isso."

DAKOTA

Quando chego em casa, ligo para Joanna Maxwell e por sorte a pego no teatro, no

intervalo do jantar. Peço desculpas por não ter ido ao velório. Ela me perdoa.

Conversamos sobre Beau por quase uma hora, até ela me dizer, relutante, que precisa

voltar para os ensaios. Prometemos manter contato, e desligo com uma pontada de

dor no coração. Porém, não vou quebrar essa promessa. Beau era importante para

mim. Joanna é sua irmã mais velha. Vou sempre manter contato.

JOANNA

Tenho mais uma ligação para fazer, e não estou ansioso por ela. Alguns dias atrás,

pedi a Fitzzy para rastrear Miranda O'Shea para mim. Fitz arruma video games piratas

o tempo todo sem precisar comprar, então imagino que seja capaz de rastrear um

número de telefone. E parece que imaginei certo. Não tenho ideia de como ele fez

isso, e não planejo perguntar, porque prefiro não ir para a cadeia.

Digito o número e espero. Faz anos que não vejo nem falo com Miranda. Não sinto

mais nada por ela, mas, ah, como temos questões não resolvidas entre nós. E tem

uma coisa que nunca cheguei a lhe dizer. Espero mudar isso hoje.

Se ela atender a porcaria do telefone. Ele toca e toca, e, quando estou prestes a

desligar, uma voz agitada surge do outro lado da linha.

"Alô?"

Respiro fundo. "Miranda?"

"Sou eu. Quem tá falando?"

"É... ah, o Dean." Faço uma pausa. "Dean Di Laurentis."

Um silêncio estupefato preenche a chamada.

“Sei que tô ligando completamente do nada...”

“Como você conseguiu o meu número?”, interrompe ela, mas sua voz é suave, e

não irritada. “Meu pai?”

“Não. Um amigo meu arrumou para mim.”

Há uma pausa constrangedora de ambos os lados.

“Não vou demorar muito”, começo. “Só tinha uma coisa pra dizer. Uma coisa que

nunca disse naquela época, porque seu pai tirou você da escola.” Expiro, tenso. “Me

desculpa.”

Ela expira também, bruscamente.

“Desculpa por tudo o que aconteceu entre nós”, continuo. “Pelo meu papel no seu...

hmm...”

“Colapso?”, completa ela, com ironia. “Não foi culpa sua, Dean. Eu já estava lidando

com a depressão muito antes de namorar você.”

“Eu sei. Mas... a gente fez sexo... e depois...” Meu Deus, como isso é desconfortável.

A conversa inteira parece... clínica. Como dois estranhos discutindo a vida sexual de

outra pessoa, e não a própria.

“A gente fez sexo porque eu te seduzi quando você estava bêbado.”
Ela soa

profundamente envergonhada. “E depois eu tentei te forçar a ficar
comigo, quando

sabia que você não estava feliz. Você não tem ideia de como me
senti culpada depois.

Queria te ligar, mas estava morrendo de vergonha. E meu pai falou
que ia me mandar

para a Sibéria se eu falasse com você de novo. Então fiquei quieta.
Achei que você ia

acabar se esquecendo de mim.” Há uma pausa. “Obviamente não
esqueceu.”

“Não, não esqueci.”

Outra pausa.

“Enfim.” Limpo a garganta. “Era isso que eu queria dizer. Me
desculpa se fiz ou

falei alguma coisa para contribuir com o que você estava passando,
ou para agravar.

Nunca quis machucar você.”

✓

“Também nunca quis machucar você.”

Engulo em seco. “Então... você tá bem agora? Se formando na
Duke, esta primavera,

hein?”

“É!” A empolgação ecoa do outro lado da linha. “E vou para a faculdade de medicina!”

A notícia me assusta, porque ela sempre falou que queria ser assistente social, e não

médica. Mas acho que as pessoas mudam. Eu mesmo mudei pra caramba. Passamos

alguns minutos colocando o papo em dia, e fico aliviado quando a chamada termina.

Miranda foi um capítulo importante na minha vida, mas é bom fechá-lo.

MIRANDA O’SHEA

Nem me dei o trabalho de colocar o pai de Miranda na lista. Pedido nenhum de

perdão vai fazer aquele filho da mãe gostar de mim, e, verdade seja dita, não devo a

ele mais desculpa nenhuma. O único crime de que sou culpado foi terminar com a

filha dele. Não merecia o soco na cara nem ser tratado feito lixo por isso.

Frank pode resolver seus problemas sozinho.

Estou resolvendo os meus.

Mais uma semana se passa. Allie continua vivendo a sua vida. Eu continuo na

minha. Já trocamos algumas mensagens, só uns "E aí? tudo bem?", e não mais que

isso. Estou morrendo de vontade de vê-la. Abraçá-la. Beijá-la. Fazer amor com ela.

Mas prometi ser paciente, então mantenho distância.

No entanto, encho o saco de Hannah em busca de informações sempre que posso.

Sei que Allie mandou superbem na disciplina de roteiro. Sei que fez as unhas no

salão da cidade. Esmalte verde-claro, me contou Wellsy, e isso me fez sorrir.

Quando a importuno de novo por notícias, Hannah revela que Allie foi a Los

Angeles. Meu coração vai parar no meu pé, porque acho que ela me largou de vez,

mas Hannah não demora em me tranquilizar. Acontece que o pessoal da Fox quis que

ela fosse até lá e fizesse um teste pessoalmente. Adoraram o vídeo, mas queriam

experimentar a química com as duas outras atrizes com quem deve trabalhar.

Meu coração quase explode de orgulho quando ouço isso, e mando uma mensagem

de parabéns. Sua resposta só chega várias horas depois. Ela me diz que está prestes a

embarcar no voo de volta para casa e que vamos conversar em breve.

No sábado de manhã, embarco em meu próprio voo no aeroporto de Boston. Vou

fazer uma viagem rápida a Nova York, porque tenho um item final que preciso riscar

da lista.

34

ALLIE

“Você não pode recusar o papel.” Hannah parece indignada que eu sequer tenha

sugerido tal blasfêmia.

“Por que não?”

“Porque é para ser a protagonista de um seriado! E se o programa fizer sucesso?

Você pode ganhar um Emmy!”

Dou de ombros e saboreio meu café. Sei que pareço louca neste momento. Acredite

em mim, Ira já destilou uma bela dose de descrença hoje mais cedo e me implorou

para aceitar o trabalho. Mas quando se trata da minha carreira, sempre sigo meus

instintos, e meu instinto está me dizendo que este não é o papel para mim.

“Não decidi ainda”, digo a Hannah. “Eles me deram até quarta-feira.” É sábado à

noite. Isso significa quatro dias inteiros para pensar.

Meu instinto insiste que não tenho nada que pensar.

Fico tentada a ligar para Dean e pedir seu conselho, mas me contenho. Estou tão

acostumada a repassar minhas decisões com meus namorados... Fiz isso com Fletch,

com Sean e com Dean. Mas ninguém pode tomar essa decisão por mim. É tudo por

minha conta.

Para ser sincera, gostei de passar as últimas semanas sozinha. É bom pensar um

pouco em mim mesma, para variar. Mas sinto falta de Dean. De verdade. Sei que ele

está indo bem, porque fico enchendo o saco de Hannah para me inteirar sobre o que

está fazendo. Ela me contou que está trabalhando com o Hurricanes de novo. Ele foi

ao Malone's com os caras algumas vezes, mas só tomou umas cervejas, pelo que

Hannah sabe.

Não tem nenhuma foto sua no Instagram ou no Facebook se pegando com outras

garotas, mas uma parte de mim ainda se preocupa com isso. Dean é o cara mais

sexual que já conheci. Rezo para que esteja se masturbando muito, porque não sei o

que vou fazer se descobrir que dormiu com outra. Não toquei no assunto no café,

porque simplesmente presumi que ele iria manter as calças fechadas enquanto eu

colocava a cabeça em ordem.

Foi egoísta da minha parte, talvez. Mas eu o amo, e se ouvir que uma garota tentou

colocar as mãos nele vou acabar com a raça dele. Ele é *meu*. E estou finalmente pronta

para voltar. O tempo separados serviu para eu me centrar, mas agora está na hora de

trazer o meu homem de volta.

O único problema é que Dean está em Nova York, visitando os pais por uma noite.

Hannah me contou hoje mais cedo, o que despertou uma onda de apreensão em

mim, porque é estranho ele voar para Manhattan só por uma noite.

O toque do meu telefone interrompe nossa conversa, e fico ainda mais aflita

quando vejo o número do meu pai.

Um segundo depois, sua voz ecoa em meu ouvido. "Não quero que você se

preocupe", começa ele, e, ai, meu Deus, *quem* diz isso? Agora estou preocupada!

Baixo minha caneca com força na mesa da cozinha e fico de pé num sobressalto.

Hannah me fita, assustada.

"O que foi?", pergunto. "O que aconteceu? Você está bem?"

"Acabei de falar para você não se preocupar, não foi?" Deus, às vezes minha vontade

é de matar meu pai. "Tive uma pequena queda hoje à tarde, foi só isso. Achei que

podia ter quebrado o braço, então chamei uma ambulância."

O medo me invade. "Ai, meu Deus. Você tá bem?"

"Estou *bem*", insiste ele, com firmeza. "Foi só um pulso torcido. Nenhum osso

quebrado, prometo." Então sua voz é tomada por um quê de sarcasmo. "Posso pedir

para o hospital mandar cópias do raio X, se você quiser."

Cerro os dentes. "Deixa de ser idiota, pai."

Ele suspira profundamente em meu ouvido. "Desculpa. Só sabia que você ia reagir

de forma exagerada quando eu contasse. Prometo, querida, estou bem. Meu pulso está

um pouco dolorido, mas tenho meus remédios para dor.”

“Como você voltou para casa do hospital?”

“De táxi. E agora estou deitado no sofá, assistindo ao jogo do Hawkeyes.”

Inspiro lentamente, tentando me acalmar. “Certo. Não fica andando pela casa. Não

tenta levantar nada pesado. Por favor, pai, só pega leve por uns dias.”

“Pode deixar. Te amo, A.J.”

“Também te amo.”

Desligo e olho para Hannah, que pergunta na mesma hora: “Seu pai tá bem?”.

Faço que sim com a cabeça. “Ele diz que tá.” Mas meu pai era jogador de hóquei.

Jogadores de hóquei *sempre* dizem que estão bem, mesmo quando estão sangrando

pelas orelhas e cuspiendo os dentes quebrados no chão.

Inspiro fundo. Então abro o contato de Dean no telefone e aperto *ligar*.

DEAN

Joe Hayes atende a porta com a cara mais feia e rabugenta que já vi num homem.

“Só pode ser brincadeira! Ela mandou você para ver como é que estou?”

Toco seu ombro com gentileza para afastá-lo do meu caminho. Aposto que ele não

vai me convidar para entrar. “Mandou”, confirmo. Então entro e olho ao redor.

Por sorte, não parece haver nada de errado. Olho para as escadas — Allie me disse

por telefone que Joe teve uma “queda”. Não vejo sangue na madeira, nem tábuas

quebradas. Isso é bom. E ele não está ostentando hematomas nem lesões visíveis. Está

de bengala, mas parece mais firme em seus pés do que na última vez em que o vi.

“Por favor, não me diga que você pegou um avião e veio até aqui só para ver como

eu estava”, resmungo.

“Não. Já estava na cidade, visitando minha família.”

Hayes se instala no sofá e passa a me ignorar.

Tiro o casaco e coloco no encosto da poltrona. Então sento.

Ele hesita. “O que você tá fazendo?”

“Ficando à vontade.” Arqueio uma sobrancelha. “Não falei? Vou passar a noite.”

“De jeito nenhum!”

Sua indignação me faz rir. "Ora, senhor. Achei que já tínhamos concordado que

discutir com a sua filha é inútil. Ela me pediu para passar a noite e ficar de olho em

você, e é isso que tô fazendo." Porque vou fazer qualquer coisa que essa mulher pedir.

Vendo a alma ao próprio diabo se Allie mandar.

"Não gosto disso", resmunga o sr. Hayes.

"Não me importo", respondo, animado.

E é assim que acabo assistindo futebol americano universitário com Joe Hayes pela

próxima hora. São quase nove da noite agora, e meu estômago está roncando. Não

jantei, e Hayes não se opõe quando sugiro uma pizza. "Calabresa com bacon parece

bom?", pergunto para ele, ao fazer o pedido.

Ele resmunga. Acho que significa que sim.

Mais uma hora se passa. Não conversamos. Devoramos a pizza, bebemos cerveja e

passamos do futebol ao hóquei. O Bruins está jogando hoje. Toda vez que gritamos

com a tela ou comemoramos um gol, olhamos um para o outro com cautela depois,

como se estivéssemos nos lembrando da presença um do outro.

Entre o segundo e o terceiro período, baixo minha cerveja e digo:
"Amo a sua filha,
senhor".

E ele responde: "Eu sei, playboy".

Não sei se é uma aceitação ou um "É, você a ama, mas ainda odeio
você". Decido

ficar com a primeira opção.

Lá pelas onze, ajudo-o a subir as escadas e espero do lado de fora
da porta do seu

quarto, enquanto o escuto caminhar e trocar de roupa. Então bato à
porta. "Tudo bem

aí?", grito.

"Estou bem, porra. Vai dormir."

Rindo comigo mesmo, entro no quarto de infância de Allie, onde Joe
falou que eu

podia passar a noite. A primeira coisa que noto é o cheiro. Puta
merda, é o cheiro. A

fragrância misteriosa que está sempre ao redor de Allie e que nunca
sou capaz de

identificar.

Caminho até a penteadeira e pego um pequeno frasco de perfume.
Ou pelo menos

acho que é perfume. O rótulo azul-claro diz "Allie" numa letra
cursiva bonita. Que

merda é essa?

“Eva mandou fazer para ela.”

Dou um pulo de susto. Viro e vejo o sr. Hayes de pé na porta, vestindo nada mais

que uma cueca samba-canção xadrez. Não posso deixar de notar o seu peito. O sujeito

tem quase cinquenta anos, sofre de esclerose múltipla e está exibindo um *tanquinho*.

Estou impressionado. Acho que explica como pegou a mãe de Allie, uma modelo

escultural. Merda, de repente me ocorre que, se o pai de Allie é assim hoje, ela deve

ter expectativas altas. Acho que vou ter que malhar pelo resto da vida.

Diante do meu olhar vazio, ele aponta para o frasco em minha mão. “Minha

mulher... a mãe de A.J... ela tinha um amigo na França, um estilista afrescado com

quem trabalhou uma vez. Ele conhecia um perfumista — é assim que fala?

Perfumista?”

“Não tenho ideia, senhor.”

“De qualquer forma, o amigo de Eva uma vez deu um perfume para ela, um

perfume feito especialmente para Eva. A.J. ficou morrendo de inveja, então, quando

ela fez doze anos, Eva disse que ia ganhar um perfume especial também. Minha

esposa já estava doente, doente de verdade, por isso estava fazendo tudo que podia

para deixar A.J. feliz. Ela perguntou a A.J. que aromas ela queria, e A.J. disse...”, ele

bufa, divertindo-se, “... morangos e rosas”.

Rio também, porque agora entendo o motivo de nunca ter descoberto que cheiro

era aquele. Rosas e morangos. Duas fragrâncias completamente diferentes, mas que,

de alguma forma, quando combinadas, funcionam. Elas são *Allie*.

“Ela mandou fazer seis frascos. Acho que A.J. já gastou três, não tenho certeza. É

muito econômica com isso. Acho que não quer que acabe.”

“Então Allie tem um perfume francês criado especialmente para ela? Chique, hein.”

Ele dá de ombros. “Eva passou muito tempo na França. Falava francês com fluência

também. Sempre quis que A.J. aprendesse, mas ela não estava interessada.”

Meu coração se comprime. “Tá interessada agora.”

Ele parece surpreso. "Está?"

Faço que sim. "Tá tentando aprender sozinha, assistindo a uma série francesa."

Hayes sorri.

"Assisti a duas temporadas com ela." Suspiro, com pesar. "Não é tão ruim."

Ele me oferece uma gargalhada cheia. Uma gargalhada que vem do fundo da sua

garganta e ilumina seus olhos azuis. "Você não é de todo mal, playboy", diz, e sai do

quarto.

ALLIE

Estou esperando por Dean em seu quarto quando ele chega na noite de domingo.

Eu o teria buscado no aeroporto, mas ele tinha deixado o carro no estacionamento,

então teve que dirigir desde Boston.

Seus olhos verdes amolecem quando me vê. "Oi."

"Oi." Levanto depressa, mas não caminhamos na direção um do outro. Estamos a

um metro e meio de distância.

É insuportável.

Com um suspiro estrangulado, me joga em seus braços, e ele me pega com

facilidade, as mãos grandes envolvendo minha cintura e me puxando para perto.

Enterro o rosto em seu peito e sussurro: "Obrigada por conferir como ele estava".

"Não precisa agradecer." Sinto seus dedos em meu cabelo. Dean afasta a cabeça para

trás e me força a olhar para ele. "Ele tá bem, gata. Prometo. Acho que só chamou a

ambulância por precaução. O pulso tá um pouco dolorido, mas é só isso. Ele tá

superbem."

Já tinha ouvido tudo isso por telefone, tanto dele como do meu pai. Mas precisava

ver a segurança e a certeza nos olhos de Dean. Abraço-o mais apertado, o alívio

tomando o meu corpo.

Seus lábios roçam minha têmpora. Então ele inala profundamente, como se

estivesse cheirando meu cabelo. "Senti saudade", murmura.

"Também senti saudade." Engolindo em seco, interrompo o abraço e encontro seus

olhos. "Não preciso mais ficar sozinha."

Um sorriso lento curva os seus lábios. "Ainda bem." Ele senta na beirada da cama e

me coloca em seu colo. "Fiquei louco sem você nas últimas semanas."

"Eu sei. Mas o tempo separados foi bom para mim. Precisava avaliar minha vida,

cuidar de *mim mesma*, só eu, e não a versão de mim que está sempre num

relacionamento. Precisava saber se consigo ficar sozinha."

"E consegue?"

"Consigo." Roço os dedos na barba loura por fazer em seu queixo de estrela de

cinema. "Mas não quero ficar sozinha. Quero ficar com você."

Ele me beija. Suave e com gentileza, sem língua. Só os lábios roçando os meus, e de

novo e de novo, até eu estar implorando por mais. Justamente quando abro a boca

para convidar sua língua, ele se afasta.

"A Wellsy disse que você tá pensando em recusar o piloto da Fox." Ouço um quê

de repreensão em sua voz.

"Argh. Por que todo mundo tá me enchendo o saco com isso?" Suspiro. "Não

decidi ainda."

“Mas você tá pensando em recusar.”

Hesito. Em seguida, faço que sim com a cabeça.

É a sua vez de suspirar. “Eu sei por que você tá fazendo isso, gata, e sinto muito,

mas não posso deixar.”

Num piscar de olhos, estou fora de seu colo, e ele me bota no colchão. Dean vai até

o casaco que deixou cair no chão. Pega algo dentro de um dos bolsos e volta com um

envelope.

Ah, não. Malditos alienígenas idiotas fazendo *déjà-vu* no meu cérebro de novo.

Ele coloca o envelope na minha mão e diz: “Abra”.

Abro sem dizer uma palavra, e sim, encontro a mesma porcaria que Sean tentou me

dar. Números de confirmação para dois voos para Los Angeles. Pelo amor de Deus.

Será que os homens todos dividem um mesmo cérebro ou algo assim? Uma espécie

de consciência coletiva que os provoca a fazer a mesma burrada?

“Você não vai para Los Angeles comigo”, aviso Dean.

Ele parece assustado.

“Não tô recusando o papel porque não quero ficar longe de você. Tô...”

“O bilhete não é pra mim.”

“... recusando, porque...”, paro. “Espera, o quê?”

“Não é pra mim”, explica ele. “É pro seu pai. Sei que você não quer ficar longe *dele*.”

Então achei que, em vez de desistir do seu sonho para ficar na Costa Leste com ele,

“você pode ficar com o sonho e ele vai pra Costa Oeste com você.”
Dean dá de ombros.

“Já falei com ele, e ele topou. Disse que vai começar a procurar um lugar para alugar

quando você der carta branca.”

Estou... chocada. Não posso deixar de lembrar do dia na cafeteria com Sean, quando

ele insistiu em ir comigo. E agora, aqui está Dean, insistindo que eu vá sem ele.

Meu pai estava errado. E certo. Ele estava certo e errado. Dean não aguentou o

tranco, é verdade. Mas talvez precisasse da queda para aprender que a vida não é

perfeita, que coisas ruins *acontecem* e que você não pode parar de viver quando elas o

surpreendem.

Sorrindo, devolvo o envelope para ele. "Vou recusar o projeto."

Ele parece irritado. "Allie-Cat..."

"Não é por causa do meu pai", interrompo, "embora fique feliz de saber que ele está

disposto a se mudar, se eu acabar indo trabalhar em Los Angeles. Vou rejeitar porque

o projeto não é certo para mim. Não me identifiquei com a personagem. E se o

programa fizer sucesso, o contrato exige que eu me comprometa por sete temporadas.

Não vou entregar sete anos da minha vida para um papel que não suporto."

"Ah. Bem, que merda. Acho que devia ter perguntado antes de comprar essas

passagens não reembolsáveis, né?"

"Você acha?"

Rindo, ele me coloca de volta em seu colo, e passo as pernas em torno de seus

quadris, e os braços em volta do pescoço. Tento beijá-lo, mas Dean fala antes que

meus lábios toquem os seus.

"Também tomei algumas decisões."

Eu levanto as sobrancelhas. "Ah, é? Quais?" Vejo suas bochechas corarem e dou um

pulo. "Meu Deus, você tá ficando vermelho? Certo, agora tô *morrendo* de curiosidade.

O que tá acontecendo?"

"Eu, ah... vou ser professor de educação física."

Fico boquiaberta. "Jura?"

Ele parece envergonhado. "Falei com o treinador Ellis sobre minhas opções. Parece

que escolas particulares são bem flexíveis com os créditos para professores. Não

preciso de um diploma em educação, mas ajuda. E, quando estava em Nova York,

conversei por telefone com os responsáveis pelas admissões da Universidade de Nova

York e de Columbia. Os dois me falaram a mesma coisa: posso adaptar minha

graduação. É só mais um ano de aulas, cinesiologia, saúde e bem-estar, esse tipo de

coisa. Mas posso dar aulas enquanto isso, dependendo da escola que me contratar."

Ele se ajeita, desconfortável. "Fiz uma coisa feia."

"Ai, não. O que foi?"

"Usei o nome Di Laurentis nessas ligações."

Tento conter o riso. "Ah, meu amor, não tem problema. É por uma boa causa, não

é?" Porque Dean trabalhando com crianças é uma boa causa, caramba. Ele pode fazer

a diferença na vida delas. Ajudá-las a construir autoconfiança, a se tornar atletas

melhores, pessoas melhores.

"Aí falei com o treinador de hóquei novo da minha escola e pedi para me avisar se

ele soubesse de alguma vaga numa escola particular, tanto para professor de educação

física como para treinador." Ele parece animado agora. "Tem uma vaga para as duas

coisas numa escola de Manhattan, do primeiro ao oitavo ano. O trabalho começa no

outono. Aula de educação física para todos os anos, e treinador de hóquei do time das

meninas."

"Das meninas?" Sorrio. "Parece divertido."

"Acho que vou me candidatar."

"Claro que vai. Se é isso que você quer fazer da vida, então é o que precisa fazer."

Paro por um instante ao pensar numa coisa. "Espera. Isso significa que você não vai

para a faculdade de direito? Já contou para os seus pais?"

“Sim e sim. Foi por isso que fui pra Nova York nesse fim de semana. Sentei com

meu pai e conversamos por horas. Depois fiz a mesma coisa com Nick, antes de você

me ligar para ver como o seu pai estava. Os dois me apoiaram muito.”

Não estou surpresa. A família de Dean é incrível. “Tô orgulhosa de você”, anuncio.

“Eu também.” Ele roça o nariz na minha bochecha antes de plantar vários beijos no

meu queixo. Então chupa o meu pescoço, e o prazer se acende entre as minhas

pernas.

Mãe do céu. Faz muito tempo que não transamos. Quase um mês. Ou talvez mais

de um mês? Nossa, não lembro. A sensação dos seus lábios quentes e molhados

viajando ao longo do meu pescoço está me excitando além do inimaginável.

“Dean”, murmuro.

“Hmm?”

“Eu te amo.”

“Também te amo.” Ele lambe atrás da minha orelha.

“Mas não quero você agora.”

Ele afasta a cabeça, um olhar mais do que insultado no rosto. "O que foi que você

disse?"

"Não quero você." Abro um sorriso travesso. "Quero o Míni Dean."

Meu namorado joga a cabeça para trás e ri. Então abre a calça e me oferece

exatamente o que pedi.

35

DEAN

Abril

A formatura está chegando. Estou meio indiferente a ela, para ser sincero, mas vou

usar beca e capelo e jogar o diploma para cima, porque sei que vai deixar meus pais

felizes. Já eu, no geral, estou feliz pra cacete, porque estou apaixonado pela melhor

mulher no mundo, e a melhor mulher no mundo está apaixonada por *mim*.

E mesmo que o time não tenha chegado às finais, isso não significa que não haja

novidades no mundo do hóquei. Logan assinou com o Providence Bruins, a equipe de

base do Boston Bruins, o que significa que, em um ano ou dois, pode ser chamado

para jogar na liga profissional. Quanto a Garrett, seu agente está trabalhando duro nos

bastidores. Aparentemente, vários times demonstraram interesse nele, e estou na

torcida para que acabe num lugar bom.

Já sei para onde vou — Manhattan. Na semana passada, fiz uma entrevista para a

vaga de professor na Parklane Academy. Ontem de manhã, o diretor me ligou para

dizer que consegui o emprego. É um contrato de dois anos, sendo que o segundo ano

depende da transferência do meu diploma para o curso de educação.

E acho que minha irmã não estava assim tão errada com sua teoria sobre o

universo, porque, uma hora depois do telefonema com a Parklane Academy, o agente

de Allie ligou com uma notícia que a fez gritar tão alto, que Garrett ouviu lá do

chuveiro da suíte dele e entrou correndo no meu quarto, nuzinho em folha e armado

com um taco de hóquei na mão.

Depois que explicamos que estava tudo bem — e elogiamos seu pinto —, Allie

revelou que tinha recebido uma proposta para trabalhar num programa de TV

desenvolvido pelo diretor estrelinha Brett Cavanaugh, com quem ela tinha feito uma

peça no verão passado. Não ia ter nem teste — Cavanaugh tinha gostado tanto de

trabalhar com Allie que ofereceu o papel direto para ela. A melhor parte? As

filmagens vão acontecer em Nova York.

Allie diz que ainda quer fazer teatro também, quando o programa estiver em

recesso ou se ele der errado, o que acho que não vai acontecer. Mas o mais

importante para ela é que não foi escolhida como a loira burra. Este novo papel é

sério e “substancial”, como ela gosta de dizer, e sei que está animada para encarar o

desafio.

“E se eu tiver que mostrar os peitos?”

Sua voz irônica me desperta dos meus pensamentos. Estamos caminhando de mãos

dadas, nos afastando do prédio de teatro, onde ela acabou de ter uma aula de

monólogo. O ar ainda está frio, mas a paisagem está começando a ficar verde de novo,

e a neve já derreteu, deixando uma camada de gelo enlameado no caminho de

paralelepípedos.

“Ira disse isso?”

“Não, mas é para a HBO. O mais provável é que tenha nudez. No mínimo uma cena

de topless.”

“Por você, tudo bem?”, pergunto, cuidadoso.

Ela dá de ombros. “Desde que não seja gratuito, então tudo bem, acho que pensaria

no assunto.” Há uma pausa. “E por *você*, tudo bem?”

Lanço um sorriso diabólico na direção dela. “Gata, seus peitos são demais. Jamais

privaria o mundo deles.”

“Fala sério. Você se importaria?”

Penso por um instante, então nego com a cabeça. “Por mim, tranquilo. É parte do

seu trabalho, e se você estiver confortável em exhibir um pouco de pele, eu não ligo.”

Ela se aproxima e me dá um beijo na bochecha. “Você é incrível. Sabia?”

“Claro que sei. Ouço isso no mínimo dez vezes por dia.”

Sua risada é interrompida quando uma figura familiar aparece na nossa frente.

Meus ombros se enrijecem à medida que o ex-namorado de Allie se aproxima de nós,

lentamente.

Sean olha para as nossas mãos dadas. Não preciso ver o rosto de Allie para saber o

que está sentindo agora. Pela forma como seus dedos apertam os meus, sei que não

está feliz em vê-lo. Que não esqueceu as grosserias insensíveis que ele falou para ela

depois do feriado.

“Oi, Allie.” Sean parece arrasado, mas não tenho um pingote de simpatia por ele.

“Pensei em te ligar.”

“Melhor não”, digo, bruscamente. “Melhor apagar o telefone dela.”

Allie me dá um aperto reconfortante. “Já falamos tudo o que tínhamos para falar”,

diz para o ex. Seu tom é suave, mas firme.

Sean pigarreja. “Te devo desculpas.”

“É verdade, e você acabou de fazer isso, e eu aceito. Mas não somos amigos e não

vamos ser.” Ela avança. Reluto em fazer o mesmo. Estou me coçando para enfiar um

murro na cara do filho da mãe, mas Allie está me puxando para longe dele, os dedos

entrelaçados aos meus com força. "Ele não é importante", murmura para mim.

Ela tem razão. Sean não é importante.

Mal damos cinco passos, e detecto outro rosto familiar. Este pertence a uma loira

gostosa que sorri e acena ao passar por nós. "Tá bonito hoje, hein, Di Laurentis."

Não devolvo o elogio, porque gosto do meu saco, e Allie vai arrancá-lo fora se eu

flertar com Michelle. Além do mais, não *quero* flertar. Allie matou esse desejo. É a

única com quem tenho vontade de flertar. Além disso, gosto muito do meu saco.

Então só digo "Bom ver você" e sigo meu caminho.

"Acho que hoje é o dia dos ex-namorados, né?", comenta Allie, secamente.

Reviro os olhos. "Michelle não é minha ex."

"Certo. É só alguém com quem você fez sexo a três."

"Com quem *quase* fiz sexo a três. Você me atrapalhou, lembra?"

"Lembro." Ela parece satisfeita consigo mesma, e finjo fazer beicinho. "Rá. Não aja

como se eu tivesse arruinado a sua *única* chance de fazer sexo a três. Tenho certeza de

que não foi a primeira vez.”

Dou de ombros.

“Que merda. Quantas vezes você fez isso?”

Desta vez, dou uma piscadinha. “Algumas. E você?”

“Várias.”

Fico rígido. “Nomes e datas”, rosno. “Preciso fazer outra lista *Kill Bill*.”

Allie começa a rir. “Relaxa. Você estava em todas.”

Meus lábios se franzem. Hmm, acho que me lembraria se tivesse feito...

“Você, eu e Winston”, diz ela, feliz.

Solto um gemido, exasperado. “Isso não conta.”

“Claro que conta. Teve dupla penetração.”

Ah, se teve.

Uma hora depois, estamos de volta à minha casa. É a vez de Allie escolher o filme,

o que significa que posso tomar um banho, porque ela sempre leva um tempo

ridiculamente enorme para decidir o que quer ver. Dez minutos depois, entro na sala

e a vejo aconchegada sob uma manta, mexendo no telefone.

Quando me vê, fica boquiaberta. "Ai, meu Deus, Dean. Por que você tá pelado?"

"Não gosto de camiseta."

"E calças?", exclama ela. "Tem alguma coisa contra elas também?"

Atravesso a sala e deixo minha bunda pelada cair no sofá, em seguida pego uma

ponta da manta e cubro a parte inferior do meu corpo. Allie me observa, divertida.

"O quê?", pergunto, na defensiva.

"Nunca conheci ninguém tão avesso a roupas. É *tão* estranho."

Pego sua mão e trago para debaixo da manta. Coloco bem em cima do meu pau

semirrígido. "Estranho ou impressionante?"

Ela esfrega o dedo ao redor da cabecinha, em seguida, suspira. "Impressionante",

corrige-se.

"E aí, o que você escolheu?" Aponto para a tela da TV, o tempo todo apreciando o

movimento lento e preguiçoso sob a manta.

"Ah, você vai gostar desse!" Sua mão para, e Allie se vira para mim, um sorriso

escancarado no rosto. "Ganhou um Oscar."

Deixo escapar um gemido. "Não, gata. *Não*. Me recuso a assistir mais um dos seus

'vencedores do Oscar'."

Ela aperta um botão no controle remoto com a mão livre, e meus olhos se

arregalam de delírio.

"*O exorcista?!*", exclamo. "A porra do *Exorcista?*" Nem registro mais o carinho

debaixo da manta. Estou empolgado demais que ela escolheu um filme de terror, e

Míni Dean está pagando o preço por minha felicidade não baseada em sexo.

"Tá vendo que namorada boa eu sou? Faço tudo por você." Ela sorri. "Esse

relacionamento é demais."

"Demais mesmo." Beijo sua bochecha e, em seguida, prendo o fôlego diante do que

acaba de me ocorrer.

"O que foi?", pergunta ela, preocupada.

Fito Allie com olhos ainda mais esbugalhados. "Gata... viramos dois chatos?"

Minha namorada dá uma gargalhada. "Você acabou mesmo de perguntar isso?"

“Acabei!” Gesticulo com uma das mãos para a sala vazia. “Olha só pra gente. É sexta

à noite, e estamos no sofá da sala, falando sobre como o nosso relacionamento é

demais. É a coisa mais chata que a gente podia estar fazendo.” Suspiro alto. “Esta é a

nossa vida agora? Condenados a ficar em casa abraçadinhos todas as noites? A

emoção acabou?”

“A emoção não acabou”, me assegura ela.

“Tem certeza? Porque parece...”

“Oi.” A voz de Tucker me interrompe, e nós dois erguemos o rosto e o

encontramos de pé, junto da porta.

“Oi.” Franzo a testa. “Achei que você ia sair com Hollis hoje.”

“Mudança de planos.” Ele entra na sala, assimilando a visão de nós dois sob a

manta. “G. e Logan estão em casa?”

Nego com a cabeça. “No alojamento.”

“Merda.” Ele deixa a mão cair junto do seu corpo. Sua expressão tensa é alarmante.

Assim como o jeito como fica mudando o peso do corpo de um pé para o outro,

como se não conseguisse encontrar a posição certa.

“Tudo bem?”, pergunta Allie, sutil.

Tucker hesita. “Eu... Porra, estava torcendo pra que estivessem em casa, pra eu dar a

notícia para todo mundo logo de uma vez.”

“Que notícia?” Minha inquietação aumenta.

“Eu... hmm...” Ele para, fecha a boca. Abre a boca. Para de novo. Então solta uma

expiração que parece saída do fundo da sua alma. “Vou ter um filho.”

O silêncio cai sobre a sala.

De canto de olho, vejo a boca escancarada de Allie. Seu choque é tão palpável

quanto o meu.

Como um idiota, fito a barriga de Tucker por uns bons dez segundos, antes de me

lembrar que não vivemos num mundo em que Arnold Schwarzenegger pode carregar

uma criança na barriga.

“Você vai ter um *filho*?” Minha mente continua a girar como um carrossel, o que

dificulta muito falar sem gaguejar. “Com... com *quem*?”

Tucker fita meus olhos confusos e responde: “Sabrina James”.

E, ao meu lado, Allie começa a rir.

Viro a cabeça na direção dela, mas sua risada continua a lhe escapar, baixa e

ofegante, até que enfim ela recupera o fôlego e me lança um sorriso irônico. “A

emoção acabou, é?”

Eu que o diga.

Nota da autora

Estava louca para encarar a história de Dean desde que o apresentei como colega de

república de Garrett, em *O acordo*. Mal podia esperar, porque SABIA que ia adorar

escrever este livro — e ele não me decepcionou. Me diverti horrores com a história, e

fico muito emocionada que vocês tenham dedicado seu tempo para lê-la!

Nota: tive que fazer algumas alterações no calendário da programação de férias do

time de hóquei. A maioria dos times de primeira divisão joga durante os meses de

dezembro e janeiro, mas queria que Dean tivesse um longo período de folga, por isso

distorci as datas. Mas amei cada segundo que Dean e Allie passaram juntos em Nova

York. Então... não me arrependo de nada! De nada!

Como sempre, gostaria de agradecer às minhas primeiras leitoras/
fãs de

carteirinha/ amigas queridas por me ajudarem a dar forma a este
livro: Viv, Jen,

Sarina, Katy, Monica, Nicole e Sophie. Amo vocês.

Na parte dos negócios, não teria sobrevivido sem Nic e Natasha
(amigas e

assistentes extraordinárias!), Gwen (não me abandone nunca!),
Sharon (ainda temos

que organizar o casamento) e a pessoa que me mantém sadia:
Nina Bocci.

Para todos os blogueiros e críticos que ajudaram publicando a capa,
postando

comentários e simplesmente falaram sobre esta série para todo
mundo que queria

ouvir — vocês são o máximo. O. Máximo.

E a todos os meus leitores, vocês não têm ideia de quão honrada
eu fico de que

vocês continuem apoiando/ amando/ elogiando esta série. Vocês
são a cereja do bolo!



AMANDA NICOLE WHITE

Autora best-seller do *New York Times*, *USA Today* e *Wall Street Journal*, ELLE KENNEDY cresceu nos subúrbios de Toronto, no Canadá. Desde criança, sabia que queria ser escritora. Elle formou-se em língua inglesa pela York University e atualmente escreve para diversas editoras.



Copyright © 2016 by Elle Kennedy

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL The Score: An Off-Campus Novel

CAPA Paulo Cabral

FOTO DE CAPA Peter Beavis/ Getty Images

FOTO DE QUARTA CAPA Rolfo Eclair/ Getty Images

PREPARAÇÃO Ana Lima Cecilio

REVISÃO Adriana Bairrada e Marise Leal

ISBN 978-85-438-0857-4

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.editoraparalela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

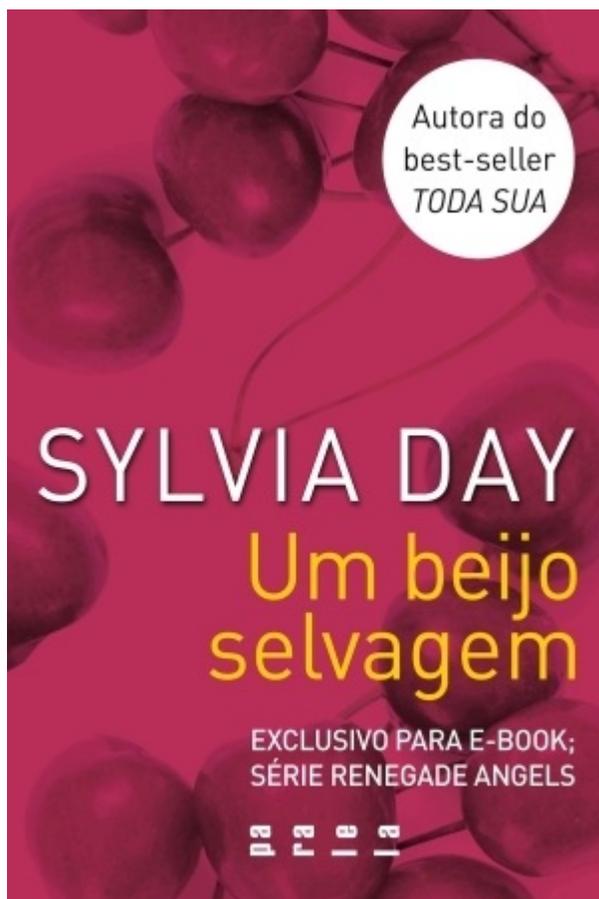
[34](#)

[35](#)

[Nota da autora](#)

[Sobre a autora](#)

Créditos



Um beijo selvagem

Day, Sylvia

9788580869774

61 páginas

[Compre agora e leia](#)

Novela gratuita da série Renegade Angels, de Sylvia Day, autora best-seller do New York Times e da Veja e que já vendeu mais de 12 milhões de exemplares.

O vampiro Raze perdeu suas asas por ser um grande sedutor. E é o único dos Caídos que nunca encontrou uma parceira. Mas ter conhecido Kimberly McAdams parece ter mexido com ele. Ela é inteligente, linda, rica e, por algum motivo inexplicável, se interessa por Raze.

Depois de passarem uma noite inesquecível juntos, ele percebe que encontrou em Kim algo de especial. Será que este amor será maior do que as diferenças que existem entre eles?

[Compre agora e leia](#)



Intrigas da corte

Fremantle, Elizabeth

9788543808413

352 páginas

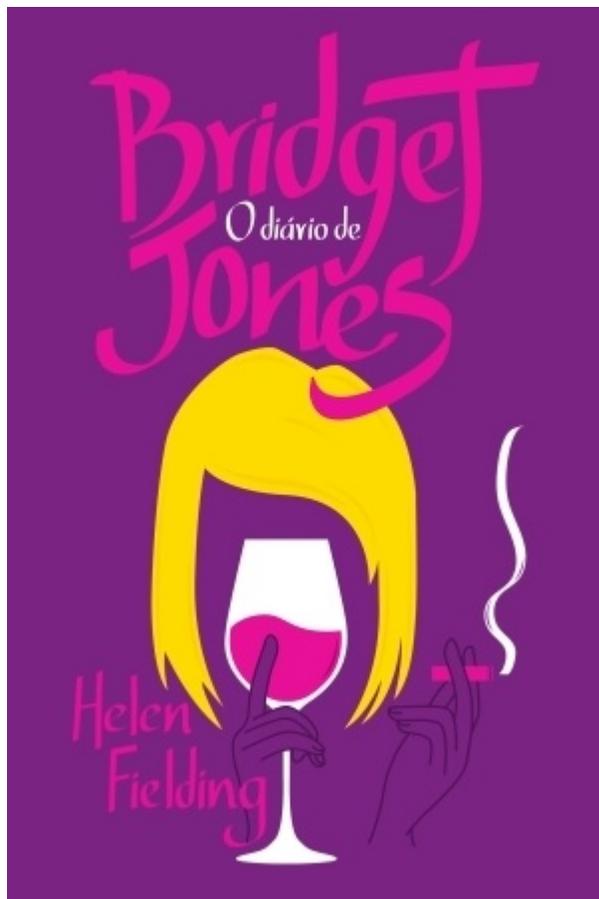
[Compre agora e leia](#)

Para uma rainha paranoica, os maiores inimigos estão em família...

Com medo de traidores e atendendo às pressões externas, a rainha Mary ordena a execução de seu tio e sua prima, a Lady Jane Grey. Esse sobrenome então se torna uma sina que afetará as duas irmãs mais novas de Jane, Katherine e Mary. Embora permaneçam na corte Tudor, elas sabem que o sangue real de suas veias sempre será uma ameaça às suas vidas. Afinal, há quem acredite que as irmãs de sangue Tudor sejam as herdeiras legítimas, não reconhecendo as duas filhas de Henrique VIII como sucessoras ao trono. Mas as Grey não têm a ambição de querer dominar a corte. O objetivo de Katherine é encontrar o amor verdadeiro — mesmo sabendo que muitos estão apenas interessados em um possível herdeiro Tudor. Já a perspicácia de Mary passa despercebida, pois sua baixa estatura e a má-formação nas costas atribuem-lhe uma aparência de inferioridade. Quando

Elizabeth I assume o trono, as irmãs Grey percebem que a vida na corte será ainda mais traiçoeira — e que talvez precisem se arriscar por amor.

[Compre agora e leia](#)



O diário de Bridget Jones

Fielding, Helen

9788543806792

288 páginas

[Compre agora e leia](#)

Bridget Jones já é uma personagem querida por milhões de leitores. Seja pelas desventuras amorosas ou pelos problemas com os pais, é muito fácil se identificar (e se encantar) com a personagem criada por Helen Fielding. Nesta nova edição comemorativa dos vinte anos de lançamento do primeiro livro, os fãs antigos terão a chance de reencontrá-la e os novos leitores descobrirão uma paixão por este clássico!

Bridget continua atual e afiada como nunca: uma personagem tão perfeitamente imperfeita para ajudar todos aqueles que já se sentiram incapazes de tomar as rédeas da própria vida.

[Compre agora e leia](#)



Trabalhando juntos

Gray, John

9788580868692

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Muitas vezes, as mulheres sentem que precisam trabalhar mais do que os homens para provar seu valor. Já os homens acham que as mulheres perguntam muito, são sensíveis demais e atrapalham as decisões. Em *Trabalhando juntos*, John Gray (autor de *Homens*

são de Marte, mulheres são de Vênus) e Barbara Annis analisam de forma clara e objetiva os pontos cegos entre homens e mulheres no ambiente de trabalho. Você poderá dar uma espiada na mente do sexo oposto e descobrir a raiz de tantos equívocos e mal-entendidos, aprendendo a eliminar os ruídos e a transmitir sua mensagem com eficiência máxima.

[Compre agora e leia](#)



Dia de beauté

Ceridono, Victoria

9788543804187

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quase nada é tão divertido quanto maquiagem. O lema de Victoria Ceridono, blogueira e editora de beleza da Vogue, é especialmente verdadeiro em seu livro Dia de beauté – um guia de maquiagem para a vida real. Com mais de 130 fotos e ilustrações, promete ensinar tudo que existe entre um make básico, quase nada, e uma maquiagem para festa. Sem nunca perder o tom divertido, as dicas de Victoria são acessíveis, vindas de quem experimentou de tudo para descobrir o que vale mesmo a pena. Um livro para todo tipo de leitor(a) – desde iniciantes até obcecadas, passando por quem apenas busca dicas para sair da rotina, ou alguém não interessado que sem querer foi parar com o livro em mãos. Um livro para inspirar e despertar a vontade de mergulhar nesse fantástico universo da maquiagem.

[Compre agora e leia](#)

Document Outline

- [Rosto](#)
- [1](#)
- [2](#)
- [3](#)
- [4](#)
- [5](#)
- [6](#)
- [7](#)
- [8](#)
- [9](#)
- [10](#)
- [11](#)
- [12](#)
- [13](#)
- [14](#)
- [15](#)
- [16](#)
- [17](#)
- [18](#)
- [19](#)
- [20](#)
- [21](#)
- [22](#)
- [23](#)
- [24](#)
- [25](#)
- [26](#)
- [27](#)
- [28](#)
- [29](#)
- [30](#)

- [31](#)
- [32](#)
- [33](#)
- [34](#)
- [35](#)
- [Nota da autora](#)
- [Sobre a autora](#)
- [Créditos: Star Books Digital](#)